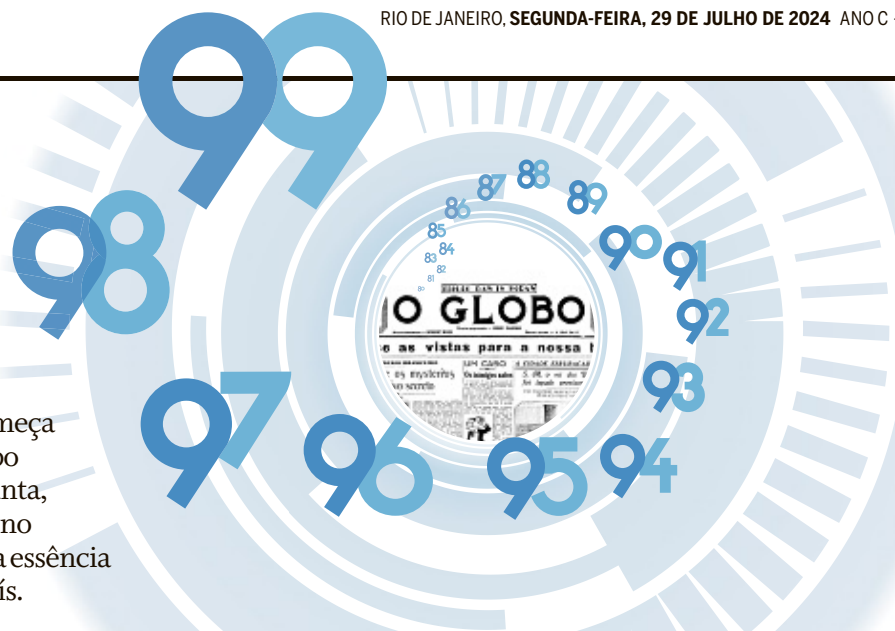
O GLOBO 100

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 2024 ANO C - Nº 33.229 • PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ • R$ 6,00

RUMO AOS 100

UMA DATA PARA CELEBRAR EM GRUPO

Fundado em 29 de julho de 1925 pelo jornalista Irineu Marinho, O GLOBO começa hoje a contagem regressiva para o seu centenário. Início também do maior grupo de mídia e comunicação do Brasil, a data será festejada até 2025 de forma conjunta, incluindo uma marca visual única, que O GLOBO passa a usar agora. Um caderno especial mostra como os valores legados por Irineu Marinho se mantêm como a essência de um jornal que se reinventa diariamente e segue inovando e impactando o país.

ARTIGO
ALAN GRIPP
Orgulho da nossa história, de olho no futuro

O QUE VEM POR AÍ
Documentário, livros e eventos especiais para marcar a data

25 ANOS NO PODER

Chavismo e oposição apontam vitória na Venezuela antes do resultado oficial

Após a votação, pesquisas de boca de urna divergem sobre os percentuais alcançados por Nicolás Maduro e Edmundo González

Menos de duas horas após o encerramento da votação, representantes da oposição e do governo venezuelano indicaram publicamente uma vitória do seu campo político na eleição que pode prolongar ou pôr fim a 25 anos de chavismo. Jorge Rodriguez, chefe da campanha de Nicolás Maduro pelo seu terceiro mandato, deixou claro o clima de vitória nas fileiras do governo. Já os aliados do diplomata Edmundo González, principal nome da oposição que substituiu a líder María Corina Machado, impedida de concorrer pela Justiça, celebraram uma possível vitória. Faltando uma hora para o fim da votação, a disputa tensa levou González e Maduro a convocarem eleitores às urnas por meio das redes sociais. Segundo a campanha opositora, mais de 11 milhões dos 21 milhões de eleitores convocados haviam votado até as 16h (horário local), cerca de 54% do eleitorado. Um comparecimento abaixo dos 60% era visto como preocupante para os candidatos, sobretudo para a oposição. PÁGINA 19

Estatais do Centrão reconhecem prejuízos em obras com emendas

A Codevasf e o Dnocs passaram a cobrar de construtoras e prefeituras o ressarcimento de valores por irregularidades em contratos. PÁGINA 4

Disputa entre governo e bancos reduz oferta de consignado do INSS

Após oito cortes no teto de juros do consignado de aposentados, movimento liderado pelo Ministério da Previdência, concessões caíram 11% neste ano. PÁGINA 11

Entreouvindo Lula

— *Vamos voltar a trabalhar, querida...*

FERNANDO GABEIRA
A desistência de Joe Biden me fez refletir sobre a velhice PÁGINA 2

ANTÔNIO GOIS
Militarização de escolas tem mais apoio que o esperado PÁGINA 8

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS
O normopata é o neochato vítima do politicamente correto SEGUNDO CADERNO

Enem: desigualdade entre públicas e privadas cresce

A diferença nas notas de Matemática e Ciências subiu em 2023, revertendo tendência dos últimos quatro anos. PÁGINA 8

Explosão de barco deixa quatro mortos no Amazonas

Incêndio em uma embarcação que saiu de Manaus pelo Rio Negro também feriu 59 pessoas. PÁGINA 9

SEGUNDO CADERNO
'Estava enlouquecendo'

Em tratamento com canabidiol, Gabriela Prioli fala de novo programa, conta como a perda do pai e a maternidade impactaram sua vida e diz que a dificuldade para dormir é assunto de sua terapia.

PARIS 2024

Em 20 minutos, três medalhas

KIRILL KUDRYAVTSEV/AFP

As três primeiras medalhas do Brasil em Paris foram conquistadas ontem em um curto espaço de tempo por volta das 13h. Depois da prata em Tóquio há três anos, Rayssa Leal garantiu o bronze e tornou-se a primeira atleta da história a conquistar duas medalhas antes dos 17 anos em duas edições diferentes dos Jogos. O judô brasileiro manteve a tradição de subir no pódio com a prata de Willian Lima e o bronze de Larissa Pimenta. CADERNO ESPECIAL

JACK GUEZ/AFP

LUIS ROBAYO/AFP

Ginástica artística chega a cinco finais

Rebeca Andrade buscará medalhas no individual geral e em trave, solo, salto e por equipe contra a americana Simone Biles.

TORÇA POR MIM/RAFAELA SILVA, JUDÔ
'Estou na minha melhor versão'

Judoca descreve agonia durante suspensão por doping e reinvenção para Paris: "Sempre disse que era inocente. Não adiantou".

DESTAQUES DO DIA

5h Judô
Daniel Cargnin e Rafaela Silva

6h Natação
Guilherme Costa (800 metros livre)

7h Vela
Martine Grael e Kahena Kunze

7h Tênis
Bia Haddad e duplas brasileiras em ação

7h Skate
Kelvin Hoefler, Felipe Gustavo e Giovanni Vianna

8h Vôlei feminino
Brasil x Quênia

8h Boxe
Bia Ferreira e Abner Teixeira

14h Surfe
Gabriel Medina e João Chianca

Opinião do GLOBO

Desmatamento amplia escassez de água no Brasil

Faltam políticas eficazes para a proteção das nascentes dos rios e das reservas de água doce do país

Conhecido por concentrar 12% da água doce do mundo, incluindo dois dos maiores aquíferos do planeta (Guarani e Alter do Chão), o Brasil começa a enfrentar escassez crônica de água onde antes ela era abundante. O principal motivo é o desmatamento.

Quando chove, o solo sob as árvores funciona como uma esponja. "Cria-se uma gigantesca caixa-d'água debaixo das florestas", escreveu em artigo recente no jornal O Estado de S. Paulo o economista Cláudio de Moura Castro. "Essa caixa vaza, lentamente, abastecendo os lençóis freáticos. Em algum lugar, esses lençóis viram nascentes que, ao longo do ano, fluem para os rios." Sem as árvores, "a água da chuva escorre célere, pois o terreno pelado não a absorve". As nascentes e lençóis freáticos secam aos poucos.

De 1985 a 2023, segundo levantamento do projeto MapBiomas, a superfície de água doce no Brasil encolheu 30,8%. Algo como 6 milhões de hectares em espelho d'água, equivalentes à área de cinco cidades como São Paulo, desapareceram. Já há casos de desentendimento pela falta de água, segundo disse Marcos Rosa, coordenador do MapBiomas, ao podcast O Assunto, do g1.

No distrito de Junco, em Juazeiro, na Bahia, produtores de frutas irrigam as plantações numa região alta, e a água que chega para mais de 300 pequenos agricultores já não é suficiente para suas necessidades. Na Amazônia, onde rios são fonte de sustento e meio de transporte, as populações ribeirinhas têm necessitado de mais apoio para receber água e comida.

A água que chega ao Pantanal vem de chuvas na cabeceira de rios do Semiárido, que aos poucos inundam a região plana. A cada ano a inundação tem sido menor, diz Rosa. O Rio Paraguai, em Mato Grosso do Sul, costumava subir 4 ou 5 metros no período da cheia. Agora, passa pouco de 1 metro.

A seca tem favorecido a disseminação das chamas, a maior parte delas resultado de ação humana. Desde o início do ano, segundo Rosa, foram detectados mais de 12 mil focos de incêndio no Pantanal, que se propagam com facilidade na vegetação ressecada. Houve crescimento de 31% em comparação com o mesmo período do ano passado, o pior resultado obtido desde 1998, quando o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) começou a rastrear o fogo na região.

A Amazônia, maior floresta tropical do mundo, já perdeu 27,5% de sua vegetação original. No Cerrado, onde estão as nascentes de muitos rios, a destruição já chegou a 53,4%. Como resultado, tem chovido menos no Brasil Central, uma grave ameaça para a produtividade do agronegócio.

Está em jogo com a crise da água não só a agricultura, mas também o abastecimento das cidades. O desmatamento está concentrado em apenas 0,96% dos 7 milhões de propriedades rurais brasileiras. É, portanto, um problema que já deveria ter sido resolvido. É preciso haver consciência em Brasília da necessidade de preservar e plantar novas árvores para que, mesmo diante das mudanças climáticas, o Brasil possa continuar a desfrutar a abundância de água que sempre o distinguiu.

Polícia se mostra despreparada para enfrentar criminalidade no meio digital

Estelionatos e fraudes cometidas por meio de celulares ou mesmo IA impõem novos desafios a forças da lei

O celular tornou-se objeto de desejo no mundo do crime. Roubos e furtos ultrapassaram a marca de 1 milhão de aparelhos em 2019, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Depois recuaram, mesmo assim houve 937.294 registros em 2023. A queda recente pode ser enganosa. Embora tenham diminuído os roubos de celular, os furtos continuam em alta. A cobiça pelos aparelhos tem razão de ser.

Para os bandidos, ele se tornou porta de entrada a outro tipo de crime: capturar senhas de banco, cartões de crédito e débito, aplicativos de compras e informações pessoais — e, mesmo bloqueado, é possível vendê-lo em países onde o bloqueio de celulares brasileiros não funciona. Na descrição do pesquisador Renato Sérgio de Lima, presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), as fraudes digitais se tornaram uma modalidade de crime com baixo risco e alto potencial de retorno.

Quando denunciadas, elas costumam ser classificadas como estelionatos. Em 2018, havia mais roubos que estelionatos — precisamente 1 milhão a mais. No ano passado, os estelionatos, impulsionados por informações retiradas de celulares alheios ou via ligações telefônicas fraudulentas, ultrapassaram em 1,1 milhão o número de roubos. A relação se inverteu. Ao mesmo tempo, assaltos a bancos e a outras instituições financeiras se tornaram mais raros. De 2022 para 2023, caíram quase 30%.

Todas essas mudanças impõem novos desafios à polícia. No entender dos pesquisadores do FBSP, as forças da lei ainda não se adaptaram para combater com eficiência os crimes cometidos no meio digital. Instrumentos úteis de inteligência contra crimes financeiros, como o sistema do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), são pouco usados pelas polícias estaduais. Também faltam policiais treinados para enfrentar esse tipo de crime. Quando um agente se qualifica, conta Lima, do FBSP, acaba contratado pelo mercado privado, onde o salário é bem mais alto. A segurança cibernética é uma preocupação crescente no mundo corporativo, que exige mão de obra mais preparada.

No futuro, é inequívoca a tendência de aumento na presença de criminosos no mundo digital, cujas portas são abertas com facilidade principalmente pelo acesso a informações pessoais de celulares. O avanço tecnológico tem contribuído para criar modalidades de crime ainda mais sofisticadas, em que as ligações dos estelionatários simulam vozes de pessoas conhecidas geradas por Inteligência Artificial (IA). A relevância do tema requer uma política pública específica não só para informar a população sobre os riscos que corre, mas também para capacitar policiais a um combate em que inteligência e conhecimento valem mais que a truculência.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

FERNANDO GABEIRA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br

Biden, política e velhice

A desistência de Joe Biden me fez refletir sobre a velhice. Não preciso dele; afinal, é dois anos mais novo que eu. Usaria o caso num debate sobre o tema de que participei no Museu do Amanhã. A mesa tinha um título atraente: "Quantas vidas há numa vida?". Sugeria que podemos nos inventar muitas vezes. Comecei me distanciando um pouco do título, pois acho a velhice ativa uma exceção na sociedade moderna. Concordo com as teses básicas do melhor livro escrito sobre o tema: "A velhice", de Simone de Beauvoir.

Num sistema econômico que valoriza o vigor e a beleza, há uma forte tendência a marginalizar os velhos. O vigor se vai com os anos, e nos tornamos fisicamente invisíveis, como se a vida fosse uma longa viagem no metrô de Londres. Biden fez bem em deixar o páreo. A campanha giraria em torno de sua idade e capacidade cognitiva. Agora, isso virou um problema de Trump.

O ensaio de Simone fala também de sociedades que valorizam os velhos. Não é nosso caso. De vez em quando, me chamam de velho maluco ou de múmia. Não me importo, pois na vida política sempre me chamavam de "viado" e "maconheiro". De algo sempre chamarão, pois é inesgotável a lista de preconceitos.

A antropóloga brasileira Mirian Goldenberg trabalha há 30 anos com o tema da velhice. Segundo suas pesquisas, em circunstâncias de estabilidade financeira e com saúde, os velhos são tão felizes quanto os mais novos. Parece que o problema é a meia-idade.

Não tenho visão romântica nem pessimista. Um personagem que me impressionou na literatura americana é o velho Santiago, em "O velho e o mar", de Ernest Hemingway. Ela pesca um enorme peixe, mas, depois de tantas batalhas, chega à praia apenas com o esqueleto.

Num sistema econômico que valoriza o vigor e a beleza, há forte tendência a marginalizar os velhos

São felizes os que chegam à praia com filhos e netos queridos. Mas também alguns são alvejados por um sincericídio que assusta suas famílias. Clarice Lispector tem um belo conto chamado "Feliz aniversário". É uma festa em torno da matriarca de 89 anos. Em determinado momento, ela cospe no chão. Há um constrangimento. Pede um copo de vinho, há certo espanto, e insulta toda a família:

— Cornos e vagabundas.

Ezequiel Neves contava em Minas a história de um avô que, no almoço de domingo, com toda a família reunida, disse para a filha:

— Olímpia, quer saber de uma coisa: "Vai tomar no cu".

Biden fez bem em saltar do barco. Não tanto pelos lapsos que viriam, porque a memória sempre trai os muito velhos. O problema era sua condição de presidente e o poder do sincericídio:

— Putin, quer saber de uma coisa…

Ele deixará de ser o homem mais poderoso do mundo. Mas ainda será influente e poderá se dar ao luxo do tempo livre, do contato com os netos. No último debate presidencial de sua vida, afirmou que jogava golfe melhor que Trump. Não veremos uma partida entre os dois nos próximos meses. Mas é bom se preparar, pois Trump já está com 78 anos, tem seus lapsos de memória, e, quem sabe, os dois possam se encontrar em campo neutro para resolver essa grande questão que surgiu no debate presidencial: quem é melhor no golfe?

Naquele encontro no Museu do Amanhã, dedicado a professores, enfatizei algumas teses que favorecem uma boa relação com a velhice: exercício físico, alimentação saudável e um bom sono. Não são antídoto contra a monotonia e falta de graça. Nosso grande adversário, por causa dos anos e experiência vivida, é supor que sabemos tudo. A curiosidade pode nos manter vivos, com uma ponta de bom humor indispensável à reta final.

Como veem, posso falar algo edificante sobre a velhice que nos abre alguns horizontes no século XXI. Na Holanda, foi criado um bairro para pessoas com demência. Imaginem, enlouquecer daqui a pouco significará apenas mudar de bairro. Ou, se conseguirmos enlouquecer os vizinhos, nem será preciso mudar.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://glo.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.

DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Letícia Sander (Coordenadora), Alessandro Alvim, André Miranda, Flávia Barbosa, Luiza Baptista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz

Rua Marquês de Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 • Tel.: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leda Balbino - leda.balbino@sp.oglobo.com.br
Saúde: Adriana Dias Lopes - adriana.diaslopes@sp.oglobo.com.br
Segundo Caderno: Marcelo Balbio - balbio@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Gabriela Goulart - gab@oglobo.com.br
Acervo e Qualificação: William Helal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Balbio - balbio@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
Ela: Marina Caruso - mcaruso@oglobo. com.br
Bairros: Milton Calmon Filho - miltonc@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Luiz Rivoiro - luiz.rivoiro@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades)
0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito, ou débito automático em conta-corrente (preço de segunda a domingo) para RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Domingos: RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobrança de multa ou renovação da assinatura. Desconsidere qualquer contato a respeito desses temas. Para ter O GLOBO em seu ponto de venda, escreva para vendasavulsas@edglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 **Classifone** (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de noticiário: (21) 2534-5595 Banco de imagens: (21) 2534-5777
Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Noticiário: (21) 2534-4310 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4355 Missas, religiosos e fúnebres: (21) 2534-4333.
Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5501

A marca do manejo florestal responsável

Leia aqui a Declaração Conjunta ao FSC

MIGUEL DE ALMEIDA

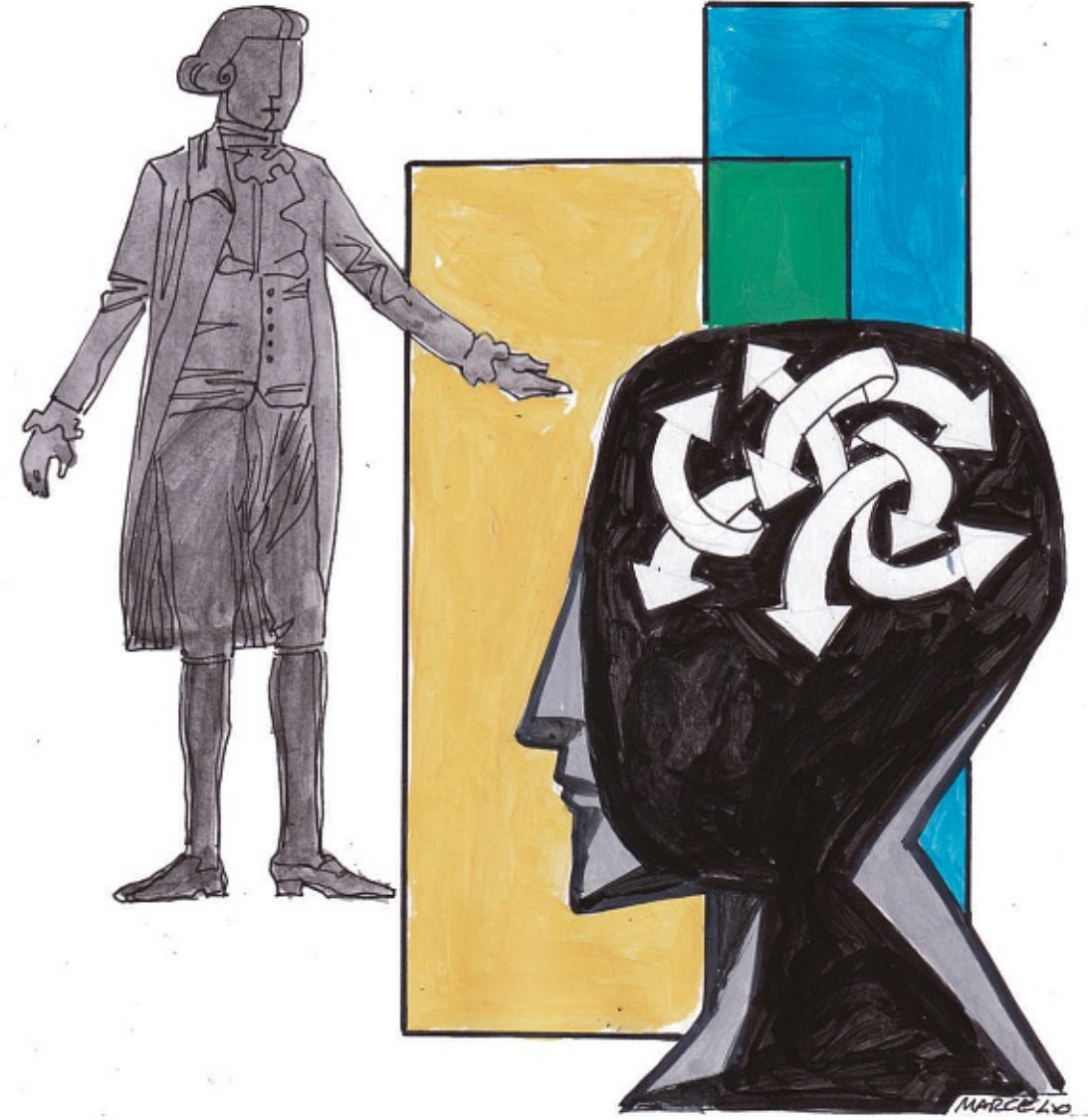
blogs.oglobo.globo.com/opiniao
migs@lazuli.com.br

A quem pertence o futuro

Não é de estranhar que os bolsonaristas incentivem memes contra Fernando Haddad. Desde já percebem de onde surgem indícios de uma política pública alternativa à polarização — e com resultados. Estranho seria se os alvos fossem Sonia Guajajara ou Anielle Franco, com suas práticas datadas. O ótimo livro de Daron Acemoglu e Simon Johnson "Poder e progresso", ao mergulhar na história das tecnologias e de seus reflexos sociais, escancara como a agenda brasileira permanece em sua contumaz esquizofrenia entre moderno e arcaico. Calma, o Brasil não é personagem da obra, porque nossa vocação extrativista é antes um fenômeno sociopatológico, jamais econômico. Nas páginas, encontram-se até pistas para compreender o retrocesso chamado Trump. Ou Bolsonaro, seu êmulo (até nos muitos casamentos).

Como ocorreu noutras revoluções — entre elas a Industrial —, as tecnologias digitais provocaram desnorteamento em muitos setores econômicos, com reflexos imediatos na organização social. Diversas ocupações foram extintas, muitas profissões perderam seu valor, junto a fábricas hoje obsoletas e, em seu rastro, a bairros e cidades inteiras diante de uma inesperada decadência.

Dois momentos da História brasileira poderiam constar da obra de Acemoglu:

1) O Maranhão, no século XVIII, era poderoso produtor e exportador de algodão. Quem conhece Alcântara ainda consegue ver os casarões, hoje escombros, símbolos da antiga riqueza trazida pelo que foi apenas outro fausto tipicamente brasileiro (poderia usar também como exemplo Manaus e seu ciclo da borracha). Os bacanas da época mandavam lavar (e engomar) suas roupas em Portugal... Como concorrente, Mississipi e suas lendárias plantações. Ambos se apoiavam em mão de obra escrava, quando dois fatos mudaram a vida nababesca da elite maranhense: o aumento de impostos praticado pela Coroa portuguesa (para sustentar os suspeitos de sempre) e o início do uso de maquinário industrial nos Estados Unidos. Vale lembrar que os americanos, com pouca oferta de trabalhadores, rapidamente buscaram desenvolver equipamentos capazes de incrementar a produtividade. Logo o preço final do algodão brasileiro tornou-se inviável. O resto é decadência.

2) Nosso Lula da Silva, migrante nordestino, formou-se torneiro mecânico em curso técnico em São Paulo. Foi trabalhar na indústria automobilística. Não tivesse se tornado líder sindical, a depender de políticas públicas de capacitação praticadas pelos governos petistas, estaria na água (sem duplo sentido). Sua ocupação deixou de existir, tornada obsoleta pela automação.

O caso de Bolsonaro não é tratado em "Poder e progresso", embora alguns exemplos trazidos por Daron Acemoglu possam ser úteis para entendê-lo. O ex-presidente, por sua infelicidade e deficiência, nunca chegou a ser oficial, dado que se viu reprovado nas tentativas de ascensão militar. É outro que estaria na água caso vivesse na Manchester, centro têxtil da Inglaterra. A chegada da Segunda Revolução Industrial, em meados do século XIX, exigiu melhor capacitação dos trabalhadores. Mesmo na agricultura, para lidar com maquinário além de enxada e de foice. Passou a ser exigida melhor educação; em muitos casos, conhecimentos básicos de matemática (o Brasil inteiro sabe como Bolsonaro é ruim nas quatro operações, não vou repetir). Sem futuro, ele foi ser político de extrema direita.

Acemoglu, também coautor do imperdível "Por que as nações fracassam", depois de historiar diversos momentos econômicos da humanidade, se mostra assustado com a falta de política na chegada da inteligência artificial. É experiente e não se empolga com a jequice consumista de trocar de celular a cada ano. Tampouco com o discurso exalado do Vale do Silício de vender condomínio em Marte. A questão não é inovação, mas o que chama de ausência de prosperidade compartilhada. A tecnologia, no passado e agora, sem política pública, resulta em aumento de desigualdade.

A atual revolução digital deu na Uber, mas também no Facebook e em sua traição política. A primeira trouxe novas oportunidades econômicas; o segundo, o ódio. A Alemanha subsidia as empresas (até quatro meses) que capacitam seus trabalhadores nas novas tecnologias. Idem Japão. Ao contrário dos Estados Unidos, cujo desnorteamento e desigualdade ajudaram a eleger Trump em 2016. No Brasil, a continuar a novilíngua janjística, nem *todes* (*sic*) terão as oportunidades dadas a Lula e Bolsonaro.

IRAPUÃ SANTANA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
isantanax1@gmail.com

Julho de Carolina de Jesus

No dia 25 de julho, celebramos o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha e também se homenageia Tereza de Benguela, a grande líder do Quilombo Quariterê, em Mato Grosso. Para contribuir com uma data tão especial, convido o leitor a imaginar o que Carolina Maria de Jesus escreveria em seu famoso diário a respeito dessa data, olhando para a parte meio cheia do copo.

"Hoje, meu diário, escrevo com uma alegria que transborda. O mês de julho, que muitos chamam de frio, aqueceu nossos corações negros com uma chama de esperança e reconhecimento. É o Julho das Pretas, um tempo de celebrar o que somos e o que conquistamos.

Lembro-me das noites geladas em que o vento parecia cortar a pele, mas a alma continuava firme, lutando contra o desânimo. A luta diária por um pedaço de pão, por um lugar ao sol, sempre marcada pelo preconceito e pela desigualdade. No entanto hoje escrevo sobre vitórias. Escrevo sobre a força da mulher negra que, mesmo nas condições mais adversas, ergue-se como verdadeiro monumento de resistência.

Cada mulher preta que encontro me conta uma história de superação. Maria, que madruga para pegar o primeiro ônibus, trabalha o dia inteiro e ainda encontra tempo para estudar à noite, sonhando com um futuro diferente para seus filhos. Dona Benedita, que, com suas mãos calejadas, prepara quitutes e sustenta sua casa com dignidade, ensinando aos mais jovens a importância da honestidade e do trabalho duro.

> *'E o que dizer das novas gerações? Meninas negras que ocupam universidades, que se destacam nas artes, na ciência, na política'*

E o que dizer das novas gerações? Meninas negras que ocupam universidades, que se destacam nas artes, na ciência, na política. Como a jovem Ana, que recebeu uma bolsa de estudos para estudar fora do país e volta com o conhecimento e a vontade de transformar nossa realidade.

Uma de nós até chegou neste ano a se tornar candidata à Presidência dos Estados Unidos!

Em meu diário, registro cada conquista como marco importante nessa jornada. A cada mulher negra que quebra uma barreira, a cada menina negra que sonha alto, a cada lei que nos garante mais direitos, sinto que estamos mais perto de um mundo mais justo e igualitário.

O Julho das Pretas é mais que uma celebração; é um reconhecimento do papel vital que as mulheres negras desempenham em nossa sociedade. É um chamado para que continuemos a apoiar e a amplificar essas vozes, para que possamos caminhar lado a lado na construção de um futuro mais justo.

Que este julho seja um marco, um símbolo de que o futuro é nosso e de que as histórias antes sussurradas em silêncio agora reverberam com um eco potente e glorioso. Que cada conquista celebrada neste mês seja apenas o começo de muitas outras. E que as mulheres negras continuem a brilhar com a intensidade que sempre lhes pertenceu.

Querido diário, hoje a tecnologia e o acesso à leitura ajudam muito e, com isso, mesmo depois de minha partida, prometo continuar a escrever essa história. Prometo inspirar outras mulheres negras a acreditar em si mesmas e a seguir seus próprios caminhos.

Que a força de nossa união nos guie, que nossa fé nos fortaleça e que nossa esperança nos ilumine.

Carolina Maria de Jesus."

* ARTIGO

As repactuações no setor rodoviário e a Rio-Juiz de Fora

CLÁUDIO FRISCHTAK

O Ministério dos Transportes, por meio da Portaria 848, vem desde 2023 incentivando concessionários de rodovias em condições de desequilíbrio a submeter pleitos de "otimização" dos contratos, de modo a dirimir conflitos e melhorar a qualidade das estradas. Na essência, os operadores interessados se comprometem a realizar novos investimentos num período máximo de 15 anos de extensão do contrato e a acordar uma trajetória de valores de pedágio abaixo de um valor máximo definido pelo governo. Antes da assinatura do novo contrato e como condição necessária, pendências judiciais são dirimidas. E, finalmente, os termos da repactuação têm um teste de mercado por meio de uma licitação na B3, que, por definição, atrairia um ou mais interessados.

Não se enxerga qualquer distorção de primeira ordem nesse modelo, particularmente ao levar em consideração as condições de uma concessão rodoviária no país, talvez a de maior complexidade dentre as infraestruturas "horizontais". São operações que interagem direta e diuturnamente com múltiplas partes interessadas: usuários, prefeitos, legisladores locais, além do regulador e órgãos de controle. Comumente há forte insatisfação e incompreensão, agravada pelo temor das concessionárias de vir a público detalhar as condições objetivas de operar no país, na medida em que a interação delas com o Estado é de natureza contínua ou repetitiva. Daí o incentivo econômico a desistir da concessão ou buscar o Judiciário para arbitrar conflitos.

O Estado é confrontado com a dificuldade de modelar, contratar e regular as concessões ante a incompletude inerente aos contratos; com uma alocação de riscos que se transforma num "cabo de guerra" pelos choques adversos não previsíveis que afetam o equilíbrio de contratos; e com as dificuldades de incorporar ao cálculo regulatório o capital específico acumulado ao longo do tempo pelos concessionários para executar em tempo hábil e menores custos investimentos de maior complexidade.

> *A retomada das obras da Nova Subida da Serra será adiada, pelos cálculos do governo, em cerca de quatro anos*

A Portaria 848 procura oferecer uma saída, ao adaptar os contratos dos atuais concessionários, ao absorver seus projetos de investimento e ao emular as condições de mercado por meio de um processo licitatório que não exclui, contudo, a eventual troca de operador (se um novo superar as condições ofertadas). É exatamente nesse sentido que, instada pelo voto de um ministro do TCU num acórdão, e se abstendo das consequências, pretende-se uma nova licitação para a Rio-Juiz de Fora com base num projeto sem certificação ou licenciamento ambiental, impactando Área de Preservação Permanente, implicando maiores custos — parte dos quais seria assumida pelo governo — e ignorando o trabalho já realizado no âmbito da Portaria 848. Essa não é uma boa notícia para os usuários (eu me incluo há mais de 30 anos). Fundamentalmente por dois motivos.

A retomada das obras da Nova Subida da Serra (NSS) — o maior gargalo na logística de transportes no Estado do Rio — será adiada (pelos cálculos do governo) em cerca de quatro anos, e sua conclusão, conservadoramente, em não menos de cinco, seis anos. A execução de um novo projeto ainda sem certificação, licenciamento ambiental, enfrentando uma combinação de desconhecimento e elevada incerteza, levará a conclusão da NSS para meados dos anos 2030 — enquanto já há um projeto certificado e licenciado pela concessionária que pode ter partida ainda em 2024 e ser executado em três anos, respondendo ao crescimento da demanda pelas próximas duas décadas. E mais: o governo assumir riscos privados para viabilizar a NSS pela incerteza associada ao novo projeto é exatamente reproduzir o erro matricial que levou à sua paralisação em 2016. Em dezembro de 2014 e 2015 o governo federal deixou de honrar compromissos contratuais de financiamento da NSS — a concessionária recebeu aproximadamente 20% do devido, executou 46,7% (de acordo com a perícia do juiz) e quebrou. O resto é História.

Cláudio Frischtak
é economista

N. da R.: Washington Olivetto excepcionalmente não escreve hoje

NA WEB
PERSONA
Os mais relevantes da República
Série de perfis chega ao 5º capítulo e aborda figuras que vão de Lira a Gleisi

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

ATRÁS DO PREJUÍZO

Estatais do Centrão reconhecem irregularidades em obras financiadas com emendas parlamentares

PATRIK CAMPOREZ
patrik.camporez@oglobo.com.br
BRASÍLIA

A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) e o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), controlados pelo Centrão, passaram a cobrar de construtoras e prefeituras o ressarcimento de valores por indícios de irregularidades apontados pelo Tribunal de Contas da União (TCU) e a Controladoria-Geral da União (CGU). Ao todo, os dois órgãos ingressaram com 35 processos judiciais ou administrativos por causa de obras supostamente superfaturadas em oito estados. Os valores cobrados ultrapassam R$ 40 milhões e são oriundos de emendas parlamentares.

Por meio da Lei de Acesso à Informação, O GLOBO obteve a relação das cobranças. A Codevasf moveu 26 ações contra oito construtoras, além de prefeituras e políticos que já morreram. Deste total, 15 iniciativas foram determinadas pelo TCU, cinco tiveram como origem a CGU, e o restante partiu da própria estatal.

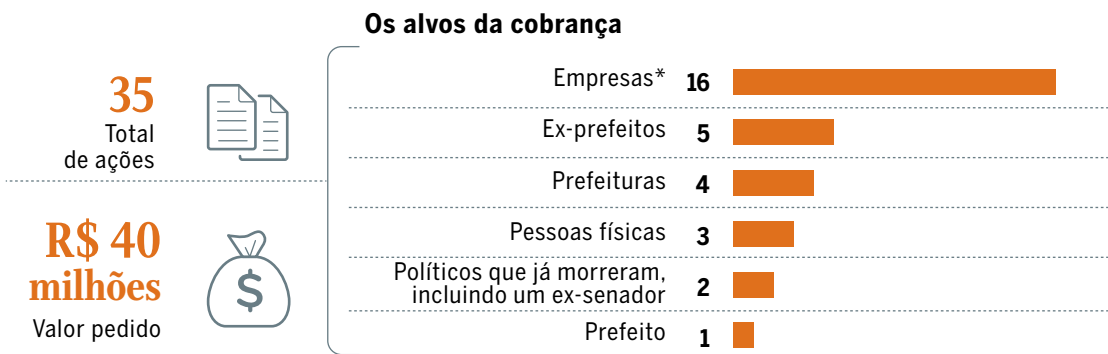
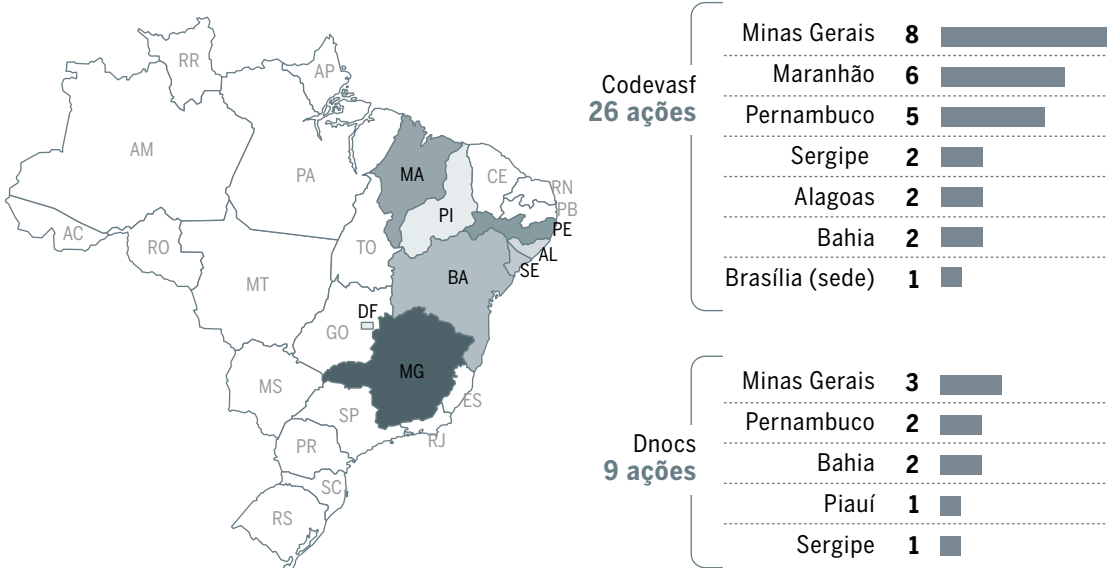
Um dos casos que gerou um pedido de ressarcimento na ponta começou com a destinação, feita pelo deputado Elmar Nascimento (União-BA), de recursos para a 6ª Superintendência da Codevasf, unidade na Bahia comandada pelo grupo político do parlamentar. Neste caso, os R$ 10,4 milhões para asfaltamento serviram para contratar uma empresa que, segundo a CGU, comandou uma obra em que houve superfaturamento de R$ 733 mil.

O órgão aponta irregularidades relacionadas à qualidade dos serviços executados e dos valores medidos e pagos. "Foram evidenciadas falhas de atuação que podem ter comprometido a qualidade, resistência e vida útil dos pavimentos executados. A autorização para o início dos serviços sem a existência de projeto executivo acarreta o risco da execução de obras com custos elevados, sobrepreço e superfaturamento", destaca o relatório da CGU. Procurado diretamente e via assessoria, Elmar não se manifestou.

IRREGULARIDADES

Outro contrato com indício de superfaturamento foi abastecido com R$ 1 milhão indicado pela ex-deputada Dayane Pimentel (União-BA). O valor foi destinado para a pavimentação de municípios baianos, e uma auditoria da CGU identificou irregularidades.

— A gente queria a obra realizada. A comunidade chegou a me chamar de mentirosa porque a obra não chegava. Defendo que a Codevasf cobre, dê resposta, até para eu explicar o que aconteceu — afirma Dayane Pimentel.

Ainda na Bahia, a Codevasf ingressou com uma ação para cobrar o ressarcimento de valores superfaturados em uma obra realizada no interior de uma fazenda gerida pela Igreja Universal do Reino de Deus. Em maio do ano passado, O GLOBO revelou que a estatal usou dinheiro público para pavimentar um conjunto de ruas dentro de uma fazenda privada ligada à igreja. A obra, concluída em abril de 2022, custou R$ 2,3 milhões.

Os recursos foram enviados a pedido do deputado Márcio Marinho (Republicanos-BA), que é bispo da igreja, por meio de uma emenda da bancada da Bahia destinada à estatal. O parlamentar afirmou à época que fez o pedido diretamente à presidência da estatal e alega que não tem envolvimento com as contratações. Na ocasião, a igreja disse que apoiou o projeto, mas não é responsável pela fazenda.

O estado com mais cobranças na Justiça da Codevasf é Minas Gerais, com nove ações. A companhia cobra ressarcimento de três ex-prefeitos de cidades do interior pela realização de obras supostamente superfaturadas com recursos da Codevasf, além de duas construtoras e uma fundação. Os prejuízos somam R$ 12,1 milhões e envolvem superfaturamento em obras de esgotamento sanitário, canalização de córrego e restauração de vegetação.

A superintendência do Maranhão, em segundo lugar, ingressou com seis ações judiciais. Dois alvos, no entanto, já morreram. Uma cobrança de R$ 2,9 milhões é direcionada a Carlos Magno Duque Bacelar, ex-senador e ex-prefeito de Coelho Neto, por supostas irregularidades em obras de recuperação de estradas rurais e implantação de sistema de abastecimento de água feitas com recursos repassados pela estatal. Bacelar faleceu em setembro do ano passado. Outro alvo que já morreu é Zilmar Melo Araujo, que foi prefeito de Tutóia — a cobrança neste caso é de R$ 664,4 mil. Segundo a Codevasf, nos dois casos a cobrança judicial passa a ser respondida pelo espólio.

A maior cobrança no estado, no entanto, no valor de R$ 3,3 milhões, refere-se a três contratos de pavimentação que segundo o TCU foram superfaturados, como mostrou O GLOBO em junho. Bancados com emendas do então deputado Juscelino Filho (União Brasil), hoje ministro das Comunicações, dois dos acordos foram para realização de obras na cidade de Vitorino Freire, governada pela prefeita Luanna Rezende, sua irmã. Em nota, Juscelino afirmou que não é mencionado em nenhum pedido de ressarcimento e que, na condição de parlamentar, tinha como responsabilidade "apenas a indicação transparente e legítima de recursos", sem envolvimento com a execução das obras. A prefeitura alega que a responsabilidade pela execução coube à Codevasf.

Segundo a estatal, as medidas adotadas para reaver valores supostamente superfaturados "vão desde o aprimoramento dos controles, procedimentos, normativos, capacitação de empregados até o ajuizamento de ações de ressarcimento, quando esgotadas as vias administrativas".

O presidente do TCU, Bruno Dantas, destaca que, além do ressarcimento aos cofres da União, há o caráter "pedagógico das medidas":

— Quando se trata do manuseio de dinheiro público, o TCU tem a missão de fiscalizar para que cada centavo seja aplicado dentro da legalidade e de maneira eficiente.

PAGO, MAS NÃO ENTREGUE

Já o Dnocs ingressou com nove pedidos de ressarcimento em obras na Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Piauí. As cobranças contemplam ações judiciais e medidas administrativas.

Uma das cobranças está relacionada a um contrato para aquisição de caixas d'água para famílias vítimas da seca na Bahia. Após uma auditoria, a CGU descobriu que mais de 14 mil reservatórios foram pagos, mas não entregues. O valor do pedido de ressarcimento ainda está sendo calculado.

Outra cobrança envolve seis contratos para obras de pavimentação em Sergipe. Após a CGU constatar superfaturamento, escavação e revestimento asfáltico, o Dnocs abriu um processo para cobrar as empresas que tocaram as obras pagas com emendas da bancada de Sergipe e do orçamento secreto. O valor ainda está em avaliação.

— A atuação da CGU exemplifica a importância do controle na promoção da transparência e da responsabilidade na gestão pública — afirmou o ministro da CGU, Vinicius Carvalho.

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM/24-05/2024

Indícios de superfaturamento. A Codevasf cobra R$ 3,3 milhões de contratos de pavimentação bancados com emendas do agora ministro Juscelino Filho

REPRODUÇÃO/ INSTAGRAM/ 25-04-2024

Asfaltamento. Obra a partir de emenda de Elmar Nascimento (de camisa branca) teria sobrepreço de R$ 733 mil

*Algumas empresas são alvos de mais de uma ação

EDITORIA DE ARTE

Lula usa TV para atacar Bolsonaro e diz que recebeu país ‘em ruínas’

Presidente se comprometeu ainda com a responsabilidade fiscal, em meio ao receio sobre o cumprimento das metas

RICARDO STUCKERT / PR/ 22-07-2024

Balanço. Lula teve auxílio do marqueteiro Sidônio Palmeira no pronunciamento em que ressaltou feitos de seu governo

ELIANE OLIVEIRA E SÉRGIO ROXO
politica@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

Às vésperas da eleição municipal, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV, na noite de ontem, para ressaltar conquistas de um ano e meio de governo. Lula aproveitou para fazer uma comparação com a gestão de Jair Bolsonaro que teria, segundo ele, deixado o Brasil “em ruínas”. O petista destacou ainda que barrou uma tentativa de golpe em 8 de janeiro de 2023 e que a democracia venceu. Em pouco mais de sete minutos, houve também espaço para um apelo aos agentes econômicos insatisfeitos com os rumos da política fiscal: o presidente afirmou que preza pela responsabilidade ao lidar com as contas públicas.

— Cortaram os recursos da educação, do SUS e do meio ambiente (na gestão Bolsonaro). Espalharam armas ao invés de empregos. Trouxeram a fome de volta. Deixaram a maior taxa de juros do planeta. A inflação disparou e atingiu 8,25%. O Brasil era um país em ruínas. Diziam defender a família. Mas deixaram milhões de famílias endividadas, empobrecidas e desprotegidas — afirmou.

O pronunciamento da noite de ontem foi o quarto feito pelo presidente desde que assumiu o poder, em janeiro de 2023. Presença cada vez mais constante no Palácio do Planalto nos últimos meses, o publicitário Sidônio Palmeira, marqueteiro da campanha que levou o petista à vitória em 2022, esteve com Lula, na última sexta-feira, para gravar a mensagem presidencial.

RECADO PARA O MERCADO

Lula mirou na divulgação de dados econômicos, justamente no momento em que há receio sobre o cumprimento das metas fiscais e a credibilidade do arcabouço aprovado pelo Congresso. Nas últimas semanas, declarações de Lula sobre dificuldades em cortar gastos do governo provocaram incertezas e a alta do dólar.

— Queremos um Brasil que cresça para todas as famílias brasileiras. Não abrirei mão da responsabilidade fiscal. Entre as muitas lições de vida que recebi de minha mãe, dona Lindu, aprendi a não gastar mais do que ganho. É essa responsabilidade que está nos permitindo ajudar a população do Rio Grande do Sul com recursos federais — ressaltou.

Lula disse que, ao terminar seu segundo mandato, há 14 anos, a economia crescеu mais de 4% ao ano. Ressaltou que os dados eram positivos na geração de empregos, salário e renda das famílias brasileiras.

— De lá para cá, assistimos a uma enorme destruição no nosso país. Programas importantes para o povo, como a Farmácia Popular e o Minha Casa Minha Vida, foram abandonados.

Durante o pronunciamento, Lula afirmou que, antes mesmo de começar a governar, foi preciso buscar recursos para cobrir “o rombo bilionário” deixado pelo governo anterior.

“O Brasil era um país em ruínas. Diziam defender a família. Mas deixaram milhões de famílias endividadas, empobrecidas e desprotegidas”

Presidente Lula, em cadeia nacional de rádio e TV

O presidente disse que os críticos apostaram que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) não passaria de 0,8%, mas houve uma alta de quase 3% no ano passado.

Lula enfatizou que o salário-mínimo voltou a ter aumento acima da inflação. e quase 90% das categorias profissionais tiveram reajuste real de salário. Citou a aprovação da igualdade salarial entre homens e mulheres e enfatizou que a inflação está em queda. Ao se dirigir ao eleitorado vulnerável, o presidente afirmou que 24 milhões de pessoas “ficaram livres do pesadelo da fome”.

Lula também fez um gesto a um setor mais refratário ao governo, o agro, ao dizer que o Brasil terá o “maior Plano Safra da História”.

Campo minado para o PT, reconhecida até mesmo em pesquisa internas, a área da segurança também foi citada. Segundo Lula, o governo tem combatido o crime organizado com apreensão recorde de armas, drogas, dinheiro e equipamentos de garimpo ilegal.

Lula lembrou ainda que foi aprovada uma reforma tributária que irá descomplicar a economia e reduzir o preço dos alimentos e produtos essenciais, inclusive a carne.

— Depois de anos de estagnação, a indústria brasileira está voltando a ser o motor do desenvolvimento. Com investimentos recordes na indústria automobilística, de siderurgia, de alimentos e de celulose. Isso significa mais empregos, salários e oportunidades para nosso povo.

Isolado, PDT de Ciro confirma Sarto na eleição de Fortaleza

Mesmo com a máquina municipal, prefeito deverá ter apenas o quarto maior tempo de propaganda na TV

LAURIBERTO POMPEU
lauriberto.pompeu@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

REPRODUÇÃO

Novo mandato. Candidato à reeleição, Sarto atribuiu os resultados ruins na segurança pública aos governos do PT

Ao lado do ex-ministro Ciro Gomes, o prefeito de Fortaleza, José Sarto, foi confirmado ontem pelo PDT como candidato à reeleição na convenção do partido. O evento foi marcado por críticas ao PT e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O discurso mais inflamado partiu de Ciro, também ex-governador do Ceará, que classificou o PT como "quadrilha" e "organização criminosa" e disse que Lula se aproveita da "gratidão do cearense".

Sarto foi confirmado como candidato em meio a um cenário fragmentado em Fortaleza. Após o rompimento entre PT e PDT no Ceará, o prefeito perdeu os maiores partidos de sua base, que agora irão apoiar o presidente da Assembleia Legislativa do Ceará, Evandro Leitão (PT).

Mesmo sendo prefeito e com a máquina municipal na mão, Sarto deverá ter apenas o quarto maior tempo de propaganda, atrás de Capitão Wagner (União Brasil), André Fernandes (PL) e de Evandro. Além do PDT, Sarto terá em sua coligação a federação PSDB-Cidadania e os partidos Avante, PRD, Agir, Mobiliza, DC, PRTB e PMB. O número dois na chapa será o atual vice-prefeito Élcio Batista (PSDB).

ALIADO FEDERAL

Já o PT terá em sua aliança PSD, PSB, MDB, Republicanos, Podemos, Solidariedade, MDB e PP, o que vai garantir o maior tempo de propaganda na disputa a Evandro. A candidatura a vice ainda não está definida, mas é reivindicada pelo PSD e pelo PSB.

O PDT de Sarto integra a base do governo Lula e o presidente nacional licenciado da legenda, Carlos Lupi, comanda o Ministério da Previdência. Ele não participou da convenção.

O evento contou, porém, com a presença do deputado federal André Figueiredo, presidente nacional interino do PDT e líder da maioria na Câmara, e do ex-prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio.

Ao discursar ontem, Ciro buscou afastar do prefeito a responsabilidade pelos resultados ruins na segurança pública de Fortaleza e disse que a área é de responsabilidade do governador do Ceará, Elmano de Freitas (PT), e do governo federal.

— (A segurança é) O maior flagelo de Fortaleza hoje, para quem não tem uma pedra no coração, não vive nos gabinetes poderosos da quadrilha em que se transformou o PT do Ceará, roubam em todas as oportunidades que têm para roubar, mentem explorando a boa vontade do povo. — criticou Ciro.

O ex-ministro mirou ainda o ex-governador do Ceará e atual ministro da Educação, Camilo Santana. Sem apresentar provas, Ciro deu a entender que o petista fortaleceu as facções criminosas quando era gestor estadual:

— Hoje, por obra do seu Camilo Santana, todos os presídios do Ceará foram divididos para as facções criminosas.

Na mesma linha das falas de Ciro, Sarto citou a segurança pública e associou os resultados ruins aos governos do PT. Ele também prometeu armar a guarda municipal.

— Para compensar a incompetência deles em proteger o povo dos bandidos, nós aqui tivemos que trabalhar dobrado. Estamos contratando mil guardas municipais, estamos capacitando e treinando nossa guarda e vamos armá-la — declarou.

FATOR LULA

Sem citar o nome de Evandro, Ciro demonstrou ontem preocupação com a candidatura do petista. O ex-governador afirmou que Lula tem força na cidade e pode conseguir impulsionar seu aliado na disputa. O pedetista lembrou a disputa pelo governo do Ceará em 2022, quando o PT ganhou no primeiro turno e disse que Lula "se aproveita" da gratidão do eleitor cearense. O presidente vai a Fortaleza no próximo sábado participar da convenção do PT na cidade.

— Não é porque o candidato da organização criminosa petista tenha qualquer qualidade para governar bem nossa cidade, não tem. É que aqui existe muita gente que quer bem ao Lula. Acho natural isso, apesar de não gostar, hoje no nosso estado tem mais gente recebendo Bolsa Família do que gente trabalhando com carteira assinada — disse Ciro.

Principais candidatos

> **José Sarto (PDT)** Tem aliança com PSDB-Cidadania e os partidos Avante, PRD, Agir, Mobiliza, DC, PRTB e PMB.

> **Evandro Leitão (PT)** Tem o apoio das demais siglas da federação do PT (PV e PCdoB), além de PSD, PSB, MDB, Republicanos, Podemos, Solidariedade, MDB e PP.

> **André Fernandes (PL)**

> **Capitão Wagner (União Brasil)**

> **Eduardo Girão (Novo)**

PT sela candidatura de Zito, ex-rival, em Caxias

Partido do ex-presidente Lula tenta se fortalecer na região, reduto do bolsonarismo, e oficializou ontem, em convenção, o apoio ao ex-prefeito, agora filiado ao PV. O evento contou com lideranças petistas no estado como Lindbergh e André Ceciliano

Em uma estratégia acertada com a direção nacional em abril, o PT selou ontem a candidatura de seu antigo adversário José Camilo Zito para a prefeitura de Duque de Caxias (RJ), na Baixada Fluminense. Zito está filiado ao PV, partido que, junto com o PCdoB, forma uma federação com o PT. A sigla do presidente Luiz Inácio Lula da Silva tenta se fortalecer na região, um reduto do bolsonarismo. A vice na chapa será a petista Aline Rangel.

Sob gritos de "Fora, Reis", em referência ao principal adversário de Zito na disputa, Netinho Reis (MDB), a convenção contou com a participação de lideranças do PT fluminense, como os deputados federais Lindberg Farias e Benedita da Silva, além de André Ceciliano, ex-secretário de Assuntos Federativos da Presidência da República e ex-presidente da Alerj.

Netinho pertence a uma família influente na política local: é sobrinho-neto do atual prefeito, Wilson Miguel (MDB), e sobrinho do ex-prefeito Washington Reis (MDB), que hoje ocupa o cargo de secretário estadual de Transportes no governo de Cláudio Castro (PL). O clã Reis também conta com o endosso do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Durante a convenção, os representantes petistas prometeram "todos os recursos" para a administração municipal.

— A gente conhece bem Duque de Caxias e sabe que apenas o Zito pode reestabelecer a ordem. E podem ter certeza de que a cidade receberá todos os recursos federais para finalmente ter metrô e barca. É um sonho da população que será realizado — afirmou Ceciliano.

Lindbergh disse ter se encontrado com o presidente Lula na sexta-feira, que teria prometido "a maior parceria da história" com Duque de Caxias. Sem citar nominalmente Washington Reis e seu sobrinho, o parlamentar se referiu a Netinho Reis como "pau mandado".

— Esse pessoal que está aí acha que se resolve tudo dentro de um gabinete com ar-condicionado. Eles estão subestimando o povo, achando que a população vai escolher um pau mandado em vez de escolher um cara como o Zito, que tem experiência e que sabe governar.

Chamado de "Rei da Baixada" nos anos 1990 por suas votações expressivas, o ex-prefeito tem passagens por legendas de direita,centro e esquerda, como PP, PSDB e PSB. Sua filiação anterior foi ao PSD. Com dificuldade de encontrar nomes de apelo popular na região, o PT bateu o martelo sobre o apoio, de olho no fortalecimento da legenda para 2026. Duque de Caxias é o segundo maior colégio eleitoral do estado.

— No dia 31 de dezembro acaba a farra dessa gente que humilha os moradores, porque no dia 1º de janeiro Duque de Caxias será da população novamente. Fora, Reis! — discursou Zito.

Na eleição de 2022, o único prefeito da Baixada a apoiar Lula foi o de Belford Roxo, Waguinho (Republicanos).

PT DESISTE EM NILÓPOLIS

Em Nilópolis, o PT desistiu de lançar candidato e vai apoiar a chapa encabeçada por Rogério Ribeiro (MDB). O vice será Saulo Sessim (Solidariedade), filho do ex-prefeito Sérgio Sessim. A federação PT-PCdoB e PV aprovou esse encaminhamento no último sábado. O principal adversário será o atual prefeito, Abraão David Neto, o Abraãozinho, que concorrerá à reeleição.

Ao contrário das eleições anteriores, os Abraão e os Sessim não entraram em acordo para definirem uma candidatura única. No embate, pesarão a disputa pelos votos da "Família Beija-Flor", como são chamados os eleitores ligados à escola de samba, e o apoio do presidente de honra da agremiação, o bicheiro Aniz Abraão David, o Anísio.

REPRODUÇÃO/ INSTAGRAM

Reforço. Zito com Lindbergh: deputado disse que Lula prometeu "a maior parceria da história" com Duque de Caxias

Confirmado em Niterói, Neves mira rivais: 'extremistas' e 'aventureiros'

> O ex-prefeito de Niterói (RJ) Rodrigo Neves oficializou no sábado sua candidatura ao cargo novamente pelo PDT, numa coligação com 14 partidos. Na convenção da sigla, o pedetista disse que a população deve se defender "das milícias", de "aventureiros" e "extremistas".

> Na eleição de Niterói, Neves tem entre seus adversários o deputado bolsonarista Carlos Jordy (PL), e a psolista Talíria Petrone.

> — Essa eleição não é sobre Rodrigo, não é sobre o Axel (Grael, atual prefeito), nem sobre nossos adversários. Essa eleição é sobre aquilo que nos une: a defesa da democracia, o amor e o projeto de uma Niterói cada vez melhor. Nós vamos seguir protegendo Niterói das milícias, dos aventureiros, dos extremistas, do discurso do ódio e da intolerância — discursou o pedetista.

> A vice da chapa do ex-prefeito será Isabel Swan (PV), que não participou da solenidade por estar na Olimpíada de Paris, representando o Brasil na vela. A atleta enviou um vídeo que foi transmitido no evento.

> O ministro da Previdência e cacique do PDT, Carlos Lupi, e a deputada Martha Rocha estavam no evento. A coligação de Rodrigo Neves é composta pelas federações PT-PV-PCdoB e Cidadania-PSDB, além de MDB, União Brasil, Republicanos e PSD.

Brasil

NA WEB
SÃO PAULO
Polícia investiga estupro em hospital
Crime teria ocorrido em unidade da Rede D'Or. Suspeito é auxiliar de enfermagem

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

DESIGUALDADE MAIOR

Nota do Enem em escolas públicas caiu em duas provas no primeiro ano do Novo Ensino Médio

BRUNO ALFANO
bruno.alfano@extra.inf.br

A diferença de desempenho entre escolas públicas e privadas cresceu no Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) de 2023 em Matemática e Ciências da Natureza. O resultado reverte uma tendência de diminuição da desigualdade que era registrada desde 2019. Esse foi o primeiro ano em que parte dos estudantes fez a prova após a mudança para o Novo Ensino Médio.

Especialistas apontam que o modelo, que já foi reformulado este ano após diversas críticas, pode ter pesado nesse resultado. A nota em Matemática das escolas públicas caiu de 507 para 503. Já a das privadas subiu de 601 para 618. Em Ciências da Natureza, as mudanças foram de 473 para 472 e de 530 para 541, respectivamente. Os dados do Inep foram obtidos pelo SAS Educação, uma plataforma de ensino usada por 1,2 mil escolas no Brasil, e disponibilizados com exclusividade ao GLOBO.

— A prova de Matemática deste ano foi um pouco mais fácil do que as anteriores. Mas os estudantes das escolas públicas foram pior nas habilidades mais básicas do teste. Isso aconteceu com Ciências da Natureza também e fez com que as notas caíssem — analisou Ademar Celedônio, diretor de Ensino e Inovações do SAS Educação.

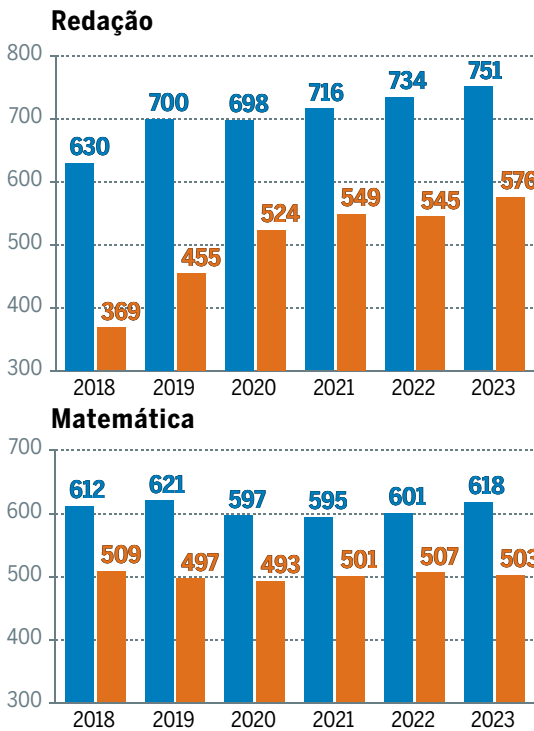
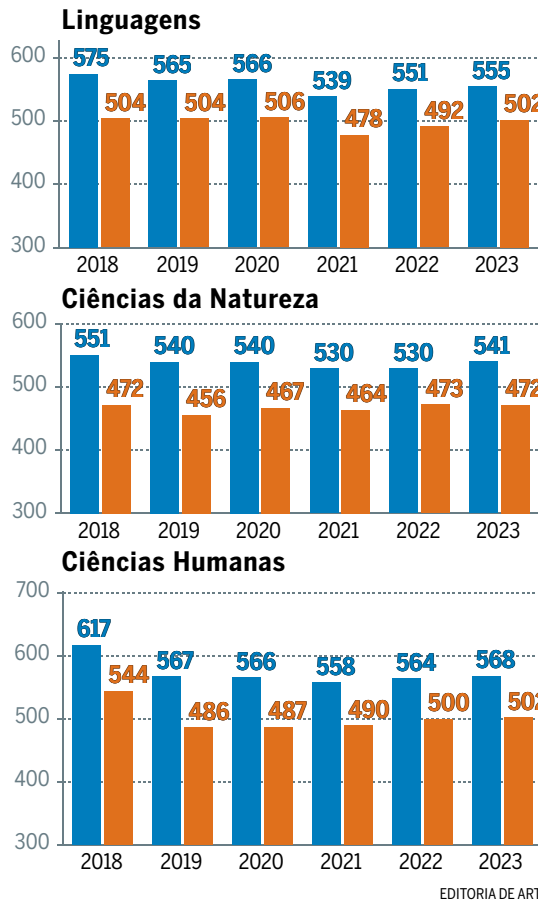
A lei do Novo Ensino Médio, de 2017, previa que todas as escolas adotassem o modelo a partir de 2022. No entanto, em 2021, o estado de São Paulo antecipou esse calendário e instituiu o novo formato em todas as escolas. Mato Grosso do Sul e Santa Catarina também adotaram o modelo em parte da rede. Além disso, diversos estados fizeram essa transição com escolas-piloto.

Os alunos que começaram o ensino médio em 2021 acabaram fazendo o Enem em 2023. Os estudantes do Novo Ensino Médio, porém, tiveram 25% menos aulas de Matemática e 34% de Ciências da Natureza, segundo análise de O GLOBO nos currículos estaduais.

— Sou a favor da reforma, mas não da forma como foi feita. Sem dúvida ela teve impacto na nota — diz Celedônio.

Desde 2023, estudantes do Novo Ensino Médio não têm todas as disciplinas básicas no último ano do ensino médio, quando é realizado o Enem. É comum, por exemplo, que uma ou duas das aulas de Ciências da Natureza (Química, Física e Biologia) fiquem de fora da grade curricular.

No lugar dessas aulas, são oferecidas disciplinas dos itinerários formativos, a parte flexível do currículo, que não atenderam à expectativa de aprofundamento curricular que se esperava delas.

— Esse impacto de não ter as aulas de Ciências da Natureza no 3º ano do ensino médio tem muito peso. É nesse momento que os alunos precisam ter mais contato com exemplos e exercícios de preparação. As escolas privadas tiveram isso com aulas a mais, o que causou essa discrepância maior nas notas — avalia o especialista do SAS Educação.

CRISTIANO MARIZ/12-11-2023

Recuo. Estudantes chegam para o segundo dia do Enem 2023 em Brasília: exame reverteu tendência de diminuição da desigualdade que vinha de 2019

NOVA REFORMA

Em 2024, todos os alunos que farão o Enem terão se formado por esse mesmo modelo do Novo Ensino Médio. A mudança deste formato foi aprovada pelo Congresso neste ano e passará a valer a partir de 2025, com mais aulas de disciplinas básicas distribuídas em todos os anos.

Alguns estados já haviam iniciado um movimento para contornar esses problemas. São Paulo, por exemplo, anunciou no fim de 2023 que aumentaria o número de aulas de Matemática em 70% e incluiria novamente aulas de Física, Geografia e História no ano do Enem. Em nota, o estado afirmou que tomou essa medida para melhorar os resultados e a aprendizagem dos estudantes.

Na avaliação de Ivan Gontijo, Gerente de Políticas Educacionais do Todos Pela Educação, a diferença de implementação do Novo Ensino Médio nas redes públicas e privadas pode explicar o resultado. Ele também aponta o aumento do número de inscritos em 2023 como uma hipótese:

— O número de participantes subiu em 2023 após vários anos de baixa participação. Podemos entender que os alunos menos preparados não fizeram a prova nos anos anteriores e voltaram a fazer agora.

Em Ciências Humanas e Linguagens, o desempenho dos alunos de escolas públicas acompanhou seus concorrentes das privadas — ambos tiveram leve melhora. O destaque foi em Redação, em que os estudantes de redes públicas cresceram 31 pontos, contra 17 dos colégios particulares.

ANTÔNIO GOIS

antonio.gois@jeduca.org.br

Questões de opinião

A maioria (61%) dos eleitores de Lula é favorável à militarização de escolas. Na cidade de São Paulo, três em cada quatro evangélicos apoiam que a escola aborde educação sexual e 77% são contrários à ideia de que pais possam dar aulas a crianças em casa, sem matriculá-las numa escola. O apoio à militarização das escolas consta da pesquisa nacional "A Cara da Democracia", feita pelo Instituto da Democracia e divulgada há dez dias em reportagem de Bernardo Mello no GLOBO. O levantamento com evangélicos paulistanos foi realizado pelo Datafolha, e divulgado também há dez dias na "Folha de S. Paulo", em reportagem de Anna Virgínia Balloussier.

Como em qualquer pesquisa de opinião, é preciso alguma cautela na interpretação dos resultados, especialmente quando eleitores se posicionam a partir de perguntas sobre temas que não dominam em profundidade e que podem gerar dubiedade. O apoio majoritário à militarização de escolas não necessariamente significa que esse seja o modelo preferido dos respondentes, mas não deixa de ser significativo que eleitores lulistas demonstrem mais apoio do que se esperaria. No caso do Datafolha com evangélicos, além de ser restrito à cidade de São Paulo, o que cada um entende por educação sexual pode variar significativamente. Mas, de novo, não deixa de ser surpreendente que um segmento comumente associado ao bolsonarismo e a pautas conservadoras sinalize que é necessário tratar do tema na escola, além de rejeitar o *homeschooling*, bandeira arduamente defendida por lideranças evangélicas bolsonaristas.

Temas relacionados à sexualidade humana já constam da Base Nacional Comum Curricular. É essencial mesmo que sejam trabalhados na escola por variados motivos. A LGBTfobia, doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce não planejada são alguns deles. Por ser um tema sensível, é ainda mais fundamental aqui o diálogo com as famílias, para que essas entendam os objetivos e as estratégias a serem adotadas em sala de aula.

> ***O apoio majoritário à militarização de escolas não necessariamente significa que esse seja o modelo preferido***

No caso das escolas militares, há instituições centenárias no Brasil, e sua existência nunca foi motivo de debates eleitorais acalorados. O tema passou a ser mais polêmico a partir do momento em que grupos conservadores passaram a defender a ideia de que a expansão do modelo (com algumas adaptações) seria estratégia eficaz para resolver nossos graves problemas educacionais. Além de ser mais uma bizarra jabuticaba brasileira — nenhum país sério cogita isso como estratégia de política nacional —, vende-se para a opinião pública a falsa ideia de que bons resultados em poucas escolas com mais recursos e vieses na seleção de alunos seriam escaláveis. Sem falar na inadequação da formação para a cidadania democrática num ambiente autoritário.

Se for para selecionar pontos fora da curva, não nos faltam exemplos de escolas públicas que conseguem manter um bom clima escolar com melhoria da aprendizagem. Pesquisas de opinião pública já demonstraram também que a população é amplamente favorável à expansão de escolas em tempo integral, ao maior investimento público na educação básica, e na ampliação do ensino profissionalizante. Denunciar os riscos da expansão da militarização é importante, mas o caminho mais efetivo é oferecer alternativas na educação pública que respondam aos legítimos anseios da população, sem recorrer a soluções falsas, simplistas ou autoritárias.

Incêndio em barco no Rio Negro deixa 4 mortos e mobiliza buscas no AM

Equipe com bombeiros e militares resgatou 59 feridos e faz operação com mergulhadores para localizar desaparecidos

REPRODUÇÃO/G1

Tragédia. Barco Comandante Souza na Comunidade Santa Maria, a 40 minutos de Manaus: passageiros se jogaram no rio

Um incêndio em uma embarcação no Rio Negro, no Amazonas, na madrugada de sábado, deixou ao menos quatro mortos, além de 59 feridos, de acordo com autoridades locais. As buscas por desaparecidos seguiam ontem e mobilizavam 20 profissionais, entre eles mergulhadores do Corpo de Bombeiros e da Marinha do Brasil.

O governo, no entanto, não confirmou o número de desaparecidos. Segundo o Corpo de Bombeiros, não foi apresentada pelo proprietário da embarcação uma lista de passageiros.

O barco Comandante Souza havia saído de Manaus na noite de sexta-feira com destino ao município de Santa Isabel do Rio Negro, a 631 km de distância, mas pegou fogo nas proximidades da Comunidade Santa Maria, a 40 minutos da capital. A previsão era chegar ao destino hoje.

As mortes já confirmadas são de três idosas, de 70, 72 e 76 anos de idade, e de um adolescente, que não teve a idade divulgada e foi encontrado carbonizado embaixo da embarcação. Os corpos foram encaminhados ao Instituto Médico Legal (IML).

O governador do Amazonas,Wilson Lima (União Brasil), lamentou ontem as mortes em uma postagem em seu perfil nas redes sociais. "Seguiremos dando toda assistência às vítimas e suas famílias", escreveu, ressaltando a continuidade das buscas por desaparecidos.

ATENDIMENTO NA CAPITAL

Segundo a prefeitura de Santa Isabel do Rio Negro, 27 passageiros do Comandante Souza eram pacientes e acompanhantes que faziam tratamento em Manaus e estavam voltando para o município. É o caso da vítima de 72 anos, cujo nome não foi divulgado, que havia se deslocado para uma consulta médica após passar por uma cirurgia. Ela retornava para Santa Isabel do Rio Negro, onde residia.

Entre as vítimas fatais do incêndio, Flora de Oliveira Olar, de 76 anos, chegou a ser resgatada com vida, mas faleceu durante o trajeto até uma unidade de saúde da capital amazonense. Ela estava em Manaus para acompanhar o marido, Eugênio Lopes Alcântara, em um tratamento de saúde, de acordo com seu neto, o técnico de enfermagem Arlison Oliveira.

— Eles estavam voltando para Santa Isabel do Rio Negro, quando aconteceu essa tragédia. Além do meu avô, outros pacientes também retornavam para o município. E a minha avó inalou muita fumaça. Tentaram fazer o resgate, mas infelizmente não conseguiram — contou Arlison à Rede Amazônica, afiliada da TV Globo.

Eugênio já teve alta e foi levado para a casa de familiares, que esperam agora a liberação do corpo de Flora.

A outra idosa, de 70 anos, foi achada morta a 15 quilômetros do local do incêndio. Seu nome não foi divulgado.

De acordo com a Secretaria estadual de Saúde, 25 passageiros foram encaminhados para atendimento em Manaus. A maioria já foi liberada. Dos oito pacientes que deram entrada no Hospital e Pronto Socorro 28 de Agosto, o maior do estado, seis haviam recebido alta médica até ontem. Outros dois feridos seguem internados em outra unidade de saúde, o Hospital e Pronto Socorro João Lúcio. Uma criança também permanece no Hospital e Pronto Socorro da Criança Zona Oeste para exames de imagens.

As causas do incêndio ainda são desconhecidas. As chamas se alastraram rapidamente, o que causou a interrupção no funcionamento do maquinário e da luz na embarcação.

Para fugir das chamas, os passageiros precisaram pular no Rio Negro. Moradores das proximidades ajudaram nos resgates até a chegada do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar e do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). Na tarde de ontem, a embarcação começou a afundar e ainda era possível ver a fumaça provocada pelo fogo.

— Ficamos no escuro, fizemos tudo... Tentamos salvar a maior quantidade de pessoas, ajudar elas. Fomos quase os últimos a pular dentro d'água, sem colete, sem nada — contou o comerciante Charlen Albuquerque em entrevista ao Jornal Nacional, da TV Globo, no sábado. *(Com informações do g1)*

Saúde

NA WEB

SEM AÇÚCAR
Refrigerante diet apresenta riscos
Especialistas apontam malefícios associados ao consumo dessa bebida

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

NYT

Longo prazo. Remédios inovadores como Ozempic, Wegovy e Mounjaro ajudam a emagrecer ao inibir a sensação de apetite, mas o tratamento precisa ser mantido para que o efeitos seja duradouros

DIFÍCIL DE MANTER

Pacientes voltam a ganhar peso após abandonar drogas injetáveis

BERNARDO LIMA
bernardo.lima@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

Os medicamentos antiobesidade, como o popular Ozempic e alternativas como Mounjaro e Wegovy, têm conquistado cada vez mais o público brasileiro ao apresentar rápidos resultados na luta contra a balança. Usuários dos medicamentos, no entanto, enfrentam dificuldade para manter o peso perdido e os hábitos alimentares após interromperem o uso dos remédios que atuam no organismo inibindo a sensação de apetite.

A arquiteta Ellen Machado, 32 anos, conta que no final de sua adolescência começou a apresentar transtornos emocionais e, para lidar com isso, iniciou um tratamento com antidepressivos, que resultou em aumento no apetite e desaceleração do metabolismo. A soma desses fatores desencadeou o início de uma jornada contra o peso que é travada até hoje.

— Vivi nesse efeito sanfona de engorda, emagrece, praticamente minha vida adulta inteira — diz a arquiteta.

Mas foi no final da pandemia, em 2022, que a luta contra a balança ganhou contornos mais dramáticos. Ao contrair Covid-19, seu apetite aumentou de forma voraz, o que a levou a ganhar 10 kg em apenas dois meses. Em agosto de 2022, quando pesava 82 kg e com obesidade de grau 1 diagnosticada, a arquiteta iniciou o tratamento com Ozempic, que trouxe resultados animadores em um curto espaço de tempo.

Mesmo com uma rotina de exercícios e reeducação alimentar, Ellen se manteve com o mesmo peso por cerca de um ano de tratamento com o remédio. Ao suspender a medicação, ela diz que o apetite voltou de forma insaciável.

FORA DA BULA

O Ozempic foi criado para tratar o diabetes tipo 2, mas ganhou destaque ao começar a ser usado de forma off label — sem a indicação original da bula — para perda de peso. No Brasil, o medicamento pode ser comprado em muitas farmácias sem a apresentação de receita médica.

A empresária de 48 anos, Mariana, enfrentou uma situação semelhante à de Ellen. Ela começou a utilizar Ozempic em janeiro deste ano, quando pesava 90 kg. Sem acompanhamento médico, não teve dificuldades para comprar a caneta injetável na farmácia mais perto de sua em casa, em Brasília.

Em apenas três meses ela perdeu 13 kg. No entanto, o custo elevado do remédio — que é vendido entre R$ 700 e R$ 1 mil nas farmácias — fez com que ela decidisse parar o tratamento.

Sem uma rotina de exercícios nem acompanhamento médico ou nutricional, ela voltou a ganhar os quilos que havia perdido.

O presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), Paulo Miranda, ressalta a importância do acompanhamento médico durante o tratamento.

Segundo ele, a obesidade é uma doença crônica, e a recomposição do peso pode acontecer caso o tratamento não seja conduzido da forma adequada, com prática regular de atividade física e reorganização alimentar.

— Os estudos demonstram que há um percentual elevado de pessoas que, ao suspender o tratamento, têm o reganho de peso. Isso não é uma falha. Isso está esperado — diz o endocrinologista.

Alexandre Gomes, 45 anos, trabalha como especialista em segurança da informação em um hospital de São Paulo. Ele conta que procurou tratamento contra a obesidade após ganhar peso na pandemia.

No início deste ano, começou a usar Wegovy, medicamento com o mesmo componente do Ozempic, a semaglutida, e que com efeitos semelhantes. Com acompanhamento médico, o tratamento foi aliado a uma nova rotina de alimentação e exercícios físicos.

— Quando comecei a tomar o remédio, estava com 105 kg. Depois de dois meses já tinha perdido dez kg Depois do segundo mês eu e doutor já começamos a diminuir as doses. Atualmente não tomo mais o remédio, mas tomei gosto pela nova rotina e estou com 85 kg e 20% de gordura corporal a menos — conta Alexandre.

TRATAMENTO CRÔNICO

O processo foi acompanhado pelo médico nutrólogo Wandemberg Filho, que ressalta que os remédios contra obesidade não devem ser usados como "amuleto" na luta contra a balança.

— O que acontece, às vezes, é um uso indiscriminado dessas medicações sem orientação. A pessoa usa aquilo ali como amuleto, e não como uma ponte para hábitos saudáveis. Eu falo: a base da pirâmide está em você ter prática de atividades físicas regulares e uma boa alimentação — diz o nutrólogo.

A diretora da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (Abeso), Cynthia Valério, afirma que o tratamento com os medicamentos contra obesidade deve sempre respeitar as características individuais de cada paciente e, às vezes, o uso do remédio deve ser feito por toda a vida.

— Alguns pacientes podem ter essa possibilidade de redução de dose. Mas esse não deve ser o objetivo do tratamento. Como toda doença crônica, o tratamento com essas medicações tem que ser, muitas vezes, sustentado por toda a vida. Mas cada caso deve ser individualizado — ressalta.

Beber moderadamente não aumenta a longevidade

Novo estudo comprova que não existe nível seguro de álcool para a saúde

A ideia de que beber uma taça de vinho ao fim do dia representa uma maior chance de longevidade se tornou uma crença defendida há décadas. No entanto, uma metanálise de 107 estudos, publicada recnetemente na revista científica Journal of Studies on Alcohol and Drugs, questiona essa concepção sobre o benefício do consumo de álcool.

Pesquisadores do Canadá mostraram que os estudos anteriores muitas vezes se centravam em adultos mais velhos, sem considerar os padrões de consumo ao longo da vida.

Isto significa que bebedores moderados (aqueles que consumiam entre uma dose por semana e duas por dia) foram comparados com os "abstêmios" e os "bebedores ocasionais", mas esses grupos incluíam adultos mais velhos que reduziram ou pararam de beber devido a problemas de saúde. Ou seja, aqueles com o hábito de beber se saíam melhor nos resultados pois o outro lado da moeda, que não bebia diariamente, eram pessoas doentes.

"Isso faz com que as pessoas que continuam bebendo pareçam muito mais saudáveis em comparação", afirma Tim Stockwell, do Instituto Canadense de Pesquisa sobre Uso de Substâncias da Universidade de Victoria e um dos autores do estudo, em comunicado.

Os pesquisadores defendem que consumir álcool de forma moderada não prolonga a vida. Pelo contrário,

FREEPIK

Em risco. O álcool aumenta a probabilidade de doenças como câncer e AVC

traz riscos potenciais à saúde, como câncer, doenças cardíacas, pressão alta, AVC e doença hepática.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), não existe um padrão de consumo de álcool absolutamente seguro. As principais diretrizes definem como moderado duas doses ao dia para homens e uma dose para mulheres. Cada dose corresponde a uma lata de 350 ml de cerveja, uma taça de 150 ml de vinho ou 45 ml de destilado, como vodca ou gim.

Em um estudo anterior, Stockwell mostrou que aqueles que bebem significativamente mais álcool do que isso — cerca de 35 doses por semana — podem reduzir dois anos da expectativa de vida. A pesquisa também indicou que quem consome uma bebida alcoólica por dia, independente de qual seja — um copo de cerveja, uma taça de vinho ou uma dose de vodca — pode encurtar sua expectativa de vida em aproximadamente dois meses e meio.

"Ser capaz de beber é um sinal de que você ainda está saudável, não a causa de estar com boa saúde. Há muitas maneiras pelas quais esses estudos dão resultados falsos, que são mal interpretados como se o álcool fosse bom para você", defende Stockwell.

Natalia Pasternak está de férias. A coluna estará de volta em 5 de agosto.

NA WEB

MÃO DE OBRA

Musk vai 'contratar' robôs para Tesla

Máquinas, hoje em testes, começarão a trabalhar na montadora em 2025

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

THAÍS BARCELLOS
thais.barcellos@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

O IMPACTO DA INTERVENÇÃO

Desde 2023, o governo vem forçando a redução do limite máximo de juros cobrado nos empréstimos consignados do INSS e inscritos no Benefício de Prestação Continuada (BPC), que é bem abaixo da média do crédito em geral

Mês	Taxa de juros média no crédito livre para pessoa física (% ao ano)	Taxa de juros média do crédito consignado do INSS (% ao ano)
JAN/23	56,9	27,7
FEV	58,5	27,5
MAR	58,6	26,4
ABR	59,6	25,5
MAI	59,9	25,3
JUN	59,1	25,1
JUL	58,3	24,8
AGO	57,8	24,1
SET	57,3	24,4
OUT	56,1	24,3
NOV	55,1	24,2
DEZ	54,2	23,6
JAN/24	52,6	23,5
FEV	52,7	22,8
MAR	53,4	22,4
ABR	52,9	22,2
MAI	52,4	21,7

O resultado foi uma queda forte na concessão desse tipo de crédito consignado, indicando redução da oferta pelos bancos

Concessões de crédito consignado do INSS* (sem refinanciamentos) (R$ bilhões) | Concessões de crédito consignado do INSS* (com refinanciamentos) (R$ bilhões) | Redução do teto para... (%)

Redução do teto de 2,14% para 1,7% ao mês, e reconsideração elevando para 1,97% (MAR/23)

Mês	Sem refinanciamentos (R$ bilhões)	Com refinanciamentos (R$ bilhões)	Redução do teto para... (%)
JAN/22	2,6	2,5	
FEV	2,8	2,9	
MAR	7,8	5,8	
ABR	15,5	13,3	
MAI	9,3	8,5	
JUN	7,2	7,1	
JUL	6,4	6,7	
AGO	6,6	6,8	
SET	7,4	6,8	
OUT	7,0	6,8	
NOV	8,9	7,4	
DEZ	7,3	6,2	
JAN/23	12,1	9,2	
FEV	7,5	6,5	
MAR	4,1	3,9	
ABR	4,9	5,1	
MAI	4,7	5,4	
JUN	3,6	4,3	
JUL	3,7	4,8	
AGO	4,4	6,6	1,91
SET	5,9	8,4	
OUT	7,4	8,8	1,84
NOV	5,3	8,2	
DEZ	4,5	7,2	1,81
JAN/24	8,3	11,1	1,76
FEV	6,4	9,4	1,72
MAR	5,3	8,4	
ABR	5,2	8,7	1,68
MAI	4,7	7,9	1,66

Fontes: BC e Dataprev

*Em ambos os casos são contabilizados empréstimos de margem livre a aposentados e pensionistas e BPC

EDITORIA DE ARTE

BANCOS X GOVERNO

Corte no teto do consignado reduz oferta a aposentados

Uma disputa entre o governo e os bancos sobre os juros do crédito consignado para aposentados e pensionistas do INSS pode travar a concessão de empréstimos nessa modalidade. Desde março do ano passado, um movimento liderado pelo Ministério da Previdência em prol de melhores condições para esse tipo de operação já resultou em oito reduções da taxa máxima que pode ser cobrada nos empréstimos, de 2,14% para 1,66% ao mês (21,84% ao ano). Mesmo com essas reduções, houve queda no número de liberações do crédito com desconto em folha.

O consignado é um tipo de crédito que traz menos riscos para os bancos, pois a quitação das parcelas é feita diretamente no contracheque de quem o contratou. Por isso, as taxas costumam ser menores que em outros financiamentos. Os bancos dizem, no entanto, que o efeito da redução do teto no consignado do INSS foi inverso ao pretendido pelo governo. Em vez de elevar a concessão, ela acabou restringindo o acesso dos aposentados a novos empréstimos, especialmente de clientes com perfil mais arriscado, como os mais idosos e com benefício menor.

As instituições financeiras estão mais seletivas por causa do aumento do custo de captação de recursos. Esse custo está atrelado à curva de juros futuros, que vem crescendo embora a Selic — a taxa básica de juros, que é referência para a concessão de empréstimos no país — esteja estável em 10,5% ao ano. Sem o repasse da alta de custo para as taxas cobradas no consignado — já que existe um teto para os juros nessa modalidade —, não se descarta um cenário de suspensão total desse produto financeiro, como já ocorreu no ano passado.

QUEDA NAS CONCESSÕES

O ministério rebate dizendo que houve redução das taxas apenas nas novas operações de crédito com margem livre, mas aumento em refinanciamento e portabilidade. Atualmente, os aposentados e pensionistas do INSS podem comprometer até 35% do valor do benefício com as parcelas do empréstimo.

O refinanciamento ocorre quando o cliente que já está quase quitando o empréstimo pega mais dinheiro emprestado — o chamado "troco". Já a portabilidade não significa dinheiro novo, é só a troca da dívida de um banco para o outro, normalmente motivada por juros menores.

Números da Dataprev (empresa pública que cuida do processamento de dados da Previdência) compilados pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) mostram que o volume financeiro de novos empréstimos com margem livre caiu 23% entre 2022 e 2023, sem contabilizar os refinanciamentos. Neste ano, até maio, último dado disponível, a queda continua: 11% ante o mesmo período do ano passado. Ou seja, as concessões seguem em queda mesmo diante de uma redução forte no ano anterior.

Os números do Banco Central, que consideram os refinanciamentos, também mostram queda em 2023, de 3,2%, mas apontam recuperação até maio deste ano. Considerando o saldo total da modalidade, o crescimento em 2023 (6%) foi o menor da última década, segundo as estatísticas do BC.

O primeiro corte na taxa de crédito consignado do INSS ocorreu em março de 2023. Naquele mês, o Conselho Nacional de Previdência Social (CNPS) reduziu o teto de 2,14% para 1,70% ao mês. O conselho tem 15 cadeiras, das quais seis são ocupadas pelo governo, seis por representantes dos trabalhadores ativos e inativos e três por membros dos empregadores. Como resposta, os bancos em bloco, inclusive Caixa e Banco do Brasil, suspenderam a oferta do crédito na época, e forçaram o presidente Luiz Inácio Lula da Silva a arbitrar uma nova taxa, de 1,97%.

Em agosto, junto com a primeira queda da Taxa Selic, a redução do teto foi retomada e passou a seguir os movimentos dos juros básicos da economia. Em maio, a Selic caiu pela última vez, para 10,5% ao ano, enquanto o teto do consignado chegou a 1,66% ao mês (21,84% ao ano).

O economista Michael Burt, da LCA Consultores, destaca que, mesmo depois do "meio-termo" encontrado na taxa em março do ano passado, os níveis de concessão se mantiveram baixos nos meses seguintes. Em agosto, por sua vez, começaram uma retomada, na medida em que a primeira queda da Selic foi acompanhada também pela redução dos custos de captação.

— Aparentemente, a retomada no fim do ano passado deve ter sido beneficiada pela redução dos custos de captação dos bancos, o que permitiu operar com juros menores. Neste ano, com a elevação dos custos de captação e a fixação de um teto de juros, os bancos devem ter segurado a concessão para certos tipos de clientes.

EDILSON DANTAS/9-1-2023

Redução. Lupi, ministro da Previdência: oito cortes no teto do consignado

REPASSE DOS GANHOS

Burt nota a distância entre a queda da taxa do consignado para os aposentados em relação aos juros de todas as modalidades para pessoa física no crédito livre. A taxa média no consignado do INSS desabou 20% desde fevereiro do ano passado, enquanto o geral caiu 10%.

O ministro da Previdência, Carlos Lupi, nega que haja queda nas concessões. Em sua avaliação, é preciso contar o "troco", quando o beneficiário que já tem um empréstimo, mas ainda tem margem a ser descontada, pede um crédito extra ao banco. Além disso, o ministro avalia que a diferença do teto para a Selic hoje é suficiente para cobrir o risco da operação, considerando a garantia do débito em folha.

— Temos hoje 16,5 milhões de beneficiários com empréstimos. Só que se transformam em 38 milhões de empréstimos diferentes. Quando faltam menos de dois meses para pagar, os bancos ligam e dizem que vão colocar mais R$ 5 mil na conta. A pessoa nunca deixa de ficar devendo — disse, em entrevista ao GLOBO no fim de junho.

Para embasar o argumento, o Ministério da Previdência comparou o número de operações entre março de 2023 — mês no qual os bancos suspenderam a oferta por pelo menos 12 dias — com o mesmo período deste ano. Os dados mostram que houve aumento de 38% nos empréstimos com margem livre, menor do que o avanço de 228% do refinanciamento e de mais de 540% da portabilidade seguida de refinanciamento. No total, sem considerar a portabilidade "pura", que é apenas um rouba-monte, as operações dobraram.

"Não há que se falar em restrição ao crédito nesse contexto, especialmente considerando que as operações somente são realizadas de mútuo acordo entre devedor e credor", disse a pasta em nota. "Desde o início da última sequência de redução da taxa Selic por parte do Banco Central do Brasil, as proposições deste Ministério tiveram como objetivo transferir aos aposentados e pensionistas os ganhos observados com a redução do teto de juros."

O ministério destacou ainda que atendeu a demanda da Febraban e da Associação Brasileira de Bancos (ABBC) em dezembro do ano passado e passou a considerar a redução mensal da Selic, não a anual. O setor bancário argumenta que adotar o movimento da Selic como critério para ajustar o teto do consignado é um erro, uma vez que o custo de crédito segue a curva futura de juros, que não necessariamente tem um comportamento determinado pela Selic. Executivos defendem que a Selic seja apenas um gatilho para a reavaliação do teto, para que não haja risco de a taxa ficar parada muito tempo.

CUSTO MAIOR QUE LUCRO

Como não podem ultrapassar o teto de juros, o espaço para ganho dos bancos diminui à medida em que o custo de captação aumenta. Cálculo da Tendências Consultoria indica que, em abril e maio deste ano, o valor que os bancos pagaram para captar recursos para os empréstimos superou o *spread*, que embute, por exemplo, a margem de lucro da operação, o risco de inadimplência e o custo de impostos. Ou seja, o custo de captação superou o ganho com as operações.

Diante dos números, Isabela Tavares, especialista de crédito na Tendências, afirma que podem ter outros fatores que explicam a queda da concessão do consignado, mas indica que os juros parecem ser impeditivos. Segundo a economista, esse cenário gera, no mínimo, uma maior seletividade do sistema financeiro para emprestar. No limite, pode travar o mercado.

— O custo de captação do consignado INSS está maior que o *spread* da modalidade nos últimos dois meses (abril e maio). Isso mostra que o custo dos bancos está maior do que o que ganham com o empréstimo. Está inviável fazer a operação, isso acaba travando a maior oferta — diz.

Para ela, o crédito como um todo foi um importante propulsor da economia no começo deste ano, para o consumo das famílias, mas há um alerta:

— Há um risco de travar essa oferta e isso bater no consumo e no PIB de maneira geral. Pode não chegar neste patamar, mas os bancos podem ficar mais seletivos.

Fernando Perrelli, presidente da fintech BYX, afirma que a intenção do governo é boa ao atrelar o teto do INSS à Selic, mas não necessariamente traz alinhamento com o custo do dinheiro.

— Acaba acontecendo um movimento de bancos médios e pequenas instituições perdendo espaço para grandes, que têm o custo de dinheiro mais barato.

"O custo dos bancos está maior do que o que ganham com o empréstimo. Está inviável fazer a operação"

Isabela Tavares, especialista da Tendências

"As proposições tiveram objetivo de transferir a aposentados e pensionistas os ganhos com a redução do teto"

Ministério da Previdência

"Com a elevação dos custos de captação, os bancos devem ter segurado a concessão para certos tipos de clientes"

Michael Burt, economista da LCA

"Acontece um movimento de bancos médios e pequenas instituições perdendo espaço para grandes"

Fernando Perrelli, presidente da BYX

oglobo.com.br/economia
economia@oglobo.com.br

Novos ares para a primeira infância

O investimento na primeira infância —período que abrange os primeiros seis anos de vida—é uma das estratégias mais eficazes para reduzir desigualdades intergeracionais, com impactos positivos e longevos em indicadores sociais e econômicos. Há sólida evidência científica sobre isso e, de tão enfatizado, esse argumento tornou-se praticamente consensual. Mesmo assim, ainda estamos longe de garantir o atendimento adequado a essa população. Entre a teoria e a prática, há um longo caminho que depende de recursos suficientes e competência técnica para viabilizar políticas públicas bem desenhadas e implementadas em todo o território nacional.

Recentemente, demos mais um passo importante com o decreto, assinado pelo presidente Lula no mês passado, que cria as bases para a Política Nacional Integrada de Primeira Infância (PNIPI). Resultado de propostas feitas pelo grupo de trabalho sobre o tema no Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável, a política acerta —entre vários pontos —no diagnóstico de que é preciso um esforço coordenado de União, estados e municípios, com ações articuladas em diferentes setores (saúde, educação, assistência social...) e foco no combate às desigualdades.

Um exemplo prático de ação proposta no documento que embasou a nova política é a criação de uma base de dados unificada, com informações de diversas áreas —como assistência social, saúde, educação, justiça, direitos humanos etc. —o que pode ser desdobrado em um Sistema de Informação Integrado da Primeira Infância. Essa medida é importante, pois, entre outros motivos, permite uma maior integração entre os serviços ofertados para as crianças nos municípios e estados. Outro ponto relevante é que, para que a PNIPI seja bem implementada, é fundamental que o regime de colaboração seja consolidado entre as três esferas de governo, aprimorando as políticas setoriais a partir da criação de uma governança interfederativa.

Outra ação promissora proposta no documento que embasou o decreto é o fortalecimento da comunicação com as famílias. Evidências da avaliação de impacto dos programas mais eficazes na primeira infância reforçam o quão importantes são o apoio e a orientação aos cuidadores. Oferecer serviços públicos de qualidade é fundamental, mas o atendimento em creches, postos de saúde ou centros de assistência social será potencializado caso mães, pais e outros responsáveis incorporem em sua rotina ações muitas vezes simples — que estimulem o desenvolvimento infantil. Paralelo a isso, a conscientização dessa população a respeito de seus direitos tende ainda a facilitar o acesso a serviços públicos essenciais.

> *Priorizar a infância é um caminho para o desenvolvimento sustentável, dinâmico e equitativo*

Apesar de estarmos ainda em patamares insatisfatórios na garantia de direitos dessa população, é importante reconhecer avanços no período da redemocratização. Nossa taxa de mortalidade na infância, segundo o Unicef, caiu de 63 para 14 mortes por mil crianças até 5 anos de idade entre 1990 e 2022. Entre 1989 e 2023, o percentual de crianças de zero a 3 anos atendidas em creches aumentou de 5% para 39%, de acordo com o IBGE.

Ainda assim, as desigualdades seguem brutais. Levantamento do movimento Todos Pela Educação mostra, por exemplo, que entre os 20% mais ricos, 56% das crianças frequentam creches e apenas 7% não estão matriculadas por dificuldade de acesso. Entre os 20% mais pobres, a taxa de acesso cai para 31%, e a de não matrícula por dificuldade de acesso vai a 28%.

A desigualdade é também significativa a partir de um recorte intergeracional. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, do IBGE, 45% das crianças de 0 a 5 anos viviam em domicílios com renda mensal per capita inferior a meio salário mínimo. Entre adultos, essa proporção é de 27%. Ou seja, a pobreza é mais intensa na infância.

O descaso com a população infantil mais vulnerável cobra de todos os brasileiros um alto preço. Olhando para o futuro, a estrutura populacional cada vez mais envelhecida exigirá do país uma qualificação melhor dos trabalhadores em idade ativa. A queda nas taxas de fecundidade, por um lado, facilita o investimento per capita na infância, mas, por outro, traz riscos de, mais uma vez, essa população não ser priorizada no orçamento público.

Investir na primeira infância é, sobretudo, um imperativo ético para garantia de direitos básicos dessa população. Mas é, também, uma decisão econômica racional, consistente e acertada. Priorizar a infância — um ato de amor e razão, uma escolha pela justiça e eficiência, um caminho para o desenvolvimento sustentável, criativo, dinâmico e equitativo.

Debêntures incentivadas são as novas 'queridinhas'

Captações disparam 653,8%, e estoque em junho chegou a R$ 266 bilhões. Enquanto isso, LCIs e LCAs patinam

Valor investe
BEATRIZ PACHECO
economia@oglobo.com.br

As debêntures incentivadas estão se tornando as "queridinhas" dos investidores na renda fixa privada. Elas são títulos de dívidas de empresas cuja captação está atrelada a projetos de infraestrutura. Por esse motivo, são isentas de tributação — daí o "incentivadas" —, seu principal chamariz. Por outro lado, as ofertas de Letras de Crédito Imobiliário (LCI) e Agrícola (LCA) vão minguando, consequência da alteração das regras pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) em fevereiro.

Além das novas regras para seus concorrentes (LCIs e LCAs), o governo quer estimular o financiamento a setores de infraestrutura. Por isso, o ritmo de emissões e captações na classe deve acelerar nos próximos anos.

—Há um potencial trilionário para investimentos, porque existe um déficit de financiamento desses projetos. Somente os bancos não conseguem atender à necessidade de crédito do setor. Então, a tendência é o mercado de capitais ganhar relevância como fonte de recursos dessa indústria — explica Marcelo Michaluá, diretor-presidente (CEO) da RB Capital.

De acordo com dados levantados pela B3 a pedido do Valor Investe, os volumes registrados na Bolsa de novas emissões de LCIs caíram 59% entre janeiro e junho, de R$ 30,7 bilhões para R$ 12,6 bilhões. Nas LCAs, houve recuo de 47,7%, de R$ 44,7 bilhões para R$ 23,4 bilhões.

As debêntures incentivadas vão no sentido inverso. Dados da Anbima, associação que representa entidades do mercado financeiro, mostram que os volumes captados deram um salto de 653,8% este ano, de R$ 2,6 bilhões em janeiro para R$ 19,6 bilhões em junho. O último montante registrado é o maior para um só mês desde o início da série histórica, em 2018.

—Neste momento, as empresas passaram a entender o mercado de capitais como uma fonte eficaz de financiamento dos projetos de infraestrutura. Por isso, aumentaram as perspectivas para emissões de debêntures incentivadas —diz Michaluá.

As ofertas desses papéis saltaram 300%, de oito para 32 emissões, de janeiro a junho.

Já o crescimento dos estoques de LCIs e LCAs observado desde 2020 foi interrompido em fevereiro deste ano, quando as regras mudaram. Somados, os estoques de LCIs e LCAs caíram de R$ 762 bilhões no fim de janeiro para R$ 749 bilhões no fim de maio, última atualização do censo do Fundo Garantidor de Créditos (FGC), um recuo de 1,7%.

Fonte: FGC e Anbima | *Dado do LCI e LCA ainda não divulgado pelo FGC

EDITORIA DE ARTE

INVESTIR POR FUNDOS

O estoque das debêntures incentivadas, por outro lado, cresceu 19,4%, de R$ 209,7 bilhões para R$ 250,4 bilhões, segundo a Anbima. No fim de junho, o montante alocado na classe alcançou R$ 266,7 bilhões.

Beto Saadia, economista e diretor da Nomos, destaca que as captações dos fundos focados em debêntures incentivadas batem sucessivos recordes desde fevereiro. De acordo com a Anbima, investidores aportaram R$ 53,2 bilhões a mais do que sacaram dos fundos de renda fixa de infraestrutura no acumulado do ano até maio.

O número de fundos do tipo subiu de 459 em janeiro para 698 em maio, e a quantidade de contas nesse segmento saiu de 291,5 mil para mais de 524 mil, aumento de 80%.

— A popularidade desses fundos está associada ao fato de serem um meio para que mesmo o investidor pouco familiarizado com as debêntures incentivadas possa se expor a elas —diz Saadia.

> *"As empresas passaram a entender o mercado de capitais como uma fonte eficaz de financiamento dos projetos de infraestrutura"*
>
> **Marcelo Michaluá,** diretor-presidente da RB Capital

> *"A popularidade desses fundos está associada ao fato de serem um meio para que mesmo o investidor pouco familiarizado com as debêntures incentivadas possa se expor a elas"*
>
> **Beto Saadia,** economista e diretor da Nomos

E esse interesse foi despertado porque as restrições impostas pelo CMN para elegibilidade de lastros e o alongamento dos prazos de vencimentos nas LCIs e LCAs estrangularam suas emissões. Conforme esses títulos vencem e há menos oferta no mercado, investidores têm dificuldade de renovar alocações na classe.

— Essa nova demanda fomenta a oferta, o que deve fazer com que os volumes de alocação e as emissões na classe aumentem —diz Michaluá.

O executivo da RB Capital conta que o seu fundo de debêntures de infraestrutura triplicou o montante de ativos sob gestão desde fevereiro.

ENTENDA AS DIFERENÇAS

As letras de crédito e as debêntures incentivadas compartilham preferência no gosto de investidores por serem papéis de renda fixa privada que se beneficiam da isenção de Imposto de Renda. Mas as semelhanças param aí.

LCIs e LCAs, como títulos de dívidas bancárias, representam o risco associado ao balanço do banco que emitiu aquele papel. Já a debênture incentivada tem seu risco ligado ao projeto que a captação vai financiar.

As letras de crédito também costumam ser instrumentos de curto prazo, atualmente com vencimentos mínimos de nove meses para LCAs, e de 12 meses para as LCIs.

Já as debêntures incentivadas são papéis de longa duração. O prazo médio de vencimento dos títulos da classe emitidos entre janeiro e junho é superior a 11 anos, de acordo com dados da Anbima. Por isso, pagam taxas maiores.

Nada impede, no entanto, que o investidor se desfaça das debêntures incentivadas a qualquer momento. Elas giraram R$ 120,4 bilhões no mercado secundário entre janeiro e junho. Os 15 títulos mais líquidos movimentaram, em média, R$ 2 bilhões e negociaram 2 milhões de papéis.

— As debêntures incentivadas de emissores com notas de crédito altas têm alto fluxo de negociação. A classe está entre as mais líquidas do mercado secundário, mas ainda fica à mercê da demanda de investidores. Não se comparam, nesse sentido, a LCIs e LCAs, que podem ter liquidez diária garantida pela operação de tesouraria do banco —pondera Michaluá.

Para Odilon Costa, chefe de renda fixa da SWM, o investidor precisa ter dois pontos em mente ao avaliar debêntures incentivadas: conjuntura econômica e análise fundamentalista.

—Com os juros reais elevados no país, é mais interessante comprar títulos atrelados no curto e médio prazos. São instrumentos que protegem a carteira do efeito da inflação e mitigam o risco de piora do cenário fiscal. Além disso, esses ativos são menos impactados pela flutuação do mercado —afirma Costa.

É HORA DE ENTRAR?

No aspecto fundamentalista, o investidor deve estar atento ao risco de crédito oferecido pelo emissor e pelo projeto que será financiado pelo papel. Então, deve avaliar qual é a remuneração paga acima do título público comparável (indexado à inflação e com prazo de vencimento próximo ao da debênture incentivada).

—Os títulos públicos pós-fixados estão pagando IPCA mais 6%, de maneira geral, o que vira um retorno perto de IPCA mais 4,2% após a tributação. Já as debêntures incentivadas de baixo risco estão pagando IPCA mais 6,4% a 6,6%. Como são isentas, em termos líquidos, a diferença de rentabilidade pode ser mais interessante —diz Costa.

É hora, então, de entrar nas debêntures incentivadas?

A resposta depende, como sempre, do perfil de cada investidor, se mais ou menos conservador. A partir daí, é preciso avaliar se o prêmio oferecido faz sentido em relação ao risco. E, nunca é demais dizer, tanto em ações como na renda fixa, é preciso diversificar para evitar sustos.

Leia outras reportagens sobre finanças pessoais e investimentos no site www.valorinveste.com

ALTA LETALIDADE

Polícia de Angra dos Reis é a segunda que mais mata no país

BRUNA MARTINS
bruna.silva@oglobo.com.br

A paradisíaca Angra dos Reis, na Costa Verde, convive cada vez mais com a violência. Para combatê-la, as forças de segurança estaduais têm investido num trabalho ostensivo, cujos resultados têm se refletido na letalidade policial. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, a cidade tem a segunda polícia que mais mata no país, com taxa de 42,4 por 100 mil habitantes, ficando atrás apenas de Jequié, na Bahia (46,6). Em 2023, foram 71 registros, ou 63,4% do total de mortes violentas.

Parte dos confrontos acontece em comunidades divididas pela BR-101. Dados de 2010 do IBGE revelam que naquele ano havia ao menos 37 favelas em Angra. A sensação de insegurança é observada de forma diferente pelos 167 mil moradores do município.

Cidadãos de diferentes regiões da cidade dizem que o cenário melhorou nos últimos anos. Os tiroteios quase não são mais ouvidos, assim como não é comum ver traficantes andando armados ou barricadas em partes mais baixas das comunidades. Os patrulhamentos da polícia e a presença de UPPs também são elogiados.

SENSAÇÃO DE MEDO

No entanto, os relatos divergem entre aqueles que presenciaram a violência policial. Camila (nome fictício) nasceu no bairro Areal e, em dezembro de 2020, viu a casa onde morava com o marido e o filho recém-nascido ser invadida por policiais armados com fuzis.

— Levantei para ver o que estava acontecendo e vi um policial no corredor entre o quarto e a sala, outro na janela da sala, um do lado de fora e mais um mexendo nas fotos que estavam num móvel. Ele pegou a foto da minha família e saiu. Voltou 30 minutos depois perguntando se eu tinha visto alguma coisa, se alguém tinha entrado na minha casa. Eu fiquei com tanto medo que não conseguia falar nada. Acho que ele precisava de mandado para estar ali, né? Achei que fossem me matar — conta.

Depois do ocorrido, Camila mudou de bairro e diz estar traumatizada até hoje com a situação.

Rafaela (nome fictício) relata experiências parecidas no Bracuí, onde nasceu e mora com a família. Ela narra ter sido agredida por policiais diversas vezes e que, devido à atuação do tráfico no local, a região convive semanalmente com incertezas quanto a operações. No mês passado, segundo ela, um caveirão ficou sete dias estacionado num dos pontos da comunidade. Os moradores deixaram de sair de casa, e o comércio passou a fechar às 19h. Ela também comentou sobre a morte de um primo de 15 anos em confronto com a polícia em 2020.

— Ele era da vida errada, mas não justifica como as coisas aconteceram. Ali no Bracuí a gente é esculachado todo dia pelos policiais. Eles já chegam xingando os moradores, agredindo, ameaçando, entrando nas casas, mas a gente não aguenta quieto também. Quando tem operação, dá para ver que já vai ter morte, é sangue nos olhos mesmo. A gente fica lá, não pensa em sair porque é onde está a nossa família. E não temos para onde ir.

O aumento da letalidade coincide com o período de migração de traficantes e milicianos para Angra. Segundo Daniel Hirata, coordenador do Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos (Geni), da UFF, o combate policial aos grupos criminosos, a partir de 2018, assumiu um caráter mais ostensivo, o que refletiu no número de mortes em confronto.

— Houve uma migração, nos últimos seis anos, de grupos armados da capital para aquela região, tanto de facções do tráfico de drogas como também de grupos milicianos. Como é esperado, a reação das autoridades políticas e policiais assumiu um papel mais repressivo e pouco investigativo, o que ajuda a entender por que atualmente a polícia ocupa essa posição no ranking do anuário.

André Rodrigues, coordenador do Laboratório de Estudos sobre Política e Violência, da Universidade Federal Fluminense (UFF), diz que a sensação de segurança em Angra está ligada ao perfil de combate da polícia, o que não reflete em mais tranquilidade para o município, que está entre as 50 cidades mais violentas, segundo o anuário.

— Angra tem alta taxa de letalidade violenta, ou seja, não é segura do ponto de vista dos indicadores de segurança. Então, essa impressão de tranquilidade tem a ver, inclusive, com esse processo de policiamento baseado em operações e brutalidade, o que gera essa sensação de combate ao crime. É muito comum a ostensividade ser usada como resposta, o senso comum acredita que as mortes de criminosos são benéficas, mas as pesquisas mostram o contrário. A falta de controle sobre a força policial instiga a criminalidade, a compra de armas, uma organização maior das facções. Trabalhos de inteligência, com menos mortes, são mais eficazes na dissolução desses grupos.

PREFEITO NÃO VÊ PROBLEMA

A fama da polícia de Angra, explica o prefeito Fernando Jordão (MDB), não é um problema no município.

— A gente tinha muito roubo de carro, assaltos. Agora, os índices melhoraram, a sensação de segurança é alta. A gente parabeniza o trabalho das polícias. Quem mora aqui com certeza está muito feliz. A gente sempre sente quando alguém morre, seja quem for, mas acontece, principalmente durante os confrontos. O ideal seria que os conflitos não acontecessem, mas a realidade do estado não é essa.

Jordão também era o prefeito de Angra em 2018. Em fevereiro daquele ano, ele chegou a solicitar ao então presidente Michel Temer apoio da Força Nacional e do Exército para reforço na segurança da cidade. Além disso, se comprometeu a comprar 20 carros para a Polícia Militar e a aumentar o efetivo de agentes por meio do Programa Estadual de Integração na Segurança.

Dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) mostram que, de 2018 a 2023, houve 304 mortes pela polícia em Angra. Somente naquele ano, foram registrados 51 casos, 25 a mais do que no anterior. Depois, o valor se manteve, com pequena queda em 2020 e 2021, na pandemia, quando 40 e 34 mortes foram notificadas, respectivamente. Em 2022, foram 58.

Segundo Cecília Ollveira, diretora-executiva do Instituto Fogo Cruzado, a permanência da elevada letalidade policial em Angra mostra as limitações do estado no combate ao tráfico de drogas.

— Em Angra, vemos de maneira muito nítida o que uma política de segurança pública despreparada causa. Há anos, a cidade tem sido cenário de disputas entre facções do tráfico. A alta letalidade policial na região mostra mais uma vez que a polícia do estado não sabe como combater o tráfico na região, ou finge não saber e se omite. Quando falta preparo policial, a solução é o confronto.

Em nota, o governo do estado afirmou que "as polícias Militar e Civil vêm atuando de forma integrada, com ostensividade e inteligência, para aumentar a segurança da população". Além disso, destacou que houve queda de 36,5% na letalidade violenta, em relação ao mesmo período do ano anterior.

FABIANO ROCHA

Alto índice de letalidade. Viatura da polícia patrulha a entrada do morro Camorim Grande, em Angra dos Reis

MORTES DECORRENTES DE INTERVENÇÕES POLICIAIS (MDIP) EM 2023

As dez cidades com mais de 100 mil habitantes com taxas mais elevadas

MUNICÍPIO	TAXA	MDPI	% MORTES PELAS FORÇAS POLICIAIS DO TOTAL DE MVI
1. Jequié (Bahia)	46,6	74	55,2
2. Angra dos Reis (Rio de Janeiro)	42,4	71	63,4
3. Macapá (Amapá)	29,1	129	40,8
4. Eunápolis (Bahia)	29	33	41,3
5. Itabaiana (Sergipe)	28	29	63
6. Santana (Amapá)	25,1	27	27
7. Simões Filho (Bahia)	23,6	27	31
8. Salvador (Bahia)	18,9	457	30,6
9. Lagarto (Sergipe)	18,7	19	54,3
10. Luís Eduardo Magalhães (Bahia)	18,5	20	39,2

Fonte: Análise produzida a partir dos microdados dos registros policiais e das Secretarias estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024

CLIMATEMPO

‘Fico mais tranquila porque a Justiça será realizada’

Viúva de fisioterapeuta atropelado no Recreio após o casamento nega ao Fantástico versão de que motociclista teria desequilibrado a vítima, empurrando-a para a frente do carro. Ela corroborou o que disse outra testemunha

ISABELLE RESENDE
isabelle.silveira@oglobo.com.br

Em entrevista ao "Fantástico", no primeiro pronunciamento após a perda do marido no dia do casamento, Bruna Villarinho Toshiro negou que o noivo tenha sido empurrado por um motociclista para a frente do carro do influenciador digital Vitor Vieira Belarmino, segundos antes do atropelamento. A declaração da viúva corrobora a versão apresentada pelo motoboy Francisco Júnior à policia. Quinze dias depois da tragédia, Bruna falou sobre como está lidando com a perda do marido e disse acreditar na Justiça. O acidente que terminou com a morte do fisioterapeuta Fábio Toshiro Kikuda aconteceu no dia 14 de julho, na Avenida Lúcio Costa, no Recreio dos Bandeirantes.

—A gente saiu do hotel e já viu que a pista estava tranquila. A gente atravessou a primeira pista e aí... Ele já não estava mais do meu lado. Quando eu olho, ele estava lá em cima, já no ar. Pelo barulho, deve ter sido na hora que o carro o levantou e ele caiu. Eu comecei a gritar. Só vi um motoqueiro passando por mim, falando, eu vi quem foi, eu vou atrás. Eu só vi o carro branco. Pelo barulho de aceleração, eu vi que era um carro muito potente. Eu vi que deu uma ligeira encostada, só que depois saiu arrancando de novo — relatou Bruna.

Testemunha do caso, Francisco é o motoqueiro flagrado na cena do atropelamento, reduzindo a velocidade para o casal que atravessava a avenida em frente ao Hotel C Design. Em seu depoimento à 42ª DP (Recreio), o motoboy conta que estava fazendo uma entrega quando viu um casal atravessar a via em direção à praia. Ele reduziu a velocidade e, quando Toshiro e a esposa passaram, Francisco ouviu "um barulho forte" e viu que o pedestre havia sido atropelado por "um veículo de cor branca", um "esportivo conversível". O susto dele foi ver o corpo do fisioterapeuta bater no capô do carro, um BMW, e cair dentro do veículo, que estava sem a capota.

A defesa do influenciador digital, que continua foragido, alega que o acidente teria sido provocado pelo motociclista, que ao passar muito próximo do casal, teria desequilibrado Toshiro, jogando a vítima para cima do carro de Vitor. Mas tanto o motociclista quanto a viúva negaram essa versão. Questionada sobre uma possível interferência que tivesse feito com que Toshiro se desequilibrasse, Bruna negou.

BEATRIZ ORLE

Despedida. Bruna Villarinho (ao centro, de cinza) participou do velório de Toshiro na Ilha no último dia 15

—Não. Não senti absolutamente nada. Só foi mesmo na hora que o carro apareceu com velocidade, muito rápido, muito de repente.

Bruna disse que, apesar da dor da perda, sabe que o marido foi feliz até o dia do casamento e que confia na Justiça.

—Eu acho que ele foi feliz, porque realizou os nossos sonhos, conseguiu também falar para mim tudo aquilo que ele falou. Eu também. Realizei meu sonho com ele e consegui falar tudo para ele sobre momentos que a gente aproveitou e que vão ficar no meu coração e na minha mente para sempre. Fico mais tranquila que a justiça do homem, da polícia, do processo será realizada.

Chafariz histórico da cidade passará por restauração

Estrutura foi usada para abastecer a Zona Sul a partir do fim do século 18. Iniciativa privada assumirá manutenção após reforma

LUIZ ERNESTO MAGALHÃES
luiz.magalhaes@oglobo.com.br

Tombado pelo Iphan em 1938 por sua importância histórica, o Chafariz da Glória passará por uma restauração completa. Em fase de licitação, a obra deverá custar R$ 2,8 milhões, como parte de um plano para transferir a conservação da estrutura para a iniciativa privada quando a reforma for finalizada, o que deve levar cerca de 18 meses.

Em troca de assumir a conservação do espaço, a empresa selecionada poderá abrir um bistrô ou uma livraria num prédio de dois andares anexo ao monumento.

Originalmente, a estrutura serviu para abastecer parte da Zona Sul do Rio. A água era bombeada do Aqueduto da Carioca (Arcos da Lapa), por um sistema de bombas que ficava no prédio anexo, que hoje está sem qualquer uso.

O monumento foi inaugurado em 1772. Alguns historiadores acreditam que seja o mais antigo existente na cidade. Outros do gênero acabaram demolidos nas várias intervenções urbanas realizadas na cidade num período de mais de 200 anos.

—A ideia é devolver um patrimônio histórico para o Rio, ajudando a revitalizar a área. E (com a concessão) impedir que seja vandalizado — diz o presidente da Cedae, Aguinaldo Ballon.

A última grande reforma ocorreu em 2012, mas a estrutura tem enfrentado atos de vandalismo nos últimos anos. Parte das peças que eram de bronze foi furtada. Uma das rosáceas (estrutura decorativa que permite a passagem de luz) desapareceu. Outra intervenção será o restauro de uma placa em homenagem ao Marquês do Lavradio, que era vice-rei — representante de Portugal — no período colonial quando o chafariz foi concluído.

—O Iphan autorizou que nessa reforma usemos materiais alternativos, sem valor comercial, para tentar evitar a depredação — explicou Mayra Bielschowisky, gerente de projetos técnicos da Cedae.

LEO MARTINS

Patrimônio. Cedae fará licitação para restaurar e manter Chafariz da Glória

Leitores

MENSAGENS CARTAS@OGLOBO.COM.BR

As cartas, contendo telefone e endereço do autor, devem ser dirigidas à seção Leitores. O GLOBO, Rua Marquês de Pombal 25, CEP 20.230-240. Pelo fax, 2534-5535 ou pelo e-mail cartas@oglobo.com.br

Divino acaso

Apesar do meu ateísmo cético, às vezes parece que o acaso realmente conspira para traçar linhas improváveis para produzir efeitos impensáveis. Ou não foi isso que aconteceu na corrida eleitoral americana? Primeiro, Biden tem um surto caótico em frente a Trump; a seguir , um maluco tenta matar o republicano, erra e o leva à vitória inevitável. Aí, o orgulhoso Biden cede às pressões e renuncia a favor da sua vice, Kamala Harris. E tudo vira na eleição: em pouco tempo, Kamala se torna a queridinha da nação e embala num crescendo que a torna imbatível. Ou seja, tudo aconteceu no tempo certo, como se tivesse sido planejado para projetar um resultado que não há mais como mudar. Quem um dia iria imaginar que uma mulher, negra, filha de imigrantes, ou seja, tudo que a extrema direita odeia e sonha eliminar ou subjugar, pudesse derrotar o líder máximo do obscurantismo retrógrado e terraplanista? Só espero que não tenhamos mais que depender do acaso para ter um mundo mais inteligente e melhor para todos os humanos, e não para uma elite egoísta e indiferente à miséria e à infelicidade da maioria.

JORGE GRAÇAS
RIO

Enquete

Em quem você votaria nas eleições americanas? Em quem transmite otimismo, alegria e uma administração para todos ou uma pessoa de cara amarrada que é contra gays, contra refugiados e que parece o personagem Rabugento?

LUIZ CARLOS MACEDO
RIO

Caos absoluto

A reportagem "A batalha das ruas" (28 de julho) retrata fielmente uma problemática que só tende a aumentar, já que cresce o número de motocicletas no trânsito do Rio. Entendo que o crescente número de acidentes é mais devido à maneira irresponsável e inconsequente com que muitos motociclistas conduzem seus veículos, especialmente os entregadores. Avançam semáforos, trafegam em alta velocidade pela contramão, em zigue-zague, sobre as calçadas. E tudo isso com a total complacência dos órgãos que deveriam fiscalizar tais práticas, hoje totalmente desaparecidos das ruas do Rio. Um caos absoluto. O resultado é o que a reportagem muito bem demonstra: o aumento do número de acidentes com motos.

PAULO FERNANDO R. DA CRUZ
RIO

A matéria do GLOBO deveria ser lida pelas autoridades de segurança de Niterói, cidade onde o que mais se vê são motos sem placas, sem silenciosos, faróis apagados, com garupas, e voando nas calçadas ameaçando idosos, carrinhos de crianças. A moto com garupa é proibida em várias cidades, como, por exemplo, Guaiaquil, no Equador. Motivo óbvio: um bandido pilota, e o garupa armado assalta. Lá, a polícia baixou os índices permanentes de criminalidade asfixiando as motos fazendo blitzes 24h por dia. Na contramão do bom senso, Niterói estimula mototáxi e ignora a barbárie das motos barulhentas e ilegais. E a PM da cidade é a mesma que aparece na reportagem. Podia visitar a Cidade Sorriso.

ANTONIO FARIAS
NITERÓI, RJ

Andanças pelo Rio

Agualusa escreve "Exercícios de intuição" (27 de julho) após um corriqueiro encontro: "enquanto cumpria a minha caminhada vespertina, reparei num grupo de garotos. Avançavam, de olhos fechados, na minha direção. Hesitei. Olhei para todos os lados, procurando a realidade". Nascido, criado e vivendo no Rio de Janeiro, sua experiência, com um grupo de garotos vindo em sua direção, foi para mim um verdadeiro refrigério: não se constata qualquer preocupação com segurança, ao contrário do que seria esperado por aqui, seja por preconceito ou justificado mesmo. Da próxima vez que encontrar um grupo de meninos nas minhas andanças pelo Rio, uma rotina para qualquer carioca, vou me lembrar da sua coluna de hoje... e deixar medo e preconceitos de lado.

JOSE HADAD NETO
RIO

Parou por quê?

Concordo com carta de sábado sobre a decisão infeliz de acabarem com o metrô de superfície. Nossos governantes não pensam no bem-estar do povo. Por que acabar com esse serviço que funcionava tão bem? A quem interessa essa mudança? De certo, aos usuários é que não!

SÍLVIO PAES LIMA
RIO

Amargo complexo

Elio Gaspari merece a nossa admiração pelo conjunto de sua obra, fundamental quando relata os chamados "anos de chumbo". Contudo, "A festa de Paris será de todos" (28 de julho) faz en *passant* críticas à Olimpíada do Rio. Diz Gaspari que "o Rio fez a Olimpíada na Barra da Tijuca e deu no que deu". Mais adiante, arremata o texto: "É melhor fazer de conta que aquela Olimpíada não aconteceu". Como assim? A Olimpíada foi um sucesso em todos os quesitos relevantes. Em primeiro lugar, os Jogos transcorreram sem qualquer contratempo, com registros de recordes e presença maciça de público, com ótima repercussão mundial. Eu estive no local dos Jogos, como espectador, e pude testemunhar a boa organização e a adequação do espaço aos eventos. E, para o Rio, houve também legados permanentes. Ou alguém imagina que teríamos o metrô para a Barra se não acontecesse a Olimpíada aqui? Há outros legados como a reurbanização da Zona Portuária, criação de parques, quadras esportivas entre outras melhorias. Quanto ao aspecto financeiro, recentemente a FGV divulgou estudo segundo o qual os Jogos tiveram impacto positivo de R$ 99 bilhões para a capital fluminense. No Brasil, mesmo entre os seus mais bem-informados intelectuais, remanesce o amargo complexo de vira-lata.

LUIZ TAVARES PEREIRA FILHO
RIO

APLICATIVO O GLOBO

O app oferece funções que facilitam a navegação, além de unir todo o conteúdo on-line e impresso. Baixe agora ou atualize o aplicativo disponível na **Apple Store** e no **Google Play**

Menu de navegação

Como navegar
A tela inicial destaca o conteúdo on-line que pode ser atualizado

Em Biblioteca, as matérias salvas do aplicativo ficam guardadas

Em Banca, o leitor pode baixar a edição impressa em duas versões: jornal e texto

Em Editorias, o leitor consegue acessar suas seções preferidas

Ao clicar no símbolo, o leitor pode salvar uma matéria para leitura posterior

O time de colunistas do GLOBO está reunido em um único lugar no app

NEWSLETTERS

Política, economia, cultura, saúde, diversão: escolha os temas de sua preferência e inscreva-se em oglobo.globo.com/newsletter para receber uma seleção de conteúdo em sua caixa de e-mail

EXCLUSIVAS
Só os assinantes têm acesso a "Dois Minutos – Tarde" (um resumo do noticiário mais quente do dia) e "Clube O Globo" (que destaca ofertas e benefícios)

Clube O GLOBO EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

CONSULTE CONDIÇÕES DA OFERTA NO SITE CLUBEOGLOBO.COM.BR

DIVULGAÇÃO

Roupas e calçados para o Dia dos Pais

A Zattini, parceira do Clube O GLOBO, tem milhares de opções em produtos para o assinante: roupas, calçados e acessórios de marcas diversas. As compras e as entregas são feitas de forma rápida e confiável para todo o Brasil. O serviço tem o selo de qualidade do grupo Netshoes, amplamente conhecido pelos brasileiros. Na Zattini, descontos exclusivos esperam os membros do Clube. Com o Dia dos Pais à vista, assinante tem 20% de desconto em produtos da loja on-line, mediante a utilização do código promocional disponível em nosso site. Acesse e aproveite.

Hotéis no Rio, em Minas e Mato Grosso do Sul

A Promenade Hotelaria oferece experiências exclusivas para o assinante O GLOBO e seus familiares em sete de suas unidades localizadas pelo Brasil. Há opções de hospedagem confortável e exclusiva na Barra da Tijuca e em Itaguaí (RJ), Itaboraí (RJ), Campos dos Goytacazes (RJ), Belo Horizonte (MG) e Bonito (MS). Nelas, os membros do Clube tem 25% de desconto em reservas realizadas on-line, utilizando o código promocional disponível no site do Clube. Acesse, saiba mais detalhes e se prepare para aproveitar o benefício.

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

Adriana Calcanhotto em shows intimistas

As músicas de Adriana Calcanhotto, que já fazem parte das memórias pessoais (e coletivas) de milhões de ouvintes brasileiros, serão levadas por ela em shows intimistas ao palco do Blue Note Rio, em Copacabana, no mês que vem. Nos dias 8, 15, 22 e 29 de agosto (ou seja, a cada quinta-feira), a cantora e compositora apresentará a turnê "Ultramar" ao público da casa, referência dentro e fora do Rio em concertos ao vivo, principalmente ao som do jazz. As sessões acontecem às 20h e às 22h30m, com ingressos 30% mais econômicos para assinante O GLOBO. Acesse e saiba mais.

HÁ 50 ANOS

NYT: processo de impeachment de Nixon será aberto
29/7/1974

Cessar-fogo imediato em Moçambique

Nixon perderá na Câmara por 80 votos

Vasco x Cruzeiro é no Mineirão

O GLOBO

Impasse ameaça a paz em Chipre

Repúdio à expropriação de jornais

MDB carioca homologa seus candidatos

Liberdade para elogiar

Uma baixa perigosa

Fogo ameaçou um quarteirão em Niterói

O New York Times prevê a aprovação do julgamento político do presidente Nixon pela Câmara dos Representantes por uma maioria de 80 votos. Os oficiais portugueses Victor Crespo, Lopes Pires e Fernando Seabra, do Movimento das Forças Armadas responsável pela queda da ditadura em Portugal em 25 de abril último, já se encontram em Moçambique para instalar a Junta Militar cujo objetivo imediato é preparar o cessar-fogo e evitar a reação dos brancos que tentam implantar na província um governo ao estilo da Rodésia

LOTERIAS

LOTOFÁCIL (concurso 3.166): 3 . 5 . 6 . 7 . 11 . 12 . 13 . 14 . 16 . 17 . 18 . 20 . 22 . 23 . 24 . **QUINA** (concurso 6.492): 10 . 11 . 14 . 56 . 57 . **MEGA-SENA** (concurso 2.754): 10 . 14 . 44 . 55 . 56 . 58

O leitor deve checar os resultados também em agências oficiais e no site da CEF porque, com os horários de fechamento do jornal, os números aqui publicados, divulgados sempre no fim da noite pela CEF, podem eventualmente estar defasados.

NEGÓCIOS&LEILÕES

ROBERTO HADDAD
Em captação, últimos dias

SKYNESHER/GETTY IMAGES

Desempenho. Profissionais de alta performance são decisivos para o sucesso dos negócios

EMPRESAS FORMAM EQUIPES DE ALTA PERFORMANCE

Times integrados por profissionais especializados e com habilidades que se complementam contribuem de forma decisiva para os resultados do negócio

Razão de ser dos Jogos Olímpicos, o esporte pode servir de inspiração para empresas que buscam eficiência e lucratividade. Assim como os atletas, as equipes profissionais podem ter alta performance e contribuir de forma decisiva para o sucesso dos negócios. Entram em jogo: proatividade, espírito de colaboração, atitude resiliente, criatividade, engajamento e interesse permanente em aprender. Esses times devem ser preservados e valorizados, pois são muito disputados no mercado.

A preocupação com a manutenção de um clima positivo e a elevação do engajamento entre funcionários é grande em todo o mundo. Segundo o estudo "State of the global workplace", do Instituto Gallup, que ouviu trabalhadores de 142 países, apenas 27% deles sentem-se realmente engajados em seus empregos. O índice reflete aqueles que, de fato, estão empenhados e são altamente produtivos e comprometidos com os resultados.

A boa notícia para líderes e empregadores é que apenas 12% dos entrevistados responderam que são ativamente desengajados, o que significa que há muito espaço para elevar esses colaboradores a níveis mais altos. O estudo apontou ainda que, no Brasil, há 2,25 empregados empenhados para cada um sem envolvimento, o que representou um bom resultado em relação aos demais países latino-americanos.

O psicólogo Wanderley Cintra Junior, especializado em comportamento no ambiente de trabalho, diz que as empresas brasileiras têm muito a avançar em relação à formação de times de alta performance. Além de selecionar as pessoas certas para funções adequadas, é preciso adotar políticas de valorização dos colaboradores. Muitas vezes, é preciso até suprir deficiências de formação educacional, mas a melhor estratégia é manter o treinamento contínuo das equipes.

Segundo Cintra Júnior, empresas que investem constantemente em treinamento conseguem melhorar seus desempenhos significativamente. Além disso, a liderança exerce papel crucial ao espelhar boas práticas, fazer críticas sempre de forma construtiva e implementar políticas eficazes de incentivo para atrair talentos qualificados.

— Uma equipe se desmotiva quando não está no lugar certo, ou seja, quando suas habilidades e interesses não estão alinhados com as atividades que exerce. Uma pessoa comunicativa, que gosta de interagir, deve estar em ambientes em que possa expressar isso, trocando ideias — afirma.

Por outro lado, diz o psicólogo, uma pessoa que não é naturalmente criativa se sentirá desmotivada se for colocada em uma função que exige criatividade constante. Ele faz um alerta: a alta rotatividade é um sinal de que as coisas não andam bem no ambiente de trabalho.

ENGAJAMENTO & PERFORMANCE

Estudos da Gartner revelam que 83% dos "millennials" se engajam mais no trabalho quando a empresa tem iniciativas de diversidade e inclusão. A performance pode crescer até 30% em ambientes ricos em diversidade. Os dados são de 2023.

MODELO DE EXCELÊNCIA

Depois de passar por um processo de reestruturação, a Itabus Publicidade entendeu que seu investimento na reformulação interna não atingiria o impacto almejado sem a contratação de uma equipe nova de vendas qualificada no padrão de alta performance. Fez, então, um rigoroso processo seletivo neste ano e engajou o novo time em um modelo de excelência.

Os profissionais já chegaram à empresa com ampla carteira de clientes, mas precisaram compreender o novo planejamento estratégico, que incluía dar abertura para que todos propusessem novas ideias e soluções, vestissem a camisa da empresa e cultivassem os propósitos da marca.

— Uma consultoria analisou nossos processos de fora para dentro e vice-versa. Mas, para dar certo e a empresa ter o crescimento acelerado que espera, era preciso uma equipe de excelência. Fomos ao mercado para montar um time de alta performance e já sentimos crescer a demanda por propostas. Logo isso vai se refletir nas vendas — aposta Alessandra Scivoletto, diretora Comercial da Itabus.

Bons resultados é o que todos querem, mas o caminho a percorrer para aumentar o faturamento é longo. Para o CEO da consultoria Auddas, Julian Tonioli, as empresas devem estabelecer metas claras, desafiadoras e com transparência. Segundo ele, a melhor maneira de se reverter um quadro de baixo desempenho é começar pela definição do que se busca e pelo fortalecimento da cultura organizacional.

— Um planejamento com ações previstas e objetivos a serem alcançados ajuda muito. É preciso definir os objetivos e o comportamento esperados, ajustar a conduta das lideranças e, por último, recompensar aqueles que se alinham a esse cenário. Pessoas de alta performance gostam de atuar com pessoas de alta performance. Eliminar a leniência é uma forma de endereçar esse problema e reverter a situação — aconselha Tonioli.

Quadro de Pancetti está avaliado em R$ 500 mil

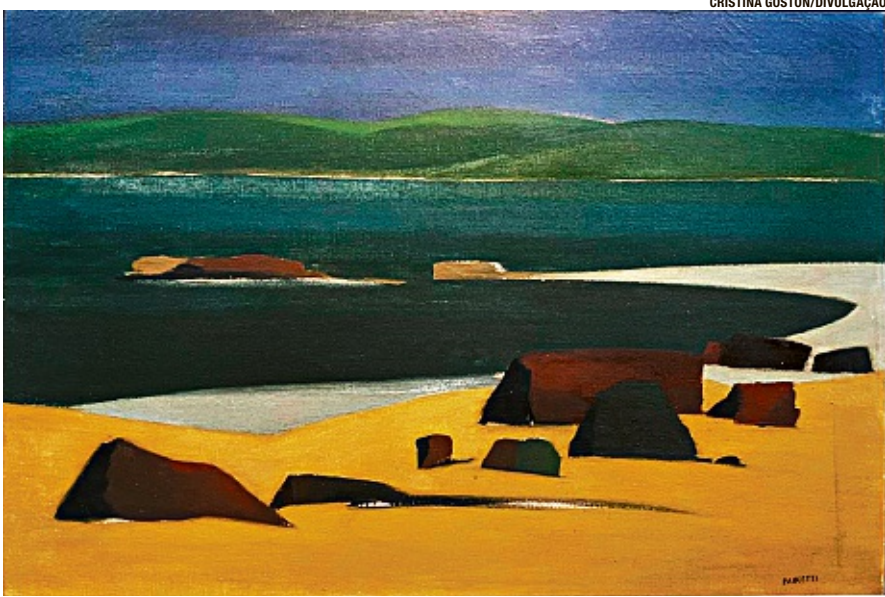
Agenda tem ainda imóveis residenciais no Rio e no interior, máquina industrial e veículos multimarcas

A exposição on-line de objetos de arte, peças de decoração e antiguidades que Cristina Goston organiza no sábado e na próxima segunda-feira, das 10h às 18h, movimenta a agenda da semana. São quase mil lotes que vão a leilão na semana que vem, com destaque para pinturas de José Pancetti (foto) e de Kannedy Bahia, esculturas e tapeçarias.

As ofertas de imóveis — apartamentos, casas, terrenos e lotes na capital e em municípios do interior do Estado do Rio — têm início hoje, às 10h, quando Paulo Botelho bate o martelo para apartamento na Barra da Tijuca (R$ 390 mil) e terrenos em Araruama (R$ 75 mil), Saquarema (R$ 150 mil) e Duque de Caxias (R$ 1 milhão). Nos mesmos dia e horário, oferece veículos, máquinas e equipamentos.

Ainda hoje, às 12h, Jonas Rymer estará à frente do pregão de prédio e terreno com 3,12 mil metros quadrados, em Benfica (R$ 2,1 milhões), apartamento em Botafogo (R$ 277,2 mil) e lote em São Gonçalo (R$ 87 mil).

Hoje, quarta e quinta-feira, às 14h, Rogério Menezes promove seus tradicionais leilões de veículos de marcas e modelos variados, com a oferta de 280 unidades de bancos e seguradoras. O primeiro leilão será on-line, os demais, on-line e presenciais.

CRISTINA GOSTON/DIVULGAÇÃO

"Paisagem de Itapua". Óleo sobre tela de 50 x 70cm, que foi da coleção de Gilberto Chateaubriand

Também hoje, no mesmo horário, De Paula comanda pregão de casa em Teresópolis (R$ 250 mil) e, logo depois, às 16h, de lote com sofás e máquina industrial de solda e serra circular (conjunto avaliado em R$ 35,5 mil). Amanhã, às 14h, oferta fazenda em Trajano de Moraes (R$ 1,074 milhão); às 15h30 e às 16h, veículos fabricados em 1994 e 1996 (R$ 4,25 mil e R$ 7,9 mil, respectivamente). Na quinta-feira, às 14h, casa de dois andares e três quartos em Teresópolis (R$ 250 mil).

Ao longo da semana, Roberto Haddad e Horácio Ernani estarão em captação de objetos de arte, peças de decoração, itens de colecionismo e antiguidades para suas próximas temporadas de leilões, em datas que ainda serão definidas.

ROGÉRIO MENEZES LEILOEIRO OFICIAL

WWW.ROGERIOMENEZES.COM.BR

(21) 3812-4300

SOMENTE ON-LINE | **PRESENCIAL E ON-LINE** | **LEILÃO JUDICIAL**

HOJE ▸ 29/07 às 14h — **60 VEÍCULOS**

Yelum seguradora — Allianz

QUARTA ▸ 31/07 às 09h — **MATERIAIS E EQUIPAMENTOS**

Microondas • Geladeira • Ar-condicionado • Cafeteira • Iphad • Iphones • Fogão • Entre outros

DIVERSOS COMITENTES

QUARTA ▸ 31/07 às 10h — GERADOR DE ENERGIA SOLAR FOTOVOLTAICO 7.7 KWP

▸ 14 PAINEIS FOTOVOLTAICOS JA SOLAR

▸ 4 INVERSORES DEYE KWP

BV banco

QUARTA ▸ 31/07 às 14h — **120 VEÍCULOS**

Santander — BV banco

QUINTA ▸ 01/08 às 14h — **130 VEÍCULOS**

Porto — Yelum seguradora — azul seguros — Allianz

PEUGEOT 208 ALLURE - 2015/2016

2ª PRAÇA 02/08 às 14:30

Lance inicial: R$19.800,00

▸ Renavam 01061117925, para consulta de débitos.

▸ O bem se encontra em posse do executado.

ENVIE-NOS A SUA MELHOR OFERTA DE PAGAMENTO À VISTA OU EM PARCELAS.

juridico@rogeriomenezes.com.br

PARCELE EM ATÉ 12x NOS CARTÕES DE CRÉDITO.

VISITAÇÃO NOS DIAS DOS LEILÕES A PARTIR DAS 8h ▸ LOCAL: AV. BRASIL, 51.467 - CAMPO GRANDE - RJ

COMPRO ANTIGUIDADES

40 anos de tradição

- Pratarias • Quadros nacionais e estrangeiros
- Esculturas de mármore e bronze • Porcelanas
- Marfins • Cristais • Galle • Dao.Nancy • Santos
- Bonecas de porcelana • Móveis antigos
- Moedas antigas • Tapetes Persas
- RELÓGIO DE PULSO DE BOLSO ANTIGO • BIJUTERIAS ANTIGAS

Pago na hora em dinheiro. Não venda sem nos consultar. Cubro oferta da concorrência. Ligue e marque sua visita! Obrigado pela preferência.

Atendemos Petrópolis, Teresópolis, Itaipava, Friburgo e todo o Grande Rio

Sr. Gelson

Rua Siqueira Campos, 143 – Loja: 111 Térreo - Copacabana

Tels: 2548 - 9683 / 2236 - 4770 / 99913-5443

Atendemos aos sábados, domingos e feriados

GRANDE LEILÃO DE PINTURAS, ESCULTURAS E MÓVEIS

Hoje dia 29/07 às 20 horas

DESTAQUES:

PINTURAS: Amilcar de Castro, Maurício Nogueira Lima, Palatnik, Wega Nery, Ianelli, Mabe, Claudio Tozzi, Pedro Américo, Antônio Parreiras, Scliar e outros.

ESCULTURAS: Franz Weissmann, Bruno Giorgi, José Resende, Amílcar de Castro, Ceschiatti, Sonia Ebling e outros.

MÓVEIS: Sergio Rodrigues.

Catálogo: www.gavealeiloes.com.br

Leiloeiro Severo Barbosa - Jucerja 302

e-mail: galeriagavea350@gmail.com

Endereço: Shopping da Gávea, loja 350

Tel: (21) 99725-8882 / (21) 3502-8883

Paulo Botelho LEILOEIRO PÚBLICO E RURAL

ATENÇÃO!

SEMANA NACIONAL DA EXECUÇÃO DO TRT/RJ

EXCELENTES OPORTUNIDADES ESTARÃO DISPONÍVEIS EM BREVE NO SITE:

WWW.PAULOBOTELHOLEILOEIRO.COM.BR

Informações: (21) 2509-2147 / 2508-7007 / 98562-9550

Andréa Diniz Leiloeira Pública Oficial — Jucerja 208

TOQUE DE CLASSE LEILÕES Arte e Antiguidades

EXPOSIÇÃO: Somente com agendamento

Dias 05 e 06 de Agosto de 2024

(Segunda e terça-feira) às 15:00 - online

www.andreadiniz.com.br

www.toquedeclasseleiloes.com.br

Avenida Pasteur - 333 - Loja 3 - URCA - RJ

Telefone: (21) 99852-2171 - Linda

Silas Barbosa Pereira — LEILOEIROS PÚBLICOS — Anderson Carneiro Pereira

LEILÕES DIVERSOS

- RECREIO (ÁREA NOBRE) – EXCELENTE AP 377M2 PROX AV. GENARO DE CARVALHO; COLEGIO STO GEORGES – 3 VGS – 4 QTOS ARMARIOS EMBUTIDOS – HIDRO NAS 2 SUITES (PISO DE MARMORE ITALIANO) EXCELENTE ESTADO – 29/07, 13H. Online
- AP NA BARRA C/ 83M2 E 1 VG EM PRÉDIO COM INFRA – 29/07, 31/07, 13H. Online
- IMÓVEL EM SÃO JOÃO DE MERITI - 13/08, 15/08, 13H. Online
- CASA EM QUINTINO C/ 228M2 – 14/08, 19/08, 13H. Online
- AP NO CENTRO C/ 20M2 - 14/08, 20/08, 13H. Online e presencial no Fórum da Capital
- LARANJEIRAS – 95M2 – PROX. PÇA SÃO SALVADOR E METRÔ LGO DO MACHADO - 15/08, 20/08, 13H. Online e presencial no Fórum da Capital
- SALA NO CENTRO C/ 27M2 – 15/08, 22/08, 13H. Online e presencial no Fórum da Capital
- SALA NO CENTRO C/ 69M2 – RUA ALVARO ALVIM - 15/08, 20/08, 13H. Online
- CASA NO BAIRRO INDEPENDENCIA / TAUBATÉ - 20/08, 22/08, 13H. Online
- CASA NO ROCHA C/ 96M2 - 20/08, 22/08, 13H. Online
- MOTO - HONDA/FUSCO CARGO 125ª - 23/08, 26/08, 13H. Online
- TERRENO EM SANTA TERESA C/ 7.819M2 - 21/08, 26/08, 13H. Online
- AP CENTRO – PRÉDIO C/ PORTEIRO, VIGIA E CIRCUITO INTERNO – FRENTE AO SIND. COMÉRCIO - 21/08, 27/08, 13H. Online
- PENHA - 25M2 – OPORTUNIDADE DE BAIXO INVESTIMENTO E BOM RETORNO - 21/08, 26/08, 13H. Online
- AP TIJUCA – R. URUGUAI C/ 66M2 – 23/08, 26/08, 28/08, 13H. Online
- SANTA ROSA / NITERÓI / 2QTOS – 128M2 - 26/08, 28/08, 13H. Online
- EXCELENTES SALAS COMERCIAIS NO CENTRO DA CIDADE, SENDO 3 CONTIGUAS E CADA UMA COM 418M2, 399M2 E 264M2. A OUTRA POSSUI 281M2 – 26/08, 28/08, 12H. Online
- APTO EM TODOS OS SANTOS C/ VAGA E 55M2 - 27/08, 29/08, 13H. Online
- FREGUESIA (JPA) – AP 50M2 – PRÉDIO INFRA – 1 VG – PORTARIA 24H - 27/08, 29/08, 13H. Online e presencial no Fórum
- PRÉDIO EM FRENTE AO HOSP. SERVIDORES (R. SACADURA CABRAL 658M2) - 27/08, 29/08, 13H. Online
- AP NO FONSECA C/ VAGA – EXCELENTE COND. NA AV. JÃO BRASIL - 28/08, 30/08, 13H. Online
- LEBLON – 209M2 – PRÉDIO MODERNO – 3 VAGAS - 30/08, 03/09, 13H. Online
- TIJUCA – 1 QTO C/ DEPENDENCIA E VAGA C/ 58M2 – BOM ESTADO - 12/09, 17/09, 13H. Online e presencial no Fórum
- BARRA (FRENTE MARINA CLUBE) – INFRA TOTAL – 154M2 – 2 VAGAS - 24/09, 30/09, 13H. Online
- AP NO RECREIO DE 147M2 EM PREDIO NOVO C/ 2 VAGAS - 24/09, 26/09, 13H. Online
- APARTAMENTO EM MADUREIRA C/ VAGA - 26/09, 01/10, 13H. Online e no escritório Leiloeiro Público
- FREGUESIA (JPA) – 2 QTOS EXCELENTE EM PRÉDIO C/ INFRA - 26/09, 30/09, 13H. Online

Condições: Arrematação à vista, mais 5% de comissão do Leiloeiro e custas de cartório.

Tel.: (21) 2533-0307 · 2533-2804 • 2533-6443

www.silasleiloeiro.lel.br / silasleiloeiropublico@gmail.com

www.andersonleiloeiro.lel.br / andersonleiloeiropublico@gmail.com

---

Leilão

Levy LEILOEIRO — LEILÃO 44713

12º Leilão de Joias - AGOSTO DE 2024

EXPOSIÇÃO: Somente online sem exposição no local.

LEILÃO: Dias 6, 7 e 8 de Agosto de 2024, Terça, Quarta e Quinta-feira às 19h

Somente Online

LEILOEIRO Franklin Levy - JUCERJA Nº 93

LOCAL: Sede: Rio de Janeiro - RJ

Informações WhatsApp (21) 97219-9381 (Falar com Thais)

E-mail: eternnosh@gmail.com

Levy LEILOEIRO — LEILÃO 3915

ANTIGUITATI LEILÕES - AGOSTO DE 2024

Exposição: as peças encontram-se em nossa loja, com exceção de ouro, prata e pedras preciosas e as com retirada especificada na descrição, o arrematante pode caso queira agendar uma visita.

LEILÃO: Dia 1 de Agosto de 2024 Segunda-feira às 20h

Somente on-line e por telefone.

LEILOEIRO Franklin Levy - JUCERJA Nº 93

LOCAL: Recreio dos Bandeirantes - Rio de Janeiro – RJ

A organização e captação de Antiguitati Leilões é feita por Sergio Gonçalves, contato somente pelo telefone (21) 99933-5555 ou pelo email: sergiopcoelho45@gmail.com

---

Bruno Araujo Francesco Leiloeiro — LEILÃO 44714

ETERNNO JOIAS

LEILÃO DE JOIAS ALTO LUXO

AGOSTO DE 2024

DIAS: 08 E 09

EXPOSIÇÃO: SOMENTE ONLINE.

INF. WHATSAPP: (21) 97219-9381 - (FALAR COM THAIS)

E-MAIL: ETERNNOSH@GMAIL.COM

LEILOEIRO: BRUNO A FRANCESCO - JUCERJA Nº 336

LOCAL: SEDE: RIO DE JANEIRO - RJ.

LEILÃO ONLINE

murilo chaves LEILOEIRO Desde 1967

AMANHÃ - 30 de Julho de 2024 - 14 h

CAIXA SEPARADORA DE ÁGUA E ÓLEO

KIT GÁS COMPLETO, 8m3

SERRA CIRCULAR SKILSAW 1400W

1 MESA DE SOM MODELO S200

APARELHOS DE MICROONDAS • GELADEIRAS

COMPUTADORES • 109 LIXEIRAS DIVERSAS

IMPRESSORA FOTOGRÁFICA HP PHOTOSMART 7260

TEL.: (21) 99272-1001 • 99984-9398 • www.murilochaves.com.br

Andréa Diniz Leiloeira Pública Oficial — Jucerja 208

PORTOFINO LEILÕES 17º Leilão de Relógios, Jóias e Artigos de Luxo

Leilão: Dia 06 de Agosto de 2024 (Terça-feira) às 19:30h - ONLINE E TEL.

www.andreadiniz.com.br

ORGANIZAÇÃO GERAL: MARCELO BRANDÃO

(11) 97144-8484 ou e-mail: portofinoleiloes@gmail.com

LEILÕES DE IMÓVEIS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

GRANDE IMÓVEL 17.149M², RIO DE JANEIRO/RJ, R. Timboaçu, Jacarepaguá. **INICIAL R$ 3.500.000,00**

CHÁCARA 2.868M², c/ benfs., Sítio das Begônias, Estrada da Ponte Nova, 1.620, Vale Florido, Bairro Fazenda Inglesa, **PETRÓPOLIS/RJ. INICIAL R$ 950.000,00**

IMÓVEL COMERCIAL E RESIDENCIAL EM SÃO GONÇALO/RJ, 305m² a.t., Rua José Lourenço de Azevedo, 151, São Luiz. **INICIAL R$ 480.000,00**

APARTAMENTO 87M² EM NOVA IGUAÇU/RJ, c/ garagem, Edifício Di Cavalcanti, Rua Floresta Miranda, 158, Centro. **INICIAL R$ 300.000,00**

CASA 360M² EM MARICÁ/RJ, Unidade 26, Cond. Le Premier, Estrada de Itaipuaçu, 390, Itaipuaçu. **INICIAL R$ 225.000,00**

PARA POSSIBILIDADE DE PARCELAMENTO, CONSULTE-NOS!

rioleiloes.com.br 0800-707-9272

Levy LEILOEIRO — LEILÃO 45033

LEILÃO DE PREÇOS REDUZIDOS ANTIQUARIATO DE ANTIGUIDADES, CURIOSIDADES E COLECIONISMO - 05 AGO 2024

EXPOSIÇÃO: Dia 2 de Agosto de 2024, Sexta-feira das 10h às 15h

LEILÃO SOMENTE ONLINE

LEILÃO: Dia 05 de Agosto de 2024, Segunda-feira às 19h

LEILÃO SOMENTE ON-LINE

LEILOEIRO David Levy - JUCERJA Nº 215

LOCAL: Estrada Dos Bandeirantes, 13620, Vargem Pequena, Rio de Janeiro - RJ

Telefone : (21) 3258-2274 / (21) 98405-0053

E-mail: leiloes@antiquariato.com.br

Levy LEILOEIRO — LEILÃO 3918

35º Leilão de Postais, Fotografias, Impressos e Colecionáveis

EXPOSIÇÃO: Solicitar através do telefone (21) 99166-1692.

LEILÃO Dias 7, 8 e 9 de Agosto de 2024, Quarta, Quinta e Sexta-feira às 15h

Somente online

LEILOEIRO Franklin Levy - JUCERJA Nº 93

LOCAL: ONLINE NO SITE

Organização: PATRICIA COHEN

Informações: (21) 99166-1692 / 99900-1044

pcacohen@yahoo.com.br

Levy LEILOEIRO — LEILÃO 43007

LEILÃO RIO I ART - ANTIGUIDADE, OBRAS DE ARTE, COLECIONISMO E OUTROS - AGOSTO 2024

EXPOSIÇÃO: À partir de 17 de Julho de 2024. **Somente online**

LEILÃO: Dia 03 de Agosto de 2024, Sábado às 19h.

Somente Online

LEILOEIRO Franklin Levy - JUCERJA Nº 93

LOCAL: Avenida Franklin Roosevelt, 71 Sala 1002 Centro Rio de Janeiro/RJ

Telefone e WhatsApp: (21) 99244-3162

E-mail: rioiartdesign@gmail.com

SANTO Cristo. Sala 304, bl.3 do Cond.Edifício Porto Atlântico Leste, R.Equador, 43, c/ 28m2. Leilão Judicial 1ªvc 0264715-69.2017.8.19.0001. Dia 06/08- 14h pela avaliação. Dia 08/08- 14h, acima de R$ 167.664,00. Leiloeiro Onildo Bastos- Tel.96687-6276. onildobastos.com.br

SANTO Cristo. Sala 609, bl.3 do Cond.Edifício Porto Atlântico Leste, R.Equador, 43, c/ 28m2. Leilão Judicial 27ªvc 0262484-69.2017.8.19.0001. Dia 06/08- 14h30 pela avaliação. Dia 08/08- 14h30 acima de R$138.619,70. Leiloeiro Onildo Bastos- Tel.96687-6276. onildobastos.com.br

---

Levy LEILOEIRO — LEILÃO 44710

TZI LEILÃO DE ARTE E ANTIGUIDADES

EXPOSIÇÃO: Agendar visitas ou solicitar fotos.

LEILÃO: Dias 29,30 e 31 de Julho de 2024

Segunda, Terça e Quarta-feira às 19h

E-mail: tzileiloes@uol.com.br

Somente online - TELEFONE: (21) 99916-6199

LEILOEIRO: David Levy - JUCERJA Nº 215

LOCAL: RUA PAULA BRITO 394 ANDARAI

TELEFONE:21 999166199 - ALFREDO BARIANI

Empréstimos e Finanças

Aviso

Antes de solicitar um empréstimo ou efetuar uma transação comercial, verifique a idoneidade de quem está negociando, pedindo documentos que identifiquem o fornecedor.

Negócios Diversos

Leonel CONSÓRCIOS

CONSÓRCIO Atenção! Compramos/ vendemos/ trocamos, contemplados/ não, mesmo atrasado/cancelado. Cobrimos ofertas. Autos/Utilitários/Imóveis/ Capital de giro...Melhores preços, vários planos. Leonel Consórcios 40anos!!! E-mail: leonelconsorcios@hotmail.com Tel.:(0xx21) 99695-1897 (whatsApp)/ (0xx21)97012-3333(whatsApp)/ (0xx21)96423-1303 (whatsApp). www.leonelconsorcios.com.br

---

MR RICART LEILÕES

LEILÕES JUDICIAIS ONLINE NO SITE

www.marioricart.lel.br

Sala em Jacarepaguá (Direito e Ação) – Av. Embaixador Abelardo Bueno – nº1- sala 316B - Jacarepaguá - RJ - Área Edificada 32m². **Acima da Avaliação – 29/07/24 às 11:00hs. Melhor Oferta – 30/07/24 às 11:00hs** – a partir de R$ 121.000,00 – site do leiloeiro e presencial no auditório do leiloeiro – Av. Erasmo Braga – 277 – Gr.501 – Centro – RJ.

Apartamento na Barra da Tijuca – Av. Raimundo Magalhães Junior – nº300 – apto. 505 – Bl.2 – Barra da Tijuca - RJ - Área Edificada 123m². **Acima da Avaliação – 31/07/24 às 11:30hs. Melhor Oferta – 02/08/24 às 11:30hs** – a partir de R$ 651.000,00 – Presencial – Átrio do Fórum Regional da Barra da Tijuca, sito à Luis Carlos Prestes – S/N – Barra da Tijuca - RJ.

Terreno em Minas Gerais – Lote 04 da Quadra 01 – do Loteamento Residencial Rosa Mística, situado na rua 05- Santa Cruz de Minas - Área Edificada 486m². **Acima da Avaliação – 05/08/24 às 11:00hs. Melhor Oferta – 06/08/24 às 11:00hs** – a partir de R$ 226.000,00 – site do leiloeiro.

Condições: pagamento à vista conf. art. 892 do CPC, comissão e custas de cartório de 1% até o limite máximo permitido por lei.

(21) 2215-1342 – 2544-1484

ERNANI Leiloeiros desde 1906

A mais tradicional Casa de Leilão do Brasil

ESTAMOS NO PROCESSO DE CAPTAÇÃO E SELEÇÃO DE OBRAS DE ARTE, ANTIGUIDADES E DESIGN PARA OS PRÓXIMOS LEILÕES, QUER VENDER? NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE.

WHATSAPP (21) 98117-6090 OU E-mail: horacioernani@gmail.com

ATENÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DAS PEÇAS DE PRATA DE LEI, QUER VENDER O MOMENTO É ESTE.

Grande Leilão On-line Residencial Barra da Tijuca e Espólio da tradicional família NAIM ANDRE

Novas datas: Dias 5 a 9 de agosto de segunda a sexta

CATÁLOGOS JÁ DISPONÍVEL PARA LANCES !!

www.ernanileiloeiro.com.br

LEILÃO DE COLECIONISMO - DIA 13 DE AGOSTO 17 HS

ALEXANDRE COSTA LEILOEIRO

LEILÃO JUDICIAL FOTOS NO SITE LEILÃO ONLINE

APTO. no MÉIER-RJ 84m² - C/ VAGA

Apartamento 401 da Rua Carolina Santos nº 131, com direito a uma vaga na garagem, com varanda. Prédio moderno. Preço muito atraente.

VENDERÁ EM LEILÃO

Dia 07/08/2024, às 14:00 h, pela avaliação.

Dia 08/08/2024, às 14:00 h, pela melhor oferta. (R$ 150.000,00)

Online através do site: **www.alexandrecostaleiloes.com.br**

Condições do Leilão: À vista, 5% de comissão ao Leiloeiro e custas judiciais de 1% do valor da arrematação até o máximo permitido por Lei.

(21) 2242-9547 www.alexandrecostaleiloes.com.br

PORTELLA LEILÕES — Judicial e Extrajudicial / Online e Presencial

Rodrigo Lopes Portella — Leiloeiros Públicos — Fabíola Porto Portella

= LEILÕES DE IMÓVEIS =

- **Dias 31/07/24 e 07/08/24 – às 12:00hs.** – APTO. 610 / BL. 07 (Cobertura Duplex), na Av. Tim Lopes, nº 255 – Barra da Tijuca/RJ.
- **Dias 31/07/24 e 05/08/24 – às 12:00hs.** – APTO. 801 / Bl. 2 (c/direito a dependencias na cobertura), na Av. das Américas, nº 13554 – Recreio dos Bandeirantes/RJ.

(Edital na íntegra e fotos no site do leiloeiro)

leiloes@portellaleiloes.com.br (21) 2533-7248

AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!

ACESSE EDITORAGLOBONEGOCIOS.COM.BR E SAIBA MAIS.

EDITORA GLOBO

AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!

ACESSE **EDITORAGLOBONEGOCIOS.COM.BR** E SAIBA MAIS.

EDITORA GLOBO

NA WEB
MÉDIO ALCANCE
Putin ameaça produzir armas nucleares
Líder russo reage à possibilidade de instalação de mísseis dos EUA na Europa

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

INDEFINIÇÃO E TENSÃO

Sem resultado oficial, oposição e chavismo alegam vitória com bocas de urna divergentes

JANAÍNA FIGUEIREDO
Enviada especial
janaina.figueiredo@oglobo.com.br
CARACAS

A eleição presidencial mais difícil para o chavismo em 25 anos de poder foi encerrada ontem em clima de tensão e com os dois lados da disputa se dizendo vitoriosos a partir de suas próprias pesquisas de boca de urna. Antes mesmo do horário previsto de encerramento da votação, às 19h de Brasília, representantes do governo do presidente Nicolás Maduro, candidato à reeleição, o candidato opositor, Edmundo González Urrutia, e a principal líder opositora, María Corina Machado, usaram expressões similares, entre elas "estamos muito satisfeitos com os resultados". Até às 22h30 no Brasil, o Conselho Nacional Eleitoral (CNE), controlado por autoridades chavistas, não havia informado resultados parciais.

Paralelamente, analistas, consultores, jornalistas e aliados internacionais dos dois principais candidatos divulgavam pesquisas de boca de urna (não legais no país) com resultados opostos. As da oposição apontavam vantagens de até 30 pontos percentuais para González. Do lado chavista, projeções que circulavam em redes sociais e grupos de WhatsApp mostravam diferença a favor de Maduro de até 10 pontos.

JUAN BARRETO / AFP

JUAN BARRETO / AFP

Maduro. Presidente busca nova reeleição

RAUL ARBOLEDA / AFP

Gonzalez Urrutia. Voto pela mudança no país

YURI CORTEZ / AFP

María Corina. Líder foi impedida de concorrer

Comparecimento. Eleitores fazem fila em seção eleitoral em Caracas; muitas pessoas votaram cedo na capital, mas durante a tarde os locais acabaram vazios

CONTA NÃO FECHA

Um analista local com acesso privilegiado aos dois lados disse ao GLOBO que "o governo diz que ganha por meio milhão de votos enquanto a oposição por dois milhões", acrescentando: "Ainda estamos recebendo os dados, mas os chavistas começaram a ficar preocupados." O único dado compartilhado pelos dois lados era o percentual de participação eleitoral em torno de 60%, considerado expressivo pela oposição, mas abaixo dos 70% esperados.

Em 2013, quando Maduro foi eleito pela primeira vez, com vantagem de apenas dois pontos percentuais sobre o segundo colocado, Henrique Capriles, cerca de 80% dos eleitores votaram. Uma participação mais baixa — o que faz sentido, já que a grande maioria dos cerca de 4 milhões de eleitores vivendo fora do país foram impedidos de se registrar — poderia favorecer o chavismo. Por outro lado, a insatisfação social com o governo Maduro é fator que analistas próximos à oposição consideravam que teria favorecido o voto em González.

— Estamos mais do que satisfeitos com as expectativas que temos em relação aos resultados — declarou o candidato mais forte da oposição, ao lado de María Corina.

Ambos pediram aos venezuelanos que permanecessem nos centros de votação para acompanhar o processo de apuração dos votos.

— Lutamos todos estes anos para este dia (chegar), e esses são os minutos cruciais, as horas decisivas — disse María Corina, em apelo à sociedade civil e aos chamados "comanditos", grupos de voluntários organizados para monitorar a atuação dos funcionários do CNE em cada centro de votação.

> *"Estamos mais do que satisfeitos com as expectativas que temos em relação aos resultados"*
>
> **Edmundo González Urrutia,** candidato da oposição

> *"O CNE dará seus números, e vamos esperar. Cantaremos o hino nacional"*
>
> **Diosdado Cabello,** número dois no chavismo

A líder da oposição seguiu:

— Já estamos recebendo as atas de votação. Todo venezuelano tem direito a acompanhar a apuração.

Já o deputado Diosdado Cabello, presidente do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) e número dois do chavismo, assegurou que "a alegria do povo contrasta com a amargura dos porta-vozes da direita. O CNE dará seus números, e vamos esperar. Cantaremos o hino nacional".

Os poucos observadores internacionais no país, como o Centro Carter e as Nações Unidas, adiantaram extraoficialmente que considerariam válidos os resultados. A vice-presidente dos Estados Unidos e candidata governista à sucessão de Joe Biden, Kamala Harris, escreveu na rede social X que "Os EUA estão ao lado do povo da Venezuela, que expressou sua voz na histórica eleição presidencial de hoje. A vontade do povo venezuelano deve ser respeitada. Apesar dos muitos desafios, continuaremos a trabalhar em prol de um futuro mais democrático, próspero e seguro para os venezuelanos".

CENÁRIO COMPLEXO

A Venezuela mergulhou em cenário extremamente complexo. O assessor internacional da Presidência da República, Celso Amorim, em Caracas desde sexta-feira, afirmou através de nota enviada pelo WhatsApp que "é motivo de satisfação que a jornada tenha transcorrido sem incidentes. O presidente Lula vem sendo informado ao longo do dia. Vamos aguardar os resultados finais e esperamos que sejam respeitados por todos os candidatos".

Após jornada eleitoral tranquila, alguns episódios começaram a causar preocupação entre opositores. O mais importante foi o veto às chamadas "testemunhas" da Plataforma Unitária, de González, de acessar o processo de contagem das atas de votação na sede do CNE, em Caracas. No entanto, na coletiva com o candidato, María Corina disse que o comando de campanha opositor "está recebendo as atas de votação".

A jornada eleitoral começou muito antes de que os centros de votação de todo o país abrissem suas portas, às 7h na capital venezuelana. Milhares de pessoas, em sua maioria eleitores da oposição, passaram mais de dez horas esperando o início da votação. Isso levou a uma concentração de eleitores nas primeiras horas de votação, único momento em que foram registradas filas nas principais cidades do país.

Após votar, María Corina saudou "todos os venezuelanos, os que estamos aqui e os que neste momento estão fora da Venezuela ansiosos por voltar", em referência à diáspora estimada em entre 5 milhões e 9 milhões de pessoas. Já Maduro, que votou mais cedo, disse que reconheceria o "árbitro eleitoral", ou seja, o CNE. E González assegurou que "estamos preparados para defender até o último voto", fazendo um chamado ao Exército:

— Confiamos nas nossas Forças Armadas para respeitar a decisão do nosso povo.

INÊS 249

Aumenta temor de escalada após ataque no Golã

Depois da morte de 12 crianças e adolescentes em cidade drusa no sábado, em ação atribuída ao grupo xiita libanês Hezbollah, Israel adverte que principal retaliação ainda está por vir; países tentam chegar a cessar-fogo em Gaza

TEL-AVIV

O Exército de Israel realizou ontem uma série de ataques no território libanês em resposta ao artefato que atingiu no sábado um campo de futebol na cidade drusa de Majdal Shams, nas Colinas de Golã, matando 12 crianças e adolescentes que jogavam no local. Foi o maior número de vítimas em Israel desde o ataque terrorista do Hamas no último dia 7 de outubro. Autoridades israelenses acusaram o grupo xiita libanês Hezbollah, que negou a autoria do bombardeio. O episódio aumentou os temores na comunidade internacional de um recrudescimento do conflito na fronteira norte de Israel e, por consequência, uma escalada regional da guerra hoje travada na Faixa de Gaza, no momento em que negociadores estão reunidos na Itália para discutir um cessar-fogo no enclave.

Na noite de ontem, a imprensa turca afirmou que o líder do país, Recep Tayyip Erdogan, reagiu aos ataques ameaçando invadir Israel. Na rede social X, o ministro das Relações Exteriores de Israel alertou o presidente turco que ele estava "seguindo a trilha de [ditador iraquiano] Saddam Hussein". Israel Katz foi além e emandou recado direto: "Recorde o que aconteceu com Saddam", em referência à sua morte na forca em 2006.

Os ataques israelenses atingiram áreas que já haviam sido alvo de bombardeios desde o início da guerra em Gaza, principalmente perto da fronteira ou ao redor do porto de Tiro, no sul do Líbano. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, encurtou uma viagem que fazia aos EUA e retornou a Israel, onde participou de uma reunião do Gabinete de Segurança na tarde de ontem. Em um comunicado, o governo informou que a principal retaliação ainda está por vir.

"O Hezbollah pagará um preço alto que não pagou até agora", disse o comunicado.

Autoridades da cúpula do governo israelense também se manifestaram. Katz disse que "o massacre de sábado significa que o Hezbollah cruzou todas as linhas vermelhas", argumentando ainda que "não é um Exército que combate outro, e sim uma organização terrorista que dispara deliberadamente contra civis".

Ele deu detalhes da explosão para sustentar a tese de que o ataque foi realizado pelo Hezbollah: "O projétil que matou nossos meninos e meninas era um foguete iraniano, e o Hezbollah é a única organização que tem esse foguete".

COMOÇÃO NO PAÍS

O bombardeio provocou enorme comoção no país. Milhares de pessoas participaram do funeral dos 12 jovens mortos na cidade de maioria drusa — grupo étnico-religioso que se separou do Islã no século XI. Ao contrário de outros grupos, como os judeus ultraortodoxos e israelo-palestinos, parte dos drusos aceitam servir nas Forças Armadas israelenses e tem direto à cidadania plena no Estado judeu.

Cerca de 20 mil drusos vivem nas Colinas de Golã, incluindo a cidade atingida pelo foguete, onde alguns ainda se consideram sírios, recusando a cidadania israelense. Israel ocupou o território da Síria depois da guerra dos Seis Dias, em 1967, e mais de 20 mil agora vivem na área.

Israel e Hezbollah trocam hostilidades desde o começo da guerra em Gaza. Aliado do Hamas no autointitulado "Eixo da Resistência" — formado por movimentos islâmicos que contestam a existência de Israel, liderados pelo Irã —, o Hezbollah atacou várias posições israelenses ao longo dos últimos meses em solidariedade aos palestinos.

> Secretário de Estado afirma que EUA 'não querem ver o conflito se espalhar por região'

Em um tom similar ao do que a imprensa turca creditou a Erdogan, Teerã alertou Israel ontem para o que chamou de "nova aventura" do rival no Líbano, em uma declaração emitida pelo porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Nasser Kanaani: "Qualquer ação do regime sionista pode agravar a instabilidade, a insegurança e a guerra na região."

Em viagem ao Japão, o secretário de Estado americano, Antony Blinken, lamentou o ocorrido na cidade israelense e reforçou o apoio americano ao direito de defesa de Israel. Ele afirmou, contudo, que um cessar-fogo em Gaza é necessário para "acalmar a situação na fronteira com o Líbano".

— Enfatizo o direito de Israel de defender seus cidadãos e nossa determinação em garantir que eles sejam capazes de fazer isso — afirmou, durante uma entrevista coletiva na capital japonesa. — Mas também não queremos ver o conflito escalar. Não queremos vê-lo se espalhar.

O Itamaraty condenou o ataque que vitimou os civis israelenses e, em nota separada, o que, segundo o Ministério de Saúde do Hamas, causou a morte de 30 palestinos em bombardeio de uma escola no centro do enclave no mesmo dia. Tel-Aviv afirma que no local estavam terroristas. O Brasil manifestou "absoluto repúdio a ataques contra a população civil" e alertou para o "perigo do alastramento" do conflito pela região.

Em meio às hostilidades, negociadores de Israel, Egito, Catar e Estados Unidos se reuniram ontem em Roma, na Itália, para seguir as negociações sobre um cessar-fogo em Gaza, de acordo com três autoridades envolvidas que conversaram de forma reservada com o New York Times.

> Impasse em diálogo inclui permanência das forças israelenses no enclave durante trégua

As autoridades presentes nas negociações pressionaram para uma trégua, na qual os reféns israelenses mantidos em cativeiro pelo Hamas seriam trocados por centenas de palestinos presos por Israel, parte de um plano que vem sendo discutido há meses. O governo israelense anunciou que seu representante na reunião, David Barnea, chefe da Inteligência do país, já tinha regressado a Israel, e que as negociações seriam retomadas nos próximos dias. Apesar de progressos registrados nas últimas semanas, as negociações seguem paralisadas, com impasse inclusive sobre a permanência das forças isrelenses em Gaza durante a trégua.

ACORDO RASGADO

Até o bombardeio de sábado, cerca de 20 pessoas haviam sido mortas em Israel por ataques do Hezbollah desde outubro, a maioria delas soldados. Mais de 300 pessoas morreram devido a ataques israelenses no Líbano, a maioria membros do movimento libanês, e cerca de 80 mil pessoas tiveram que abandonar suas casas na área da fronteira.

Estimativas apontam que o Hezbollah lançou mais de 6 mil foguetes e 300 drones contra alvos militares e civis. E o Estado judeu acusa o grupo de descumprir acordo de não agressão costurado pela ONU ao fim da Segunda Guerra do Líbano, em 2006, em que o grupo se comprometera a manter suas atividades a 29 km da fronteira.

JALAA MAREY/AFP

Comoção. Com caixões de 10 das 12 vítimas do ataque, multidão participa de funeral na cidade de Majdal Shams; aliado do Hezbollah, Irã alerta que qualquer ação de Israel pode agravar guerra na região

Kamala arrecada R$ 1,1 bilhão em uma semana

Campanha da democrata à Casa Branca anunciou que 170 mil novos voluntários foram registrados após saída de Joe Biden

WASHINGTON

A campanha da vice-presidente dos EUA, Kamala Harris, anunciou ontem que arrecadou US$ 200 milhões (cerca de R$ 1,1 bilhão) em doações eleitorais em apenas uma semana, desde que o presidente Joe Biden anunciou sua retirada da disputa. Em pouco mais de 48 horas, a ex-senadora da Califórnia conseguiu confirmar o apoio da maioria dos delegados que oficializarão sua escolha na Convenção Nacional Democrata, a partir de 19 de agosto, em Chicago.

Biden decidiu pelo fim do projeto de reeleição após fritura interna no Partido Democrata, desde seu desastroso desempenho no primeiro debate televisivo, no fim de junho. O valor anunciado ontem pela campanha de Kamala é superior ao arrecadado por Biden nos três primeiros meses do ano e atesta a empolgação dos doadores e da base após a mudança na cabeça de chapa governista.

Cerca de dois terços desse valor vieram de doadores individuais, que ainda não haviam contribuído anteriormente à chapa Biden-Harris, informou a campanha democrata, em outro sinal de que a ascensão de Kamala revigorou as possibilidades democratas na disputa contra o ex-presidente Donald Trump, o candidato republicano.

Na maioria das pesquisas nacionais divulgadas nos últimos sete dias, o quadro é de empate técnico entre Trump e Kamala. Na última sexta-feira, pesquisa da rede Fox mostrou o mesmo cenário em três estados decisivos para os governistas em novembro, anteriormente liderados pelo republicano: Wisconsin, Michigan e Pensilvânia. E pesquisa da ABC News, divulgada ontem, registra Kamala percebida de modo positivo por 43% dos eleitores. Trump tem a simpatia de 36%.

A campanha democrata informou também que inscreveu mais de 170 mil novos voluntários nos últimos dias, dado importante para medir algo central na disputa: a empolgação. Como o voto nos EUA não é obrigatório, convencer eleitores a sair de casa no dia da eleição ou a votar com antecedência de modo remoto é tarefa fundamental das campanhas. E mais dinheiro está chegando para a democrata. Kamala realizará uma arrecadação de fundos em Houston, no Texas, na próxima quarta-feira.

Ainda não está claro quanto dos US$ 200 milhões anunciados ontem foram diretamente para a campanha, em comparação com o que foi angariado pelos comitês de fundos aliados do Partido Democrata. Mas o número é relevante, mesmo em comparação com outros recordes registrados ao longo da disputa presidencial.

TRUMP TEVE PICO EM MAIO

A campanha de Donald Trump relatou ter arrecadado quase US$ 53 milhões (cerca de R$ 318 milhões) no primeiro dia após sua condenação criminal em maio. A chuva de dinheiro à época o ajudou a superar Biden naquele mês e apagar o que havia sido, até então, uma vantagem financeira significativa para o presidente.

Os números são especialmente relevantes em disputa apertada e cara, em que é preciso investir em propaganda nas repetidoras locais de tevê, que têm audiência considerada menos polarizada. Os fundos são concentrados nos estados decisivos, entre eles Wisconsin, Michigan, Pensilvânia (que fazem parte da chamada "muralha azul", e onde os democratas não podem perder), Arizona, Nevada, Geórgia, Carolina do Sul, Virgínia, Novo México, Minnesota e New Hampshire.

— E o ímpeto e a energia da vice-presidente são reais, assim como os fundamentos desta corrida: a eleição será sim muito acirrada e decidida por um pequeno número de eleitores nos estados decisivos — afirmou Michael Tyler, porta-voz da campanha de Kamala Harris.

Esportes

NA WEB
FÓRMULA 1
Hamilton vence GP da Bélgica
Britânico foi beneficiado pela desclassificação de George Russell

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

RODRIGO CAPELO

Twitter: @rodrigocapelo

Nasce um vascaíno

Tenho no quintal de casa um ipê-amarelo que, dias atrás, começou seu processo de mudança. Caem praticamente todas as folhas verdes, a árvore fica nua. Nasce uma flor aqui, outra ali. Parece de repente, mas não é. Chega a manhã seguinte, está tudo amarelo. Ah, sim. Perdoe se não escrevo sobre a Olimpíada. Não é desdém aos atletas que duelam em Paris agora. É que meu filho nasceu. Hoje, o mundo que me importa só vai até aquele ipê, no quintal de casa.

Só fui notar que as minhas folhas vinham caindo nos últimos meses a caminho do hospital. A atenção que um dia dei ao que está sendo dito por aí, descartei. A obsessão por trabalho — a televisão, o site, o jornal, mais um livro, por que não? —, moderei. Foi de propósito, ainda que nem sempre com eficácia. A ansiedade, o estresse, o medo. A árvore precisava soltar essas folhas para acomodar as flores que iriam nascer. No parto, a apreensão. Em segredo, o pânico.

Melissa é mãe desde o dia em que o teste de gravidez deu dois risquinhos. Ela sentiu dores, chutes, mudanças vigorosamente concretas. Eu venho de nove meses de subjetividades, quando o máximo em que o pai pode fazer, entre buscar um paracetamol e dirigir até a próxima consulta, o próximo exame, é se habituar à impotência. A paternidade começa mais tarde.

Para não pirar nas preocupações momentâneas, gastei meus neurônios com questões mais importantes. Quem será o Pedro? Quem ele quiser. Só há um fator que escapa à vontade dele. Ele se identificará como quiser enquanto indivíduo, e eu estarei preparado para apoiá-lo em todas as orientações e escolhas, até mesmo se for jornalista. O time, não. Pedrinho é Vasco.

O vascainismo deveria ser atividade obrigatória para todo brasileiro até os 16 anos. Um marco civilizatório, para ensinar caráter às crianças do país inteiro até o início da fase adulta. Se depois quiserem mudar para o clube do dinheiro em excesso, do título fácil, da história de pouco significado, é problema delas. Nem todo mundo tem a nossa resiliência, isto é fato.

> ***O vascainismo deveria ser atividade obrigatória para todo brasileiro até os 16 anos; um marco civilizatório***

Essa é a propaganda que venho contando para mim há meses, escrevendo e reescrevendo esta coluna mentalmente, como exercício para controlar a ansiedade. Se eu vou ter sucesso na minha missão, seria desonesto dar garantias. Eu mesmo me rebelei ao são-paulinismo de meu pai para me tornar Vasco, como é que vou me impor ao Pedrinho? Com disciplina, mimos cruz-maltinos e vídeos de partidas de Juninho, Edmundo e Romário, é assim que vou me impor!

Ele venceu a primeira desavença, admito. Sabendo que o nascimento estava próximo, botei na cabeça que Pedro chegaria no meu aniversário, 26 de julho. As pessoas me questionaram, inconformadas: mas você quer perder o seu dia? Eu queria mesmo é que fosse o nosso dia, uma coincidência para o resto da vida. Mas o menino se segurou e só apareceu na madrugada do dia 28. Chamem de teimosia. Um amigo português viu, e eu já concordo, sinal de caráter.

Debato-me com essas questões — as mais importantes entre as menos urgentes —, porque desconfio que sejam elas as que persistirão ao longo do tempo. Fraldas, banhos e insônias vêm agora e se vão daqui a pouco. Quem nós éramos antes do Pedro e quem seremos a partir dele, isto é o que me fascina desse processo de mudança. Perdoe se não escrevo sobre a Olimpíada. É que meu filho nasceu, o ipê-amarelo floreou, e o mundo se acaba no quintal da minha casa.

Flu vence mais uma e fica perto de deixar o Z4

Contra o Bragantino, Kauã Elias marca novamente para dar a terceira vitória consecutiva ao tricolor, que pode deixar a zona de rebaixamento já na próxima rodada, a depender de combinação de resultados

CAYO PEREIRA
cayo.pereira.rpa@edglobo.com.br

O Fluminense mostrou ontem, em Bragança Paulista, que virou a chave na temporada e voltou a vencer um jogo fora de casa. Com uma atuação segura defensivamente e madura com a bola no pé, o tricolor derrotou o Bragantino por 1 a 0 e conquistou a terceira vitória consecutiva no Brasileirão — algo que ainda não havia acontecido até aqui.

O gol tricolor saiu aos 43 minutos do primeiro tempo, novamente pelos pés de Paulo Henrique Ganso e de Kauã Elias. O camisa 10, como tem sido de praxe nesta temporada, deu assistência perfeita para o jovem criado em Xerém novamente balançar as redes — seu terceiro gol nas últimas quatro partidas — em um momento em que o Fluminense era superior tecnicamente dentro do jogo e merecia abrir vantagem.

MARCELO GONÇALVES/FLUMINENSE

Festa no interior. Kauã Elias e Antônio Carlos comemoram o gol da vitória em Bragança Paulista

0	1
Bragantino	**Fluminense**
Lucão; Nathan, Douglas Mendes, Lucas Cunha e Luan Cândido; Lucas Evangelista (Ramires), Raul (Vinicinho) e Lincoln (Juliano); Helinho, Vitinho (Mosquera) e Thiago Borbas (Jhon Jhon). Técnico: Pedro Caixinha.	Fábio; Samuel Xavier, Thiago Silva, Antônio Carlos e Diogo Barbosa; André (Felipe Andrade), Martinelli (Nonato) e Ganso (Lima; Serna (Marquinhos), Arias (Renato Augusto) e Kauã Elias. Técnico: Mano Menezes.

Gol: 1T: Kauã Elias, aos 43 minutos. **Árbitro:** Lucas Paulo Torezin (PR). **Cartões amarelos:** Luan Cândido, Diogo Barbosa e Nonato. **Público:** 7.304 . **Renda:** R$324.315,00. **Local:** Estádio Nabi Abi Chedid (Bragança Paulista).

SOLIDEZ DEFENSIVA

Apesar da temperatura alta e que foi motivo de reclamação por parte de Thiago Silva após o apito final, o Fluminense fez uma partida de muita transpiração, mostrando uma disposição típica de quem precisa pontuar o mais rápido possível para sair da zona de rebaixamento. Assim como foi no jogo contra o Palmeiras, o tricolor teve outra partida sólida no sistema defensivo, que dessa vez foi composta por Thiago Silva e Antônio Carlos, escolha de Mano Menezes para conter o jogo aéreo do time paulista. Os zagueiros tricolores fizeram uma partida segura e neutralizaram praticamente todos os cruzamentos do Bragantino, que pouco criou durante a partida.

No ataque, o Fluminense também não teve grandes chances, mas novamente foi eficiente para aproveitar a oportunidade que teve de abrir vantagem. De 1 a 0 em 1 a 0, o tricolor chega a 17 pontos e já enxerga a saída do Z4 possivelmente já na próxima rodada, dependendo dos resultados.

— A equipe suportou bem, tem conseguido sustentar bem o grau de dificuldade. Levamos os três pontos. Não podemos relaxar de maneira nenhuma, mas já começamos a confiar bastante em nós. Entendemos que fazendo a nossa parte, vamos sair dessa situação — disse Mano Menezes.

Antes de voltar a pensar na fuga da zona de rebaixamento, o Fluminense vira a chave e direciona sua atenção para a Copa do Brasil. O tricolor novamente viaja para jogar fora de casa, dessa vez para enfrentar o Juventude, no jogo de ida das oitavas de final, na quinta-feira, às 19h.

Entre lama e muita água, Vasco perde para o Grêmio

Cruz-maltino chega a segunda derrota consecutiva no Brasileirão

CAYO PEREIRA
cayo.pereira.rpa@edglobo.com.br

Em um duelo marcado pela chuva torrencial que castigou o gramado da Arena Condá, em Chapecó, o Vasco não teve uma grande atuação e foi batido pelo Grêmio. O gol da vitória do tricolor gaúcho, que deixou a zona de rebaixamento, saiu aos 11 minutos da etapa final, com Soteldo. O cruz-maltino chegou à segunda derrota consecutiva.

Com um campo enlameado pela forte chuva que caiu em Chapecó durante todo o jogo, o Grêmio dominou os 45 minutos iniciais. O tricolor comandou a posse de bola e conseguiu ditar o ritmo da partida de acordo com o que o gramado com poças e barro deixava. Soteldo e Cristaldo foram as duas peças mais acionadas pelo time gaúcho, obrigando Léo Jardim a fazer, pelo menos, duas boas defesas. Por outro lado, na única chance real que teve, Vegetti acertou o pé da trave em cabeçada. Philippe Coutinho, fazendo a sua estreia como titular neste retorno ao Vasco, pouco criou e só deu um chute de longa distância.

— Primeiro que o campo está horrível, sem condições de jogar. Está sendo um jogo de duelos. Tivemos a chance de fazer o gol, infelizmente não conseguimos marcar — disse o zagueiro Maicon na saída para o intervalo.

1	0
Grêmio	**Vasco**
Marchesín; João Pedro (Natã), Rodrigo Ely, Kannemann, Jemerson e Reinaldo; Villasanti (Fábio), Dodi (Pepê), Cristaldo (Arezo) e Pavón (Gustavo Nunes); Soteldo. Técnico: Renato Gaúcho.	Léo Jardim; Paulo Henrique (Puma), Maicon (GB), Léo e Lucas Piton (Leandrinho); Hugo Moura, Mateus Carvalho, P. Coutinho (Payet); David, Emerson Rodríguez (Rojas) e Vegetti. Técnico: Rafael Paiva.

Gol: 2T: Soteldo, aos 11 minutos. **Árbitro:** Paulo César Zanovelli (Fifa-MG). **Cartões amarelos:** Pavón, Dodi, Kannemann, Mateus Carvalho, Lucas Piton, David e Paulo Henrique. **Público:** 17.621. **Renda:** R$ 1.505.434,00. **Local:** Arena Condá (Chapecó-SC).

LIAMARA POLLI/GRÊMIO

Em Chapecó. Chuva forte atrapalhou a partida na Arena Condá

Na volta para o segundo tempo, Coutinho foi substituído por Payet, recuperado de edema na coxa esquerda. O meia francês entrou com disposição, mas nitidamente sem ritmo de jogo. E quando o Vasco parecia ter equilibrado as ações da partida, Soteldo colocou o Grêmio em vantagem no placar após um raro momento em que a defesa vascaína cedeu espaços para a velocidade do venezuelano.

Se o jogo já estava complicado por conta da chuva, da lama e das poças no gramado, o placar adverso dificultou ainda mais a vida do Vasco em Chapecó. O Grêmio recuou e deu a bola ao cruz-maltino, que apostou nas ligações diretas para Vegetti. O time gaúcho soube ler bem as intenções vascaínas e neutralizou as investidas para garantir três pontos importantes para deixar a zona de rebaixamento do Brasileirão com dois jogos a menos, enquanto o Vasco segue na 11ª posição, com 23 pontos em 20 rodadas.

Após a segunda derrota consecutiva pelo Campeonato Brasileiro, o Vasco vira a chave e tem a Copa do Brasil pela frente. Na próxima quarta-feira, o cruz-maltino visita o Atlético-GO, às 21h30, no Estádio Antônio Accioly, no jogo de ida das oitavas de final.

NA LUTA PARA SAIR DO Z4
Flu vence a terceira seguida
PÁGINA 21

TROPEÇO EM CHAPECÓ
Vasco perde para o Grêmio
PÁGINA 21

NOVO (VELHO) LÍDER

Flamengo retoma a ponta do Brasileirão com vitória sobre o Atlético-GO

ANDRÉ ZAJDENWEBER
andre.zajdenweber@oglobo.com.br

O Campeonato Brasileiro voltou a ter na ponta de cima da tabela o time que liderou a competição por boa parte do primeiro turno. O Flamengo derrotou o Atlético-GO por 2 a 0, ontem, no Maracanã, chegou aos 40 pontos e reassumiu a primeira posição do torneio. Sem muitos sustos, a equipe de Tite confirmou o favoritismo sobre o lanterna e venceu com gols de Pedro e Arrascaeta. A vitória espantou também o fantasma de dois tropeços seguidos do rubro-negro no Maracanã, diante de Cuiabá e Fortaleza.

Apesar de demonstrar evolução em relação às últimas partidas, a atuação do Flamengo foi marcada pela falta de agressividade, que, porém, não fez falta diante de um adversário frágil.

Esperava-se que o Flamengo faria uma pressão nos primeiros minutos para tentar o abrir o placar já no abafa inicial. No entanto, os donos da casa começaram em um ritmo mais lento e com pouca pressão sobre o adversário, que trabalhava a bola sem muita objetividade.

A equipe de Tite foi tomando o controle da partida aos poucos, através do encaixe no "perde-pressiona", e em uma das primeiras jogadas mais incisivas abriu o marcador. Pedro aproveitou o cruzamento à meia altura de Arrascaeta e balançou as redes do goleiro Pedro Rangel, que até tocou na bola, mas não evitou o décimo gol do artilheiro do Brasileirão.

À frente no placar, o rubro-negro foi se soltando mais em campo e começou a empilhar lances de perigo. O lado esquerdo, com Ayrton Lucas e Everton Cebolinha, era muito acionado por Gerson e Arrascaeta. O uruguaio tinha muita liberdade para servir os companheiros e regia o sistema ofensivo do time.

MARCELO CORTES/FLAMENGO

Os artilheiros. Pedro e Arrascaeta marcaram os gols da vitória do Flamengo sobre o Atlético-GO

2

Flamengo
Matheus Cunha, Varela (Wesley), Léo Ortiz, David Luiz e Ayrton Lucas (Viña); Pulgar, Gerson e Arrascaeta (Gabigol); Luiz Araújo, Pedro (Carlinhos) e Everton (Matheus Gonçalves). Técnico: Tite.

0

Atlético-GO
Pedro Rangel, Roni (Yony González), A. Martins, P. Henrique e Rodallega; Gonzalo, Baralhas (Shaylon) e Rhaldney (Lucas Kal); Janderson (Maguinho), Hurtado (Derek) e L. Fernando. Técnico: Vagner Mancini.

Gols: 1T: Pedro, aos 18 minutos; 2T: Arrascaeta, aos 15 minutos. **Árbitro:** Gustavo Ervino Bauermann (SC). **Cartões amarelos:** Pedro Henrique, Hurtado, Luiz Araújo e Pedro. **Público:** 61.883 (57.673 pagantes). **Renda:** R$ 3.365.745,00. **Local:** Maracanã.

SUSTO APÓS INTERVALO

Após Vagner Mancini realizar uma mexida tática no intervalo, substituindo Baralhas por Shaylon, o Atlético-GO começou o segundo tempo com uma postura bem agressiva. Logo no primeiro minuto, a equipe goiana teve sua melhor chance no jogo com o meia que havia acabado de entrar: ele recebeu cruzamento na marca do pênalti e cabeceou firme, obrigando o goleiro Matheus Cunha a fazer grande defesa.

Passando ileso pelo ímpeto inicial do adversário, o Flamengo retomou o controle da partida. Circulando a bola com calma e acionando os dois lados do campo para ajudar na construção ofensiva, o gol dos donos da casa já parecia ser inevitável e não demorou muito para acontecer. Após ótimo passe de Pulgar para Ayrton Lucas, o lateral tocou na medida para Arrascaeta chutar no contra-pé de Pedro Rangel.

Após ficar com uma vantagem segura no placar, o Flamengo diminuiu o ritmo de jogo e passou a manter a posse da bola de maneira pouco objetiva. A postura na segunda metade da etapa final foi adotada já pensando no próximo duelo da equipe, contra o Palmeiras, pela Copa do Brasil, na próxima quarta-feira. Mesmo assim, o Flamengo ainda viu Carlinhos desperdiçar uma grande chance para completar o marcador. O atacante recebeu cruzamento rasteiro de Viña e, sozinho, não conseguir superar Pedro Rangel.

Na atuação burocrática do Flamengo, mesmo sendo do melhor que das últimas partidas, o grande ponto positivo ficou pelo desempenho defensivo da equipe. Com uma dupla de zaga inédita — David Luiz e Léo Ortiz —, o rubro-negro voltou a sair de campo sem ser vazado, feito que não acontecia há sete partidas. A segurança atrás foi peça fundamental para construção da vitória com certa tranquilidade.

COPA DO BRASIL

No próximo desafio, contra o Palmeiras, Tite terá um verdadeiro teste de fogo para ver em que pé seu time se encontra no nível de atuação, em momento crucial da temporada. O alviverde paulista é seguro defensivamente e muito perigoso na transição rápida. As duas equipes se enfrentam na quarta-feira, às 20h, no Maracanã, no jogo de ida das oitavas de final da Copa do Brasil.

Botafogo acerta contratação de meia francês de 20 anos

Meia de 20 anos, do Lyon-FRA, Mohamed El Arouch será o próximo reforço do Botafogo, de acordo com o jornal francês L'Équipe. O jogador é criado na base do clube europeu e fará parte do processo de intercâmbio da Eagle Football, empresa multiclubes do americano John Textor, dono da SAF alvinegra.

Na temporada passada, o jogador francês não teve espaço com o técnico Pierre Sage no Lyon. O objetivo é que ele tenha mais tempo de jogo no Botafogo e possa contribuir com o time do treinador português Artur Jorge.

Para a partida de ida das oitavas de final da Copa do Brasil, amanhã contra o Bahia, no Nilton Santos, o Botafogo corre para inscrever o atacante Matheus Martins, recém-contratado à Udinese, da Itália. A partida de volta será no dia 7 de agosto.

BRASILEIRO SÉRIE A

CLASSIFICAÇÃO

P: Pontos ganhos. **J**: Jogos. **V**: Vitórias. **E**: Empates. **D**: Derrotas. **GP**: Gols pró. **SG**: Saldo de gols

	EQUIPE	P	J	V	E	D	GP	SG
LIBERTADORES	1 Flamengo	40	19	12	4	3	34	15
LIBERTADORES	2 Botafogo	40	20	12	4	4	31	12
LIBERTADORES	3 Palmeiras	36	20	11	3	6	27	11
LIBERTADORES	4 Fortaleza	36	19	10	6	3	24	6
PRÉ	5 Cruzeiro	35	19	11	2	6	28	8
PRÉ	6 São Paulo	32	20	9	5	6	28	7
SUL-AMERICANA	7 Bahia	32	20	9	5	6	29	5
SUL-AMERICANA	8 Athletico	28	18	8	4	6	22	4
SUL-AMERICANA	9 Atlético-MG	28	18	7	7	4	27	1
SUL-AMERICANA	10 Bragantino	25	18	7	4	7	22	1
SUL-AMERICANA	11 Vasco	23	19	7	2	10	20	-9
SUL-AMERICANA	12 Criciúma	21	18	5	6	7	26	-2
	13 Juventude	21	18	5	6	7	20	-4
	14 Internacional	20	15	5	5	5	13	0
	15 Corinthians	19	20	4	7	9	18	-9
	16 Grêmio	18	18	5	3	10	15	-7
REBAIXAMENTO	17 Vitória	18	20	5	3	12	22	-10
REBAIXAMENTO	18 Cuiabá	17	18	4	5	9	19	-5
REBAIXAMENTO	19 Fluminense	17	19	4	5	10	15	-9
REBAIXAMENTO	20 Atlético-GO	12	20	2	6	12	16	-15

20ª RODADA

SÁBADO	Palmeiras	0 x 2	Vitória
	Bahia	1 x 1	Internacional
	Juventude	1 x 2	Criciúma
	Botafogo	0 x 3	Cruzeiro
	Fortaleza	1 x 0	São Paulo
ONTEM	Bragantino	0 x 1	Fluminense
	Flamengo	2 x 0	Atlético-GO
	Grêmio	1 x 0	Vasco
	Atlético-MG	2 x 1	Corinthians
	Cuiabá	1 x 2	Athletico

21ª RODADA

03/08	16h	Vitória	x	Cuiabá
	19h	Vasco	x	Bragantino
	20h	Atlético-GO	x	Botafogo
	20h	Criciúma	x	Atlético-MG
	21h30	São Paulo	x	Flamengo
04/08	16h	Fluminense	x	Bahia
	16h	Corinthians	x	Juventude
	16h	Athletico	x	Grêmio
	17h	Internacional	x	Palmeiras
05/08	21h	Cruzeiro	x	Fortaleza

MARCELO CORTES/FLAMENGO

OS ARTILHEIROS

10 GOLS **Pedro (Flamengo)**
8 GOLS Lucero (Fortaleza)
7 GOLS Hulk (Atlético-MG)
6 GOLS Vegetti (Vasco), Luciano (S. Paulo), Paulinho (Atlético-MG), Everaldo (Bahia), Matheus Pereira (Cruzeiro) e Pitta (Cuiabá)

ARTE DE GUSTAVO AMARAL SOBRE FOTOS DE ODD ANDERSEN E LUIS ROBAYO

TORÇA POR MIM: RAFAELA SILVA

‘NÃO PROJETO PRATA, NEM BRONZE’

PÁGINA 6

A 116 METROS DE ALTURA

VÔLEI DE PRAIA VISTO DO ALTO DA TORRE EIFFEL

PÁGINA 8

A HORA DO BRASIL

Brasil conquista três medalhas em 21 minutos e abre contagem pelo recorde. Entre 12h56 e 13h17, Willian Lima garante a prata no judô, Larissa Pimenta fica com o bronze no mesmo tatame e Rayssa Leal, aos 16 anos, é terceira colocada no skate e sobe ao pódio pela segunda Olimpíada consecutiva

PÁGINAS 3 e 4

PARIS 2024

O GLOBO
Segunda-feira 29.7.2024
esporteglb@oglobo.com.br

esporteglb@oglobo.com.br

ESTAMOS BEM REPRESENTADAS

Representar seu país em uma Olimpíada é um privilégio. Não daqueles privilégios dados, que se ganha de graça. É preciso dar a sua vida em prol do sonho olímpico. Se dedicar muito, muito mesmo, por anos, para estar lá nestes dias mágicos.

E eu sou uma privilegiada. Representei o meu país em duas edições dos Jogos. Fiz uma final olímpica dentro de casa, com uma energia e torcida incrível. Eu era o Brasil dentro da arena de Copacabana. Que privilégio estar com a prata no peito no pódio e receber tanto carinho.

Eu precisava viver isso novamente. Seriam mais quatro anos de entrega máxima, mas eu queria muito. E posso dizer com propriedade que experimentei todas as sensações possíveis dentro das arenas olímpicas. Sair da multidão em polvorosa do Rio para o silêncio ensurdecedor de Tóquio foi estranho demais.

Ter o desconhecido "do outro lado da rede", no final do ciclo de Tóquio, em 2020, foi meu adversário mais difícil. Não tinha como estudar para buscar estratégia para "fugir daquele bloqueio".

Imagino que tenha sido assim para todos que se depararam com a estrutura impecável japonesa completamente vazia. Era viver os Jogos e não viver ao mesmo tempo. Faltava alguma coisa. Na verdade faltava muita coisa.

Para mim, sair de uma final olímpica em casa, ao lado da Bárbara, na Rio-2016, para favorita em 2020, depois de um ciclo muito vencedor com a Duda, foi diferente também. E acabamos não conseguindo fazer nosso melhor jogo quando precisamos. Faz parte. Mérito também das nossas adversárias. Todo mundo que chega lá faz parte daquele "clube" dos privilegiados.

> ***Daqui do Brasil ficarei na torcida por nossas duplas em Paris; a minha medalha de ouro eu já garanti***

Isso só aumentou a minha sensação de "faltou muita coisa". Eu precisava tentar viver isso novamente. Eu passei a mirar Paris desde que a última bola caiu em Tóquio. Ao mesmo tempo que mirava outro grande objetivo de vida: ser mãe.

Para mulher atleta, é uma decisão cruel. Ter que escolher entre dois sonhos tão lindos? Eu não queria ter que escolher e decidi tentar viver os dois. Sabia que seria preciso estar 100% dedicada, mas eu havia feito durante cada segundo dos últimos anos. Dedicação não faltaria. E não faltou.

Eu consegui a minha maior conquista, a Kahena. E briguei por uma vaga em Paris até quando pude. Essa aí, não deu. Faz parte. Não faltou entrega, não faltou trabalho, mas talvez tenha faltado tempo. Foi um ciclo menor, de três anos em vez de quatro. E com a mamãe aqui vivendo todas as mudanças e sensações de uma gravidez. Digo talvez porque ninguém sabe. Ainda somos referência mundial no vôlei de praia e temos muitas atletas incríveis. A disputa foi dura e estamos muito bem representadas em Paris.

Duda e Ana Patrícia e Bárbara e Carol chegam grandes para estes Jogos. Podemos pensar realmente em duas medalhas. E daqui, do Brasil, eu ficarei na torcida pelas meninas. A minha medalha de ouro eu já garanti. Está linda e com um ano e meio.

Ágatha Bednarczuk é jogadora de vôlei de praia, medalhista de prata em 2016 e segunda de uma série de mulheres olímpicas convidadas pelo GLOBO a serem colunistas na Olimpíada

LEO MARTINS/10-05-2024

Medalha. Ágatha com a filha Kahena, que hoje tem um ano e meio

PÓDIO DO DIA

PUNIT PARANJPE / AFP

A décima. Jeon Hunyoung, Lim Sihyeon e Nam Suhyeon comemoram o pódio em Paris: ouros seguidos desde Seul

COMO SE CONSTRÓI UMA HEGEMONIA OLÍMPICA? A COREIA TEM A RESPOSTA

Time feminino do tiro com arco chega a raro décimo ouro seguido refletindo investimento em treino e metodologia desde a infância

RENAN DAMASCENO
renan.damasceno@oglobo.com.br

"Antes do ensino médio, um coreano já atirou mais flechas do que um (atleta) estrangeiro em toda sua vida". A comparação, feita durante episódio da série "Land of legends", do Olympic Channel, é de uma jovem arqueira americana que, assim como atletas de vários continentes, partiu rumo à Coreia do Sul para descobrir o segredo dos asiáticos no tiro com arco. Desde Seul-1988, o país levou 18 de 19 ouros possíveis entre as mulheres (individual e por equipes) e chegou ontem à marca de dez conquistas seguidas do time feminino.

Há quem busque explicação na pré-história — o *gagkung*, um arco feito com chifre de búfalo, era usado para caça na região —, mas treino aliado à educação desde a infância e metodologias diferentes para cada idade ajudam a explicar melhor a hegemonia. Segundo dados de 2020, a Coreia do Sul tem 141 academias de tiro com arco em escolas infantis, 97 no ensino fundamental e 50 no médio. Com elásticos em vez de arco e distâncias específicas, crianças focam na técnica e repetição. O grau de dificuldade e exigência aumentam ao passar dos anos.

— Acho que não é um talento natural, mas sim o esforço do atleta e a constante exposição em competições desde muito jovem que os deixam mais fortes — diz Kim Young-Sook, doutora em psicologia do esporte focado na modalidade, ao mesmo documentário.

Young-Sook define quatro pilares para o sucesso no esporte: força física, técnica, estratégia e estado mental que, para ela, corresponde a 50% de um arqueiro vencedor. Por isso, profissionais treinam em estádio de beisebol, com público, para simular a pressão de competições como a Olimpíada.

São raríssimos os casos de dez ou mais ouros seguidos na história olímpica. Em Paris, por exemplo, é o caso da China no trampolim de 3m (saltos ornamentais) e no tênis de mesa individual, ambos feminino, e dos americanos nos 4x100m medley masculino.

Entre os homens, os coreanos lideraram as eliminatórias em Paris e são favoritos amanhã. No individual, o brasileiro Marcus Vinícius D'Almeida tem a dura missão de superá-los.

LÁGRIMAS NA DERROTA DA CAMPEÃ

Atual campeã olímpica até 52kg, a japonesa Uta Abe era, outra vez, favorita ao pódio. Mas, logo nas oitavas, encarou a forte Diyora Keldiyora, do Uzbequistão, e acabou levando um ippon a 50s do fim. Ela desabou em lágrimas, precisou ser amparada pelo técnico, e deixou o tatame ovacionada. A uzbeque foi ouro, mas Abe teve no aplauso francês o seu reconhecimento.

JACK GUEZ / AFP

Choro e aplausos. A japonesa Uta Abe é consolada pelo treinador e sai ovacionada após derrota: cena marcou o dia na Arena montada no Camp-de-Mars

QUADRO DE MEDALHAS

POSIÇÕES DOS PRIMEIROS COLOCADOS

CONQUISTAS DO BRASIL:

CONFIRA O QUADRO DE MEDALHAS COMPLETO

RANKING DE PAÍSES:

Pos.	País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1°	JAPÃO	4	2	1	7
2°	AUSTRÁLIA	4	2	0	6
3°	ESTADOS UNIDOS	3	6	3	12
4°	FRANÇA	3	3	2	8
5°	COREIA DO SUL	3	2	1	6
6°	CHINA	3	1	2	6
7°	ITÁLIA	1	2	3	6
8°	CAZAQUISTÃO	1	0	2	3
9°	BÉLGICA	1	0	1	2
10°	ALEMANHA	1	0	0	1
10°	HONG KONG	1	0	0	1
10°	UZBEQUISTÃO	1	0	0	1
13°	GRÃ-BRETANHA	0	2	2	4
14°	BRASIL	0	1	2	3

SKATE

ALEXANDRE MASSI
Enviado especial
alexandre.massi.rpa@edglobo.com.br
PARIS

GASPAR NOBREGA/COB

RAYSSA SUPERA O NERVOSISMO PARA BUSCAR O BRONZE

Aos 16 anos, skatista conquista sua segunda medalha olímpica diante de arena cheia de brasileiros

Depois da estreia em Tóquio-2020 com uma medalha de prata, Rayssa Leal chegou a Paris cercada de expectativas — ainda mais após ter vencido 14 de 24 competições internacionais ao longo do ciclo olímpico. Fosse na Place de la Concorde, onde centenas de brasileiros gritavam o nome da skatista antes de cada participação, ou acompanhando pela TV a milhares de quilômetros de distância, muita gente parou para acompanhar as disputas do skate street, sonhando com o primeiro ouro do Brasil nesta Olimpíada. Ele não veio, mas ao fim de uma disputa nervosa e marcada por erros pouco comuns, Rayssa subiu novamente ao pódio, agora com o bronze.

Ela é a primeira atleta na história a conquistar duas medalhas olímpicas antes dos 17 anos em duas Olimpíadas diferentes.

As japonesas dominaram as provas, com Coco Yoshizawa levando o ouro e Liz Akama ficando com a prata.

Talvez sentindo o peso da expectativa, Rayssa demonstrava ontem uma rara ansiedade, cometia erros em manobras consideradas simples e, por pouco, não acabou eliminada de forma precoce. Avançou à final apenas em sétimo lugar.

— Acho que deixei o meu nervosismo bater um pouquinho. Fiquei muito chateada porque estava acertando as minhas linhas todas as vezes no treino, mas chegou na hora para valer e não acertei — revelou Rayssa.

O nervosismo era mais do que compreensível. As arquibancadas da arena estavam lotadas, especialmente de brasileiros, que depositavam toda a sua esperança em Rayssa. A skatista teve duas horas entre as eliminatórias e a final para se acalmar e tentar escrever uma nova história na decisão. Os erros nas voltas até persistiram — e foram também frequentes entre as adversárias —, mas aí entrou em ação uma peça-chave em sua vida: o treinador e melhor amigo Felipe Gustavo. Faltando duas rodadas para o fim da prova, Rayssa ainda sonhava com o bronze e, para isso, precisaria acertar uma manobra com alto grau de dificuldade.

— Às vezes, as competições são resolvidas em alguns segundos. Como a manobra não saiu, fomos para a última rodada entendendo que precisávamos de uns 78 pontos para levar o bronze. E quisemos garantir a medalha com uma manobra boa, mas que dá uma nota mais baixa — explicou o treinador, que trabalha com a atleta há três anos.

Verde-amarelo. Rayssa Leal com a medalha de bronze em frente a torcedores brasileiros

FUTURO

A estratégia saiu como planejado, e Rayssa enfim pode comemorar a conquista da segunda medalha olímpica de sua carreira. Aos 16 anos, viu sua vida se transformar por completo de Tóquio-2020 para cá. Palavras da própria atleta:

— Mudou tudo. Cresci dez centímetros só no primeiro ano do ciclo, entendi o peso das Olimpíadas e vim com outra mentalidade, outro foco. Senti que todo mundo ali queria se divertir, mas também buscava a medalha de ouro.

Em Tóquio-2020, o entendimento dos profissionais da seleção brasileira de skate é que Rayssa sequer tinha a dimensão de que estava em uma edição de Jogos Olímpicos. Parecia apenas mais uma competição. Dessa vez, tudo estava bem claro para a adolescente. Assim como, desde o ano passado, a skatista entende que precisa mudar a rotina de treinos e competições daqui para frente:

— Estou perdendo um pouco da minha adolescência em Imperatriz (MA), as festas com os meus amigos e um pouco da escola. É muita viagem, muita atividade, muita prova para fazer. É muito doido. Preciso abrir mão de algumas coisas para pensar no futuro.

TATIANA FURTADO
Enviada especial
esporteglb@oglobo.com.br
PARIS

EMOÇÃO E SURPRESA NO TATAME

Willian Lima e Larissa Pimenta levam prata e bronze, as primeiras medalhas da modalidade nos Jogos

WANDER ROBERTO/COB

A prata. Willian Lima perdeu a final para a "lenda" japonesa Hifumi Abe, que conquistou o bi olímpico

Nada mais tradicional na história olímpica brasileira do que o país ganhar medalha no judô. O domingo, no entanto, superou as expectativas de um dia que, até então, não estava entre os mais aguardados para ver o Brasil no pódio. Pois foram logo dois de uma vez nos Jogos de Paris-2024: Willian Lima conquistou a prata na categoria até 66kg; em seguida, Larissa Pimenta levou o bronze na disputa até 52kg.

Mas o esporte que mais trouxe medalhas para o Brasil — agora são 26, sendo quatro de ouro, quatro de prata e 18 de bronze — e vai ao pódio consecutivamente desde Los Angeles-1984 também manteve outra tradição: a de surpreender com nomes pouco conhecidos que brilham no tatame olímpico. Willian e Larissa seguiram os passos de Henrique Guimarães (1996), Leandro Guilheiro, (2004), Felipe Kitadai, (2012) e Daniel Cargnin (2020). Chegaram bem preparados, com alguma chance até mesmo pela imprevisibilidade da modalidade, mas longe de figurarem entre os favoritos.

Para eles, que trabalharam duro ao longo dos últimos anos, surpresa não é a palavra mais adequada. Merecimento cairia melhor. O choro do paulista de 24 anos, que perdeu a final ao levar dois waza-aris do japonês Hifumi Abe, japonês que não perde uma luta desde o Mundial de 2019 e conquistou o bicampeonato olímpico, reflete o quanto ele acreditava em si.

LESÃO NO OMBRO ESQUERDO

Logo após a conquista da prata, os olhos marejados carregavam os minutos finais da luta em que ele sabia que poderia ter derrotado um adversário tão forte. Os erros cometidos já eram vistos como aprendizado para Los Angeles-2028. Ainda não havia dado conta do tamanho do seu feito. Precisou ser lembrado pelo técnico Kiko Pereira de que era um medalhista olímpico.

Só quando colocou a medalha prateada no peito e comemorou com o pequeno Dom, de 10 meses, e a mulher Maria Júlia, presentes na arquibancada da Arena Champs de Mars, pareceu ter caído a ficha. O sonho de repetir o gesto de um atleta colocando a medalha no peito no filho, visto pela TV, estava concretizado.

— A medalha era um projeto. Assim como o Dom... foi um projeto para que ele estivesse aqui nas Olimpíadas. Ele não vai se lembrar de nada, mas vou filmar tudo para mostrar depois. Não quero tirar a medalha. O Messi não dormiu com a taça? Acho que vou fazer o mesmo, só que para sempre — disse o judoca, que é treinado por Leandro Guilheiro, duas vezes medalhista olímpico, no clube Pinheiros (SP).

A concentração rumo ao pódio era tamanha que nenhuma distração seria capaz de tirar Willian do rumo. Na luta contra Baskhuu Yondonperenlei, da Mongólia, o judoca perdeu uma das lentes de contato. Para não paralisar a luta, ele a pegou do chão e colocou de volta ao lugar. Afinal, não seria possível lutar sem uma delas por causa dos quatro graus de miopia e astigmatismo.

As dores no ombro esquerdo em virtude de lesão sofrida há um ano e meio afetaram um pouco o seu desempenho. Mas a adrenalina minimizou o problema.

— Venho carregando há um ano e meio comigo uma lesão, que comecei a sentir logo na segunda luta e deu uma atrapalhada. Estou com uma ruptura de tendão supraespinhal do ombro esquerdo, a minha pegada dominante. Comecei a sentir a lesão um ano e meio atrás e o médico falou "ou você opera, ou você espera passar a Olimpíada" — lembrou Willian Lima, que vai avaliar se passará pela cirurgia após os Jogos Olímpicos.

Enquanto Willian Lima superou dores físicas — até chegou a precisar de atendimento em uma das lutas após sofrer um corte na perna —, Larissa Pimenta, de 25 anos, teve que reorganizar a mente para acreditar que era possível conquistar uma medalha.

Ano passado, após passar por cirurgia no joelho, o sonho de disputar os Jogos de Paris foi abalado. Ela chegou a falar para a mãe que não conseguiria. Teve uma recuperação mais lenta do que esperava, não por causa da resposta dada pelo corpo, mas pela cabeça.

— Esses três anos foram muito difíceis, muitos altos e baixos. Sempre me questionava, nunca entendi. (As dificuldades) Me mudaram muito, me fizeram crescer e amadurecer. Sempre fui forte, nunca quis ficar vulnerável. No ano passado, tive um acidente (cirurgia), que foi o que mais me deixou vulnerável. Até deixei de sonhar com os Jogos Olímpicos. Mas, por incrível que pareça, foi um dos momentos que mais me fortaleceram — contou Larissa, que demorou a entender que havia conquistado o bronze após derrotar a italiana Odette Giuffrida no golden score.

Foi a técnica Sarah Menezes, primeira brasileira medalhista de ouro na modalidade exatamente há 12 anos, que gritou para ela: "Você é campeã olímpica!". Para a treinadora, um pódio olímpico é uma vitória para quem passa anos em busca desse momento.

— Eu não escutava nada, não via nada, estava tudo branco — revelou Larissa, muito emocionada nas entrevistas após a luta. — Desde que eu saí de Tóquio, via muitas pessoas satisfeitas por lutar na Olimpíada, porque é satisfatório, é muito difícil chegar até aqui. Saí de lá com um vazio muito grande e não entendia por quê. Fui buscar ajuda com Deus, a pessoa que mais me fortalece, e entendi que participar não era suficiente para mim. Sempre entendi que merecia muito mais.

FORTES ADVERSÁRIAS

A judoca não se intimidou com as fortes adversárias enfrentadas até o bronze. Todas com bons retrospectos contra ela. Nem mesmo com a torcida local, que a abraçou em muitos momentos e até a fez se sentir em casa. Um pouco menos na derrota para a francesa Amandine Buchard nas quartas de final, que levou Larissa para a repescagem.

— Quando terminou a luta, me joguei no chão e fiquei lá pensando "acabou". Ela disse "levanta, não acabou ainda", e foi me levantar. E realmente não tinha acabado — lembrou a brasileira.

Enquanto dava entrevista na zona mista, Larissa ganhou um "parabéns" em português de Amandine. A francesa também conquistou o bronze. O ouro ficou com Diyora Keldiyorova, do Uzbequistão; a prata, com Distria Krasniqi, de Kosovo.

Hoje, as expectativas se voltam para Rafaela Silva, campeã olímpica na Rio-2016, que disputa a categoria até 57kg. No masculino, Daniel Cargnin (bronze em Tóquio-2020) tenta mais uma medalha na categoria 73kg.

JACK GUEZ/AFP

O bronze. Larissa Pimenta venceu a italiana Odette Giuffrida e não segurou as lágrimas

JUDÔ

MULHERES DO FUTEBOL LEVAM VIRADA

O Brasil saiu na frente, com Jheniffer, mas, com dois gols nos acréscimos, o Japão conseguiu a virada e derrotou o Brasil por 2 a 1, ontem, pela segunda rodada do Grupo C do futebol feminino. Agora, a seleção treinada por Arthur Elias precisará derrotar a Espanha, atual campeã mundial, na última rodada para não depender de outros resultados para se classificar às quartas de final. O jogo será na próxima quarta-feira, às 12h (de Brasília).

ANA SÁTILA FICA EM QUARTO NO CAIAQUE SIMPLES

Não foi ontem que o Brasil levou sua primeira medalha na canoagem slalom em Olimpíadas. Ana Sátila alcançou o melhor resultado da História do país ao ser a quarta colocada no caiaque simples (categoria K1) em Paris-2024. A canoísta de 28 anos lamentou o resultado, mas projetou melhor desempenho nas outras duas categorias em que ainda disputará, a canoa (C1) e o caiaque cross, nas quais é mais bem cotada.

BRASILEIRAS AVANÇAM NO SURFE

As duas surfistas brasileiras que estavam na repescagem venceram suas baterias, ontem, em Teahupoo, no Taiti, e avançaram às oitavas de final. Tatiana Weston-Webb derrotou Candelaria Resano, da Nicarágua, enquanto Tainá Hinckel passou pela canadense Sanoa Olin. Nas oitavas, Tatiana enfrentará a americana Caitlin Simmers, número 1 do ranking mundial, enquanto Tainá fará um duelo brasileiro com Luana Silva.

CAROL KNOPLOCH
Enviada especial
carolk@sp.oglobo.com.br
PARIS

LOIC VENANCE/AFP

Voa, Rebeca. Brasileira ficou em terceiro na classificatória da trave

REBECA E BILES VÃO DUELAR EM 5 FINAIS

Brasil terá ainda Flávia Saraiva e Júlia Soares disputando medalhas

O Brasil tem chance de conquistar sete medalhas na ginástica artística feminina em Paris-2024. Principal nome do país, Rebeca Andrade disputará cinco finais (individual geral, trave, solo, salto e por equipe). A americana Simone Biles, que sentiu dores na panturrilha esquerda, estará nas mesmas disputas.

A brasileira Júlia Soares, que estreia em Jogos Olímpicos, foi a grande surpresa. Ela chegou a uma final de aparelho: terminou em oitavo na trave. Flávia Saraiva também disputará a final do individual geral, uma vez que terminou em 11º. Mas, ela saiu da Bercy Arena chorando porque não conseguiu se classificar para as finais do solo e da trave.

Em quarto no geral, as brasileiras vão disputar a final por equipes.

— O time se mostrou forte hoje (ontem). Temos o que melhorar, claro. E por isso digo que podemos aumentar o somatório — analisou Francisco Porath, o Chico, treinador da seleção brasileira. — Tanto as atletas que estão saindo sorrindo e a que está chorando já tiveram momentos em que isso foi invertido. Elas sabem como se ajudar, sabem das nossas possibilidades e da importância dessa medalha por equipes. A Flavinha fazendo o solo e a trave como ela pode, vai subir a nota da equipe. E as outras que estão felizes hoje precisam repetir o que fizeram.

A final por equipes será a primeira, amanhã, às 13h15.

No salto, Rebeca (14.683) ficou atrás apenas de Biles (15.300). Na trave, Rebeca fez série excelente e, com 14.500, terminou em terceiro no aparelho (atrás da chinesa Yaqin Zhou, com 14.866, e Biles, com 14.733).

FORA DA FINAL NAS BARRAS

Na última rotação, no solo, Rebeca avançou para a decisão mesmo sem mostrar uma série perfeita. E Flavinha, que também é forte no aparelho, cometeu erros e ficou fora.

Na soma dos aparelhos, para o individual geral, Rebeca terminou em segundo, atrás de Simone Biles. Flavinha se classificou em 11º.

Nas barras assimétricas, o Brasil teve o pior desempenho. Nenhuma atleta terminou entre as oito melhores. Rebeca ficou em décimo.

GINÁSTICA

DESTAQUES E CHANCES DE MEDALHA

JUDÔ
Daniel Cargnin e Rafaela Silva*
DESDE ÀS 5H
Finais a partir das 11h
57%*

SKATE
Kelvin Hoefler*, Felipe Gustavo e Giovanni Vianna
DESDE ÀS 7H
Street masculino - Finais a partir de 12h
43%*

VÔLEI
Feminino
8H
Brasil x Quênia - 1ª fase
70%

BOXE
Bia Ferreira* e Abner Teixeira
15H32
Oitavas de final
90%*

MAIS PROGRAMAÇÃO

NATAÇÃO
Guilherme Costa
6H
800m livres

VELA
Martine Grael e Kahena Kunze
7H
Classe 49er FX - Regatas 4, 5 e 6

TÊNIS
Beatriz Haddad, Luisa Steefani, Thiago Wild e Thiago Monteiro
DESDE ÀS 7H
Beatriz Haddad (simples), e duplas brasileiras em ação

SURFE
Gabriel Medina, João Chianca
14H
Oitavas de final

SURFE
Tatiana Weston-Webb, Luana Silva e Tainá Hinckel
18H48
Oitavas de final

TV Globo, Sportv e Cazé TV transmitem

As chances de medalha foram calculadas em uma pesquisa em que 50 especialistas avaliaram 100 possibilidades de pódio do Brasil. Veja no site o resultado completo do "Medalhômetro"

TORÇA POR MIM
RAFAELA SILVA JUDÔ

HERMES DE PAULA

Reconquistas. Rafaela Silva tenta reaver último título 'perdido' por doping

'NÃO PROJETO PRATA, NEM BRONZE'

Rafaela Silva diz que vive sua melhor versão e que se preparou para conquistar a medalha de ouro

RAFAELA SILVA*
esporteglb@oglobo.com.br

Me tiraram duas medalhas importantes e, junto com isso, a possibilidade de defender o meu título olímpico do Rio em Tóquio-2020. Fiquei afastada do dojô por uma suspensão por doping *(por fenoterol, um broncodilatador usado para doenças respiratórias e proibido pela Wada, a agência internacional antidopagem)*. Não me dopei e sempre disse que era inocente. Não adiantou. Fiquei dois anos longe do judô, afastada do esporte e da minha família. Foi esse o sentimento.

Perdi o ouro que conquistei no Pan-Americano de Lima-2019 e os bronzes individual e por equipes do Mundial do Japão de 2019. Prometi a mim mesma que voltaria a conquistar essas medalhas. E consegui.

Primeiro, no Mundial em Tachkent, no Uzbequistão, em 2022. E não foi a de bronze. Fui ouro. Isso dez anos após meu primeiro título mundial, em 2013, no Rio. Também recuperei o ouro do Pan. Desta vez, em Santiago-2023. Sou a única judoca do país bicampeã mundial, campeã olímpica e pan-americana. Tenho muito orgulho disso, conquistas que levam um pouquinho do apoio e torcida de muita gente.

Agora, falta defender o meu ouro da Rio-2016 em Paris. Não projeto prata, nem bronze. E que ninguém me leve a mal, mas a preparação é sempre visando ao melhor, mirando no mais alto. Quando se sonha é sempre com o ouro. Não será fácil. A França ama judô, Teddy Riner é garoto-propaganda dos Jogos, e vamos lutar num caldeirão.

Mas trabalhei para chegar aqui, estou na minha melhor versão e quero viver intensamente toda a disputa — luta após luta. Aprendi também que esta pode ser minha última jornada olímpica. Quem sabe o que acontecerá amanhã?

AGONIA DE DOIS ANOS

O doping foi o buraco mais fundo que conheci. Tinha dias em que acordava bem e dias em que estava muito mal. Queria que acabasse logo a suspensão. Só que dois anos não são duas semanas. E tinha de viver um dia de cada vez. Quando passou um mês, ainda faltavam 23. A contagem regressiva era uma tortura. Achei que não aguentaria.

Fiquei meses trocando o sofá pela cama, a cama pelo sofá, não fazia nada. Um dia, tentei colocar um short. Pensei: "Deve ter encolhido na secadora". Não entrou. Peguei outro, e deu na mesma. Não era possível uma coisa daquelas. Subi na balança: estava 11kg acima da minha categoria. Quase caí para trás. Foi um choque de realidade.

Naquele momento, entendi que, se quisesse ir para a Olimpíada de Paris, precisava fazer algo. Fiz parceria com uma academia e comecei a correr na rua. E eu odeio correr. Mas fui obrigada, porque não podia frequentar as academias de judô. Tinha dias em que ia animada, mas também me perguntava: "Treinar para quê?". É ruim não ter objetivo. E foi assim, entre altos e baixos, durante longos dois anos.

Quando retornei ao judô, no fim de 2021, veio aquela insegurança. É difícil voltar ao alto rendimento após tanto tempo. Minhas rivais continuaram lutando e crescendo. Será que eu conseguiria enfrentá-las de igual para igual? Na primeira competição, o Grand Slam de Baku, perdi de cara, na primeira luta. Uma semana depois, fui ao Mundial Militar. Ganhei! Ufa! E a confiança foi voltando aos poucos...

A verdade é que tive de me reinventar em vários momentos. Ainda mais porque, na minha modalidade, de tempos em tempos, há mudanças de regra. Quando comecei a me destacar pela seleção brasileira, lá atrás, tinha um estilo de jogo. E não é mais o mesmo.

Em Londres-2012, fui desclassificada por causa de uma dessas mudanças. A forma clássica do *kata-otochi*, banida do esporte em 2010 pela Federação Internacional de Judô, era meu ponto forte. A catada de perna foi adaptada para ser aplicada sem as mãos. Podia até pegar na perna da rival, mas tinha de ser como continuação de um golpe, quando houvesse um desequilíbrio.

Eu era a quarta do ranking mundial e vice-campeã do mundo. A ansiedade bateu. Demorei para assimilar a derrota para a húngara Hedvig Karakas, nas oitavas de final. Eu tinha apenas 19 anos...

Mas aí vieram as ofensas racistas — um baque. Doeram muito. Hoje, sei que dei papo para gente maluca, que não tem importância alguma na minha vida. Cheguei a responder às mensagens... Nunca mais! Não dou palco e sigo a minha luta. Me perguntam como segui adiante. Apenas levantei a cabeça. Era o que podia fazer, o que dependia de mim.

A regra mudou de novo para a Rio-2016. Desta vez, não podia mais segurar a perna da rival de jeito nenhum. Triscou, estava fora. Mas e o cotovelo? E se com o cotovelo eu derrubasse a base? Foi com este golpe que veio a medalha de ouro. Da eliminação ao topo. E com variações de um mesmo golpe.

Para se reinventar, é preciso estudar. Vejo muita luta, analiso vacilos e pontos fortes das rivais e de judocas de outras categorias. Lutamos contra as mesmas atletas várias vezes. Não posso usar sempre as mesmas armas. Preciso surpreender. E como adoro matutar estratégias! O povo da seleção até brinca que tenho um HD na cabeça. Guardo muita informação. Às vezes, gostaria de não pensar tanto em judô.

MEDALHA DE MUITAS MULHERES

Você pode imaginar que, naquele ano olímpico, a minha cabeça foi a mil. E foi: quem viu de perto foi a Eleudis (Valentim), minha esposa. Ela era atleta do judô e, quando é preciso, coloca o quimono e luta comigo. Não ganha, mas luta (risos). Foi ela quem me deu tudo o que precisei na época mais difícil da minha carreira. Ela enlouqueceu comigo. Outra pessoa muito importante em todo esse processo foi a minha coach, Nell Salgado. Ela sabe tudo o que fez por mim e o quanto sou grata.

Eleudis ainda não tinha se aposentado e buscava a vaga para Tóquio. Tinha de competir, viajar, e eu ficava em casa sozinha. A Eleudis concorreu com a Larissa Pimenta nos 52kg e foi para a Missão Europa, em Portugal. Foram alguns meses de treino por lá porque no Brasil estava tudo fechado em razão da pandemia. Foi doído demais. Sei que ela ficava mal. Tinha de ir e sabia o quanto eu gostaria de ir também.

E tem ainda a Tamires Crude, minha amiga. Ela era minha reserva na seleção. Automaticamente, disputaria a vaga para Tóquio-2020. Alguns meses depois, sumiu dos treinos e, quando voltou, subiu de categoria. Oi? Anos depois, a gente teve uma conversa. Ela me disse que não se sentia confortável, que a vaga era minha. Por isso, não quis buscar a classificação nos 57kg. Subindo de categoria, não iria no meu lugar. Tamires continua nos 63kg, chegou a entrar na seleção de novo, mas acabou para trás na corrida para Paris.

Me sinto culpada porque atrapalhei o processo delas para Tóquio. Elas dizem que não, mas sei que foi isso. A Tamires é minha sparring, assim como foi no Rio-2016. Ela não lutou a Olimpíada dela, mas vive o momento olímpico comigo. Se vier a medalha, estaremos juntas. E, se vier a medalha, será minha, da Nell, da Tamires e da Eleudis. Amo vocês!

*(*Judoca, em depoimento à repórter Carol Knoploch)*

CAROL KNOPLOCH E TATIANA FURTADO
Enviadas especiais
esporteglb@oglobo.com.br
PARIS

WANDER ROBERTO/COB

Motivador. O técnico Zé Roberto Guimarães é elogiado por conseguir tirar o melhor de seus atletas

VÔLEI

ÀS VÉSPERAS DOS 70 ANOS, ZÉ ROBERTO SE CONFUNDE COM O ESPORTE

Treinador, que tem mais de 50 anos dedicados à modalidade, será incluído no Hall da Fama; em Paris, pode conquistar sua quinta medalha olímpica

Às vésperas de completar 70 anos daqui a dois dias, José Roberto Guimarães estreará em sua nona Olimpíada hoje, a partir das 8h, à frente da seleção feminina de vôlei contra o Quênia, pelo Grupo B. Não haveria melhor lugar no mundo para comemorar as sete décadas de vida do treinador que se confunde com a própria história do vôlei brasileiro.

São mais de 50 anos dedicados à modalidade, que lhe trouxe três medalhas de ouro e uma de prata, um recorde no país. Em Barcelona-1992, foi campeão com o masculino, na primeira conquista do Brasil em esporte coletivo; em Pequim-2008 e Londres-2012, com as mulheres. Em Tóquio-2020, o segundo lugar no pódio com o feminino.

Desde a primeira edição como treinador, em 1992, já se passaram 32 anos e Zé Roberto continua entre os melhores do mundo — ele fez parte da equipe masculina nos Jogos de Montreal-1976 como levantador, aos 22 anos. Não à toa, após Paris-2024, no dia 19 de outubro, Zé Roberto será incluído no Hall da Fama do Vôlei, da International Volleyball Hall, em cerimônia nos Estados Unidos.

'UM ENCANTADOR'

Na França, o Brasil não chega como a grande favorita. Na última competição antes dos Jogos, a Liga das Nações, a seleção terminou em quarto lugar. A equipe havia feito campanha histórica, sem derrotas até perder para o Japão nas semifinais; na decisão pelo bronze, caiu diante da Polônia — exatamente os outros dois adversários da fase de grupos. Mas não dá para descartar um time liderado por alguém tão experiente e vencedor.

— Deus me livre. Como aguenta ficar tanto tempo na seleção? — brinca Carlão, o capitão do ouro de Barcelona-1992. — É um baluarte do vôlei. Um cara espetacular. Chega aos 70 anos jovem.

Desde 2003 à frente da seleção feminina — ainda disputou os Jogos de Atlanta-1996 no comando do time masculino —, Zé Roberto é reconhecido pela capacidade de motivar o grupo e a si mesmo. Com tantas conquistas, a aposentadoria poderia ser uma realidade. Mas, para um apaixonado pelo vôlei e pela nação que representa, há sempre um motivo para continuar.

—Trabalhei 13 anos com ele, e o que mais me impressiona não são os mais de 20 anos que está na seleção feminina. Nem a trajetória que tem como treinador. É a capacidade de achar motivos, propósitos para seguir persistindo após tantos ciclos olímpicos — diz Fabi, ex-líbero da seleção, bicampeã olímpica sob comando do técnico. — Me lembro quando o neto dele nasceu, o Felipe, e ele disse que ia dar uma acalmada. A criança deve ter uns 16 anos e o Zé tá aí... Ele é admirável.

Nessa longa trajetória de ambos, Fabi lembra que na edição de Pequim-2008, depois da traumática eliminação em Atenas-2004 pelas russas, Zé Roberto fez uma contagem regressiva desde o dia da apresentação do grupo até a final:

— Em 2008, dizia: "Faltam tantos dias para a final olímpica". Foi muito bonita essa contagem, dia após dia, até que chegou a final. Ele pediu para a gente ajudá-lo a resgatar sua metade que havia ficado na Grécia, ele queria muito se sentir inteiro de novo. Quando disse isso, no dia da decisão, lembrou: "Não falta nenhum dia mais. A hora é agora".

Os jogadores de Barcelona-1992 também lembram com carinho do momento em que o treinador se emocionou após a conquista do primeiro ouro olímpico.

— Ele, um cara jovem, teve a tranquilidade de escutar a gente. A gente se fechou mesmo, e o Zé foi responsável por quase tudo o que aconteceu. Desde a mudança da equipe, o jeito que a gente jogava, com quatro ponteiros (ele, Marcelo Negrão, Tande e Giovane) até a união, a amizade — conta Carlão, que voltou a ser central a pedido de Zé, e "pela seleção".

Tande diz que Zé Roberto é "um encantador". Por isso, toda e qualquer equipe compra a sua ideia:

— A maneira de liderar seus jogadores e jogadoras é pelo encantamento. Cobrava ao extremo, mas não dava escândalo. Ele é leve. Não tem estrelismo, seu DNA é da humildade, do companheirismo. Quando a gente se encontra é sempre muito emocionante. Ele fala que nós sempre seremos seus filhos.

REABILITAÇÃO DE ATLETAS

A dedicação do, em breve, septuagenário é tanta que não se cansa de acumular funções. Em Barueri, com ajuda da família, ele mantém uma equipe feminina que disputa a Superliga. Banca parte dos custos do time e do centro de treinamento, que serve de celeiro para jovens atletas.

Na seleção, além de técnico, é coordenador das equipes femininas do Brasil. Ainda comanda a equipe THY da Turquia (na temporada passada, foi quarto lugar, atrás dos gigantes Fenerbahce, Eczacibasi e Vakifbank, no campeonato turco).

— Essa é a quinta geração que passa pelas mãos dele, monta vários times... Todo mundo fala: "Pronto, agora acabou. Fulana se aposentou, sicrana não quer mais..." e o Brasil continua sendo competitivo. Como consegue se reinventar e se manter no topo? — questiona Tande.

Foi pela confiança de Zé Roberto que, aos 40 anos, Carol Gattaz foi à sua primeira Olimpíada, em Tóquio. E foi com a ajuda do técnico que a central Thaísa renasceu para o vôlei. Ele lhe estendeu a mão quando ela sofreu grave lesão no joelho esquerdo, em 2017. Foi abandonada por um clube turco e voltou ao Brasil para se tratar. Virou reforço do time de Barueri e voltou ao altíssimo nível. Campeã em 2012, ela voltou à seleção para a Liga das Nações de 2023, após cinco anos afastada. Hoje, é um dos pilares do Brasil em Paris:

— Ele é muito exigente e detalhista. Parece calminho, mas é bem bravo. Mas hoje vejo um Zé Roberto muito mais acessível do que no passado. Mais aberto ao diálogo, mais acolhedor. Ele torna o nosso dia a dia leve e prazeroso.

NATAÇÃO

CAROL KNOPLOCH E JOÃO VITOR COSTA
esporteglb@oglobo.com.br
PARIS E RIO

NADADORA BRASILEIRA É EXPULSA DOS JOGOS POR INDISCIPLINA

Ana Carolina Vieira diz, nas redes sociais, que vai provar que não teve 'má conduta nenhuma'; ela e o namorado, o também nadador Gabriel Santos, foram punidos por terem saído da Vila sem autorização

A natação brasileira foi surpreendida, ontem, com a punição de Ana Carolina Vieira e Gabriel Santos por atos de indisciplina. O casal, de acordo com o Comitê Olímpico do Brasil (COB), deixou a Vila Olímpica sem autorização durante a noite da última sexta-feira. Eles foram descobertos ao postar as fotos do passeio nas redes sociais.

— Todos sabem que viemos trabalhar, não para passeio de férias, nem para brincar — disse Gustavo Otsuka, chefe da equipe brasileira da modalidade.

Gabriel recebeu apenas uma advertência. Já Ana Carolina, que contestou decisão técnica sobre a prova de revezamento de forma desrespeitosa e agressiva, segundo o COB, foi desligada da delegação.

REPRODUÇÃO

Adeus. Ana Carolina foi desligada da equipe de natação após contestar de forma agressiva uma decisão técnica

— Ela infringiu o código de conduta ao ser muito intempestiva a respeito de uma decisão técnica. Não fico feliz com a situação, mas não havia o que fazer. Tentamos conversar com ela duas vezes na área da piscina e depois tentamos uma terceira vez. E não mudou. Nem lembro as palavras que usou, disse muitas bobagens — contou Otsuka.

Nas redes sociais, Gabriel disse que eles aproveitaram um "período off de treinamento após o almoço" para conhecer lugares como a Torre Eiffel, e usaram o "transporte fornecido pela organização". Ele reconheceu que ambos erraram.

No caminho de volta ao Brasil, Ana Carolina também se manifestou nas redes:

"Eu vou provar que não tive má conduta nenhuma. Estou em Portugal, vou para Recife e depois para São Paulo. Estou desamparada... Ela (uma funcionária) me mandou entrar em contato com os canais do COB, mas como vou falar com o COB sendo que já fiz uma denúncia de assédio sexual dentro da seleção e nada foi resolvido?", questionou.

Procurado, o COB não se pronunciou.

TATIANA FURTADO
Enviada especial
esporteglb@oglobo.com.br
PARIS

UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA A 116 METROS DE ALTURA

Do segundo andar da Torre Eiffel, é possível acompanhar os jogos de vôlei de praia que acontecem quase a seus pés

Principal símbolo da França, monumento mais visitado do mundo e, agora, uma arquibancada de luxo. A magia que circunda a Torre Eiffel também está a serviço dos Jogos Olímpicos. Depois de ser palco da apresentação da cantora Céline Dion e de oferecer um deslumbrante jogo de luzes na Cerimônia de Abertura, o ícone parisiense com sua visão privilegiada da cidade pode ser uma alternativa para quem não conseguiu ingressos para alguns esportes. Como o vôlei de praia, cuja arena temporária foi construída praticamente aos pés da torre.

Por menos de 30 euros e fôlego para subir os 674 degraus até o segundo andar da Torre Eiffel, é possível sentir um pouco do clima olímpico distribuído pela capital francesa. Uma grande economia, pois os ingressos de última hora para os jogos da arena, localizada no Campo de Marte, beiram os 200 euros (mais de R$1,6 mil).

CLIMA OLÍMPICO

Óbvio que a tantos metros de altura — dali do segundo andar são 116 metros — os atletas viram pequenos pontos. Algo que um binóculo ou os telescópios do local podem resolver. Mas o ambiente típico das arenas do vôlei de praia chega até lá em cima. O set list do DJ, o mestre de cerimônias e o canto das torcidas tornam a visitação mais animada.

O famoso canto "Allez Les Bleus" entoado nas arquibancadas antes da partida da dupla local Vieira/Chamereau contra as alemãs Muller/Tillmann — as donas da casa perderam por 2 a 0 — reverberou na torre. É possível ouvir todas as interações do público no jogo.

Inclusive, estava claro lá do alto que a torcida era toda a favor das brasileiras Carol Solberg e Bárbara Seixas, que estrearam ontem com vitória sobre as japonesas Akiko/Ishii por 2 a 0, parciais de 21/12 e 21/19.

— Estou muito feliz. Queria estrear logo, e estar nessa quadra foi especial. Ali, só pensei no jogo, mas, ao mesmo tempo, é importante lembrar o privilégio que é representar o Brasil nesta arena. Consegui desfrutar deste momento, ver essa arena gigante lotada, a torre ao fundo — disse Carol Solberg após a partida.

Sem ingressos para os jogos do vôlei de praia de ontem, os amigos Luis Fernando Trudi, de 34 anos, e Felipe Rodrigues, de 37 anos, resolveram viver a experiência. Foram cedo para a Torre Eiffel e chegaram a tempo de acompanhar, mesmo que de longe, ao triunfo das brasileiras.

— Tínhamos o dia livre hoje e aproveitamos para subir e ver o jogo. Temos ingressos para quinta-feira lá na arena — disse o professor de educação física Luis Fernando, que, à tarde, foi ao Parque dos Príncipes assistir a Brasil x Japão pelo futebol feminino.

OUTRAS MODALIDADES

Apesar da visão privilegiada, os amigos de Campinas sentem falta de um parque olímpico como o do Rio de Janeiro, que reuniu várias modalidades. Mesmo assim, aprovaram a "arquibancada" diferente.

— É espetacular estar aqui nesse momento e ainda poder ver um pouquinho o jogo do Brasil. É uma experiência única — afirmou o representante comercial Felipe.

Eles não foram os únicos a dar uma espiadinha nas partidas — ontem, outras duas duplas estrearam nos Jogos. Duda e Ana Patrícia derrotaram Marwa/D. Elghobashy, do Egito, por 21/14 e 21/19. Evandro e Arthur Lanci venceram Hörl/Horst, da Áustria, por 21/18 e 21/19.

— Todo mundo comenta da Torre, diz que a quadra do vôlei de praia é a melhor de todas, que queria estar nesse estádio. Está lindo. Imagina quando eu pensei que teria a oportunidade de jogar em frente à Torre Eiffel. É histórico — festejou Duda.

A torre mais famosa do mundo pode virar arquibancada de outras competições. Lá de cima também se tem visão do Trocadero (onde haverá provas de rua do atletismo e o ciclismo) e da Ponte Alexandre III (que também será ponto do ciclismo, além da maratona aquática e triatlo). Além do Rio Sena.

TATIANA FURTADO

Arquibancada privilegiada. Vista do topo da Torre Eiffel com a arena do vôlei de praia e do judô no Campo de Marte

CAROL KNOPLOCH
Enviado especial
carolk@sp.oglobo.com.br
PARIS

PRESA A BALÃO, PIRA OLÍMPICA VIRA ATRAÇÃO NO DOMINGÃO DE PARIS

Milhares de pessoas foram aos Jardins des Tuileries para chegar perto do símbolo olímpico, aberto para visitação durante o dia

A pira olímpica de Paris-2024, presa a um imenso balão, atraiu milhares de moradores e turistas aos Jardins des Tuileries, na capital francesa. No primeiro domingo após a Cerimônia de Abertura, um dia quente e com sol, o símbolo dos Jogos foi atração dividida entre o Museu do Louvre e a Place de la Concorde. Mas é preciso ter sorte para conseguir o ticket de entrada. A área está isolada.

É necessário fazer inscrição em um site para ter acesso ao local — são dez mil ingressos diários. A pira, que fica à noite no céu, passa o dia presa a um espelho d'água para visitação.

Pierre-Yves Gauter, de 24 anos, funcionário público, foi um dos sortudos. Ele disse que vai sair da cidade em quatro dias para evitar a multidão e os transtornos dos Jogos Olímpicos, mas antes quis ver a chama olímpica.

— Não sei quando vou ter outra chance de ver o símbolo dos Jogos Olímpicos assim, tão pertinho. Fiquei bem feliz, valeu a pena. Me surpreendi, a pira fica ao redor da água e não é de fogo — disse ele, que comprou ingressos apenas para os Jogos Paralímpicos. — Não dava para pagar para a Olimpíada, mas poderei ver os atletas paralímpicos.

Com o objetivo de ser um símbolo sustentável, o balão se mantém aceso por meio de eletricidade. São usadas 40 lâmpadas de LED associadas a 200 vaporizadores fortes de água para dar o efeito do fogo. A tecnologia foi criada pela EDF, empresa de eletricidade da França, que é patrocinadora dos Jogos.

A chama olímpica, que não pode se apagar, fica em uma lamparina no mesmo local, perto do balão.

A pira ficará acesa durante todo o período da Olimpíada. Mas o balão só vai se elevar aos céus durante determinados períodos do dia, do pôr do sol até as 2 horas da manhã.

— Vou voltar para ver a pira suspensa pelo balão também — disse Gautier, que assistiu à Cerimônia de Abertura perto da ponte Austerlitz.

Valérie Gutkin, de 45 anos, também conseguiu fazer a visita ontem. Ela, que mora na Bélgica e demorou cerca de quatro horas de trem para chegar em Paris, pretende ver as competições de ginástica:

— Comprei os ingressos há mais de um ano.

CAROL KNOPLOCH

Visitação. Pira, que fica à noite no céu, passa o dia presa a um espelho d'água

PARIS 2024

EDITOR-CHEFE: Thales Machado COORDENADOR E EDITORES ASSISTENTES João Pedro Fonseca; Bernardo Araujo, Carla Felícia, Felipe Siqueira, Renan Damasceno, Renato de Alexandrino e Sanny Bertoldo REPÓRTERES EM PARIS: Alexandre Massi, Carol Knoploch e Tatiana Furtado
REPÓRTERES: André Zajdenweber, Breno Angrisani, Cayo Pereira, Davi Ferreira, Diogo Dantas, João Pedro Fragoso, João Vitor Costa, Júlia Cople, Letícia Lopes, Lucas Altino, Lucas Ribeiro, Luciano Ferreira, Maíra Rubim, Rafael Oliveira, Thayssa Rios e Vitor Seta. Arthur Falcão, Laura Mariano e Lucas Guimarães (estagiários)
EDITOR EXECUTIVO VISUAL: Alessandro Alvim PROJETO GRÁFICO: Gustavo Amaral e Pablo Tavares DIAGRAMAÇÃO: Gustavo Amaral e Télio Navega.

ENTREVISTA GABRIELA PRIOLI

‘TIVE MEDO DE NÃO AMAR A MINHA FILHA’

APRESENTADORA FALA DE SEU NOVO PROGRAMA, QUE PRETENDE ABRIR MAIS ESPAÇO PARA DÚVIDAS E PERGUNTAS, E CONTA COMO A MATERNIDADE EXPÔS VULNERABILIDADES POR TRÁS DE SUA IMAGEM DE MULHER FORTE: ‘VIVI UMA DEPRESSÃO PÓS-PARTO VIOLENTA’

MARIA FORTUNA
mariafortuna@oglobo.com.br

Quinze dias após parir a filha, Ava, Gabriela Prioli já estava trabalhando. Para a advogada, professora e apresentadora, que perdeu o pai aos 6 anos num acidente e viu a mãe se desdobrar para sustentar duas crianças, parar a vida profissional nunca foi uma possibilidade. Seria como trair a história de dona Marta. O resultado foi estafa e uma depressão pós-parto que a levou ao psiquiatra. A maternidade escancarou a vulnerabilidade por trás da imagem de mulher forte que ela construiu publicamente. Um ano e meio depois, ainda recorrendo à medicação com canabidiol, a Gabriela que está à frente do “Sábia ignorância”, programa dirigido por Tatiana De Lamare cuja segunda edição vai ao ar hoje, no GNT, acolhe mais suas fraquezas, como conta nesta entrevista.

Seu primeiro programa solo foi o “A Prioli”, em 2022. O que aprendeu em dois anos? É segura como aparenta?

Apareço diferente do que sou. Sou segura, mas sensível e doce. Me tornei mãe. Chego nesse programa conhecendo mais a mim e o meu público. E com mais calma para entender que tudo tem seu tempo.

Parece controladora. A maternidade te fez aceitar que não dá para controlar tudo?

Não acho que tudo tem que ser do meu jeito. Sou trabalhadora e cumpro o que me foi determinado. Sou controladora com minha entrega. Me cobro. Mas tenho a vida marcada pelo inesperado, né? Meu pai morre quando tenho 6 anos, do nada, num acidente fora de qualquer previsibilidade. Sei desde pequena que nem tudo está na minha mão.

Seu pai foi atropelado e você acordou na hora do acidente...

Isso nem foi o pior. Na minha mente, se eu tivesse morrido, seria melhor para minha mãe, porque ele poderia ajudá-la. Daí vem meu pânico de dar trabalho. Pra eu pedir ajuda... Tô definhando, mas faço, aconteço, aguento. Minha mãe ficou sozinha aos 32 anos, duas crianças, perdeu 20 quilos. Meu pai era o primeiro da família dele a fazer faculdade. Minha avó morreu sem saber ler e escrever. Ele era o responsável pelo dinheiro da nossa casa.

Tem dificuldade para dormir?

Muita. É o assunto da minha terapia. Acordo quase todos os dias, no meio da noite, desesperada.

Há um papel de “professora do Brasil” para você? Ele seria arrogante?

Nenhuma mulher que se coloque opinando consegue fugir da resistência. Somos vistas no lugar de subalternidade, docilidade. Falar sua opinião tem custo. Mas acho que me veem como alguém em quem confiar porque sabem que podem colocar dúvidas e não serem ridicularizadas e não porque eu seja a melhor pessoa para explicar.

Seu vídeo contra a PL do aborto teve 22 milhões de views. Pensa no impacto da sua influência?

Sim, mas a cobrança é pelo melhor conteúdo. Trabalho muito para ficar do jeito que acredito e, para minha vida pessoal, isso é um problema. Tive a Ava e vivi depressão pós-parto violenta. Uma semana depois estava fazendo a live do Clube do Livro; em um mês, no “Altas horas” anunciando o “Saia justa”; em dois meses, doente ainda, no ar. Não é porque não me permita sangrar em público que não sofra.

Trabalhar tão logo após parir é cruel...

Cilada. Meu parto foi intenso, o efeito da anestesia foi ruim. Na gestação, apareci opinando sobre assuntos controversos. Quando falei que minha filha era bebê pélvico e ia fazer uma cesárea, a reação foi violenta. E eu prestes a parir. Lembro de perceber que não estava legal quando falei para o Thiago (*seu companheiro*): “Era melhor uma cesárea de emergência”. Aí, pensei: “Olha o que tô falando”. Pedi desculpas para minha filha. Estava enlouquecendo.

Você disse que não é boa para falar de fragilidade. Estou tentando arrancar sua máscara...

É defesa, vamos construindo a casca com o que temos. Trabalhar é o que sei. Minha mãe superou a dor trabalhando para botar comida na mesa. Fazíamos conta para saber o que daria para comer. Troquei de escola, precisei de bolsa 100%. É difícil me permitir não trabalhar. E uma coisa que me apavorou na gravidez: tive medo de não amar a minha filha. Me senti uma pessoa horrível. Na verdade, o meu medo era de gostar dela. Porque, se tinha sobrevivido à perda do meu pai, à dela eu não sobreviveria. Me senti vulnerável como nunca. Se a casca que criei foi dessa mulher forte, estava me sentindo um nenê de novo.

Depressão e remédio têm impacto direto na libido. Como lidou?

A depressão impactou bastante, e alguns remédios fazem você não sentir nada mesmo. O pós-parto é um processo. E a mulher que acabou de ter um bebê vai ser cobrada para voltar a sua performance logo, se não é aquela coisa: “Vai perder o marido, hein?”. Olha que mundo violento!

Mistura a imagem de intelectual com a de quem gosta de festa. E “Dança dos Famosos”?

Gosto do que causa incômodo, provocação. E quem vai dizer “isso pode, isso já é demais?”. Pode o que você é.

Sua oratória impressiona. O que foi fundamental na sua infância para desenvolvê-la?

O principal é se sentir legitimada a ocupar aquele espaço. Mulheres crescem com a ideia de que nosso lugar não é o da inteligência. Fez diferença a educação com senso de direito da minha mãe. Ouvia: “Pode falar o que quiser, pra quem quiser, só não pode desrespeitar”. Argumentava com a professora, ligavam da escola e minha mãe falava: “Ela gritou? Ofendeu? Então, ouçam o que tem para dizer”.

É difícil ter DR com você?

Thiago sabe me dobrar. Sou mais carinhosa e carente que ele. Se é um assunto que resolvo desenvolver, dou trabalho. Mas brigamos pouco. Ele é seguro. Tenho um entorno que quer me ver no auge.

Qual é a sua principal proposta no novo programa?

Dar um passo atrás. Em tempos em que somos chamados a opinar sobre tudo, em que nos provocam como se precisássemos esconder ignorâncias, queremos falar o inverso: que só reconhecendo nossa ignorância conseguimos ir além.

Não é vergonha fazer perguntas básicas como fez Anitta nas aulas com você...

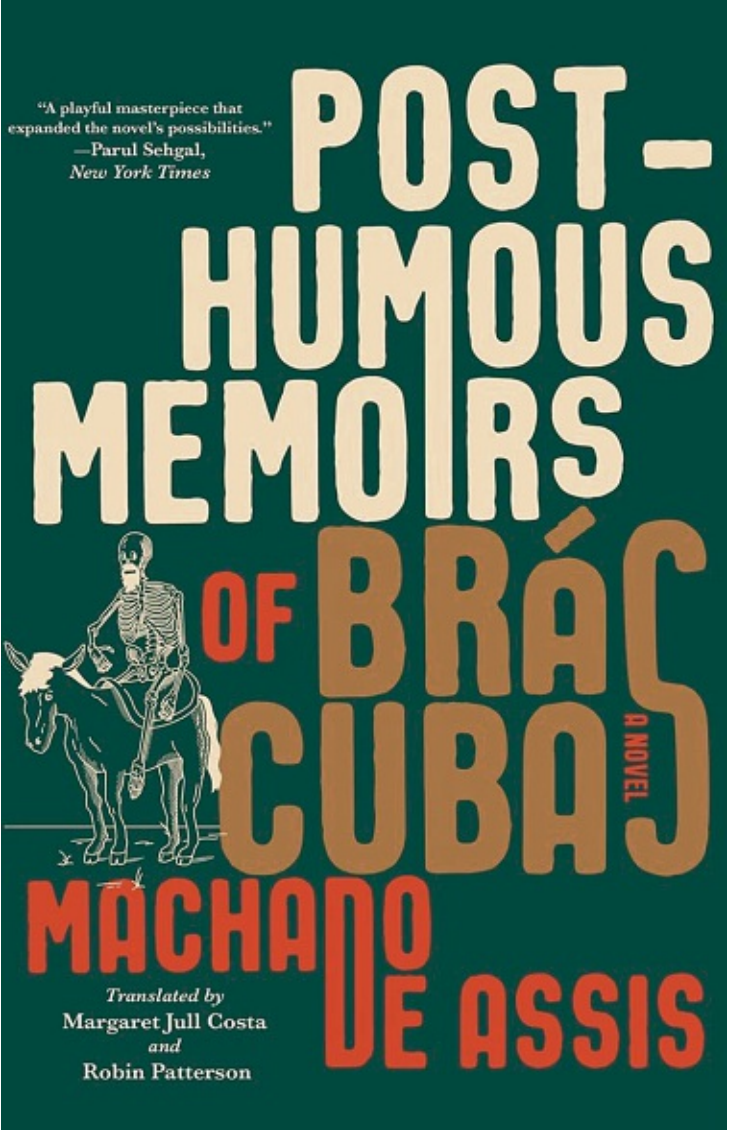
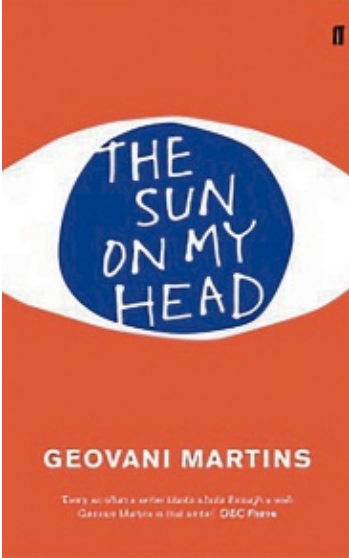
Todo mundo precisou fazer perguntas básicas algum dia. É vergonha não saber? Penso o inverso. Quando a Anitta me propôs as lives, foi corajosa. Poderia ter me ligado, mas fez as perguntas que tinha. Muita gente ridicularizou. A ridicularização da dúvida é excludente, só funciona pra perpetuar *status quo*. Se queremos que o poder seja distribuído, precisamos abrir espaço pra pergunta.

No ar. A advogada Gabriela Prioli está à frente do “Sábia ignorância”, programa cuja segunda edição é exibida hoje, no GNT

DIVULGAÇÃO/IUDE RICHELE

REPRODUÇÕES

LEVA DE POLÊMICAS EMBALADA EM LISTA DE MELHORES

DEPOIS DA SELEÇÃO DOS LIVROS DO SÉCULO XXI FEITA PELO NEW YORK TIMES, A PERGUNTA PERSISTE: POR QUE NÃO HÁ OBRAS EM LÍNGUA PORTUGUESA? CRÍTICOS ATRIBUEM AUSÊNCIA DA LITERATURA LUSÓFONA A UM 'PROVINCIANISMO' AMERICANO, MAIS DO QUE À FALTA DE TRADUÇÕES

RUAN DE SOUSA GABRIEL
rsgabriel@edglobo.com.br
SÃO PAULO

Não deu no New York Times. Na lista dos "100 melhores livros do século XXI" proposta pelo jornal americano, não há um só autor lusófono. Eram elegíveis títulos publicados em inglês a partir do ano 2000, independentemente da data da primeira edição na língua original. A dinamarquesa Tove Ditlevsen, por exemplo, lançou livros autobiográficos entre os anos 1960 e 1970, mas eles só saíram em inglês em 2021, reunidos da "Trilogia de Copenhagen". Ditlevsen entrou na lista, mas sua contemporânea Clarice Lispector, cujos contos completos apareceram na língua do NY Times em 2016, não.

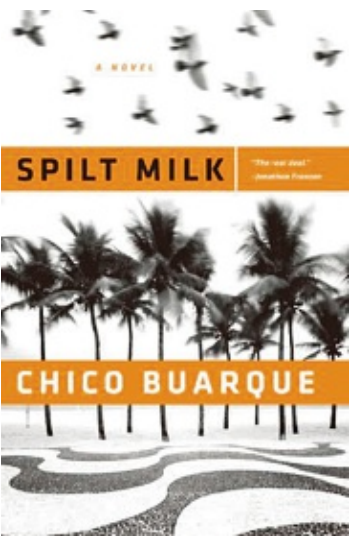
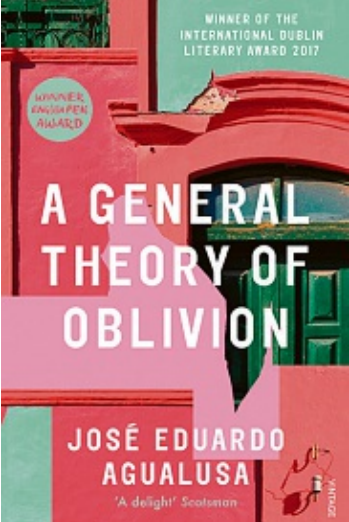
Também não houve menção a José Saramago, vencedor do Nobel de Literatura em 1998, que publicou regularmente até sua morte, em 2010. Tampouco a romances brasileiros que concorreram a troféus literários estrangeiros recentemente, como "Marrom e Amarelo", de Paulo Scott, e "Torto arado", de Itamar Vieira Junior, que disputaram o International Booker Prize, e "A palavra que resta", de Stênio Gardel, vencedor do National Book Award.

É verdade que muitos idiomas ficaram de fora. Das 100 obras incluídas, quase 90 foram escritas em inglês (sendo que "A fantástica breve vida de Oscar Wao", do dominicano-americano Junot Díaz, mistura o espanhol e o inglês), quatro em espanhol, três em italiano (todas de Elena Ferrante) e duas em francês. O alemão, o russo, o norueguês, o dinamarquês e o coreano foram representados com um livro cada. Ainda assim, numa época em que "Memórias póstumas de Brás Cubas" viraliza no TikTok, a língua portuguesa não mereceria mais espaço?

Nomes do mercado de livros ouvidos pelo GLOBO lamentam a ausência de títulos como "Leite derramado", de Chico Buarque, "A obscena senhora D", de Hilda Hilst (publicado em inglês em 2012), "Cidade de Deus", de Paulo Lins (2006), "O sol na cabeça", de Geovani Martins, "Esse cabelo", da portuguesa Djaimilia Pereira de Almeida, "Teoria geral do esquecimento", de José Eduardo Agualusa", e "Niketche", da moçambicana Paulina Chiziane. Todos eles apontam que o problema não é apenas a pouca penetração da literatura traduzida no mercado anglófono, mas principalmente o caráter "provinciano" da crítica literária americana, que pouco olha além de suas fronteiras.

Apenas 3% dos livros publicados nos Estados Unidos são traduções. O índice é praticamente o mesmo no Reino Unido e fica entre 13% e 15% na França e na Alemanha, afirma a agente literária alemã Nicole Witt, que representa autores de língua portuguesa e espanhola. O português, diz ela, nunca representa mais de 1% dos livros traduzidos, não importa o país.

A jornalista, escritora e produtora cultural portuguesa Anabela Mota Ribeiro lembra que críticos americanos renomados já deram atenção à lusofonia.

— Harold Bloom escreveu sobre Eça de Queiroz, Machado de Assis, Fernando Pessoa e Saramago. E Susan Sontag escreveu um prefácio para "Brás Cubas". Ela também visitou Saramago em Lanzarote. Diz alguma coisa sobre Saramago uma das maiores intelectuais do século XX deslocar-se até uma ilha e ir ter com autor, não? — diz Anabela.

Pleito. Na seleção do NYT, eram elegíveis títulos publicados em inglês a partir de 2000, não importando a data da 1ª edição na língua original; nomes do mercado editorial rebateram apontando lacunas relevantes e novas apostas

A lista do NY Times foi elaborada a partir de indicações de "503 romancistas, escritores de não ficção, poetas críticos e outros amantes de livros", que contaram com uma "ajudinha" da equipe do jornal. Entre os "eleitores", estão autores como Stephen King, Karl Ove Knausgård, Claudia Rankine, Marlon James e a atriz Sarah Jessica Parker (de "Sex and the City").

Embora o espanhol seja o idioma que mais aparece na lista depois do inglês, o jornal El País reclamou da "pouca representatividade" da língua de Cervantes. Citando o editor Juan Carlos Ortega Prado, da Penguin Random House espanhola, afirmou que o "cânone" forjado pelo NY Times é sintoma não da escassez de traduções, e sim da "falta de ideias que se opõem diretamente à concepção de cultura e às ideologias políticas que prevalecem no mundo nova-iorquino ou, mais amplamente, anglo-saxão".

Os quatro livros em espanhol da lista são: "2666" e "Os detetives selvagens", do chileno Roberto Bolaño, "Quando deixamos de entender o mundo", de Benjamín Labatut (outro chileno), e "Temporada de furacões", da mexicana Fernanda Melchor. Pedro Meira Monteiro, crítico literário e professor da Universidade de Princeton, nota que Melchor é descrita como "uma espécie de Faulkner do sul da fronteira" e que seu livro é chamado de "barroco", uma história "terrivelmente angustiante de pobreza, paranoia e assassinato".

— É a mesma linguagem que era usada para descrever os autores do realismo mágico latino-americano. Esse é o lugar que nos é reservado: ser o "Faulkner do sul da fronteira", ser "barroco" — diz ele.

A agente literária Nicole Witt confirma essa percepção:

— Os editores americanos procuram romances que tenham elementos próprios do país do autor como que para "justificar" o esforço de traduzir do português. Evidentemente, o romance também precisa ter algo de universal para que a história dialogue com o público. Mas, quando só trata de temas universais, eles dizem: "Talvez eu consiga encontrar uma história similar nos EUA ou numa língua mais de fácil de traduzir — conta.

O editor inglês Stefan Tobler (que nasceu em Belém do Pará) especula que o NY Times talvez tenha escolhido privilegiar "livros recentes, novas descobertas" e, por isso, Clarice Lispector, embora elegível, tenha ficado de fora.

— Ela teria sido uma ótima escolha. Nenhum outro escritor brasileiro estourou como Clarice nos últimos anos — diz o editor da And Other Stories, que publicou "Marrom e Amarelo", de Paulo Scott, em inglês. — Tenho fé que isso vai mudar.

RESTRITA, NÃO UNIVERSAL

Meira Monteiro também acredita que o cenário pode mudar: a literatura lusófona que pretende discutir racismo e herança da escravidão e do colonialismo pode chamar atenção nos EUA, onde esses debates estão fervendo. Nesse cenário, autores como Itamar Vieira Junior, Paulo Scott, Geovani Martins, as portuguesas Djaimilia Pereira de Almeida e Isabela Figueiredo (autora de "Caderno de memórias coloniais") e os luso-africanos Paulina Chiziane (Moçambique) e Ondjaki (Angola) ocupam posições privilegiadas.

— Esses autores são bem-sucedidos ao abordar questões existenciais em sociedades racistas, que tentam se haver com seu passado colonial. Esse é o espírito do tempo no chamado "centro do mundo" — diz o crítico literário. — Os lusófonos vão conseguir pegar carona nisso? É uma aposta.

Meira Monteiro também faz uma observação: talvez seja melhor não darmos tanta atenção à lista do NY Times.

— A lista se apresenta como universal, mas ela é restrita. Talvez devêssemos nos perguntar onde vem a ansiedade ao constatar nossa ausência nessa lista? É como se precisássemos da bênção deles.

HORÓSCOPO Cláudia Lisboa

ÁRIES (21/3 A 20/4) Elemento: Fogo. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Libra. **Regente:** Marte.
Você enfrentará muitas escolhas agora e deverá ser flexível em suas reflexões para tomar decisões rápidas e acertadas. Não se cobre tanto e lembre-se de que tudo é passageiro. A vida é feita de movimento.

TOURO (21/4 A 20/5) Elemento: Terra. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Escorpião. **Regente:** Vênus.
Você enfrentará emoções mais intensas que o habitual em seus relacionamentos pessoais. Fique atento para que as interações não se tornem potencialmente estressantes. Dirija a energia para algo produtivo.

GÊMEOS (21/5 A 20/6) Elemento: Ar. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Sagitário. **Regente:** Mercúrio.
Agora você terá que tomar importantes decisões sobre sua vida íntima e familiar. Encare o que for preciso e evite adiar o inevitável. Com coragem, você verá que nem tudo é o que parece. Siga em frente.

CÂNCER (21/6 a 22/7) Elemento: Água. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Capricórnio. **Regente:** Lua.
Agora será fundamental estabelecer uma rotina que preze por estabilidade e segurança. Evite adicionar novas atividades ou projetos antes de fechar os que estão em andamento. Priorize o que está em curso.

LEÃO (23/7 a 22/8) Elemento: Fogo. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Aquário. **Regente:** Sol.
O momento será especialmente favorável para os assuntos profissionais e públicos, e você deverá valorizar os contatos que fará ao longo do dia. Aproveite a sua posição de destaque e os caminhos abertos.

VIRGEM (23/8 A 22/9) Elemento: Terra. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Peixes. **Regente:** Mercúrio.
Agora você irá misturar realidade com fantasia, trazendo ousadia para os seus planos e se permitindo correr riscos calculados em busca de novas experiências. Entregue-se. A segurança é uma ilusão.

LIBRA (23/9 A 22/10) Elemento: Ar. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Áries. **Regente:** Vênus.
O dia trará sentimentos intensos e profundos, o que lhe despertará para importantes reflexões. Dê tempo ao tempo e permita-se sentir tudo o que virá à tona. Boas ideias surgirão a partir do mistério.

ESCORPIÃO (23/10 A 21/11) Elemento: Água. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Touro. **Regente:** Plutão.
Você preferirá racionalizar sentimentos e nomear emoções que estão no campo da incerteza. Lembre-se de que a razão não lhe dará maiores garantias. Entregue-se ao poder dos afetos e acolha cada um deles.

SAGITÁRIO (22/11 A 21/12) Elemento: Fogo. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Gêmeos. **Regente:** Júpiter.
Você identificará importantes mudanças que será necessário implementar no seu estilo de vida se quiser aprimorar sua rotina e saúde. Traga consciência para aquilo que lhe faz bem e se beneficie disso.

CAPRICÓRNIO (22/12 A 20/1) Elemento: Terra. **Modalidade:** Impulsivo. **Signo complementar:** Câncer. **Regente:** Saturno.
Intensas emoções virão à tona agora e dependerá de você abraçá-las com generosidade ou não. Lembre-se da importância de não guardar para si sentimentos bons ou ruins. Viva-os com sinceridade e leveza.

AQUÁRIO (21/1 A 19/2) Elemento: Ar. **Modalidade:** Fixo. **Signo complementar:** Leão. **Regente:** Urano.
Você precisará concentrar-se em suas tarefas e administrar a ansiedade, já que o momento será de obstáculos no caminho. Não há por que ter pressa. As melhores coisas vêm para aqueles que esperam. Confie.

PEIXES (20/2 A 20/3) Elemento: Água. **Modalidade:** Mutável. **Signo complementar:** Virgem. **Regente:** Netuno.
Boas notícias estão a caminho e você poderá resolver antigos impasses com mais agilidade agora. Lembre-se de que seu otimismo e a habilidade de enxergar o contexto geral o ajudarão a alcançar seus objetivos.

oglobo.com.br/cultura
Editor: Marcelo Balbio (balbio@oglobo.com.br). **Editor assistente:** Eduardo Rodrigues (earodrigues@oglobo.com.br) . **Diagramação:** Gustavo Amaral (gdamaral@edglobo.com.br)
Telefones: Redação:2534-5703. **Publicidade:** 2534-4310 publicidade@oglobo.com.br **Correspondência:** Rua Marquês de Pombal 25, 4º andar. CEP 20.230-240

PLAY

Por Anna Luiza Santiago

Com Gabriel Menezes, Tábata Uchoa, Giulia Costa e Marina de Mattos • oglobo.globo.com/play • anna.santiago@oglobo.com.br • colunaplay

Para Fernanda Garay, que está fazendo uma excelente estreia como apresentadora no programa "Central olímpica", da Globo.

Para as cenas recentes de Jayme Matarazzo em "Família é tudo". O resultado tem sido artificial, tanto por causa da interpretação do ator quanto pelo texto.

Resistência

Um dos cenários da novela "Garota do momento" será um quilombo urbano inspirado no Renascença Clube, tradicional reduto cultural na Zona Norte do Rio. Tatiana Tiburcio e Cridemar Aquino serão os donos do local. Eles viverão os pais de Ícaro Silva.

Cenário de 'Vale tudo'

A cenografia do remake de "Vale tudo" ficará a cargo de Paulo Renato. Na Globo, ele já fez novelas como "Família é tudo", "Novo mundo" e "Nos tempos do imperador".

Comédia romântica

Arianne Botelho, que esteve em "Reis", na Record, será uma das protagonistas do filme "Caramelo", da Netflix. A atriz interpretará uma veterinária e fará par com Rafael Vitti.

TROUVA/GLOBO

Viva Marrom!

No próximo sábado, Alcione ganhará uma merecida homenagem no palco do "Caldeirão com Mion". Durante uma edição especial do quadro "Sobe o som", ela cantará alguns de seus maiores sucessos, como "A loba" e "Meu ébano". "Eu tenho 50 anos de carreira. Agradeço a Deus todos os dias por ter as pessoas comigo de forma tão calorosa", diz

História real

Leandro Daniel, o Floro Borromeu de "No rancho fundo", em cena do filme "Entrelinhas" com Carlos Vilas e Gabriela Freire. O ator vive Marcos, agente do Dops, órgão de repressão da ditadura militar. Ele vai torturar a personagem dela, Ana Beatriz, uma estudante. O longa de Guto Pasko estreia em 22 de agosto

NATASHA DURSKI

Parceria...

Além de "Êta mundo bom! 2", Amora Mautner vai dirigir a novela que Walcyr Carrasco prepara para a faixa das 21h da Globo. A dupla deixará a trama das 18h bem encaminhada e sairá antes do fim dos trabalhos para se dedicar ao novo projeto.

E retornos

Vários atores que fizeram "Êta mundo bom!" vêm sendo consultados para a continuação. Além de Sergio Guizé e Flávia Alessandra, Camila Queiroz, Elizabeth Savala e Jeniffer Nascimento estão entre os desejados.

Oriente

"Volta por cima", novela das 19h, vai abordar o universo K-pop. Tati (Bia Santana), irmã da protagonista Madá (Jéssica Ellen), será fã da cultura coreana.

JOGOS

LOGODESAFIO

POR SÔNIA PERDIGÃO

T D Z L
E
I   BU
I S A O

Foram encontradas 59 palavras: 30 de 5 letras, 19 de 6 letras, 9 de 7 letras, 1 de 8 letras, além da palavra original. Com a sequência de letras BU foram encontradas 10 palavras.

Instruções: Este jogo tem os seguintes objetivos: **1**. Encontrar a palavra original utilizando todas as letras contidas apenas no quadro maior. **2**. Com estas mesmas letras formar o maior número possível de palavras de 5 letras ou mais. **3**. Achar outras palavras (de 4 letras ou mais) com o auxílio da sequência de letras do quadro menor. As letras só poderão ser usadas uma vez em cada palavra. Não valem verbos, plurais e nomes próprios.

Solução: asilo, azedo, delta, desta, dieta, disto, estio, ideal, idéia, idosa, ilesa, ileso, ítalo, leito, lesão, letão, lista, lítio, sadio, saído, saldo, salto, seita, sítio, solda, solta, tédio, telão, tesão, tília // deísta, delito, dileta, dileto, ditosa, edital, estado, estalo, estilo, estola, idiota, latido, leitão, leitoa, lesado, saiote, selado, sólida, zelosa // dialeto, diálise, estádio, estiado, leitosa, listado, sitiado, solidez, tediosa // estalido. ESTILIZADO. Com a sequência de letras BU: abuso, budista, bula, bule, bustiê, busto, búzio, estábulo, tabu, zebu.

Palavras cruzadas

- Representa a República nas notas de Real
- Condição dos animais, segundo proposta para mudança no Código Civil
- Música de Raul Seixas
- Dança típica napolitana
- Alegre, em francês
- A lei maior do Brasil
- Ramo tecnológico da criação de drones
- Mauna (?), vulcão ativo do Havaí
- Composto derivado da maconha usado como medicamento
- 101, em romanos
- Ligado, em inglês
- Formiga, em inglês
- Equivale a 100 metros quadrados
- Cidade paulista dos exageros
- Afecção cutânea que causa coceira
- Manuel (?) Bocage, poeta português
- Estudo dos seres vivos
- Mineral da ostra, amendoim e feijão
- Região do Sul da Espanha
- Adepto do Anarcocapitalismo
- O maior deserto quente do mundo
- Chicago (?), time de beisebol (EUA)
- "Estúdio (?)", atração da GloboNews
- Pássaro negro insetívoro (pl.)
- Evolução da moda em certo período
- Nitrogênio (símbolo)
- Hiato de "paetê"
- Esfrega com as unhas no corpo
- Letra que precede o cifrão no Real
- Furna; caverna (bras.)
- Aja de má-fé
- De (?): de frente

I T U

BANCO 2/on. 3/ant — gai — loa. 4/cubs. 5/ancap. 8/robótica. 15/seres sencientes.

SOLUÇÃO

TA	R	A	N	T	E	L	A		S	A	A	R	A
		C	O	N	S	T	I	T	U	I	Ç	Ã	O
	E	I		A	O		Z	I	N	C	O		R
G	I	T	A		I	T	U		A	N	C	A	P
IA	G	O	LO	I	B		L	S		E		C	
	I	B		C	A	N	A	B	I	D	I	O	L
	F	O			C		D	U		N		A	E
S	E	R	E	S	S	E	N	C	I	E	N	T	ES
			AR		E		A			T		I	

QUADRINHOS

MACANUDO — Liniers

NADA COM COISA ALGUMA — José Aguiar

FORA DE FOCO — Eduardo Arruda

O CORPO É PORTO — André Dahmer

BICHINHOS DE JARDIM — Clara Gomes

A VIDA É UM RISCO — Adão Iturrusgarai

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS
segundocaderno@oglobo.com.br

XEXÉO DARIA A ELE O 'TROFÉU MALA' 2024

Você talvez não esteja ligando o nome à pessoa, mas o normopata é seu velho conhecido. A novidade é que o sujeito, uma versão 2.0 do chato de galochas, o cara previsível de quem nunca se deve esperar uma palavra ou um feito fora do padrão, ele agora está sendo apresentado não só com uma alcunha diferente. É também um projeto a se perseguir, ser aceito nas regras da normalidade social, nestes tempos mais chatos ainda do que ele.

O normopata é uma espécie de vítima do politicamente correto, do medo de incorrer em alguma palavra que entrou no índex ontem pela manhã e, se pronunciada na reunião à tarde, pode lhe custar o emprego. São muitas as novas armadilhas. O desejo-e-sofrimento dele é ficar na média, próximo do que vê como exemplo de sucesso nas telas das redes sociais. Zero de individualidade. O normopata espreme-se dentro da caixinha, quer ser igual aos demais e, principalmente, invisível à ira moderna do cancelamento.

É uma versão *up to date* daquele que, como Millôr Fernandes dizia, não permite ao próximo a ventura do saco vazio. Artur Xexéo, em seu concurso anual aqui no GLOBO, daria a ele o "Troféu Mala 2024".

Pois esse neochato me apareceu com o nome curioso no ótimo "Culpa e desejo", um filme franco-suíço que chegou semana passada ao streaming da Apple TV. Numa cena, a advogada quarentona Anne (Léa Drucker) deixa o marido em casa, conversando mesmices com amigos, e segue até um bar na garupa "vida loca" do patinete de um rapaz. Ao voltar, cabelos revoltos, é admoestada.

"Os seus amigos normopatas me cansam", ela responde ao marido. "Eles cansam a eles mesmos."

A obsessão desse personagem cansativo é se encaixar na segurança da normalidade, ficar na zona de conforto de usar expressões como zona de conforto e outros clichês de conversa onde todos devem estar de acordo. Zero de criatividade. Ele se esforça para evitar atitudes que o invalidem na mídia, na chuva ou na fazenda. Nem fede nem cheira. Pede pelo amor de Deus que o deixem fora dessa, não o comprometam. Pelo princípio básico da doença que o acomete, quer se moldar ao grupo e não destoar.

O NORMOPATA É UMA ESPÉCIE DE VÍTIMA DO POLITICAMENTE CORRETO, DO MEDO DE INCORRER EM ALGUMA PALAVRA QUE ENTROU NO ÍNDEX ONTEM PELA MANHÃ. ESPREME-SE DENTRO DA CAIXINHA

Há muitas maneiras de ser um cidadão assim, e nos casos históricos os psicólogos citam os nazistas, que normalizam o mal. Meu normopata é outro, o cansativo, o comportamental. Cronista de segunda, eu fujo por sobrevivência profissional desses agentes do tédio profundo, fãs pelo avesso do "Metamorfose ambulante" do Raul. O chato contamina o texto.

O "normopata", apontado pela mulher do filme, me lembrou "O pior encontro casual", uma crônica de Antônio Maria. Nela, o escritor pernambucano traça o perfil do homem autobiográfico, aquele que faz o comercial de le mesmo dizendo "Acordo às sete da manhã e a primeira coisa que faço é tomar o meu bom chuveiro". O sujeito ainda se homenageia informando aos desinteressados que em seu cotidiano de normalidades toma "um bom café reforçado", muda de cueca todo dia, e à noite, de pijama, é da família. Deita no sofá e assiste a televisão "com as crianças em cima".

"Ah" — finaliza Maria, irritado, sem saber que em 1960 perfilava o bisavô do normopata, e que em 2024 eu juntaria seu desabafo ao meu — "ah, meu Deus, essa gente me procura tanto!".

DIVULGAÇÃO

Mix. O Avenged Sevenfold começará seu show no festival com o disco "Life is but a dream...", de 2023, diz M. Shadows (primeiro à direita na foto), e incluirá canções anteriores aguardadas pelo público

SILVIO ESSINGER
silvio.essinger@oglobo.com.br

UM SHOW QUE SURGE DA BUSCA DE SENTIDO PARA A VIDA

PRINCIPAL ATRAÇÃO DO METAL NO ROCK IN RIO, AVENGED SEVENFOLD FOCA EM DISCO INFLUENCIADO POR CAMUS E 'SEGUE EXEMPLO DE IRON MAIDEN E METALLICA', DIZ VOCALISTA, QUE SE ORGULHA DE SER DE GERAÇÃO QUE 'AINDA TOCA TUDO AO VIVO'

Atração principal no palco Mundo no dia dos sons pesados do Rock in Rio (15 de setembro), a banda americana Avenged Sevenfold volta bem diferente daquela que se apresentou no festival em 2013. Um dos maiores nomes do heavy metal da atualidade, o grupo californiano fundado em 1999 chega para mostrar "Life is but a dream...", seu ambicioso e desafiador álbum do ano passado.

Trata-se de um disco existencialista, influenciado por leituras de Albert Camus, no qual o quinteto faz seu metalcore se alternar — às vezes na mesma faixa — com rock progressivo, jazz fusion, rap, funk, dance music eletrônica e até instrumental de piano.

Em entrevista por Zoom, o vocalista M. Shadows (Matthew Charles Sanders) explica que esse novo trabalho surgiu durante a pandemia, a partir de uma busca por sentido para a vida. E de experimentos com substâncias psicodélicas como 5-MeO-DMT e psilocibina, com as quais ele diz ter vivido "momentos reveladores nos quais você pode dissipar tudo o que você sabe sobre você mesmo, sobre as coisas que você achava que eram importantes".

— Encontrar um significado para a vida é uma coisa muito pessoal. Não há nenhum significado inerente, só uma espécie de escolha-sua-própria-aventura. Uma vez que você percebe isso, você começa a ter esse tipo de revelação sobre você mesmo e sobre o mundo em que vivemos — divaga. — "Life is but a dream..." é uma espécie de rápido estalar de dedos que leva você para este lugar onde, para começo de conversa, nunca houve regras. Você ama ele, ou não.

Para M. Shadows, foi essa narrativa sobre a vida o que impulsionou "os solavancos musicais", a frenética mudança de estilos e as "acelerações e desacelerações" do disco — bem mais do que a uma necessidade dos integrantes de mostrar seus talentos como instrumentistas:

— Sabemos montar transições, sabemos modular músicas, só quisemos levar isso ao extremo, de uma forma que as pessoas nunca ouviram antes.

Tudo em "Life is but a dream..." veio da inevitável tentativa do Avenged Sevenfold de "continuar evoluindo como banda", esclarece o vocalista.

— Há muitos fãs, em todos os gêneros, que gostam de certas épocas dos artistas e querem que eles sejam sempre essa coisa. Já nós queremos tocar as coisas que nos entusiasmam agora. Mas isso não quer dizer que não vamos nos divertir e garantir que o show seja completo — garante. — Estamos tocando coisas novas, mas também as coisas antigas. Só não queremos nos repetir, tocar em 2030 o mesmo set list que tocamos em 2024 e em 2013. Isso seria muito triste. Somos uma banda que segue o exemplo do Iron Maiden e do Metallica, bandas que seguiram avançando e avançando até chegarem ao momento em que estão.

Em sua busca por uma experiência "inebriante" e experimental, mais alinhada com a de bandas como Pink Floyd, Tool e Gojira do que com a do "pop metal", M. Shadows diz que o Avenged Sevenfold preparou um show que se apoia na música e em uma série de vídeos, mais do que em fogos de artifício e demais efeitos pirotécnicos.

— Mas isso não significa que não possa haver pirotecnia ou lasers, só que eles precisam ser feitos com bom gosto — argumenta ele, informando que o show abre com as músicas de "Life is but a dream...". — E sabe o que acontece quando tocamos o disco novo na primeira parte do show? As pessoas ficam ali de braços cruzados. Só depois que sai mais um disco seguinte é que as pessoas querem ouvir o anterior. Estamos bem conscientes disso, mas também não vamos deixar que o público dite o que queremos fazer no palco.

Hoje, o cantor diz considerar "Hail to the king", o bem-sucedido álbum com o qual vieram ao Rock in Rio em 2013, "um disco muito simplista".

— Tínhamos uma missão, estávamos cansados de ser aquela banda que entra num bar e não ouve nenhuma música sua tocando. Então, tentamos fazer um disco que girasse em torno dos grandes riffs, da simplicidade, de uma ode ao passado, acho que acertamos em cheio — acredita.

De volta ao Rock in Rio com o Avenged Sevenfold depois de 11 anos, M. Shadows festeja.

— Receber essa oferta para chegar até vocês é um sonho para qualquer banda. Quando era garoto eu ouvia sem parar aquele álbum do Iron Maiden ao vivo no Rock in Rio. Com certeza fechamos um ciclo — diz o vocalista, lembrando que em 2013 eles foram a banda que tocou imediatamente antes do headliner... Iron Maiden (agora, o Avenged Sevenfold é o headliner). — Tivemos muita sorte *(em 2013)*, porque tocar antes do Maiden é sempre difícil. Mas é muito mais difícil na Europa, lá os fãs deles apenas olham para você com os braços cruzados, o que intimida bastante. No Brasil os fãs são mais compreensivos, eles estão lá para se divertir e gostam de todas as bandas.

Há algumas semanas, a banda chegou ao noticiário por uma suposta decisão de impedir a transmissão do seu show no Rock in Rio, já que poderia sofrer comparações injustas com outras bandas uma vez que não usam bases pré-gravadas nas apresentações. M. Shadows diz que tudo isso aconteceu por causa de conversas com os fãs, no Discord, que foram tiradas de contexto.

— Há muitas coisas que a banda está tentando rever, e muitas vezes tivemos casos em que estávamos fazendo show e a mixagem da transmissão ao vivo era horrível. Para pessoas que não entendem o funcionamento interno disso, parece até que a banda está tocando mal. Acho que o Rock in Rio é um desses festivais em que você soa muito melhor, eles têm uma equipe muito profissional. Nós apenas procuramos todas as maneiras pelas quais podemos controlar a narrativa — explica. — Não se trata nem de saber tocar instrumentos de verdade. Num show, você entra lá e arrasa ou não, mas eu adoro o fato de fazermos parte de uma geração que ainda toca tudo ao vivo.

FILHOS FÃS DE TRAVIS SCOTT

Para o cantor, a "democratização e a mercantilização da música" nos tempos da internet mudaram a forma como o público consome rock — e, por tabela, a música de grupos como o Avenged Sevenfold.

— Há um público mais velho que ainda ama AC/DC, Metallica e Iron Maiden, mas a nova geração ouve todos os tipos de gênero, é tudo uma mistura — discorre. — No final das contas, eu tenho filhos e eles não ouvem metal. Eles estão ouvindo Travis Scott *(estrela do trap, atração principal do dia de abertura do Rock in Rio, 13/9)*, entre coisas. E eu vou chegar ao Rio dois dias antes do nosso show para ver o Travis com eles!

Em 29 de julho de 1925, o jornalista Irineu Marinho fundava O GLOBO, um vespertino que apostava na modernidade, em novas tecnologias, novas formas de olhar e de escrever notícias, e que se consolidaria ao longo das décadas como o jornal mais lido no país. Naquele dia, há exatamente 99 anos, O GLOBO inaugurava também a história do maior grupo de mídia e comunicação do Brasil, que caminha para seu centenário mantendo a essência e os valores legados por Irineu Marinho e seguidos por seus filhos, netos e bisnetos. Ao assumir a direção do jornal, em 1931, Roberto Marinho (1904-2003) deu continuidade e ampliou os horizontes do projeto idealizado pelo pai. Há muito o que celebrar, portanto, nesse percurso que tem levado a todos os cantos, de forma sempre inovadora, informação, serviços, cultura e entretenimento em diversas frentes, do impresso à TV, das rádios às plataformas digitais, do streaming à promoção de grandes eventos.

Este caderno especial inaugura a contagem regressiva rumo ao centenário. Nos próximos meses, a data será festejada em diversos projetos especiais, como livros e documentário, e em uma marca visual única para todo o grupo, feita em parceria pelas equipes de criação do jornal e da Globo.

Nestas páginas lembramos como O GLOBO, marco fundador dessa longa trajetória, impactou o país com iniciativas que ajudaram e ajudam na reflexão e no desenvolvimento de novos caminhos. É uma história de parcerias e compromissos firmados com todos os brasileiros ao longo de 99 anos. É a essência de um jornal e de um grupo que continuam a apostar no futuro sem perder de vista o legado instituído por Irineu Marinho naquele 29 de julho de 1925.

GUSTAVO AMARAL

ARTIGO

ORGULHO DA NOSSA HISTÓRIA, DE OLHO NO FUTURO

ALAN GRIPP

O maior feito do GLOBO em quase um século foi redefinir por completo o que os brasileiros entendem por jornal.

Em 1925, eram muitas as publicações com notícias impressas em papel. Só no Rio de Janeiro, então capital, havia mais de 20. Aqueles jornais de 99 anos atrás eram feitos com páginas claras e tintas pretas. As capas traziam bem grande o horário da edição, para que os leitores soubessem o quão novas (ou velhas) eram as informações. Os textos eram longuíssimos, às vezes diagramados entre fotos pequenas e charges, às vezes divididos em colunas sem uma única ilustração. A imprensa era composta por jornalistas boêmios, em geral românticos, poetas e aspirantes a escritores que equilibravam seu trabalho nas redações com outros empregos e terminavam a noite nos botequins. E os jornais eram quase sempre ligados a partidos políticos.

Foi nesse ambiente que, em 29 de julho de 1925, Irineu Marinho fundou O GLOBO, marco zero do Grupo Globo, que inicia hoje, através deste suplemento, a contagem regressiva para o seu centenário. Ele, porém, tinha uma visão diferente do que deveria ser um jornal.

ESTREIA. A primeira página do GLOBO de 29 de julho de 1925

Hoje, aquele mesmo GLOBO é feito com telas ou páginas de todas as cores. É atualizado 24 horas por dia, todos os dias da semana, com textos, imagens, vídeos e áudios em formatos e tamanhos diferentes, do jeito que for mais confortável e relevante para o leitor. Pelas mãos do diário, um jornal foi (literalmente) à guerra, transformou-se em eventos de cultura e gastronomia, abriu palcos para debates de ideias presenciais ou virtuais, lançou tendências, mudou o calendário do país e atualizou verbetes no dicionário.

Essa mudança começa ainda em 1925. Com passagens pelas publicações Diário de Notícias, A Notícia, A Tribuna e A Gazeta de Notícias, Irineu lançou seu primeiro veículo em 1911, batizado de A Noite. O GLOBO veio depois, como consequência de anos de experiência como revisor, repórter, secretário de Redação e diretor dos diferentes veículos em que atuou. Para seu novo projeto, ele já sonhava com uma imprensa moderna que se posicionasse tanto nas grandes questões nacionais quanto nos problemas da vida cotidiana. E que fosse, sobretudo, independente.

Uma análise dessa edição de estreia do GLOBO sintetiza as propostas de seu fundador. Os primeiros exemplares chegaram às ruas às 18h daquele 29 de julho, uma quarta-feira, ao preço de 100 réis, e foram comprados por 33.435 leitores. Na manchete ("Voltam-se as vistas para nossa borracha!"), uma abordagem contundente. O fato era a viagem do empresário americano Henry Ford ao Pará, mas Irineu acreditava que uma notícia era mais do que um fato. O GLOBO precisava explicar ao leitor o que significava aquela visita de um fabricante de carros atrás da matéria-prima para os pneus de sua revolução industrial.

Em paralelo à necessidade de contextualizar os grandes acontecimentos, o sonho do novo jornal incluía a atenção com o dia a dia dos leitores. O GLOBO não era sobre o Brasil, mas para o Brasil. Ainda naquela primeira edição, o jornal estampou na primeira página a foto de um buraco no bairro do Engenho Novo, no Rio, que, de acordo com o texto da época, "engolia tudo, carro, 'chauffeurs', passageiros, gasolina e até os cavalos". A notícia, com o sarcasmo que seria uma marca registrada, veio acompanhada do anúncio de que o jornal mandou fechar o buraco com uma tampa provisória, até que a prefeitura terminasse a obra. O texto dizia: "um pequeno serviço prestado ao público pelo GLOBO".

Irineu Marinho morreu em 21 de agosto de 1925, aos 49 anos, menos de um mês após a fundação, em decorrência de um infarto. O desejo de fazer do GLOBO um jornal moderno, no entanto, permaneceu vivo nas décadas seguintes com seus filhos, netos e bisnetos. Com Roberto Marinho, primogênito de Irineu que foi repórter no início do jornal, assumiu sua direção em 1931 e se manteve atuante até sua morte, em 2003, O GLOBO se consolidou como o veículo idealizado por seu fundador.

Em 99 anos, são incontáveis as vezes em que O GLOBO impactou a história, a cultura e o comportamento dos brasileiros. Tradições nacionais, como o Dia dos Pais celebrado em agosto e a chegada do Papai Noel de helicóptero no Maracanã nasceram de campanhas desenvolvidas pelo jornal — a primeira em 1953, a segunda em 1968. O termo "gibi", hoje sinônimo de revista de quadrinhos, era o nome de uma publicação do jornal vendida em bancas a partir de 1939. O "Bonequinho", símbolo para a crítica de cinema no Brasil, nasceu em 1938 por ideia de Rogério Marinho, filho de Irineu, irmão de Roberto e na época vice-presidente do GLOBO.

Inovações na imprensa brasileira, como a primeira telefoto (1936), a primeira radiofoto colorida (1959) e a primeira telefoto colorida (1979) estrearam no GLOBO. O jornal foi o primeiro do país a circular num 1º de janeiro, coincidente e tragicamente a partir de 1989, no dia seguinte ao naufrágio do Bateau Mouche no réveillon do Rio. Foi, também, responsável pelo primeiro festival de música online na pandemia da Covid-19, em março de 2020, uma semana depois de a OMS alertar para os riscos da doença: batizado de #tamojunto, a ação foi "um festival de música gratuito para quem já entendeu que a quarentena é a melhor forma de prevenção".

Eventos e ações tradicionais da cultura brasileira, como o Rio Gastronomia, o Projeto Aquarius e o Estandarte de Ouro foram criados e até hoje são realizados pelo GLOBO. No início da década de 1930, o jornal patrocinou a competição do carnaval carioca, antes mesmo de os desfiles se tornarem parte do calendário oficial do Rio. No final da década de 1940, lançou a campanha para a construção de um estádio de futebol para a Copa de 1950, sediada no Brasil, e assim nasceu o Maracanã.

Atualmente, em tempos desafiadores para a imprensa, O GLOBO puxou a fila da transformação digital no Brasil. Nunca teve tantos leitores. São em média 40 milhões de usuários todos os meses em suas plataformas digitais, consolidando-se como o maior jornal do país.

São todas iniciativas que deram sequência ao projeto de Irineu Marinho. A última dessas inovações, desenvolvida e lançada pelo GLOBO em junho, foi um projeto de inteligência artificial para agilizar os processos da redação e melhorar a experiência dos leitores. Esse projeto, não por acaso, foi batizado de Irineu. E é com a vocação de inovar sempre que abrimos as comemorações de nossos 100 anos, como no título deste artigo: orgulho da nossa história, de olho no futuro.

(Diretor de Redação do GLOBO)

EXPEDIENTE

Editora: Mànya Millen. **Editor adjunto:** William Helal. **Editor assistente e revisão:** José Figueiredo. **Textos:** Alessandro Alvim, Ana Lucia Azevedo, Cássia Almeida, José Figueiredo, Lucila de Beaurepaire, Marcia Disitzer, Nelson Gobbi, Sérgio Garcia, Sérgio Maggi, William Helal. **Diagramação:** Felipe Haddad. **Projeto gráfico:** Alessandro Alvim. **Capa:** Gustavo Amaral. **Pesquisa:** Paulo Luiz Carneiro e Luciana Barbio Medeiros. **Tratamento de fotos:** Wagner Loeser.

BRUNO KAIUCA/12-8-2023

UM GRUPO, 100 ANOS

CONTAGEM REGRESSIVA PARA UMA GRANDE FESTA

Chegar aos 100 anos em plena atividade, reinventando-se a cada dia e mantendo a essência e os valores definidos em sua fundação, do compromisso com o leitor à defesa da democracia e da liberdade de expressão, é bastante significativo. Quando aquele 29 de julho de 1925 também marca o início do maior grupo de mídia e comunicação do Brasil, a festa é ainda mais ampla.

A contagem regressiva para a comemoração do centenário do jornal O GLOBO começa hoje e, até 29 de julho de 2025, diversos projetos e eventos especiais vão lembrar não apenas a trajetória do diário criado por Irineu Marinho como também os aniversários de novas frentes abertas a partir daquela data: os 80 anos da Rádio Globo (em dezembro de 2024), os 60 da TV Globo, os 30 dos Estúdios Globo, os 25 do jornal Valor Econômico e da globo.com, além dos dez anos do Globoplay (esses últimos em 2025).

Embora a morte de Irineu tenha ocorrido menos de um mês depois da estreia do GLOBO, o olhar inovador do jornalista — que também investiu no cinema, editou livros e sempre se mostrou atento às rápidas mudanças da sociedade — manteve-se no DNA das gerações seguintes. Desde julho de 1925, o projeto de entregar ao Brasil informação, serviços, cultura e entretenimento em múltiplas plataformas vem sendo constantemente ampliado e aprimorado, com a bússola cada vez mais apontada para o futuro.

— Todo aniversário é um momento de celebração e também de reflexão. Nestes 99 anos, tivemos várias conquistas devidamente celebradas e jamais deixamos de refletir sobre os desafios desse que é, sem dúvidas, o segmento mais dinâmico que existe. Começamos hoje a contagem regressiva para o centenário, do jornal e do

A TRAJETÓRIA DO GRUPO GLOBO

1876 Nascimento de **Irineu Marinho Coelho de Barros**, em Niterói, filho de João Marinho Coelho de Barros e Edwiges de Souza Barros.

1904 Nascimento de **Roberto Marinho**, primeiro filho de Irineu e Francisca Pisani Marinho, em 3 de dezembro. O casal teria ainda Heloísa (1907), Ricardo (1909), Hilda (1914) e Rogério (1919).

1911 Irineu Marinho funda **A Noite**, que logo se torna um dos jornais mais populares do Rio.

1915 Irineu Marinho lança a editora Empresa de Romances Populares, que publica Lima Barreto, entre outros autores.

1917 Irineu funda a produtora cinematográfica Veritas Film. O filme "A quadrilha do esqueleto" é sucesso de público.

1924 O jornalista viaja com a família para a Europa para tratamento de saúde.

1925 Depois de perder A Noite para o sócio, Irineu retorna ao Brasil. Em **29 de julho, lança o jornal O GLOBO**, com sede no Largo da Carioca, centro do Rio. No dia 21 de agosto, Irineu morre vítima de infarto. O jornalista Eurycles de Mattos assume a direção do GLOBO, e Roberto Marinho, com 20 anos, ocupa o cargo de secretário.

1931 Aos 27 anos, **Roberto Marinho assume o cargo de diretor-redator-chefe do GLOBO**, após a morte de Eurycles de Mattos.

1933 **Ricardo Marinho** começa a trabalhar no GLOBO. Era diretor-secretário do jornal quando morreu, em 1991, aos 81 anos. Em 1938, **Rogério Marinho** se junta aos irmãos no jornal, onde permaneceu até sua morte, aos 92 anos, em 2011, quando ocupava o cargo de vice-presidente da Infoglobo Comunicação e Participações S.A.

OCTAGENÁRIA. Anúncio da estreia da Rádio Globo

1944 Em dezembro, Roberto Marinho **inaugura a Rádio Globo**, 1180 AM, Rio de Janeiro.

1946 Roberto Marinho se casa com Stella Goulart Marinho, mãe de seus quatro filhos: Roberto Irineu (1947), Paulo Roberto (1950, morto em acidente de carro em 1970), João Roberto (1953) e José Roberto (1955). O casal se separa em 1971.

1952 Fundação da **Rio Gráfica e Editora (RGE)**, futura Editora Globo. A empresa publica revistas, livros e quadrinhos de sucesso.

EURICO DANTAS/2-1-1978

NA MEMÓRIA. Exposição no Rio Gastronomia vai lembrar restaurantes históricos como o Bar Luiz, que funcionou até 2022

MARCO ANTONIO TEIXEIRA/2-10-1995

DIVULGAÇÃO

NAS TELAS. Ao lado, Regina Casé e Sophie Charlotte numa cena da novela "Todas as flores", do Globoplay. Abaixo, Roberto Marinho inaugura, em 1995, os Estúdios Globo, então Projac

grupo, numa posição que muito nos orgulha. Seja pelo maior alcance da história do jornalismo que produzimos, o que consolida e amplia nossa liderança absoluta no Brasil, pela competência de diversificar nosso negócio em novas frentes e, mais importante, pela capacidade de entender e se adaptar às contínuas mudanças nas demandas e preferências dos nossos leitores e parceiros comerciais — diz Frederic Kachar, diretor-geral da Editora Globo.

Para Kachar, a longa e vitoriosa trajetória do jornal está contida em uma palavra que "resume tudo":

— Nossa essência, que se origina no espírito dos nossos fundadores e se desdobra nas várias gerações de colaboradores com que pude conviver nessas quase três décadas. Nos próximos doze meses expressaremos nossa essência numa série de iniciativas que marquem à altura a importância dessa efeméride no maior e melhor jornal do país.

A programação do centenário — que, além de projetos especiais, permeará os eventos já tradicionalmente promovidos pelo GLOBO, como o Rio Gastronomia e o projeto Aquarius — vai refletir as ideias, as iniciativas e o compromisso com a sociedade e com o país presentes desde a primeira edição do jornal, que em 1925 fez uma aposta na comunicação direta com o grande público, na observação aguçada dos fatos cotidianos, nos problemas aparentemente menores — como um buraco na rua — e nas questões de interesse nacional.

A receita, que Irineu Marinho já havia começado a preparar em A Noite, seu jornal anterior, ganhou no novo vespertino ingredientes mais modernos e, ao conquistar o apoio de milhares de leitores de forma imediata, garantiu também sua independência financeira, algo raro aos periódicos naquelas primeiras décadas do século XX.

Receitas, por sinal, são a atração do primeiro evento a festejar oficialmente o centenário do GLOBO. Promovido pelo jornal para valorizar as culinárias carioca e nacional, o Rio Gastronomia, que movimenta o turismo e a economia da cidade desde seu primeiro ano, volta ao Jockey Club, na Gávea, a partir do dia 15 de agosto. A 14ª edição será a maior da história do festival, que acontecerá durante três fins de semana e, além da participação de restaurantes e chefs consagrados, terá mais shows e atrações para os visitantes.

LIVROS E DOCUMENTÁRIO

Haverá ainda um Prêmio Especial 100 anos (para homenagear uma casa tradicional do Rio) e uma exposição de fotografias que vai mostrar como O GLOBO acompanhou e incentivou o universo gastronômico ao longo das décadas.

A trajetória do jornal também será objeto de dois livros, com previsão de publicação para o primeiro semestre do próximo ano. Já na área audiovisual, os núcleos de Documentários e de Filmes dos Estúdios Globo preveem o lançamento, para meados de 2025, de uma série documental em quatro episódios sobre os cem anos do GLOBO que percorrerá a história do jornal desde a sua fundação, com Irineu Marinho, passando pelos anos de comando de Roberto Marinho até os dias de hoje. O projeto tem apoio do jornal, da TV Globo e do Globoplay. A criação é do apresentador e jornalista Pedro Bial, com a direção artística de Mônica Almeida e José Luiz Villamarim, produção executiva de Anelise Franco e Raphael Cavaco e roteiro de Renato Terra, Renato Onofre, Ricardo Calil e George Moura.

Celebrar o passado e apontar para o futuro será igualmente o mote da TV Globo nos próximos meses. Inaugurada às 11h do dia 26 de abril de 1965, a emissora foi a concretização de um sonho de Roberto Marinho, que em 1950 entendeu o imenso potencial da nova mídia que acabara de chegar ao país. Em 1975, a TV Globo já estava consolidada como rede nacional e líder de audiência. Atualmente, a programação é exibida por cinco emissoras regionais próprias e 118 afiliadas, e leva informação, entretenimento e serviços a cidadãos de todos os cantos do país, com um papel cada vez mais relevante no cenário nacional.

— Com o consumo fragmentado e a sociedade tão polarizada, a maior contribuição que a TV Globo pode dar é ser o espaço mais democrático do país. E por isso colocamos o Brasil e os brasileiros no centro da nossa curadoria — afirma Amauri Soares, diretor da TV Globo e afiliadas. — Na comemoração dos 60 anos, vamos, sim, honrar o nosso passado e os talentos que ajudaram a construir tantos momentos marcantes. Mas vamos também apontar o futuro da televisão e as histórias que temos para contar. E tudo isso será feito de mãos dadas com quem mais importa nessa celebração: o público brasileiro.

Soares também é diretor dos Estúdios Globo, inaugurado (então como Projac) por Roberto Marinho em 1995 e considerado um dos maiores centros de produção de conteúdo televisivo do mundo.

— A criação dos Estúdios, há 30 anos, e todo o constante investimento na maior produtora do Brasil reforçam o compromisso histórico da Globo com o setor audiovisual brasileiro. Os Estúdios Globo são a casa dos talentos e da criatividade brasileira. Uma casa aberta e cheia de energia para o futuro que vem aí — diz Soares.

"Caçula" da família, a caminho de completar uma década, o Globoplay conquistou o público em produções aclamadas na área de ficção (como "Todas as flores" e "Os outros") e na documental ("Vale o escrito"). E já tem muito a comemorar, aponta Manuel Belmar, diretor de Produtos Digitais e Canais Pagos da Globo:

— Para nós, é motivo de muito orgulho poder dizer que o Globoplay se consolidou como a maior plataforma brasileira de streaming e uma das poucas realmente capazes de competir com as plataformas globais. Ele é a casa digital dos conteúdos da Globo. Não só dos originais, mas também de toda a oferta de alta qualidade da TV Globo e dos canais pagos. Esse é apenas o início de uma jornada que faz o conteúdo da Globo extrapolar a TV e ganhar celulares, computadores e tablets, levando o conteúdo para onde o consumidor está.

1954 Inauguração da **nova sede do GLOBO**, na Rua Irineu Marinho, no centro do Rio.

1957 A Rádio Globo recebe do presidente Juscelino Kubitschek a concessão do canal 4 de televisão, futura TV Globo.

1958 Compra da **Rádio Eldorado** AM, considerado ponto inicial da formação do Sistema Globo de Rádio, oficializado em 1974.

1965 Em 26 de abril, Roberto Marinho **inaugura a TV Globo**, canal 4, no Rio. Em 1966 é inaugurada a TV Globo São Paulo, seguida pelas de Minas (1968), Brasília (1971) e Recife (1972). Em 1975 a TV Globo se consolida como rede nacional e se firma como líder de audiência.

1969 Criação da gravadora **Som Livre**, vendida em 2022 para a Sony Music Entertainment.

1972 O GLOBO se torna matutino e passa por uma ampla reforma gráfica e editorial.

É criado o **Projeto Aquarius.**

1973 Lançamento da Globo FM, primeira emissora do Brasil a transmitir em estéreo.

1974 Criação da **Agência O GLOBO**, um dos maiores acervos de conteúdo jornalístico do país.

1977 Criação da **Fundação Roberto Marinho**, entidade privada sem fins lucrativos, voltada para as áreas de educação, patrimônio e ecologia.

EM FAMÍLIA. Os irmãos Ricardo (à esquerda), Rogério e Roberto Marinho (sentado) na redação do GLOBO nos anos 1950

1986 Compra da Editora Globo de Porto Alegre. A Rio Gráfica adota o nome Editora Globo.

1991 Lançamento da **Rádio CBN**, com 24h de jornalismo no ar.

Criação da **Globosat**, primeira programadora de TV por assinatura brasileira.

1995 Inauguração dos Estúdios Globo (antes Projac).

1996 Estreia da **GloboNews**, primeiro canal de TV por assinatura com jornalismo 24h.

Lançamento do Globo Online, primeiro site de notícias das empresas Globo.

1997 A Fundação Roberto Marinho cria o Futura, primeiro canal de televisão educativa mantido pela iniciativa privada.

1998 Roberto Marinho e seus filhos se afastam das funções executivas do Grupo Globo e formam um conselho de gestão para questões estratégicas.

VISUAL. Roberto Marinho com exemplar do GLOBO na reforma gráfica de 1995

Lançamento do Extra. Com foco nas classes B e C, o jornal se torna um dos líderes de venda em banca no país.

A Editora Globo lança Época, revista semanal de informações.

Criação da **Globo Filmes**.

1999 Inauguração do **novo parque gráfico** dos jornais O GLOBO e Extra, em Duque de Caxias, RJ.

2000 Criação da **Globo.com**

Lançamento do jornal Valor Econômico.

2001 Criação da **Globo Livros**.

2003 Em 6 de agosto, **morre Roberto Marinho**, aos 98 anos.

2006 A **Globo.com lança o G1**, portal de notícias das empresas Globo.

2007 Estreia da TV Globo Portugal, emissora a cabo da Globo Internacional.

2014 As Organizações Globo adotam o nome Grupo Globo e relançam o documento Essência Globo, que define a Visão, a Missão e os Princípios do Grupo.

Lançamento do portal de entretenimento **Gshow**.

2015 Lançamento do **Globoplay**, maior plataforma brasileira de streaming.

2017 Inauguração da **nova sede** dos jornais O GLOBO, Extra, Expresso e Valor na rua Marquês de Pombal, no centro do Rio, e do novo prédio do Jornalismo da Globo, no Jardim Botânico.

2018 Inauguração do **Instituto Casa Roberto Marinho**, no Cosme Velho. Lançamento do **projeto Uma Só Globo**, para integrar Rede Globo, Globosat, Som Livre, Globo.com e Globoplay em uma só empresa.

2020 A Globo passa a ser uma empresa única, integrando TV Globo, Globosat, Globo.com e Gestão Corporativa. A Editora Globo, a Infoglobo e o Valor Econômico tornam-se uma única companhia, com 21 marcas como O GLOBO, Extra, as publicações das Edições Condé Nast e da Globo Livros.

2021 A Globo dá início à implementação da Agenda ESG. Roberto Irineu Marinho transfere a presidência do Conselho de Administração do Grupo Globo para João Roberto Marinho, e assume a vice-presidência. João Roberto mantém-se como presidente do Conselho Editorial. José Roberto Marinho continua como vice-presidente do Grupo Globo e presidente da Fundação Roberto Marinho.

É lançado o **Um Só Planeta**, movimento editorial do Grupo Globo pela sustentabilidade.

2022 João Roberto Marinho assume a presidência do Grupo Globo e Paulo Marinho a presidência executiva da Globo.

FONTE: ACERVO ROBERTO MARINHO

RUMO AOS 100

EM MOVIMENTO CONSTANTE

MARCA ÚNICA PARA A CELEBRAÇÃO

MARCO AURÉLIO CANÔNICO
marco.canonico@oglobo.com.br

UNIÃO DE CONCEITOS. A logomarca do centenário, que O GLOBO usa a partir de hoje na versão impressa e no site, e que será vista ao longo do próximo ano em todas as empresas do grupo: feita pelos times de criação do jornal e da Globo, ela uniu conceitos, como o do infinito, para sinalizar a ideia de atualização constante

Para simbolizar a entrada no ano de seu centenário, O GLOBO estreia hoje, em seu site e em sua edição impressa, uma logomarca comemorativa que sintetiza alguns dos valores fundamentais que orientaram a criação do jornal e que aponta para um futuro de inovação constante.

A criação da logo foi um trabalho capitaneado por Alessandro Alvim, editor executivo visual do GLOBO, Manuel Falcão, diretor de Marca e Comunicação do Grupo Globo, e Ricardo Moyano, diretor de Criação da Globo. Eles comandaram as equipes que desenvolveram a ideia e o desenho da logomarca, que será compartilhada por diferentes negócios e produtos do grupo, celebrando a ideia por trás desses 100 anos de história.

— O GLOBO sempre buscou o constante aprimoramento do jornalismo e de suas ferramentas. O desenho que criamos traz o símbolo do infinito e traços de movimento, sinalizando que o jornal está sempre em atualização, 24 horas por dia, todos os dias da semana, em diferentes formatos — diz Alvim. — Foi importante trabalharmos em conjunto, pensando no conceito da logo para várias marcas, sem deixar de lado o valor fundamental: a centenária fundação do jornal, que deu origem a um grupo múltiplo, diverso e que segue em movimento constante.

ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Manuel Falcão lembra que o lançamento da logomarca é o pontapé inicial para a celebração de outras efemérides importantes do Grupo Globo, como os 80 anos da Rádio Globo, os 60 da TV Globo, os 30 dos Estúdios Globo, os 25 do jornal Valor Econômico e da globo.com, além dos dez anos do Globoplay.

— A ideia é que, com essa marca, possamos comemorar a Globo como um todo, o conceito da empresa, que é uma empresa de conteúdo, de contar histórias, por meio do jornalismo profissional, do entretenimento e do esporte. A marca Globo começa com o jornal e, ao longo de 2025, teremos várias iniciativas, algumas já confirmadas, outras em desenvolvimento — diz Falcão.

A parceria entre os times de criação do jornal e da Globo para chegar à marca única foi elogiada por Moyano, que contou com a participação do gerente de criação Júlio Marcello e das diretoras de arte Lorena Freire e Lara Miranda.

— Tínhamos dois conceitos: o do infinito, que fala do futuro da empresa e cujo desenho também faz referência às rotativas do parque gráfico do jornal, e o de um ser em eterna construção, formado por histórias, já que contá-las é o nosso negócio — diz Moyano. — Foi muito apropriado juntar os dois conceitos, mostrando que essa empresa tem um futuro pela frente. Passados 100 anos, temos os próximos 100.

ARTIGO

Inovações visuais ao longo do tempo

ALESSANDRO ALVIM

A primeira página da edição de lançamento do GLOBO, em 29 de julho de 1925, aposta em elementos visuais: um infográfico com a proporção do crescimento da frota de automóveis no Rio de 1922 para 1923 e uma charge que ironiza um problema nacional — a receita de impostos sendo derrubada pelos gastos públicos. O desenho crítico do cartunista Raul era um prenúncio do que faria o chargista Chico Caruso, presente nas páginas do jornal desde 1984. Ainda na primeira página de 1925, o logo aparece em preto e branco e fixado no topo, onde ficou até 1937, quando passou a andar pela página. Em 1984, ele retornou ao topo e, em 1995, passou a ter as letras brancas, tarja com fundo azul e detalhes em verde e amarelo.

As ousadias gráficas continuaram. Um exemplo é a primeira página de 20 de julho de 1969, totalmente dedicada à chegada do homem à Lua, com letras grandes e desenhadas à mão. Outro exemplo é a histórica primeira página sobre os dez mil mortos na pandemia de Covid-19, de 10 de maio de 2020, um memorial em homenagem às vítimas.

Ao longo desses 99 anos, as mudanças de hábito de leitura, os avanços tecnológicos e a própria competição entre os meios de comunicação levaram a reformas gráficas. A transformação mais radical e impactante foi o projeto feito pelo escritório dos designers Milton Glaser e Walter Bernard, de Nova York. Em 20 de dezembro de 1995, o jornal adotou nova tipologia, hierarquização clara das notícias, e bordagem analítica dos temas. Fotos e gráficos passaram a ser dominantes.

Em 29 de julho de 1996, época em que era preciso passar muitos segundos ouvindo barulho de um modem para acessar a internet e em que só se podia escrever em maiúsculas, o jornal estreou seu site, batizado de Globo On. A homepage trazia a reprodução de texto do jornal impresso e nenhuma imagem. Em 2001, o site ganhou novo visual, com fotos nas chamadas principais. Essa incursão no digital levou ao lançamento da edição do jornal impresso em PDF, em 2006; do site para celular, em 2007; do site do Rio Show, em 2009; da ELA digital, em 2012.

O mundo multiplataforma levou ao segundo redesenho, produzido pela empresa de design espanhola Cases i Associats, estreado em 29 de julho de 2012 e assinado pelo designer Chico Amaral, que usa a mesma tipologia no papel e no site. A home passou a exibir o conteúdo em faixas horizontais. No impresso, a primeira página ganhou novo visual, e as reportagens são organizadas em blocos verticais.

NÚCLEO DE INOVAÇÃO

Em 2018, a Redação se transforma em um núcleo de inovação com jornalistas, desenvolvedores e designers, entre outros profissionais. Outro redesenho é feito, novamente a cargo de Chico Amaral. O site surge sob o conceito do "digital first" e são criadas as editorias de Videojornalismo e de Sociedade. Na primeira página do impresso e na home do site, o logotipo foi alinhado à esquerda. A priorização do conteúdo on-line levou ao novo aplicativo do GLOBO, em 2019. Dois anos depois, são criadas as páginas de matérias especiais e os quizzes, além de melhorias no site todo.

A marca criada para a comemoração dos 100 anos do jornal e do grupo ilustra o caráter inovador que acompanha O GLOBO desde 1925, reforçando os valores de um veículo que sempre apostou em novas tecnologias e compreendeu os desafios para a evolução do nosso país.

EVOLUÇÃO. Primeiras páginas como a que noticiou a chegada do homem à Lua (1969) e a que homenageou as vítimas da pandemia de Covid-19 (2020) são alguns exemplos visuais marcantes

OUSADIAS GRÁFICAS. Charges, gráficos e fotografias convivem na primeira página da edição de estreia do GLOBO, em 29 de julho de 1925

Embrapa
O GLOBO on
Terroristas libertam o embaixador brasileiro

Alessandro Alvim é editor executivo visual do GLOBO

Firjan
SENAI
SESI
IEL
CIRJ

MÀNYA MILLEN
manya.millen@oglobo.com.br

FOTOS DA COLEÇÃO IRINEU MARINHO

CARNAVAL. Registro de 1924 de um dos concorridos bailes à fantasia promovidos por Irineu Marinho e sua família na casa em Petrópolis

COLEÇÃO IRINEU MARINHO

O INÍCIO DE TUDO

Em 1891, com apenas 15 anos e assim como muitos jovens de seu tempo, Irineu Marinho começou a trabalhar em jornal (no caso, o Diário de Notícias) na função de suplente de revisor. O que tantos garotos poderiam encarar, porém, como um simples meio de garantir alguns trocados para diversão, Irineu já entendia como seu presente e seu futuro. Na mesma época atua como redator de tabloides estudantis e, em 1893, começa a dar passos mais largos: colabora com artigos para O Fluminense, principal jornal de sua Niterói natal, e é contratado como revisor pela Gazeta de Notícias, prestigiada publicação do Rio, a então efervescente capital federal. Sua trajetória como jornalista começava a se consolidar.

A história dessa grande paixão pelo jornalismo, que culminaria na criação de dois vespertinos, está minuciosamente documentada na Coleção Irineu Marinho, que integra o Acervo Roberto Marinho e acaba de ser totalmente disponibilizada ao público (historia.globo.com/acervo-roberto-marinho/noticia/colecao-irineu-marinho.ghtml) para comemorar o centenário de fundação do GLOBO.

Como observa a pesquisadora, jornalista e historiadora Ana Paula Goulart, consultora do Acervo, a Coleção, dividida entre textual e iconográfica, é também o retrato de uma época:

— O Irineu é um homem de jornal, um jornalista *stricto sensu*. Começou muito novinho, teve muitas funções dentro de uma redação, de revisor a diretor, trabalhou em grandes jornais do Rio. Então a documentação também registra a vida da imprensa carioca no início do século XX, os conflitos, os personagens que circulavam por esse ambiente, além do cenário desse Rio que era capital federal.

A Coleção conta a história do nascimento do jornal A Noite, fundado por Irineu em 1911, e também do GLOBO, que ele cria em tempo recorde, em julho de 1925, quatro meses depois de perder o primeiro para um dos sócios enquanto viajava pela Europa com a família para tratar de problemas de saúde.

O GLOBO deu continuidade e ampliou o que Irineu iniciara em A Noite, um jornal mais próximo do leitor comum, que deveria se sentir representado e ver suas demandas espelhadas nas páginas, povoadas também por grandes reportagens investigativas sobre temas importantes e atraentes.

Além de tornar O GLOBO um sucesso absoluto de leitura e vendas em seu primeiro número, Irineu, que morreu menos de um mês após a fundação de seu novo periódico, aprofundava ali sua busca pela mudança de identidade do trabalhador da imprensa.

— O jornalista deixou de ser um dândi e passou a envergar com orgulho o título de repórter. Irineu teve um papel muito importante nessa transição, ajudando a criar o Círculo dos Repórteres e, mais tarde, a Associação Brasileira de Imprensa — lembra a socióloga e historiadora Maria Alice Rezende de Carvalho, autora do livro "Irineu Marinho - Imprensa e cidade" (Globo Livros, 2012), baseado em grande parte na Coleção.

Em 1931, ao assumir o comando do GLOBO, aos 27 anos, Roberto Marinho, o filho mais velho — que começara no jornal em 1925 como repórter, e que em 1933 levaria para trabalhar com ele os irmãos mais jovens, Ricardo e Rogério — aprofunda os passos do pai na direção de um jornal e de um jornalismo cada vez mais modernos e presentes na vida do país.

Para além da cena jornalística, o conteúdo textual da biblioteca digital da Coleção Irineu Marinho (que vai de cartas mais formais a bilhetes mais pessoais, como os que enviava à mulher, Francisca, no breve período em que esteve preso, em 1922, acusado pelo governo de Artur Bernardes de colaborar com o movimento tenentista), ajuda a revelar também a dimensão privada de "um personagem fascinante", como diz Ana Paula Goulart.

— Irineu fugia ao modelo do jornalista boêmio, clichê da profissão na época, mas gostava de festa. Só que preferia congregar na casa dele, com amigos, família.

Essa faceta é mostrada em documentos como os "contratos" nos quais ele definia, com bom humor, as regras a serem seguidas por todos os convidados das célebres domingueiras realizadas em sua casa. Horários e cardápios de refeições, sugestão de recreações e até assuntos "absolutamente vedados", sendo o primeiro deles o trabalho "e tudo quanto se refira directa ou indirectamente a jornal" estão devidamente listados por lá.

MÚSICA E CINEMA

O apreço de Irineu e sua família pelos encontros festivos com amigos pode ser visto ainda nas fotos. A casa de Petrópolis, na Região Serrana do Rio, abrigava concorridos bailes de carnaval, como que anunciando a estreita ligação que O GLOBO estabeleceria desde cedo com a folia carioca. Muito ligado à cultura, Irineu foi também um dos apoiadores do grupo Oito Batutas, liderado pelos compositores Pixinguinha e Donga.

Além da biblioteca digital já disponível, a Coleção seguirá oferecendo ao leitor textos com recortes da vida do jornalista, como sua ousada, entusiasmada mas breve carreira, com a Veritas Film, na indústria cinematográfica, que naquele 1916 mal engatinhava.

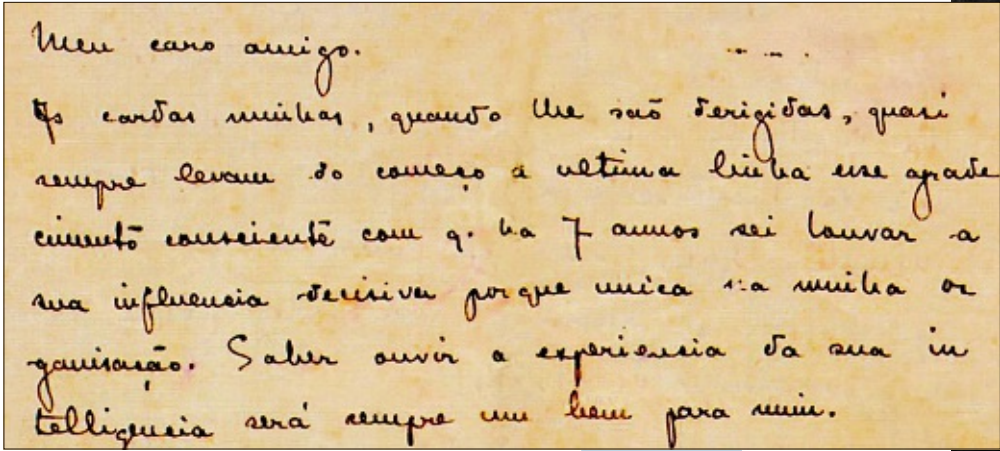
JORNAL E FAMÍLIA. Batismo das máquinas do GLOBO (ao lado); guardanapo assinado por funcionários na inauguração do jornal; Irineu com os filhos Roberto e Ricardo em Florença, em 1924, e com a mulher, Francisca, em 1921

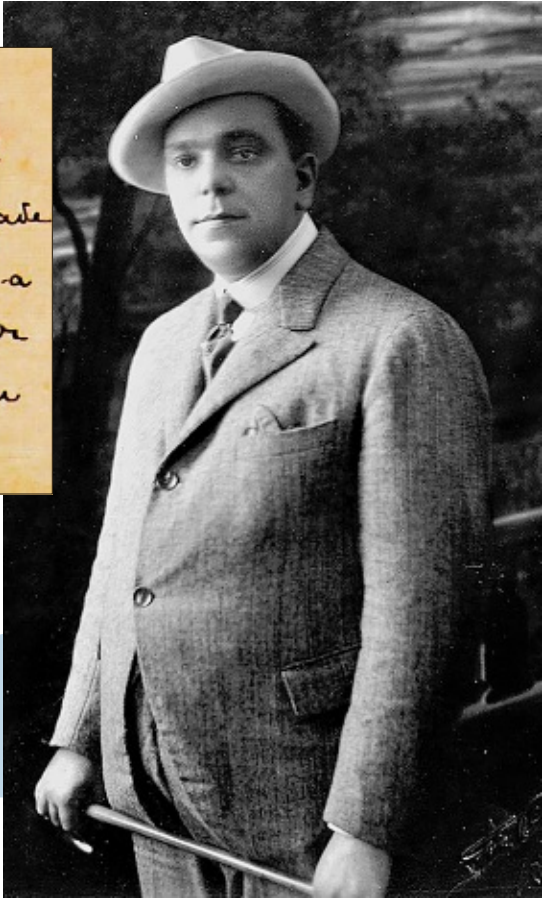
JOÃO DO RIO, UM CARO AMIGO

Meu caro amigo.
As cartas minhas, quando lhe são dirigidas, quasi sempre levam do começo a ultima linha esse agradecimento consciente com q. ha 7 annos sei louvar a sua influencia decisiva porque unica na minha organisação. Saber ouvir a experiencia da sua intelligencia será sempre um bem para mim.

Entre as muitas preciosidades que compõem a coleção Irineu Marinho, a pesquisadora Ana Paula Goulart destaca a correspondência. Em um tempo em que as cartas eram fiéis depositórios de amores, amizades e negócios, Irineu teve como correspondentes familiares, personalidades nacionais (como Nilo Peçanha e Rui Barbosa) e, claro, colegas de trabalho.

— Em 1922, no período em que Irineu está preso, por exemplo, ele continua atento ao dia a dia da redação. Temos uma carta escrita pela manhã, outra à tarde, outra mais à tardinha ainda. Ele acompanhava tudo, tomava decisões — conta Ana Paula.

Preciosidade das preciosidades, a coleção guarda cartas inéditas do escritor e jornalista João do Rio, autor que será homenageado pela Festa Literária Internacional de Paraty em 2024. Pseudônimo de Paulo Barreto, João do Rio, eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1910, foi consagrado como o pioneiro da crônica-reportagem, na qual dissecava com fina precisão os costumes da alta sociedade e o cotidiano da população mais simples. Em fevereiro de 1911, quando João do Rio e Irineu trabalhavam na Gazeta de Notícias, ele escreve ao amigo, de Paris, sobre ideias para lançar um novo jornal. Sugere nome (Informação), relata anúncios de novidades tecnológicas na área ("Vi uns reclamos aqui excelentes") e cogita que, caso não criassem algo novo, poderiam então comprar a Gazeta de Notícias.

O novo jornal, A Noite, nasceria em junho do mesmo ano, financiado em parte com dinheiro emprestado por João do Rio. Vítima de um infarto em 23 de junho de 1921, ele não testemunharia o sucesso seguinte de seu grande amigo Irineu, O GLOBO, lançado em 1925. (*Mànya Millen*)

INCENTIVO. João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, escreveu ao amigo Irineu com ideias de para um novo jornal, que viria a ser A Noite

A VIDA COMO ELA É

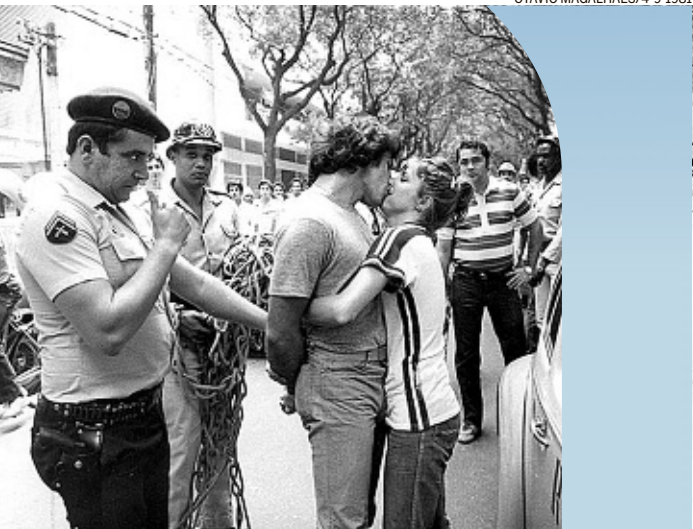
CRÔNICAS DE UM COTIDIANO DE SURPRESAS

WILLIAM HELAL FILHO
william@oglobo.com.br

A arte de um jornal é contar histórias reais. Alguns escritores preferem a liberdade do ficcionismo, mas, com frequência, a realidade entrega narrativas mais insólitas do que muito romance premiado. Há alguns anos, o jornal O GLOBO resgata, no Blog do Acervo e no perfil do Acervo O GLOBO no Instagram, uma coleção de crônicas da vida real, que, em diferentes momentos ao longo desses 99 anos, levaram ao leitor histórias para lá de edificantes que brotaram de forma espontânea no cotidiano. Nesta página, reunimos algumas delas.

Entre os causos selecionados, tem desde o piloto argentino que pousou um avião com dezenas de pessoas a bordo numa praia na Ilha Grande até o porteiro que matou um tubarão a socos na Praia de Ipanema, passando pelo casal levado para a delegacia só porque não quis abrir a porta do quarto para a polícia. Tem ainda a praça na Zona Norte transformada em garimpo depois que se espalhou a notícia sobre uma pedra preciosa encontrada ali, e o protesto em São Paulo organizado depois que um juiz proibiu o beijo na boca em espaços públicos na ditadura militar.

Há muitos outros episódios pinçados de nossos arquivos e reeditados no blog ou na página do Instagram. E o próprio leitor pode pesquisar histórias ainda não desencavadas no site do Acervo (Oglobo.com.br/acervo), onde estão digitalizadas todas as páginas de todas as edições do GLOBO desde o primeiro número, em 29 de julho de 1925.

Namoro que virou caso de polícia

OTAVIO MAGALHÃES/4-9-1981

A bailarina Yone Viegas, de 33 anos, não podia prever a confusão que seria criada quando decidiu levar o namorado Augusto Júnior para casa, em setembro de 1981. Os irmãos dela acharam aquilo uma pouca-vergonha e começaram a bater na porta do quarto. Como o casal se recusava a abrir, eles chamaram a polícia e até os bombeiros para entrar pela janela, usando uma corda. Juntou gente na porta do prédio, em Copacabana. No fim das contas, Augusto foi algemado para a 12ª DP, mas o delegado decidiu que não havia crime nenhum. "A moça é maior de idade e leva para casa quem ela quer". Ufa!

Um gesto de coragem

As pessoas que atravessavam a Avenida Rio Branco, no Centro do Rio, numa quarta-feira em novembro de 1985 apertaram o passo quando viram que o sinal ia abrir. Mas alguém não chegou ao outro lado a tempo. Diante de um pelotão de carros e ônibus começando a avançar sobre ele, restara Luiz Carlos Azevedo. Com paralisia nas pernas e sem muletas, ele cruzava a pista sentado, arrastando-se no asfalto quente. Ao vê-lo, o bancário Raul Carlos Piza andou até o meio da rua e ergueu os braços com firmeza, detendo os veículos com seu gesto de coragem, até Luiz Carlos alcançar a calcada. Um herói do cotidiano.

ALBERTO JACOB/20-11-1985

Praça do garimpo em Benfica

Dizem que tudo começou quando um entregador de jornais achou uma pedra brilhante numa pracinha em Benfica, na Zona Norte do Rio. Um lapidador disse que era uma pedra de topázio, bastante valiosa. O entregador achou outras e levou a uma geóloga, que confirmou: era topázio. A informação se espalhou e, no dia 16 de janeiro de 1992, centenas de pessoas, com picaretas, pás e até garfos, amanheceram escavando o local, apelidado de Praça do Garimpo. Dias depois, o mal-entendido foi desfeito. As pedras eram, na verdade, pedaços de citrino, variedade do quartzo, de valor bem inferior. O "tesouro" valia, mais ou menos, o preço de uma cerveja no bar.

MARCOS ISSA/16-1-1992

O porteiro que matou tubarão à unha

Os banhistas na Praia de Ipanema mal podiam acreditar. Numa tarde nublada do inverno de 1999, um homem saiu do mar agarrado a um tubarão de 1,80m. O cidadão era José Nilso Gonçalves, de 32 anos, porteiro de um prédio de Copacabana que fora dar um mergulho no bairro vizinho. Estava com água na cintura quando viu o grande peixe se aproximando e, no susto, atracou-se com o dentuço. Ele contou que segurou o animal por debaixo das nadadeiras, levantou-o e começou a socar a cabeça. De lá, Gonçalves foi procurar uma peixaria para vender a caça. "É muita carne pra comer sozinho."

RICARDO GOMES/9-7-1999

O rolê do leão e a bronca da leoa

JORGE WILLIAM/23-11-1994

O leão Ulli deixou em pânico os funcionários do Jardim Zoológico de Niterói quando se aproveitou de um deslize do tratador, que deixou a jaula aberta. Naquela manhã de novembro de 1994, o grande felino vadiou pelas dependências e se deitou ao sol, na maior paz. Uma equipe da Fundação ZooRio chegou com dardos tranquilizantes, mas não foi necessário. Depois que um pobre pato foi pendurado na porta da jaula, Ulli abocanhou o lanche e voltou ao recinto. Foi recebido com duras patadas e rugidos da sua companheira, a leoa Lisa. Ela não gostou nada do "perdido" de três horas e acuou o macho no canto.

'Beijaço' contra o autoritarismo

ARQUIVO/8-2-1981

Aconteceu na ditadura militar. Um juiz baixou uma ordem proibindo beijo na boca em áreas públicas de Sorocaba, em São Paulo, alegando que "beijos cinematográficos" eram "libidinosos e obscenos". Quem desrespeitasse a ordem seria tratado como criminoso. A decisão, porém, encontrou forte resistência. No dia 8 de fevereiro de 1981, o movimento estudantil organizou a "Noite do Beijo", que se tornou o ponto de partida para uma passeata com milhares de pessoas com cartazes e gritando: "Mais beijo, mais pão, abaixo a repressão!". Houve confronto com policiais e correria. Até hoje, o ato é tido na cidade como exemplo de revolta contra o autoritarismo do regime militar.

Navegando com um fusca na Lagoa

ARQUIVO

O jornalista Mauro Salles teve uma ideia inusitada após descobrir que a Volkswagen tinha fabricado um protótipo de "fusquinha" anfíbio, em 1960. Redator automobilístico do GLOBO, ele convenceu os chefes da montadora a deixá-lo navegar nas águas da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio. Salles veio de São Paulo pilotando o veículo só para realizar seu *test drive*, em dezembro daquele ano. "O carrinho navegou como se fosse um barco", escreveu o jornalista, que anos mais tarde se tornou um dos publicitários mais conhecidos do país. "Só molhei meus sapatos quando pisei em uma poça ao sair do carro."

Cartola agredido na Mangueira

Mais de 200 policiais subiram o Morro da Mangueira, na Zona Norte do Rio, antes do carnaval de 1976. A operação tinha o objetivo de prender criminosos, mas foi marcada pelas arbitrariedades cometidas pelos agentes. Dezenas de moradores foram enfiados em camburões só porque não tinham carteira de trabalho assinada. Alguns foram amarrados pelo pescoço. Quando o sambista Cartola, figura célebre na Mangueira, perguntou a policiais por que seu filho havia sido detido, levou uns tapas no rosto. O compositor teve que ir à delegacia tirar satisfação com o delegado, que, ao ver toda a imprensa acompanhando o caso, tratou de pedir desculpas e soltar o rapaz.

EURICO DANTAS/20-2-1976

O piloto que impediu tragédia

A destreza de um piloto salvou dezenas de vidas num acidente em junho de 1958. O avião DC-4 da Aerolineas Argentinas sobrevoava a cidade de Ubatuba, em São Paulo, uma hora depois de decolar no Rio, com destino a Buenos Aires, quando um motor sofreu uma pane. Assim que começou a voltar para o Rio, o comandante Rogelio Merelle percebeu que outro motor pifara, e a aeronave passou a perder altitude rapidamente. Sem outra saída, o piloto teve que pousar de "barriga" numa praia na Ilha Grande. Foram três solavancos até parar, mas, após 20 minutos de pânico e muita correria para sair do avião em chamas, as 22 almas a bordo foram salvas.

ARQUIVO/21-7-1988

COMPORTAMENTO

REVOLUÇÃO POR IGUALDADE E LIBERDADE

GUITO MORETO/27-11-2022

TODOS E TODAS. Ao lado, Parada do Orgulho LGBTQIA+, em 2022, no Rio. Em 1933 (abaixo), as mulheres foram às urnas pela primeira vez no Brasil

ARQUIVO/3-5-1933

MARCIA DISITZER
marcia.disitzer@oglobo.com.br

Há 99 anos, quando O GLOBO chegou ao mundo, as mulheres tinham acabado de se libertar da silhueta ampulheta da Belle Époque e dos asfixiantes espartilhos. Começavam, então, a respirar. E, por conta da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), precisavam, literalmente, entrar em movimento. Não à toa, já na primeira edição do GLOBO, foi criada a seção Entre as Senhoras: “Esta *columna* está animada a defender os interesses da mulher que trabalha, da mulher que luta para manter honesta e corajosamente o seu lar”, dizia a apresentação do espaço, “moderno” para aquela época. Quase um século depois, a mesma discussão continua, mas são inegáveis os territórios conquistados, retratados, discutidos e amplificados por aqui.

Um dos marcos dessa evolução foi o voto feminino, permitido oficialmente a partir do Código Eleitoral de 1932, durante o governo Getúlio Vargas. No pleito de maio de 1933, brasileiras nas urnas estamparam a primeira página do GLOBO, que noticiava o clima de “*enthusiasmo* dentro da ordem e da liberdade” nas eleições. Mal sabiam, as mulheres e o planeta, que o final daquela década desembocaria numa tragédia humanitária: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Um pouco antes, foi criado do O GLOBO Feminino. O primeiro saiu em novembro de 1938 e seguiu como suplemento até setembro do ano seguinte. Depois, permaneceu dentro do jornal até 1973. Lidas hoje, essas páginas permitem estabelecer uma linha do tempo sobre a evolução do enfoque dado ao universo feminino na primeira metade de vida do GLOBO.

OPINIÕES E AÇÕES

O padrão de beleza feminino das décadas de 1940 e 1950 vinha de Hollywood, a moda era ditada por Paris, e ambos eram amplamente noticiados e investigados. Entre formas rígidas, alguns arroubos de identidade nacional, como as vedetes do teatro de revista encabeçadas por Virgínia Lane — desbravadoras em um mundo explicitamente machista. Nele, o casamento era praticamente indissolúvel. Havia, até então, apenas o desquite, que separava cônjuges e seus bens, mas não rompia os vínculos matrimoniais. Mesmo distante, o divórcio, instituído só em 1977, volta e meia, era debatido por juristas, religiosos e políticos nas páginas do GLOBO. Em 1951, o artigo intitulado “Desquite ou divórcio” levantava a discussão. Entre as opiniões a favor do divórcio, a do professor Helio Gomes, que declarou: “A mulher desquitada é viúva de um homem que não morreu”.

A década de 1950, chamada por estas bandas de Anos Dourados, consolidou o New Look, coleção lançada por Christian Dior em 1947. Vestidos de metros e metros de tecido eram uma ode à feminilidade. Em paralelo, surgia o biquíni, apresentado em Paris, em 1946. Nesse caso, o que causou impacto foi o pouco pano, reflexo de um desejo por liberdade. E isso era apenas o começo.

Em 1964, ano de nascimento de ELA, um golpe deflagrou a ditadura militar no Brasil. Em paralelo, uma revolução comportamental avançava no mundo ocidental, embalada pelo rock'n' roll. Chega ao mercado a pílula anticoncepcional, um dos símbolos da emancipação feminina, imersa na segunda onda do feminismo, calcada em obras de intelectuais mulheres, como o “Segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, lançado em 1949.

São reverberadas nessa efervescente década vozes até então tímidas: manifestações pelos negros (black power), pelos gays (gay power) e pela igualdade de estatuto entre os gêneros (women's lib) fazem a cabeça dos jovens que tomam as ruas de diversos países. Na moda, a minissaia, popularizada pela inglesa Mary Quant, torna-se a roupa emblemática de mulheres que querem ser donas de seus próprios passos. E dos próprios corpos.

DEZ ANNOS DE "MISSES"

O GLOBO Feminino

Fonte maravilhosa de vida e do sonho

As transformações de Mimi Pinson

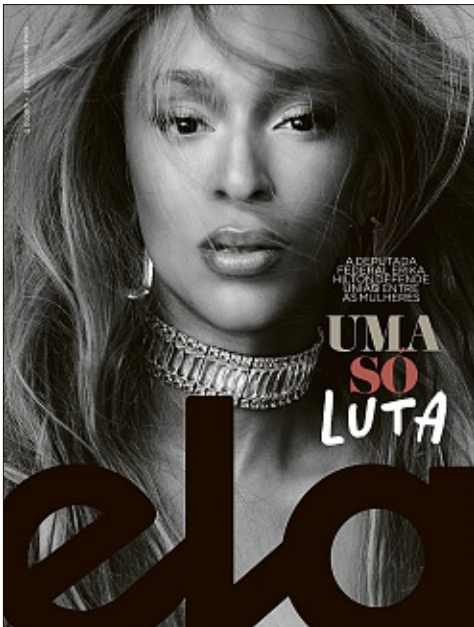
TEMPOS DIVERSOS. A primeira página do GLOBO Feminino, publicada em novembro de 1938; abaixo, capa da Revista ELA em março de 2024 com Erika Hilton, mulher trans que se elegeu deputada federal por São Paulo

Nas páginas do GLOBO, as revoluções — literais e subliminares — foram traduzidas em artigos, entrevistas, editoriais de moda e beleza e perfis.

O Jornal da Família (lançado em 1972), por exemplo, trouxe à tona assuntos relacionados à saúde sexual quando o tema era tabu. Anos depois, a identidade de gênero e os direitos LGBTQIA+ entraram em pauta. Em sintonia com o espírito do tempo, Erika Hilton, a primeira deputada trans a ser eleita por São Paulo, foi capa da Revista ELA, em março de 2024, na edição relativa ao Dia Internacional da Mulher. O título, “Uma só luta”, destacava a importância da união de todas.

Para a jornalista, escritora e acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira, a imprensa tem um papel fundamental nesse avanço da pauta de costumes.

— A partir da década de 1970, começou a ter mais mulheres jornalistas nas redações. Fomos colocadas no patamar de “formadoras de opinião”. Escrevi muito para O GLOBO em defesa das causas feministas — lembra Rosiska.

FREDERICO MENDES/EDITORA GLOBO/1985

DA MÚSICA ÀS LETRAS

ESPAÇO ABERTO A TODAS AS ARTES

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Desde sua chegada às bancas, em 1925, O GLOBO foi sinônimo de cultura, um espaço aberto aos principais nomes da literatura, do teatro, do cinema, da música e das artes visuais, sempre atento aos principais eventos realizados na cidade, no país e no mundo. A área ganharia um suplemento dominical, batizado de O GLOBO nas Letras e nas Artes, cujo primeiro número foi lançado em janeiro de 1937. Na década de 1950, o jornal passou a publicar a seção Arte, Ciência e Cultura.

Em 1959, as artes plásticas passaram a ter uma coluna exclusiva, inicialmente assinada por Vera Pacheco Jordão, que manteve o espaço até 1966. Foi substituída pelo crítico José Roberto Teixeira Leite e, a partir de 1975, a coluna foi assinada por Frederico Morais, idealizador dos célebres Domingos da Criação, que reuniram milhares de pessoas no Museu de Arte Moderna do Rio (MAM-RJ) em 1971.

O cinema, uma das diversões mais populares dos anos que antecederam o surgimento da TV, ganhou em 1938 um personagem marcante: o Bonequinho. Inicialmente usando chapéu e capa de chuva, a ilustração foi criada a pedido de Rogério Marinho, filho caçula de Irineu Marinho e então vice-presidente do GLOBO, para representar graficamente a cotação dos críticos de cinema do jornal. Criado por Luis Sá, célebre chargista da revista O Tico-Tico e autor de tipos como Reco-Reco, Bolão e Azeitona, ele foi atualizado na década de 1970 pelo desenhista Marcelo Monteiro, como ainda é publicado semanalmente na revista Rio Show. Em 1996, o personagem batizou a mostra O Bonequinho Viu, com sessões de cinema ao ar livre na Praia de Copacabana, que durante dez anos reuniu mais de 300 mil pessoas.

Os quadrinhos também fazem parte da história do GLOBO desde a primeira metade do século XX. Em 1937, é publicada a primeira edição mensal de O GLOBO Juvenil, que traria ao país histórias de personagens como Superman, Shazam, Namor, Fantasma, Zorro e Flash Gordon. Sinônimo de HQs no Brasil, o termo "gibi" veio do mesmo título de uma revista publicada pelo GLOBO entre 1939 e 1950. Outra importante contribuição para o segmento viria com a criação, em 1952, da Rio Gráfica Editora (também conhecida como RGE e, a partir de 1986, transformada em Editora Globo, hoje Globo Livros). Foi uma das editoras que mais publicaram HQs no Brasil, de heróis da Marvel como Homem-Aranha, O Incrível Hulk e Quarteto Fantástico aos infantis Gasparzinho, Riquinho e Recruta Zero, passando pelas histórias de terror da revista Kripta. O público infantojuvenil teria espaço próprio no jornal, com a criação do suplemento O Globinho, a partir de 1972 (que retomava a seção semanal de mesmo nome criada em 1938).

CEM MIL PESSOAS NA ESTREIA

O ano de 1972 também marcou a criação da maior iniciativa nacional dedicada à música de concerto, o Projeto Aquarius. Idealizado pelo jornalista Roberto Marinho (1904-2003), por Péricles de Barros (1935-2005), então gerente de Promoções do GLOBO, e pelo maestro Isaac Karabtchevsky, o projeto, gratuito, teve sua primeira apresentação em 30 de abril daquele ano, reunindo cem mil pessoas na Quinta da Boa Vista. As dúvidas iniciais sobre a viabilidade de se levar ao grande público os mestres da música clássica caíram por terra diante da imensa recepção à obra de Tchaikovsky, Villa-Lobos e Carlos Gomes, interpretada pela Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) sob a regência de Karabtchevsky.

— Todos foram convidados a ouvir e a desfrutar, e se mostraram sensíveis a essa música, pelas décadas seguintes — recorda Karabtchevsky, hoje maestro titular da Orquestra Petrobras Sinfônica. — Além do público, foi um projeto que formou gerações de músicos, compositores e maestros.

A música sempre mereceu especial atenção do jornal, desde a revolução da bossa nova, os festivais da canção, o surgimento de novos nomes do samba e da MPB e em megaeventos, a exemplo do Rock in Rio, que mobiliza esquemas especiais de cobertura desde sua primeira edição, em 1985.

O GLOBO esteve junto dos leitores mesmo quando o convívio presencial foi impedido pela pandemia da Covid-19. Logo que foi decretada a quarentena, em março de 2020, o jornal promoveu o festival de lives #TamoJunto, que levou ao público shows de Adriana Calcanhotto, Teresa Cristina, Martinho da Vila, Elba Ramalho, Fafá de Belém e o português António Zambujo, entre outros, em apresentações online realizadas pelos artistas de suas casas. Outra contribuição no período foi a série Entrevista na Janela, que recorreu ao uso de drones para que nomes da cultura como o ator Tony Ramos e a cantora Anitta falassem, por vídeo, de sua rotina durante o isolamento.

PLURAL. Cobertura do primeiro Rock in Rio, em 1985 (alto); Isaac Karabtchevsky rege a OSB no Projeto Aquarius, em 1972 (acima); a revista Gibi, de 1937; anúncio do festival de lives #TamoJunto, na pandemia

CÉLEBRE. O Bonequinho, criado em 1938 para representar as cotações dos filmes, virou sinônimo para crítica de cinema no país

LITERATURA SEMPRE EM DESTAQUE

> A literatura sempre esteve presente nas páginas do GLOBO. Poucos meses após o jornalista Irineu Marinho lançar seu primeiro número, o jornal ganhou, em setembro de 1925, uma seção dedicada ao meio literário, O GLOBO nas Letras, que no ano seguinte passaria a se chamar O GLOBO nos Livros.

> Logo o jornal se transformaria na casa de alguns dos maiores escritores brasileiros, a exemplo dos irmãos Nelson Rodrigues (cujo primeiro artigo foi publicado em 1931) e Mário Filho, de Rubem Braga, Antônio Maria, Elsie Lessa e Antônio Olinto — que colaborou com O GLOBO por 25 anos, sendo responsável pela seção Porta de Livraria, com notícias sobre a vida literária.

> Nas décadas seguintes, autores como Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende, Fernando Sabino e João Ubaldo Ribeiro juntaram-se ao time dos grandes das letras que tiveram coluna no jornal.

> Em 1995 foi lançado o suplemento Prosa & Verso, totalmente dedicado à cobertura literária e do mercado editorial brasileiro, que, a partir das Bienais do Livro do Rio e de São Paulo, criadas no início dos anos 1980, viu um crescimento vertiginoso.

> Pelo Prosa & Verso, que foi publicado até 2015 e também abriu espaço para grandes reportagens sobre temas pertinentes para a sociedade, indo além dos lançamentos de livros, passaram grandes críticos como Wilson Martins, Affonso Romano de Sant'Anna e José Castello.

ESTRELA. Nelson Rodrigues, um dos cronistas do GLOBO

ARQUIVO/4-4-1975

SÉRGIO MARQUES/17-10-1986

AS FEBRES DO OURO. Em 1952, O GLOBO noticiou o início da primeira corrida do ouro na Floresta Amazônica, na região do Rio Jari, no Amapá. A partir de então, diferentes ondas levaram milhares de pessoas a enfrentar a selva atrás do metal precioso. O maior desses movimentos começou em 1980, em uma colina da Serra dos Carajás, no sudeste do Pará, chamada Serra Pelada. Ao fim daquele ano, havia cerca de 30 mil garimpeiros no local. Em 1984, o número tinha mais que dobrado. Dois anos depois, uma reportagem do jornal com o título "Serra Pelada: a cobiça fez do garimpo um barril de pólvora" (foto) descrevia o clima de guerra motivado pela disputa de poder e pela concentração de riqueza nas mãos de poucos. Violência e corrupção estavam por toda parte, enquanto se temia que o governo entregasse a jazida à Vale do Rio Doce, dona das terras. No ano seguinte, dezenas de garimpeiros foram mortos por policiais e militares no Massacre da Ponte.

GRANDES REPORTAGENS

A GENTE CONTA A HISTÓRIA EM TEMPO REAL

O GLOBO nasceu de alma carioca, mas com uma antena para captar novidades do Brasil todo. Logo no primeiro número, a primeira página informava sobre um "perigosíssimo buraco" no Engenho Novo, mas também trazia notícia sobre as intenções do empresário Henry Ford de construir uma fábrica de borracha no Pará. Ao longo dos anos, essa identidade foi reforçada com reportagens especiais e coberturas robustas de acontecimentos que definiram o Brasil. Em 1927, o jornal publicou uma crônica em capítulos sobre a Coluna Prestes, que percorrera o país em campanha contra o governo. Em 1930, lá estava o repórter Roberto Marinho, no Palácio Guanabara, registrando a deposição do presidente Washington Luís e o fim da República Velha. Em 1956, o jornal venceu o 1º Prêmio Esso de Jornalismo — e receberia dezenas de outros nas décadas seguintes — com o relato do repórter que passara seis meses num sanatório público. Nestas páginas relembramos alguns desses momentos.

ARQUIVO/24-10-1930

CRISE NA REPÚBLICA VELHA. Em outubro de 1930, um jovem Roberto Marinho era o repórter escalado para aguardar, do lado de fora do Palácio Guanabara, a saída do então presidente Washington Luís, que acabara de ser deposto pelo golpe que levou Getúlio Vargas ao poder, pondo fim à República Velha. Quando percebeu que um carro do político estava para deixar o local, o jornalista carioca espalhou galhos de árvore na rua. Assim, ele criou um obstáculo que obrigou o veículo a reduzir a velocidade ao sair do prédio. A pausa proporcionada foi o bastante para que o fotógrafo registrasse o mandatário deixando o palácio no banco de trás do carro. A imagem do momento histórico mereceu mais da metade da capa do GLOBO daquele dia 24 de outubro.

JOSÉ VASCO/5-8-1954

FIM DA ERA VARGAS. Semanas após o suicídio de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954, O GLOBO publicou um caderno especial com detalhes inéditos sobre os eventos que levaram ao atentado contra o jornalista Carlos Lacerda e à morte do então presidente. Inovação editorial na época, o caderno intitulado "O livro negro da corrupção" tinha como conteúdo principal o relatório inédito da Aeronáutica sobre o histórico atentado.

JORGE PETER/9-7-1956

LOUCURA. Em 1956, o repórter José Leal entrou na Redação com uma história e tanto. Por seis meses, em luta contra o alcoolismo, ele ficara internado num sanatório público, o Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Ele relatou a vivência dentro da instituição na reportagem "180 dias na fronteira da loucura" e conquistou o primeiro Prêmio Esso de Jornalismo do GLOBO.

REPRODUÇÃO

MEMÓRIAS DA COLUNA PRESTES. Irineu Marinho fundou o jornal numa era de ebulição política no Brasil, com o desgaste da chamada República Velha, alvo de revoltas do movimento tenentista. Em 1924, tivera início a Coluna Prestes, caravana contra o presidente Artur Bernardes. Liderada pelos militares Miguel Costa e Luiz Carlos Prestes, a marcha percorreu 13 estados brasileiros com cerca de 1,5 mil homens e durou mais de dois anos. Em janeiro de 1927, O GLOBO passou a publicar, em capítulos, uma crônica da expedição escrita pelo deputado gaúcho João Baptista Luzardo, único defensor da coluna no Parlamento, que conheceu o movimento por dentro e chegou a ser preso em 1925, acusado de conspirar contra Bernardes.

HOMENS DE BENS. O enriquecimento fora da curva de alguns políticos sempre foi um assunto no noticiário nacional, mas poucas reportagens mostraram isso de forma tão palpável quanto a série "Homens de bens da Alerj". Publicado em 2004, o trabalho mobilizou os jornalistas Angelina Nunes, Alan Gripp, Carla Rocha, Dimmi Amora, Flávio Pessoa, Luiz Ernesto Magalhães e Maiá Menezes. Eles ficaram quatro meses imersos nas declarações de bens de deputados eleitos para a Assembleia Legislativa do Rio (Alerj) em 1998 e 2002. Depois, passaram mais dois meses em campo, documentando os sinais de riqueza. As reportagens expuseram casos chocantes de variação patrimonial. O trabalho conquistou o Prêmio Esso de Jornalismo daquele ano.

FERNANDO QUEVEDO/18-6-2004

CUSTÓDIO COIMBRA

NOVAS VIDAS SECAS. Em 2013, a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) homenageou o escritor Graciliano Ramos, um dos mais importantes romancistas brasileiros. Com esse mote, o repórter André Miranda e o fotógrafo Custodio Coimbra revisitaram, naquele ano, cenário e personagens descritos pelo autor no célebre romance "Vidas secas", de 1938. A dupla percorreu o interior de Alagoas e Pernambuco, parando em cidades ligadas à trajetória de Graciliano, em meio à pior estiagem em cinco décadas. A viagem resultou em uma edição especial do suplemento Prosa & Verso, do GLOBO, publicada em junho de 2013. A reportagem, que também virou um e-book e ganhou o Prêmio Petrobras, trouxe a dura constatação de que as mazelas descritas por Graciliano continuavam afligindo a população local no século XXI.

A ASCENSÃO DAS MILÍCIAS. As milícias ainda não eram um tema presente no noticiário até que, no dia 20 de março de 2005, um domingo, O GLOBO publicou uma reportagem que intrigou os cariocas. "Milícias de PMs expulsam tráfico", dizia o título do texto assinado por Vera Araújo, revelando que grupos de policiais e ex-policiais tinham tomado controle de 42 favelas na Zona Oeste do Rio. Além de popularizar o termo "milícias", o trabalho relatou o crescimento dessa nova facção criminosa, que se tornou um dos principais problemas da segurança pública no estado.

MICHEL FILHO/11-3-2005

A DOR DOS MUTILADOS. Ao analisar dados não computados oficialmente, Felipe Grinberg e Rafael Galdo revelaram, em 2023, que 2.044 pessoas foram amputadas nos últimos 15 anos em todo o país devido à violência armada. "Mutilados" mostrou o drama dos feridos por arma de fogo e explosivos no Rio, que, com 88 vítimas, se tornou a capital nacional das mutilações. A série venceu a categoria Reportagem do Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo, promovido pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos e OAB do Rio Grande do Sul. O ensaio de Márcia Foletto, que retratou as vítimas e mostrou fragmentos de projéteis (abaixo) venceu a categoria Fotografia

MÁRCIA FOLETTO/6-6-2023

ANOS DE CHUMBO. O GLOBO jogou luz sobre capítulos sinistros da ditadura militar. Em 1996, uma série de reportagens revelou detalhes sobre o massacre da guerrilha do Araguaia, nos anos 1970. Documentos inéditos do Exército mostravam que muitos mortos haviam sido presos antes de "desaparecerem". O trabalho venceu o Prêmio Esso de Jornalismo. Em 1999, uma reportagem informou que o Ministério Público reabrira o caso do atentado no Riocentro (foto), após o inquérito inicial mascarar o envolvimento de militares no episódio de 1981. Em seguida, o jornal mergulhou no resgate do caso e venceu mais um Prêmio Esso de Jornalismo.

ARQUIVO

GUSTAVO MIRANDA/5-7-1992

A PROVA. Ao mostrar nas páginas do GLOBO, em julho de 1992, que uma Fiat Elba do então presidente Fernando Collor fora comprada com cheque-fantasma do empresário Paulo César Farias, o jornalista Jorge Bastos Moreno (1954-2017) comprovou o esquema de corrupção que existia dentro do governo. Em setembro do mesmo ano, Collor renunciou ao cargo.

PAPÉIS FALSOS. Em novembro de 1998, durante a gestão de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) no Palácio do Planalto, o jornal noticiou e acompanhou de perto o escândalo do "Dossiê Cayman", um pacote de documentos falsos forjado com o intuito de atribuir crimes inexistentes a políticos do partido do governo, para prejudicá-los na eleição daquele ano, quando o próprio presidente da República disputava a reeleição. Cópias foram espalhadas e teriam sida adquiridas por membros da oposição (na foto, delegados da Polícia Federal falam sobre o esquema). Políticos como Paulo Maluf e Fernando Collor foram acusados de posse do dossiê A mesma documentação foi, supostamente, oferecida a líderes do PT, mas recusada.

GIVALDO BARBOSA-5-6-2001

PEDRO MARTINELLI/10-8-1973

A SAGA DE UM POVO ISOLADO. Em 1973, O GLOBO foi o único jornal a acompanhar os sertanistas Orlando e Cláudio Villas-Bôas no primeiro contato com o povo indígena então chamado de Krain-a-Kore, em Mato Grosso, durante a construção da estrada Cuiabá-Santarém. À beira da extinção, a etnia, cujo nome verdadeiro é Panará, foi levada para o Parque Nacional do Xingu dois anos depois. Já em 1996, uma série de reportagens assinada por Ascânio Seleme e Pedro Martinelli, mostrando a vida precária do povo na reserva, deu ao diário o Prêmio Esso de Informação Científica.

MUNDO AFORA

JORNAL CARIOCA NO FRONT GLOBAL

WILLIAM HELAL FILHO
william@oglobo.com.br

ARQUIVO/7-9-1944

Em 1932, quando O GLOBO enviou para Berlim o então jornalista José Jobim, que mais tarde se tornaria um importante diplomata, ele documentou a ascensão de Adolf Hitler na Alemanha e a propagação do discurso de ódio nazista. Na época, pouca gente imaginava que o líder político levaria o país a uma insana cruzada de invasões militaristas. Já em 1944, quando a Segunda Guerra Mundial estava na reta final, e o Brasil mandava mais de 25 mil soldados para lutar contra as forças do Eixo, o diário carioca também deu um passo à frente e lançou O GLOBO Expedicionário, um jornal distribuído exclusivamente para as tropas do país na Europa.

Foram 37 edições que acompanharam os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), entre setembro de 1944 e maio de 1945, informando-os sobre a situação geral do conflito, mas também levando até eles notícias esportivas, charges e histórias em quadrinhos para entreter os combatentes enviados para o front na Itália.

“Cobri-vos de glória!”, dizia a manchete do primeiro número, com uma mensagem de apoio do então presidente da República, Getúlio Vargas, direcionada aos soldados. Mas as frases de encorajamento não partiam apenas das autoridades. O jornal veiculava pequenos recados de parentes dos pracinhas que tomavam páginas inteiras da publicação. Esse “correio familiar” fazia com que os combatentes do país se reunissem em torno de cada edição para ler, emocionados, as palavras de entes queridos expressando orgulho e desejando o breve retorno de filhos, pais, maridos e irmãos.

“Em prece permanente, os nossos corações acompanham vossa trajetória gloriosa. Saudades. Heitor Ribeiro”, dizia a mensagem enviada aos tenentes Jessen, Homero, Haroldo, Israel, Hildon e Bravo. “Muitas saudades. Recebemos cartas e telegramas. Beijos carinhosos seu filhinho e Lygia”, dizia um recado para o tenente Luiz Gonzaga. “Recebi cartas. Saudades imensas. Penso em ti todo momento. Tua Neuza”, foram as palavras para o sargento Antônio Diniz. “Meu filho, saúde e felicidade. Breve regresso desejamos. Abraços. Maria Emília”, escreveu a mãe do soldado Homero Aranha.

ARQUIVO/1944

REPÓRTER NO FRONT. O jornalista Egydio Squeff, enviado do GLOBO para acompanhar de perto as façanhas da FEB na Itália

A COBRA DE WALT DISNEY

A Segunda Guerra começara em 1939. De início, o Brasil se mantivera neutro, mas isso mudou em 1942, com a entrada dos Estados Unidos no conflito. Ainda assim, foram dois anos até o envio das tropas pelo governo Vargas. Na época, dizia-se pelas ruas que era mais fácil uma “cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra”.

Mais tarde, quando nossas forças já estavam ativas no teatro de operações europeu, tornou-se popular a expressão “a cobra está fumando”. Por conta disso, a pedido do GLOBO, o americano Walt Disney, cineasta “pai” de Mickey Mouse, criou o desenho de uma cobra com capacete de combate, revólveres e... um cachimbo na boca.

A ilustração foi publicada com destaque na edição de 22 de fevereiro de 1945 do tabloide especial, justamente quando terminava a famosa Batalha de Monte Castelo, no norte da Itália, principal confronto com a participação das tropas brasileiras, que terminou com vitória dos Aliados sobre o exército alemão. “No momento em que escrevo, terminou a intensa e ininterrupta batalha que se vinha travando entre brasileiros e germânicos desde o alvorecer pela posse de Monte Castelo”, relatou o jornalista Egydio Squeff, correspondente do GLOBO que acompanhou as façanhas da FEB no Velho Continente.

COBRA FUMANTE. Ilustração feita por Walt Disney a pedido do GLOBO, com base em expressão popular na época

A PRAÇA MONTE CASTELO

No dia seguinte à tomada de Monte Castelo pelas tropas nacionais, dois pracinhas, que já estavam no Brasil devido a ferimentos de combate, foram à Redação do jornal para redigir mensagens a serem enviadas aos soldados. Na edição de 1º de março de 1945, o Expedicionário informava, na primeira página, que o então prefeito do Rio, Henrique Dodsworth, acolhendo uma sugestão do próprio diário carioca, decidira rebatizar uma praça no Centro do Rio como Praça Monte Castelo.

A última edição do jornal remetido para as tropas saiu em 23 de maio de 1945, duas semanas após o Dia da Vitória na Europa (8 de maio). “Rumos democráticos”, dizia a manchete do Expedicionário. “Missão cumprida”, lia-se no título do editorial de despedida.

Menos de dois meses depois, no dia 18 de julho, cerca de 500 mil pessoas saudaram o retorno dos pracinhas, que desfilaram na Avenida Rio Branco. “Consagradora e indescritível a recepção à FEB”, dizia a manchete do GLOBO. Quinze anos mais tarde, foi inaugurado no Aterro do Flamengo o Monumento aos Pracinhas com os corpos dos 462 combatentes brasileiros que haviam sido enterrados na Itália, mas foram exumados e trazidos ao Brasil.

FEDERICO PARRA/AFP

NOTÍCIAS DE CRISES RECENTES EM TERRA ESTRANGEIRA

O século XXI vai chegar ao término de seu primeiro quarto com um histórico triste de crises internacionais. Nos últimos 24 anos, jornalistas do GLOBO cobriram episódios de violência em vários países. Veja alguns casos.

ATAQUES DE 11 DE SETEMBRO. O século mal tinha começado quando as torres do World Trade Center, em Nova York, foram destruídas em uma série de atentados da rede terrorista Al-Qaeda nos EUA. Naquele mesmo dia 11 de setembro de 2001, O GLOBO publicou uma edição extra, que foi para as ruas à tarde, relatando o que se sabia até o momento.

GUERRA DO IRAQUE. Em 20 de março de 2003, na esteira dos atentados de 2001, uma coalizão liderada pelos EUA invadiu o Iraque. Na cobertura da guerra, O GLOBO publicou, durante 25 dias, um caderno especial recheado de notícias e análises, com reportagens de José Meirelles Passos, então correspondente em Washington, nos EUA, enviado ao Oriente Médio, de jornalistas em diferentes países e informações de agências de notícias.

EDITORIAL “HORROR À VIOLÊNCIA NÃO TEM FRONTEIRAS” • PÁGINAS 6 E 7

EDIÇÃO EXTRA

O GLOBO

Terror sem limites

Atentados suicidas deixam milhares de mortos nos EUA

Aviões destroem World Trade Center

Presidente Bush promete reação

Mercados param no mundo inteiro

ATENTADOS DE 11 DE SETEMBRO. Capa da edição extra do GLOBO, publicada horas após a série de ataques terroristas nos EUA

TENSÃO NO MEDITERRÂNEO. A relação entre Israel e seus vizinhos abriu o século com as revoltas palestinas chamadas de Segunda Intifada, em outubro de 2000. De lá para cá, jornalistas relataram diferentes episódios de violência para O GLOBO. Em abril de 2002, Deborah Berlinck descreveu o bombardeio israelense na Cisjordânia após uma série de ataques terroristas. Ano passado, Paola de Orte cobriu os atentados do Hamas de 7 de outubro, que deixaram 1,2 mil mortos em Israel, e a dura reação do governo de Benjamin Netanyahu.

GOLPE NO HAITI. Em outubro de 2004, o jornalista José Meirelles Passos cobriu a chegada ao Haiti de uma missão da ONU liderada pelo Brasil, após um golpe de Estado que deixara o país à beira de uma guerra civil.

AMEAÇA A HUGO CHÁVEZ. Em abril de 2002, a jornalista Janaína Figueiredo esteve na Venezuela para cobrir a tentativa fracassada de golpe contra o então presidente, Hugo Chávez, que chegou a ficar 47 horas afastado antes de retornar ao poder. Desde então, Janaína viajou ao país vizinho mais 11 vezes para acompanhar outros momentos de tensão.

O GLOBO

Benedita vai a Brasília e pede ajuda

Venezuela: choques deixam dez mortos e isolam Chávez

CRISE NA VENEZUELA. Cobertura da tentativa de derrubar Chávez em 2002

LUCILA DE BEAUREPAIRE

A CIDADE, O ESTADO

PARA FESTEJAR, COBRAR E CUIDAR

Logo na primeira página de sua estreia nas bancas, em 29 de julho de 1925, O GLOBO exibia duas fotos, do antes e do depois, de "Sua Majestade, o rei dos buracos", que tudo engolia: automóveis, motoristas e até cavalos. Estava lá, no bairro do Engenho Novo, e durante um ano "permanecia aberto, faminto, a pedir novos desastres, exigindo vítimas, sangue e desolação" — relatava, dramaticamente, a reportagem. Pois o jornal contratou operários para cobrir o buraco, provisoriamente, usando um tapume resistente. E o que era dramático ganhou tons de ironia. A reportagem revelava se tratar de um "modesto serviço ao público", oferecido pelo jornal, e o buraco coberto ganhou uma placa comemorativa, à semelhança daquelas "El Rey, por bem do seu povo", estampadas em fontes públicas da cidade.

Nascia, assim, a relação estreita do jornal com o Rio de Janeiro, dando voz a seus moradores, provocando o poder público e promovendo debates, seja nas páginas impressas ou usando as ferramentas digitais dos dias de hoje. Do buraco de rua, passando por iluminação precária, violência, poluição de praias e até campanhas em defesa do Rio, o dia a dia do carioca é retratado desde que a cidade era capital do país.

O GLOBO criou seções específicas em suas páginas: A Serviço da Cidade, nos anos de 1950; Plantões nos Bairros, nos anos 1960; até a criação dos Jornais de Bairro, em 1982, que estendeu sua cobertura para além da capital, incluindo Niterói, Baixada Fluminense e edições especiais nas regiões Serrana, Vale do Paraíba, Norte Fluminense e dos Lagos.

CIDADE MARAVILHOSA

Em 1960, a cidade estava a poucos dias de perder sua condição de Distrito Federal e o baixo-astral reinava entre seus habitantes, quando o jornal lançou uma campanha de valorização do carioca. Anunciou em sua edição de 5 de abril uma série de comemorações saudando o novo Estado da Guanabara. Embora fosse contra a mudança da capital do país naquele momento, o jornal incentivou os cariocas a se unirem. Espalhou pelos bairros faixas lembrando que "O Rio será sempre o Rio" e convocou associações de moradores para eventos durante todo aquele mês.

A canção "Cidade maravilhosa", de autoria de André Filho, foi um estrondoso sucesso nos anos de 1960, e o jornal se juntou à campanha para transformá-la em hino da cidade. No entanto, a música eternizada no encerramento dos bailes carnavalescos só foi declarada hino oficial do Rio 40 anos depois.

MARCELO CARNAVAL/28-11-1995

PELA PAZ. Caminhada contra a violência, dentro da campanha Reage Rio, levou milhares à Avenida Rio Branco em 1995

Nem sempre é fácil resolver problemas crônicos. Na tentativa de dar um basta à violência, uma das nossas principais mazelas, o jornal se juntou a entidades privadas e órgãos públicos para promover a Caminhada pela Paz, dentro da campanha Reage Rio, em novembro de 1995. Metrô, trens e barcas tiveram roletas abertas, e a população compareceu em peso, da Candelária à Cinelândia. Todos vestidos de branco.

— A cidade tem vários problemas, mas não são exclusivos daqui, e sim de toda grande metrópole brasileira. A matriz dessa desordem urbana está no crescimento da população sem políticas públicas para abrigá-la com dignidade. E hoje uma grande parcela desses moradores vive sob domínio da violência — salienta o arquiteto e urbanista Sérgio Magalhães, que já ocupou cargos em órgãos públicos municipal e estadual.

A CIDADE ESBURACADA

S. M. o rei dos Buracos foi tapado provisoriamente

UM PEQUENO SERVIÇO PRESTADO AO PUBLICO PELO "O GLOBO"

Era essa, como está na primeira photographia, o periculosissimo buraco do Engenho Novo, sobre o qual O GLOBO collocou, para defender as vidas dos incautos, a tapagem provisoria que na segunda se destaca

O REI DOS BURACOS. Detalhe da primeira página da edição de estreia do GLOBO, mostrando serviço prestado

Em 2017, dados da Light mostravam que 52% dos furtos de energia elétrica — os famosos gatos — ocorriam em áreas das classes média e alta da cidade. Esse número espantoso foi apresentado na série Ilegal, E daí?, que teve início nos anos 2000, com reportagens mostrando as irregularidades que desafiam as leis até hoje.

Em seminários como Diálogos RJ, o jornal tem promovido discussões com especialistas e representantes do poder público, apresentando temas variados como segurança pública, ampliação de serviços digitais para os cidadãos e potenciais industriais do estado.

Em outra frente, o evento Rio Gastronomia, criado pelo jornal para celebrar a cidade e a culinária brasileira, entrou para o calendário do Rio desde sua primeira edição e vem movimentando economia e turismo. Em agosto, no Jockey Club, acontece a 14ª edição do festival.

Para o economista carioca Sérgio Besserman, presidente do Jardim Botânico, o papel de um jornal vai além de tratar do dia a dia da cidade e seus problemas.

— O GLOBO sempre esteve na vanguarda dos costumes que transformam e fazem avançar uma sociedade. Nunca hesitou em promover uma cultura mais democrática e plural. E isso é uma contribuição, não só para o Rio, mas para o país todo — afirma Besserman, que já dirigiu o IBGE e por duas vezes presidiu o Instituto Pereira Passos, órgão de pesquisa da Prefeitura do Rio.

ALEXANDRE CASSIANO/13-2-24

ALEGRIA. Detalhe da Sapucaí no carnaval de 2024 e as capas ilustradas, no final dos anos 20, para celebrar a festa

UMA PASSARELA PRIVILEGIADA PARA O CARNAVAL

Naquele carnaval de 1933, O GLOBO relatou em sua primeira página um menor consumo de lança-perfume e ponderou: "Talvez. Não é certo". Mas, ao cair a poeira das cinzas da quarta-feira, aquele carnaval selou o patrocínio do GLOBO no concurso de escolas de samba na Praça Onze, onde "reinou completa ordem", segundo reportagem da época.

A iniciativa deu continuidade ao desfile organizado, no ano anterior, por Mário Filho, cronista e editor do jornal Mundo Sportivo — e irmão do também jornalista Nelson Rodrigues. Mas o jornal fechou, e Roberto Marinho, amigo de Mário e que desde 1931 ocupava a função de diretor-redator-chefe do GLOBO, assumiu a realização do segundo "Campeonato do Samba". Dois anos depois, o prefeito Pedro Ernesto incluiu os desfiles no calendário oficial da cidade.

O público foi estimado em 40 mil pessoas e, entre as 25 escolas que desfilaram naquele ano de 1933, algumas velhas conhecidas dos cariocas hoje: Mangueira, Unidos da Tijuca e Vai como Pode (futura Portela). Pela Praça Onze também passaram escolas de nomes singulares, como Inimigos da Tristeza, Filhos de Ninguém, Não Somos Lá Essas Coisas e De Mim Ninguém Se Lembra, que teve Heitor dos Prazeres vestido de príncipe, cantando um samba de sua autoria. Os três jurados acomodados num coreto elegeram a Mangueira como campeã, com o enredo "Uma segunda-feira no Bonfim".

Ao longo desses mais de 90 anos de ligação com a maior festa popular da cidade, O GLOBO acompanhou a evolução dos desfiles, o surgimento de novas agremiações, seus personagens inesquecíveis e o gigantismo da festa. O apreço pelo carnaval já era evidente desde o final dos anos 20, quando caprichadas ilustrações tomavam todo o espaço das primeiras páginas do jornal durante a folia.

ESTANDARTE DE SUCESSO

A Passarela do Samba ainda era uma fantasia distante quando o jornal criou o Estandarte de Ouro, em 1972, considerado o Oscar do samba. Nascido para premiar os talentos do maior carnaval do mundo, o Estandarte escreveu histórias de sucesso, como a da lendária porta-bandeira Vilma Nascimento, dona de seis troféus, o último deles no carnaval deste 2024. Mas, em 1972, o Império Serrano foi a escola que conquistou o maior número de premiações: quatro estandartes, com o enredo "Alô, alô, Carmen Miranda", de Fernando Pinto. O Império também foi campeão pelo júri oficial.

Tradicional, sim, conservador, jamais. Do tropicalista Fernando Pinto, passando pelo gênio Joãosinho Trinta e pelo carnaval high-tech de Renato Lage, o Estandarte tem reconhecido inovações e se mostrou em sintonia com os anseios populares. Foi assim em 1984, em plena campanha das Diretas Já, quando premiou o enredo da Caprichosos de Pilares ("A visita da nobreza do riso a Chico Rei"). Um dos carros alegóricos trazia a inscrição "Diretas" num muro cercado de caricaturas de políticos da época.

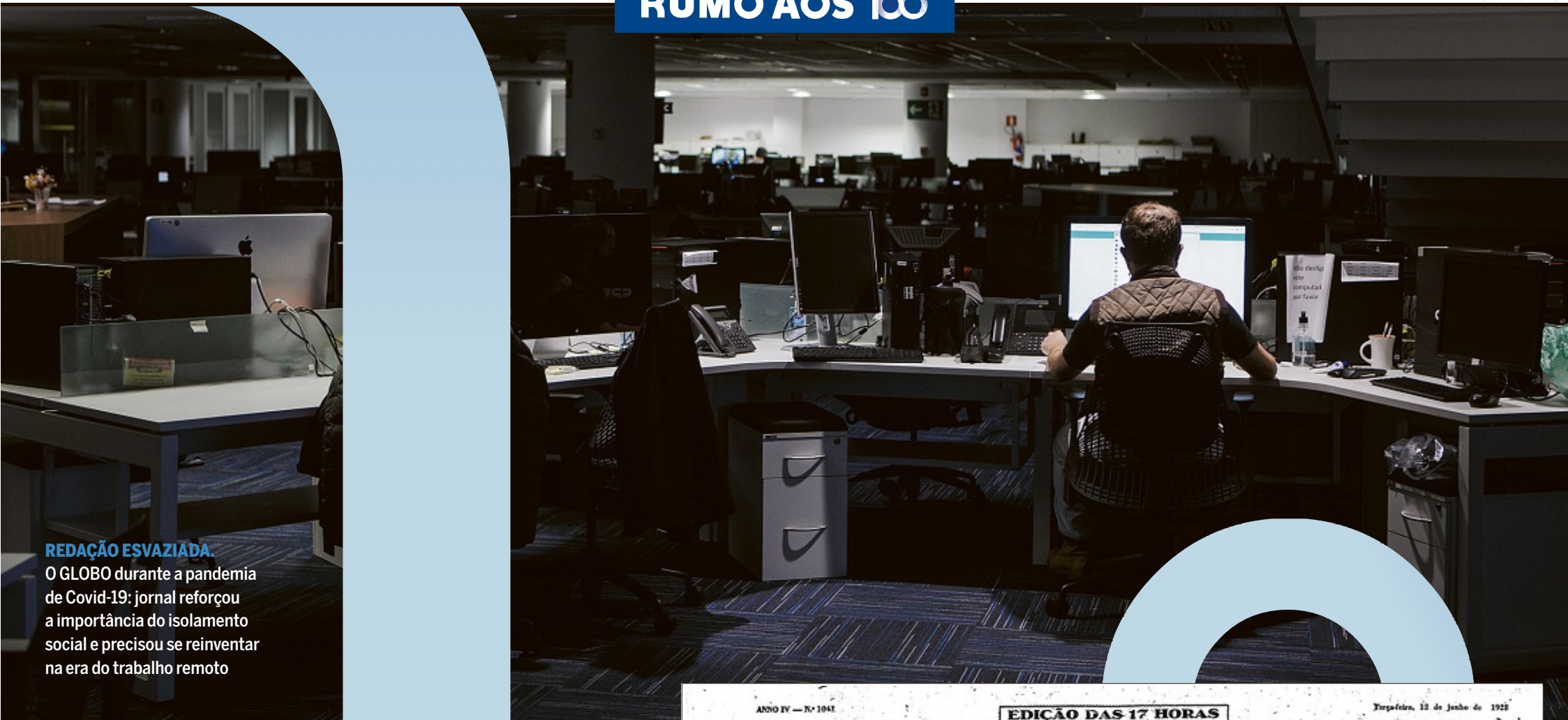
O Estandarte também corrigiu uma injustiça ao reconhecer, em 1989, o impactante enredo de Joãosinho "Ratos e urubus, larguem minha fantasia", o famoso desfile dos mendigos da Beija-Flor, dando o prêmio de melhor escola, no ano em que a Imperatriz Leopoldinense foi a primeira colocada no júri oficial.

Para Maria Augusta, professora, carnavalesca e membro do Estandarte de Ouro há mais de 40 anos, existe uma magia que faz com que o prêmio seja muito cobiçado e respeitado. Além da longevidade e toda a tradição que cerca essa premiação, o Estandarte homenageia o sambista que faz o carnaval e leva o troféu para casa:

— A nossa avaliação é diferente da do júri da Liesa. Há uma grande discussão ao fim do espetáculo, muitas vezes apaixonada, feita por pessoas que amam e vivem o carnaval o ano inteiro. Além de olhar o indivíduo, o conjunto da escola é muito importante. O debate é técnico, mas há um envolvimento com a festa.

Pelos cadernos especiais de carnaval e conteúdos digitais, com serviços para os foliões, o leitor acompanha, a cada ano, a evolução da festa. Além disso, desde 2014 o Camarote Quem O GLOBO marca presença na Sapucaí, recebendo os convidados com diversas atrações durante os desfiles das escolas. Em 2023, o espaço se tornou 100% neutro em carbono.

(Lucila de Beaurepaire)

ALEXANDRE CASSIANO/27-7-2021

REDAÇÃO ESVAZIADA. O GLOBO durante a pandemia de Covid-19: jornal reforçou a importância do isolamento social e precisou se reinventar na era do trabalho remoto

MÁRCIA FOLETTO/26-1-2022

EDIÇÃO DAS 17 HORAS

O GLOBO

A população precisa empenhar-se sériamente no auxilio ás medidas da Saude Publica contra a febre amarella

Como se manifesta, como se transmitte e como se combate o grande mal

Dezoito familias têm o praso de quinze dias para desoccupar suas casas!

Coração nôvo já bate firme em São Paulo

ZERBINI EMPREGOU NOVA TÉCNICA DE TRANSPLANTE

Sindicatos em greve chegam a acôrdo com Govêrno francês

TEMA SEMPRE PRESENTE. Alerta sobre febre amarela, já em 1928, e o destaque para primeiro transplante de coração no Brasil

MÁRCIA FOLETTO/15-10-2021

AFP/1-4-1999

DOIS TEMPOS. Vacina da Covid-19 e a clonagem da ovelha Dolly

ANA LUCIA AZEVEDO
ala@oglobo.com.br

NA SAÚDE E NA DOENÇA

INFORMAÇÕES QUE SALVAM VIDAS

Em menos de um século, a Humanidade travou guerras, foi ao espaço, sequenciou o próprio genoma e o de milhares de outros seres, criou transgênicos, clonou mamíferos, aprendeu a transplantar órgãos, inventou formas de se comunicar em qualquer lugar e algoritmos de inteligência artificial. Porém, foi um organismo cinco mil vezes menor que um ponto, o coronavírus, que parou o mundo e ameaçou a todos, sem ligar para credo ou ideologia.

A pandemia de Covid-19 foi o ponto mais crítico da maior de todas as batalhas, a pela sobrevivência. Uma luta vencida com a ajuda de informação baseada em ciência e na qual as notícias tiveram papel fundamental.

Mais do que em qualquer outro momento, informação fez diferença entre viver e morrer. Em março de 2020, com o início da pandemia no Brasil, O GLOBO precisou se reinventar, criar uma redação remota, mas não ficou um só dia sem oferecer notícias sobre os riscos, a prevenção e os avanços da ciência contra o coronavírus.

Também alertou sobre os perigos de um outro vírus letal, o das fake news, que se propagou como fogo pelas redes sociais para induzir a população a se intoxicar com falsas curas e a se arriscar a contrair o vírus.

Com os equipamentos de proteção adequados, equipes foram para hospitais mostrar as dificuldades de atendimento e o drama de pacientes e suas famílias.

Quando o Ministério da Saúde do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro parou de divulgar números atualizados, O GLOBO se uniu a outros sites e jornais e criou o consórcio de veículos de imprensa que diariamente informava o número de mortos e doentes e a progressão da Covid-19 no Brasil. O consórcio funcionou ininterruptamente de 9 de junho de 2020 a 29 de janeiro de 2023.

A pandemia viu também um dos avanços mais importantes da História da Humanidade, o desenvolvimento de vacinas eficazes em tempo recorde. Quando as primeiras vacinas se tornaram disponíveis, o jornal passou a publicar um calendário de vacinação e o serviço digital "Qual o meu lugar na fila", em 17 de janeiro de 2021.

AVANÇOS E RETROCESSOS

A pandemia foi o capítulo mais dramático da luta contra doenças infecciosas, na qual a cobertura jornalística do GLOBO, desde os primórdios de sua fundação, em 1925, exerce papel ativo. O serviço digital contra a Covid-19 foi a versão contemporânea de uma longa trajetória, a exemplo do alerta "Vacinem seus filhos: eles estão ameaçados!", de 7 de novembro de 1958, sobre a poliomielite. A reportagem já trazia um calendário e endereços dos postos de vacinação, serviços oferecidos, ao longo das décadas, por numerosas vezes e para várias doenças.

Graças às vacinas, o tifo, assunto da manchete "Em offensiva contra o surto de thypho! Intensificada a vaccinação nos municípios invadidos pelo mal", de 28 de agosto de 1935, foi controlado. E também a pólio, mostra "Ministério da Saúde garante êxito da vacinação antipólio", de 18 de junho de 1982.

Uma viagem ao noticiário do século XX é uma história de conquistas e de como nunca se deve baixar a guarda. Mostra o medo que a população sentia de doenças infecciosas letais e incapacitantes, como o sarampo e a pólio, que deixavam crianças cegas ou paralisadas, assunto, por exemplo, da matéria "A paralisia infantil e sua ronda sinistra", de 12 de fevereiro de 1943.

Com a imunização, essas doenças foram tão bem controladas que acabaram esquecidas. Junto com governos, a sociedade negligenciou as vacinas, cuja cobertura despencou no Brasil em pleno século XXI, assunto denunciado em sucessivas matérias, a exemplo de "O preço da imunidade", de 22 de março de 2009, e "De volta ao passado? Queda na cobertura de vacinas acende alerta para retorno de sarampo, pólio e outros males", em 8 de julho de 2018.

Naquele ano, o sarampo voltou, e o Brasil perdeu a certificação de "país livre" da doença", obtida em 2016. Só agora, em 2024, sem registro de casos de transmissão nacional (autócne) há dois anos, o país tenta de novo se certificar.

Outro exemplo: "A febre amarella, do que depende a extincção absoluta do terrível mal em todo o paiz", reportagem publicada em 8 de junho de 1928, alertava sobre o espalhamento da doença. Após a febre amarela urbana ser controlada com intensa campanha nos anos 40, a forma silvestre voltou a causar uma epidemia em 2017/18, e O GLOBO percorreu os estados de Minas Gerais e Espírito Santo para mostrar como a doença avançava e o que estava sendo feito para combatê-la, nas reportagens da série "A febre que arde no interior do Brasil", de fevereiro de 2017.

A história se repete com a dengue, que em 2024 causou a pior epidemia da História. Em 1980, o jornal noticiava "uma estranha doença que surgiu na Baixada Fluminense", só o início de uma sucessão de numerosas reportagens sobre o que era e como se podia combater a enfermidade.

O alerta sobre o vírus Oropouche, cujos casos este ano se multiplicam pelo Brasil, foi dado há oito anos na reportagem "Vírus transmitido por insetos pode ser confundido com dengue", publicada em 7 de janeiro de 2016.

Para muitos males, como a Aids, cujos primeiros casos surgiram nos anos 80 do século XX, ainda não existe vacina. Mas houve avanços no tratamento.

Há progressos que fizeram História, amplamente acompanhados pelo jornal. Entre os numerosos exemplos destacam-se a descoberta do primeiro antibiótico, a penicilina (1928); o primeiro transplante do coração (em 1967; e no ano seguinte no Brasil); o nascimento do primeiro bebê de proveta (1978); a clonagem de um mamífero (a ovelha Dolly, nascida em 1996); o lançamento do Viagra (1998); a decifração do genoma humano em 2003. E mais recentemente os tratamentos com anticorpos monoclonais e imunoterapias, que têm melhorado o tratamento de doenças como o câncer.

Mas não são apenas fatos grandiosos que produzem impacto positivo na vida das pessoas. Notícias sobre bem-estar sempre estiveram presentes, como em "O senhor estará mesmo doente?", sobre hipocondria, em 10 de maio de 1947. Em 2 de julho de 1972, ganharam um espaço só para elas no Jornal da Família. A cobertura acompanhou as transformações da sociedade brasileira. Hoje, têm espaço na editoria que leva a Saúde no nome.

BRENNO CARVALHO/1-6-2021

INFORMAÇÃO. Retrato da Amazônia devastada (no alto), guia digital sobre o El Ninõ, de 2023, e um dos exemplares da premiada revista Planeta Terra: problemas e soluções mostrados ao leitor de múltiplas formas

PLANETA EM ALERTA

O CAPÍTULO DESAFIADOR DA CRISE CLIMÁTICA

MÁRCIA FOLETTO/26-11-2015

MARCA TRÁGICA. Ruínas do distrito de Bento Rodrigues, em Minas Gerais, destruído pelo rompimento da barragem Fundão, da mineradora Samarco: desastre produzido por obra humana

MÁRCIA FOLETTO/8-9-2022

RIQUEZA. Reportagem em Poconé, em Mato Grosso, mostrou como a presença das onças-pintadas sustenta o turismo pantaneiro. Biodiversidade da região é a grande vitrine das riquezas naturais do Brasil

ANA LUCIA AZEVEDO
ala@oglobo.com.br

As águas do Guaíba ainda inundavam as ruas de Porto Alegre quando se agravaram os incêndios no Pantanal e a seca na Amazônia voltou a preocupar. Tudo em junho, um mês que não costumava ser marcado por extremos climáticos. Mas o tempo, seja o meteorológico ou o cronológico, mudou. A crise climática é o capítulo mais desafiador de uma história ambiental em aberto, cujo desenrolar é revelado já faz quase um século em reportagens do jornal.

A Amazônia esteve presente desde os primeiros anos do noticiário. Nos primeiros momentos, apoiando a expansão econômica. Mas, depois, denunciando a devastação e apresentando soluções. Caso de "Em defesa de nossas mattas", matéria publicada em 1º de julho de 1932.

Ou ainda da reportagem que afirmava que, ao derrubar suas florestas, o país semeava desertos. Soa contemporâneo. Mas a data da publicação de "Abate de árvores fabrica desertos no Brasil" é 3 de julho de 1968.

O interesse e o conhecimento sobre o tema aumentaram, e O GLOBO inovou ao levar o debate para o leitor através da Planeta Terra, primeira revista ambiental de um jornal brasileiro, lançada em 2002. A iniciativa conquistou o Prêmio Esso naquele ano. Em 2003, veio o suplemento Razão Social, sobre sustentabilidade. E em 2012 as duas publicações se uniram no Globo Amanhã. Clima, biodiversidade, água e sustentabilidade seguem pautando reportagens especiais.

As crianças foram o público de "Salve o Planeta", de 2008. O GLOBO publicou, em parceria com o WWF, uma coleção de dez livros, acompanhados por bichinhos de pelúcia, sobre animais em perigo de extinção, como o muriqui e a onça-pintada.

Em fevereiro de 2021, as 19 marcas do portfólio das empresas Editora Globo, Globo Condé Nast e CBN se uniram na iniciativa Um Só Planeta, o maior movimento editorial brasileiro para promover práticas sustentáveis e ajudar a enfrentar a crise climática.

E, em 2023, guias digitais exclusivos trouxeram informações para enfrentar o El Niño e o calor sem precedentes do ano mais quente da História da Humanidade.

Os desastres climáticos, a marca trágica do nosso tempo, já estavam presentes na primeira seção do GLOBO dedicada exclusivamente ao meio ambiente. Publicada em 1º de dezembro de 1985, destacou a necessidade de ordenamento do solo e da proteção dos rios e encostas para evitar desmoronamentos e enxurradas.

Um artigo tratava da Serra Fluminense. A mesma região que viria a sofrer o desastre com o maior número de mortos no Brasil, em 11 de janeiro de 2011, tema de extensa cobertura, e cuja inacabada reconstrução nunca deixou o noticiário. Foram 908 os mortos e 300 os desaparecidos.

Desde então, os desastres aumentaram de frequência e intensidade. Porém, nada antes teve a magnitude da tragédia do Rio Grande do Sul, com 2,3 milhões de pessoas atingidas, 478 dos 497 municípios gaúchos afetados, 179 mortos e 34 desaparecidos.

Oferecer uma cobertura que desse a dimensão da catástrofe significou ir além do esforço de reportagem sobre o drama dos atingidos, a dedicação dos voluntários, as ações de resgate e a compreensão dos fatores que produziram a tragédia. Foi preciso identificar prioridades, cobrar a quem de direito e trazer soluções para a reconstrução. Sendo essas últimas tema de um caderno especial cujos lucros foram destinados às vítimas.

Uma tragédia ambiental não afeta apenas o abstrato conceito de natureza. Atinge, sobretudo, pessoas e não conhece fronteiras. Reportagens ajudaram a traduzir as mensagens das chamas dos incêndios no Pantanal em 2020 e 2024. O fogo que arde no centro do Brasil também paralisa o turismo e polui o ar de cidades do Sul e do Sudeste. O mesmo Pantanal foi tema, em outubro de 2022, de reportagens que traçaram um retrato do bioma, suas riquezas e desafios.

Desastres de outro tipo, produzidos por obra humana, também causaram destruição sem precedentes em Minas Gerais. Equipes do GLOBO percorreram os mais de 600 quilômetros do Rio Doce afetados pelo rompimento da barragem de mineração da Samarco, em Mariana, em 2005, que fez do distrito de Bento Rodrigues a "Chernobyl brasileira".

Em 2019, equipes voltaram à zona do desastre de mineração para expor a devastação causada pela barragem da Vale, em Brumadinho, que ao romper matou 272 pessoas.

Em 2024, os oceanos nunca estiveram tão quentes. Habitantes do frio e do gelo, os pinguins veem seu mundo encolher e se tornaram o símbolo das mudanças do planeta no Hemisfério Sul, conforme revelou reportagem nas Ilhas Malvinas.

SUFOCO. Aquecimento dos oceanos impacta a vida dos pinguins nas Ilhas Malvinas

ANA LÚCIA AZEVEDO

DE OLHO NA COP30

Para o Brasil, que em 2025 sediará em Belém a COP30, a reunião de cúpula climática, o desafio é grande. O anfitrião precisa mostrar a casa em ordem. O país reduziu o desmatamento na Amazônia em 62,2%, mas viu aumentar o do Cerrado em 68%. Também precisa tornar suas cidades resilientes ao clima e restaurar áreas naturais, assunto presente em diversos seminários promovidos pelo GLOBO.

No cerne de todas essas questões está o financiamento ambiental, questão que já dura três décadas. "Falta de dinheiro pode inviabilizar acordos da Rio-92", dizia a manchete do GLOBO de 14 de junho de 1992. Para cobrir a precursora de todas as Cúpulas do Clima da ONU, a Rio-92, o jornal inovou ao montar uma redação remota, que produzia e transmitia as notícias diretamente do evento. Há 32 anos, internet e celulares engatinhavam, e as mudanças climáticas eram uma previsão. Hoje, a inteligência artificial é parte do cotidiano, e as mudanças climáticas, realidade. A urgência é impedir que se agrave.

INÊS 249

RUMO AOS 100

JOSÉ DOVAL/6-3-1986

COM O LEITOR. Em pleno Plano Cruzado, exemplares do GLOBO com a tabela de preços congelados foram companheiros diários dos consumidores, que também ganharam coluna de defesa e suplementos sobre imóveis e empregos

ABAIXO O 'ECONOMÊS'

NÚMEROS SEM MISTÉRIO E COM CREDIBILIDADE

CÁSSIA ALMEIDA
cassia@oglobo.com.br

Em 1953, o publicitário Sylvio Bhering, então diretor do GLOBO e da Rádio Globo, teve uma ideia para ajudar a estimular o comércio no Rio no segundo semestre do ano. Como o Dia das Mães já movimentava a economia em maio, e o setor só ganhava novo fôlego no final do ano, com o Natal, Bhering decidiu criar o Dia do Papai em 16 de agosto, pela proximidade com a data que celebra São Joaquim, pai de Nossa Senhora. A iniciativa, inicialmente restrita ao Rio, deu tão certo que já no ano seguinte espalhou-se por todo o Brasil, oficializando o segundo domingo de agosto como o Dia dos Pais, que se mantém desde então como um dos pontos altos do comércio no ano.

O exemplo é um dos muitos que mostram a longa história de iniciativas do GLOBO para ajudar a impulsionar a economia da cidade, do estado, do país, e cumprindo a função primeira de aproximar o leitor do noticiário econômico.

A coluna Traduzindo o Economês, por exemplo, abriu um canal direto com o leitor para mostrar que os temas — contas públicas, transações externas, mercado financeiro, PIB — não eram um bicho de sete cabeças e que valia a pena entender como os fatos econômicos afetavam diretamente seu dia a dia.

ENTRE PLANOS E TABLITAS

A editoria de Economia ganhou caderno próprio em 1969, pouco antes de os choques nos preços do petróleo levarem a inflação brasileira para outro patamar — ela saiu de 0,2% ao mês em 1969 para 1,09% em 1973, quando houve o primeiro impacto, e para 7,3% em 1979, no segundo salto nos preços internacionais do combustível.

A imprensa, nesse momento, assumiu papel fundamental de explicar os seguidos pacotes econômicos. Foram cinco após a redemocratização nos anos 1980 até o Plano Real, criado em julho de 1994, que finalmente estabilizou os preços.

Eram pacotes que obrigavam a população a fazer conversões diárias de preços para saber quanto custava um quilo de arroz. A cada plano a inflação desabava e os juros das prestações das compras a prazo ou de outros financiamentos precisavam ser recalculados. O jornal publicava as tablitas que já traziam o valor a pagar sem a inflação alta prevista antes do congelamento. O Plano Cruzado, em 1986, provocou um boom de crescimento econômico, mas teve fôlego curto e logo a população precisou recorrer ao jornal diário para fiscalizar os preços congelados.

— Não houve período mais complexo para o leitor comum que o dos planos de estabilização. Era muita confusão, muitos problemas decorrentes daquelas intervenções, e os guias do GLOBO, bem didáticos, permitiam que o leitor os guardasse e consultasse — diz Luiz Roberto Cunha, professor de História Econômica na PUC e que acompanhou a ciranda inflacionária desde o início. — Era uma coisa que o jornal físico permitia fazer, ainda num tempo sem internet.

O Plano Real foi desafiador, com a criação da Unidade Real de Valor (URV), atualizada todo dia por índices de preços. Houve cálculo para conversão dos salários, dos aluguéis, o dinheiro teve de ser substituído. No dia seguinte à entrada da nova moeda, o real, o guia do GLOBO indicava os caminhos para o leitor.

Naqueles anos 90 outro assunto ganhou espaço nas páginas: a Defesa do Consumidor, seção criada em 1981, passou para a editoria de Economia e chegou a ser publicada em dois dias na semana, quartas-feiras e domingos (hoje a seção não tem dia fixo). Nela, as cartas com demandas dos consumidores são encaminhadas para as empresas se manifestarem — o índice de solução dos problemas alcançou mais de 95%, garantindo ao serviço uma enorme credibilidade.

— O papel do GLOBO foi importantíssimo. O jornal transformou a informação em cidadania, conectando a comunidade, com precisão e responsabilidade. Não havia naquela época espaços semelhantes que pudessem esclarecer dúvidas e disseminar as boas práticas para o cidadão — conta Maria Inês Dolci, advogada que participou ativamente da consolidação do Código de Defesa do Consumidor de 1990.

Também nos anos 1990 O GLOBO lançou o Boa Chance, imprescindível para quem estava procurando emprego, queria mudar de carreira ou abrir seu próprio negócio. O caderno era voltado para aqueles que buscavam entrar no mercado de trabalho nos anos em que a economia brasileira sofria os efeitos de crises externas como as da Rússia e da Ásia.

Em seguida, veio o Morar Bem (1997). A estabilização da moeda permitiu que a compra da casa própria entrasse no horizonte da população. Os financiamentos habitacionais eram tema recorrente nas páginas, que traziam modelos de empréstimos, dicas de como se planejar para conseguir o imóvel, reajustes dos aluguéis e um espaço para o leitor tirar dúvidas com especialistas no ramo.

O avanço da tecnologia ajudou a explicar ao leitor a Reforma da Previdência, aprovada em 2019. Foi a maior revisão nas regras da aposentadoria desde a Constituição de 1988, com dezenas de regras de transição para os trabalhadores que já estavam no mercado. Como mostrar a situação de cada leitor especificamente? A solução foi a calculadora da Previdência. As novas regras foram inseridas na ferramenta, usada até pelo governo como teste na época. Houve 1,7 milhão de acessos somente nas primeiras 24 horas no ar e, ainda hoje, segue como uma das mais acessadas no site.

A busca mais ávida dos leitores por assuntos pautados pela velocidade das mudanças no cotidiano também transformou o perfil da editoria, que foi dando mais ênfase à área de negócios e tecnologia. O avanço da inteligência artificial, a digitalização da economia, o mundo das startups e das big techs frequentam diariamente as páginas e o site do jornal.

O DIA DO PAPAI

Pela primeira vez se celebrará amanhã o Dia do Papai. Pela primeira vez os filhos, no unânime reconhecimento que devem a quem lhes consagra energias e desvelos, preocupações e esperanças, manifestarão aos pais toda a extensão do seu amor.

Será a primeira vez e não será a última. Tão justa é a homenagem, tão universal e comovido foi o entusiasmo que a acolheu, tanto representam os pais para o coração dos filhos, que se pode afirmar com convicção que a iniciativa d'O GLOBO e da RÁDIO GLOBO frutificará pelos anos afora numa festa anual de amor.

São esses os nossos votos nas vésperas da sentimental homenagem. Que cada qual medite no que deve ao pai de proteção na infância, de orientação na mocidade e de carinho e apoio durante a vida toda e obedeça aos impulsos gratos do seu coração. E que a homenagem se estenda a outras cidades, a outros países, ao mundo todo como uma pausa universal de ternura e confiança no turbilhão da vida que passa.

PARA ELES. Inovadora, a campanha do GLOBO botou o Dia dos Pais no calendário oficial de todo o país

Meta lança 'selo azul' para empresas no Brasil

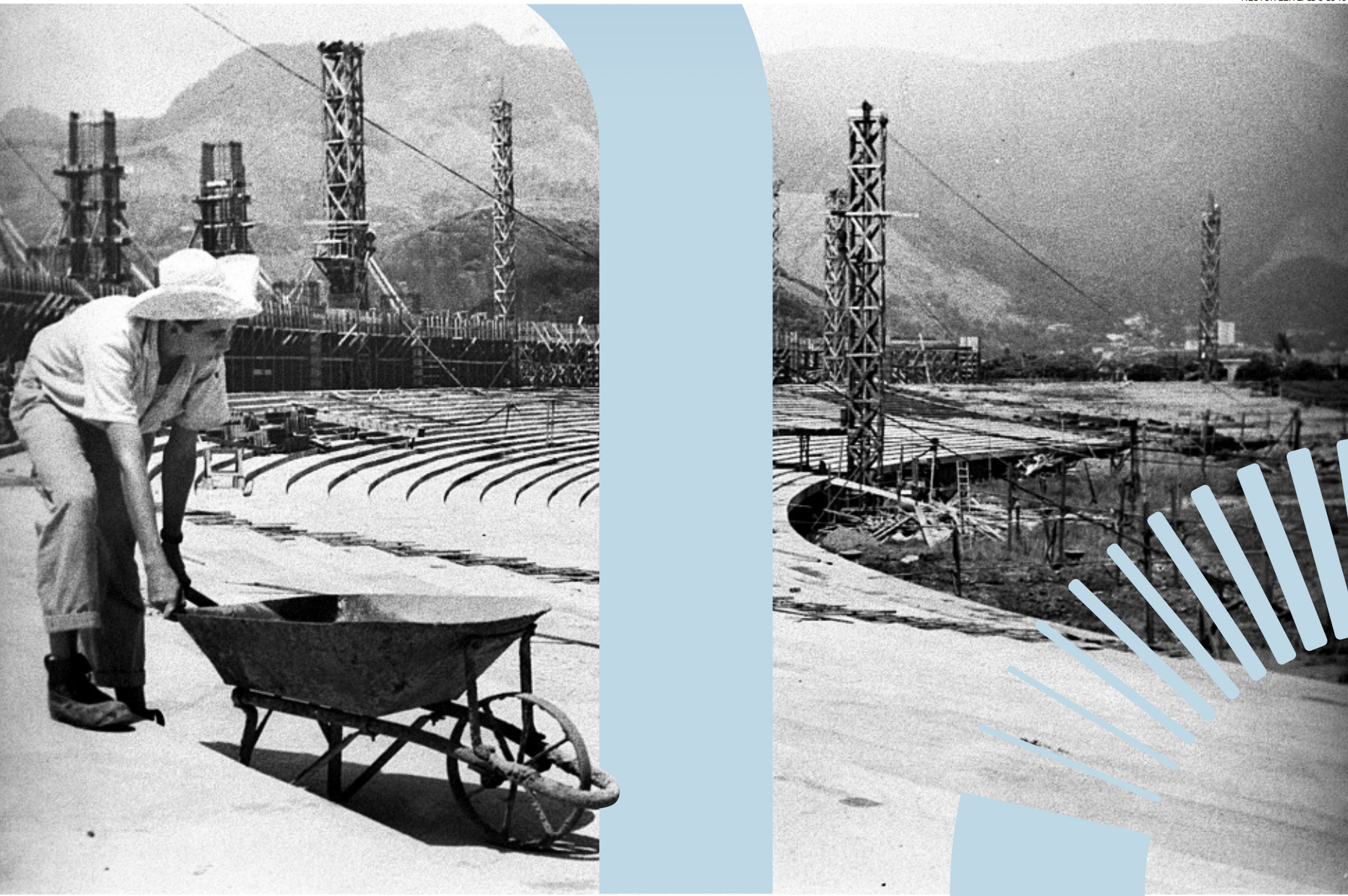
Google decide manter cookies para personalizar anúncios

Computação em nuvem puxa resultados da Alphabet

Lucro da Tesla despenca 45% no 2º trimestre

EM TODOS OS CAMPOS

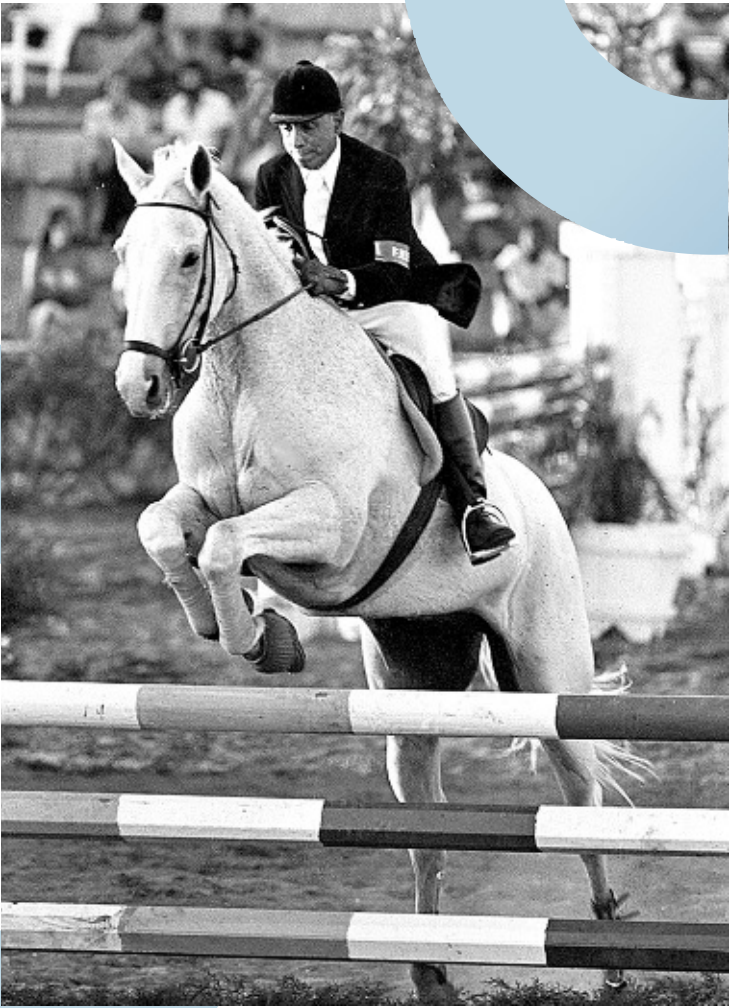
O MUNDO DA BOLA E MUITO ALÉM DELE

NESTOR LEITE/11-3-1949

SÉRGIO GARCIA
sgarcia@edglobo.com.br

Da primeira edição do GLOBO para cá, as mudanças foram muito além do vocabulário. No histórico número 1, a seção esportiva tratava de *tennis*, *box*, *turf*, *basketball* e regatas. O *football* teve destaque na capa, com a notícia de que estudantes de Coimbra chegavam de Portugal para *matches* contra Fluminense e Vasco, um *tour* que se prestaria a estreitar relações "no domínio do pensamento e na força física". Ao longo desses 99 anos, o jornal não só acompanhou os ciclos esportivos que ganhavam corpo como também os fomentou.

Nem tudo no Rio caminha para o mar, e os esportes são um exemplo. As regatas, que no início do século XX arrastavam uma multidão para as competições na Praia de Botafogo, aos poucos davam lugar a um esporte emergente importado da Inglaterra, que caía nas graças da juventude. O GLOBO refletiu em suas páginas essa metamorfose do país do futebol, que ainda é, também, do automobilismo, do tênis, do basquete, do vôlei, do iatismo, do surfe.

O jornal teve papel decisivo para a concretização do Maracanã, com a campanha "E o estádio para a Copa do Mundo?", numa época em que sua seção de esportes era comandada pelo jornalista Mário Filho, que por seu empenho na empreitada viria a dar nome ao local. Reportagens e entrevistas debatiam a importância de se ter um estádio monumental na cidade.

A relação do jornal com o futebol é umbilical, mesmo. Apenas quatro meses após sua fundação, O GLOBO enviou o *redactor* Manoel Gonçalves para a cobertura do Sul-Americano de 1925, em Buenos Aires. No mesmo ano, um Fla-Flu com uma plateia engalanada ganhava destaque — "brilhante partida de *football* jogada por tão valorosos *clubs* da nossa cidade". Na Copa de 1938, na França, o técnico Adhemar Pimenta, ouvido pelo GLOBO ao telefone, "por intermédio de Radiobras", vociferou: "O mais absurdo *penalty* da história do *football* não nos pode eliminar da Taça do Mundo", disse ele, referindo-se à eliminação para os italianos. No fatídico *Maracanazo*, em 1950, o jornal resumiu: "Da expectativa freneticamente à decepção amarga."

Nenhum outro esporte representa melhor a gangorra de sentimentos da nação que o futebol, com a alternância de alegrias e frustrações, vexames e vitórias retumbantes. Entre o "delírio no campo" saudando o primeiro dos nossos cinco títulos mundiais", em 1958, e o "vergonha, vexame, humilhação" carimbado no dia seguinte ao fatídico 7 a 1, em 2014, O GLOBO mostrou histórias épicas bem como denunciou malfeitos.

Em algumas ocasiões, extrapolou a função de apenas noticiar o que acontecia em campos, quadras, pistas e canchas. Foi assim que criou o "Luvas de Ouro" e o "Luvas de Prata", em 1955, competições que ajudaram a popularizar o boxe, com lutas a céu aberto pela cidade, reunindo milhares de pessoas. Com o mesmo espírito, apoiou o Circuito da Gávea, corrida de carros que reunia pilotos internacionais realizada entre 1933 e 1954. Nas décadas de 70 a 90, a modalidade ganharia protagonismo na época áurea do automobilismo nacional, com a ascensão de Fittipaldi, Piquet e Senna e seus oito mundiais.

A abordagem pessoal, ora bem-humorada, ora informativa, muitas vezes as duas, foi marca das colunas que se infiltraram no noticiário. Na época em que o turfe agitava o Jockey Club, a coluna O Pangaré ("órgão das aspirações cavalares"), nas décadas de 50 e 60, levou o universo das corridas de cavalo ao impresso. O hipismo era uma das paixões de Roberto Marinho (1904-2003), que começou a praticar o esporte aos 35 anos e conquistou seu primeiro campeonato em 1940, com o cavalo Arisco.

O escracho também deu o tom da Penalty, assinada pelo jornalista e cartunista Otélo Caçador, criador do "diploma de sofredor" e do "placar moral". Com silhueta diferente, os irmãos Nelson Rodrigues e Mário Filho assinaram colunas nas páginas esportivas, assim como João Saldanha, que assumiu a função em paralelo com a de técnico da seleção, em 1970.

ESPORTES OLÍMPICOS

O esporte serviu de campo também a inovações tecnológicas, como a imagem da nadadora Piedade Coutinho estampada na primeira página nos Jogos de Berlim, em 1936, a primeira telefotografia na imprensa brasileira. Em 1979, a partida entre Flamengo e Santa Cruz foi o cenário da primeira telefoto a cores transmitida no país.

Lado a lado com a cidade, O GLOBO também torceu para a escolha do Rio como sede do Pan-Americano de 2007, que seria aperitivo para a maior competição esportiva que a cidade já acolheu, a Olimpíada de 2016. "Olímpica e maravilhosa", sintetizou o jornal.

Uma zona de interesse que se iniciou em 1928, com informações sobre os Jogos de Amsterdã entre anúncios das Vitrolas Orthophonica e de aulas de dança do charleston, e atravessou 99 anos dando ênfase às competições internacionais, indo além das disputas esportivas, como se deu nos ataques terroristas que marcaram as Olimpíadas de Munique-72 e Atlanta-96. Já na era digital, a urgência e a análise ganham corpo, como mostra neste 2024 a Olimpíada de Paris. Quem sabe não será a vez agora de Medina, no país de Pelé, Marta, Senna, Maria Esther, Joaquim Cruz, Guga, Scheidt.

DANIEL MARENCO/5-8-2016

ORLANDO BRITO/17-4-1977

EM TODOS OS CAMPOS. A construção do Maracanã, pela qual O GLOBO fez campanha (no alto); o estádio na abertura dos Jogos Olímpicos de 2016; e Roberto Marinho em prova internacional de hipismo em Brasília

O GLOBO
FLAMENGO versus FLUMINENSE
A brilhante partida de football, jogada por tão valorosos clubs da nossa cidade

O GLOBO
"O GLOBO" INAUGURA A TELEPHOTOGRAPHIA NO BRASIL
FORÇAS ITALIANAS DESEMBARCAM EM MALAGA!
ARRAZANDO UM CASTELLO DE CIFRAS!

INOVAÇÃO. Em novembro de 1925, uma página totalmente dedicada ao jogo entre Flamengo e Fluminense; ao lado, uma imagem dos Jogos de Berlim, em 1936, seria a primeira telefoto na imprensa brasileira

RUMO AOS 100

SEBASTIÃO MARINHO/14-1-1980

ARQUIVO

MULTIDÃO. Estudantes na porta da sede do GLOBO em 1980, esperando para ver a edição extra do jornal com a lista de aprovados no Vestibular Unificado

HANS VON MANTEUFFEL/26-10-2013

ATRASADO. Candidato do Enem corre para chegar a um local de prova antes de fecharem os portões, em uma cena que se repete ano após ano

PARCEIRO DO ENSINO

MILITÂNCIA NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

WILLIAM HELAL FILHO
william@oglobo.com.br

Acontecia uma vez por ano, na Rua Irineu Marinho 35, onde ficava a sede do jornal O GLOBO. Minutos depois de liberada a lista de aprovados no antigo Vestibular Unificado da Fundação Cesgranrio, entre as décadas de 1970 e 1980, o diário carioca imprimia uma edição extra com os nomes dos felizardos. Milhares de exemplares iam para bancas espalhadas pelo Rio, mas uma multidão ansiosa se aglomerava na porta do jornal, na Cidade Nova, para colocar as mãos na publicação logo após sair da gráfica. Ao ler seus nomes impressos na listagem, os novos calouros explodiam de alegria.

Hoje, na era digital, o serviço prestado pelo jornal ao vestibulando se dá de outra forma. Anualmente, nos fins de semana do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), O GLOBO publica em seu site um gabarito extraoficial, elaborado por professores, após o encerramento das provas, e faz uma transmissão ao vivo com os mesmos docentes corrigindo e comentando questão por questão. O trabalho é diferente de 50 anos atrás, mas a essência é a mesma.

A edição extra com a lista de aprovados era uma das ações ligadas ao Caderno Vestibular, que o jornal criou em 1972, ano seguinte à instituição do Vestibular Unificado, antiga prova de seleção para ingressar nas principais universidades do Rio. O suplemento tinha informações sobre os exames, analisava o mercado de trabalho, dava dicas de preparação e veiculava um teste simulado elaborado por professores. Agora, todo o conteúdo para o vestibulando chega em volume muito maior e de forma bem mais abrangente, graças à tecnologia.

Tudo isso é fruto de uma convicção que está no DNA do jornal. Desde a fundação, O GLOBO trata a educação como prioridade em seu noticiário, informando o leitor sobre a atuação do poder público, divulgando boas práticas de ensino e identificando problemas e necessidades. Paralelamente, o diário promove diversas ações que estabelecem uma conexão com alunos e professores. São colunas e cadernos especializados, eventos ou campanhas de vulto para fomentar o progresso do ensino.

LUZ NA EDUCAÇÃO

Hoje, por exemplo, O GLOBO participa do Festival LED – Luz na Educação, realizado pela TV Globo e pela Fundação Roberto Marinho em parceria com a plataforma Educação 360, da Editora Globo. Com oficinas, palestras, feira de startups, exposições e shows, o evento é um grande encontro de gente interessada em conhecimento, tecnologia e novas conexões.

Logo que foi criado, em 1925, o diário tinha um espaço fixo chamado O GLOBO nas Academias, que, mais tarde, passou a se chamar O GLOBO Universitário. O jornal também publicava O GLOBO nas Escolas, informando sobre concursos, eventos de estudantes, resultado de exames e outras novidades na educação básica.

Naquela época, o ambiente escolar ainda era restrito a filhos da elite econômica, mas, nos anos 1930, tomou corpo um movimento de professores chamado Escola Nova, liderado por educadores como Anísio Teixeira, Cecília Meireles e Roquette-Pinto, cujo manifesto propunha um sistema escolar público, gratuito, obrigatório, misto e leigo para todos os brasileiros até os 18 anos. O texto foi publicado na íntegra pelo GLOBO, em 28 de março de 1932. “A educação não é um privilégio, é um direito”, pregava o movimento.

Ao longo daquela década, o governo de Getúlio Vargas promoveu reformas com o

MEGAZINE. Capa da primeira edição do caderno Megazine, publicada em 23 de maio de 2000

objetivo de tornar a escola mais inclusiva, combatendo o analfabetismo e buscando formar jovens para a indústria. A Constituição Federal de 1934 foi a primeira a estabelecer o ensino como direito de todos.

Ainda assim, o Brasil atravessou as décadas seguintes com altas taxas de analfabetismo. Em maio de 1961, O GLOBO criticou em editorial a polarização e a demora para aprovar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que tramitava desde 1948 no Congresso e só foi sancionada em dezembro daquele ano, reduzindo atribuições do Ministério da Educação e conferindo aos estados autonomia para legislar e organizar seus sistemas escolares.

Nos anos 1960, o jornal criou uma série de novas ações sociais. Uma das mais importantes foi a campanha Ajude uma Criança a Estudar, que mobilizou pessoas e organizações para reunir recursos e financiar o aprendizado de alunos pobres. A iniciativa promoveu eventos como leilões e apresentações artísticas para arrecadar fundos e estimulou escolas privadas a ceder bolsas para crianças em vulnerabilidade.

Na década de 1970, a principal ação na área foi o Caderno Vestibular, que continuava fazendo parte do diário quando O GLOBO lançou, em 1982, a campanha Quem Lê Jornal Sabe Mais, uma parceria com a Prefeitura do Rio para estimular a leitura por meio de atividades com jornal em sala de aula. Voltada para o ensino fundamental, a campanha marcou época ao alcançar milhares de alunos e professores durante anos.

A proximidade com o estudante norteou, em 2000, a criação do caderno Megazine, que substituiu os suplementos Planeta Globo e Vestibular, mesclando educação, cultura e comportamento. A equipe do Megazine, que deixou de ser publicado em 2011, criou a cobertura on-line do Enem, que, todos os anos, alcança centenas de milhares de pessoas em todo o Brasil.

ANDRÉ TEIXEIRA/27-8-2006

NÓS E OS LEITORES

RELAÇÕES ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

ANA BRANCO/4-2-2024

LEONARDO AVERSA/26-12-1999

A escolha para o titulo do novo jornal da noite

DIRIGIDO POR IRINEU MARINHO

O FORMIDAVEL SUCCESSO DA CONSULTA AO POVO

"Correio da Noite" e "O Globo" os dois titulos preferidos

O concurso aberto para a escolha de um titulo para o novo jornal da noite, dirigido por Irineu Marinho, alcançou um successo surprehendente. Mau grado a angustia do prazo, milhares de suffragios concorreram no empenho de baptizar o novo pagão da opinião publica. A necessidade de iniciar a propaganda do jornal quanto antes, visto as installações das officinas [...]ga, o que torna impossivel a sua acceitação. Em face de tropeço ficou decidido adoptar-se o segundo titulo mais votado: "O Globo". Com este alvitre a direcção do novo jornal da noite não alterou os termos do concurso, pois resolveu distribuir o premio promettido a todos quantos tenham suffragado um e outro titulo.

NUNCA FALHAM. A escolha do nome do jornal; o dia em que milhares de leitores aceitaram "convocação" para saudar 2000; e espectadores "esquecidos" em cinema (no alto), assunto pautado por carta enviada ao GLOBO: parcerias

JOSÉ FIGUEIREDO
jose.figueiredo@infoglobo.com.br

Trinta e nove dias antes da estreia do GLOBO no cotidiano do país, um evento dava início à relação estreita que desde então o jornal e seus leitores cultivam. Em 20 de junho de 1925, o novo projeto de Irineu Marinho divulgava seu nome e seus primeiros assinantes: os 6.462 participantes da consulta pública para a escolha do título do jornal que votaram em Correio da Noite (primeiro lugar na preferência, mas que teve de ser descartado porque o nome já tinha dono) e O GLOBO. Ao longo dos 99 anos seguintes, esse relacionamento se consolidou como um caso sério, em que, por carta, telegrama, telefone, e-mail, WhatsApp, o leitor passou a colaborar intensamente com a Redação.

Pouco depois de completar dez anos de vida, O GLOBO perguntava a seus leitores em pequenos anúncios: "Quer ganhar 500$?". Era o arranque de um projeto que inspiraria tantos outros ao longo do percurso até aqui: o Repórter-Amador. Um número de "telephone", o 22-2000, era exclusivo para que leitores informassem sobre "occorrencia sensacional, pittoresca, inédita". Os melhores colaboradores se candidatavam aos 500 réis e a outros prêmios.

Outra iniciativa que abriu novo canal entre os leitores e O GLOBO teve vigência entre 1988 e 1993: o Plantão nos Bairros, mais conhecido como o "projeto das bolhas", por causa do formato das cabines onde repórteres dos Jornais de Bairro ficavam à espera de pautas ou reclamações vindas dos moradores. Havia bolhas espalhadas por Rio, Niterói e Baixada.

— Elas eram colocadas em pontos estratégicos dos bairros. Desde cedo se formavam filas de moradores querendo reclamar de problemas de sua região. Os leitores valorizavam essa iniciativa, sentiam que estavam sendo ouvidos — lembra Cristina Azevedo, repórter dos Jornais de Bairro de 1988 a 1992 e hoje coordenadora de Comunicação Internacional da Fiocruz.

Outro episódio marcante do relacionamento entre O GLOBO e seus leitores se deu no fim de 1999, quando uma multidão aceitou a convocação do jornal para, juntos, no Forte de Copacabana, saudar a chegada do tão aguardado ano 2000.

A interatividade da Redação com os leitores deu um salto gigantesco com a popularização da internet. Nos anos 2000, uma década após a chegada da web ao jornal, um projeto veio atestar todo o futuro que se abria à participação do público no jornalismo da casa: o Eu-Repórter. O aplicativo permitia enviar denúncias e sugestões de pautas, com fotos ou vídeos, direto do celular.

Ao longo dos primeiros anos do jornal, era eventual a publicação de cartas de leitores. O panorama iria mudar a partir de 5 de janeiro de 1970, quando eles conquistaram um primeiro espaço fixo para se manifestarem, embora de modo ainda tímido. Tudo mudaria em 1993, quando Cartas dos Leitores ganha nova dimensão e periodicidade diária. Nesses 31 anos de publicação, os números expressam a importância de uma das páginas campeãs de audiência do jornal: mais de 1,1 milhão de cartas recebidas, cerca de 135 mil publicadas.

IGNACIO FERREIRA / 22-9-1989

CHEGA MAIS. Entre 1988 e 1993, "bolhas" espalhadas pelos Jornais de Bairro pelo Grande Rio recebiam queixas e sugestões de reportagem dos leitores

FONTE DE PAUTAS

Além de ser um mural aberto às opiniões do público, a seção é fonte inesgotável de pautas para os repórteres da casa. Como no fim de janeiro deste ano, quando a carta de Ruth Kauffman revelou a incrível situação vivida pelas pessoas que foram assistir, no Net.Rio, ao filme "Os rejeitados": o cinema foi fechado antes de terminada a sessão, e eles ficaram presos lá dentro até serem "salvos". O texto de Ruth não passou batido pelo Segundo Caderno e rendeu reportagem de repercussão nacional.

— Passei a escrever por vontade de opinar, participar. Acho interessante que a opinião de um cidadão desconhecido possa chegar a tantos leitores. Acho essa página, evidentemente, a melhor do jornal. É um bom termômetro sobre o que as pessoas estão pensando. O ponto de vista do cidadão é indispensável — diz Flavius Figueiredo, de Barra do Piraí, que teve sua primeira carta publicada em 2017 e que virou um dos frequentadores mais assíduos da seção.

Se a carreira de leitor-missivista de Flavius tem apenas sete anos, o mesmo não se aplica a Mariúza Peralva, que há mais de duas décadas envia suas opiniões para O GLOBO. Aos 86 anos e dois livros de suas cartas compiladas, a psicóloga de Niterói reconhece que diminuiu um pouco o ritmo nos últimos tempos, mas parar é verbo que não está no seu horizonte:

— Eu vejo a página dos leitores como filha das ágoras gregas, onde gente de opiniões diversas se reúne e expõe as suas. Isso sempre me motivou muito — conta Mariúza. — Geralmente o que eu quero escrever aparece na minha cabeça quando estou dormindo. Aí não tem jeito, tenho de levantar e escrever imediatamente um e-mail para O GLOBO.

PAIXÃO DE ETERNO 'GLOBINHO'

> O ano de 2024 mal havia começado, e O GLOBO criou um novo espaço exclusivo para seus leitores abrirem o coração: a seção Conte sua História de Amor.

> Um dos que aceitaram o convite do jornal foi José Luiz Almeida Marques, o Buik. E aqui a gente confessa: nossa turma ficou emocionada com as memórias desse tijucano de 64 anos. Não podia ter sido diferente. Buik expôs como sua vida se misturou definitivamente com a do GLOBO nos últimos 49 anos.

> E essa história teve início quando ele soube que o jornal estava contratando jovens para fazer a entrega das assinaturas:

> — Dr. Roberto Marinho estava em Nova York quando teve a ideia de importar a tradição americana de entregadores mirins de jornais e revistas. E assim o meu caso com O GLOBO começou. Eu e minha bicicleta sem freio cruzando as ruas da Tijuca a partir das duas da madrugada para levar a assinantes o seu exemplar do jornal. Éramos chamados de "os globinhos".

> Se no começo de sua atividade o percurso das entregas era pela sua Tijuca, onde os pais portugueses tinham uma quitanda, logo esse horizonte se ampliaria para uma área que ainda tinha mais dunas do que prédios: a Barra da Tijuca.

> — Nós, globinhos, passamos a ter outras missões. A gente vendia assinaturas, fazia a cobrança delas (na época, semanalmente) e, claro, entregava o exemplar pontualmente.

> O que poderia ter sido apenas um capítulo no currículo de Buik acabou sendo a semente de um relacionamento que dura até hoje. De entregador ele passou a dono de uma das empresas que fazem a distribuição do jornal.

> — Chegamos a ter quase 600 entregadores na firma — conta ele, que tem um projeto em andamento para ilustrar bem o grau de afeição dele com O GLOBO: a criação de um espaço reunindo vários objetos colecionados nessa trajetória que vai fazer meio século em 2025.

> — Em 1975, não tinha a mínima ideia de que futuro eu poderia ter. E aí tudo mudou, eu me casei com O GLOBO. Inclusive fui "descobrir" Ednéia, minha mulher, lá, onde ela trabalhou na área de Recursos Humanos. Ainda hoje me emociono ao ver O GLOBO sair da gráfica.

BODAS DE OURO. Em 2025, Buik e O GLOBO completam 50 anos de ligação

NOVOS TEMPOS

PARCERIA AMPLIADA PELA TECNOLOGIA

SÉRGIO MAGGI
maggi@oglobo.com.br

Jornalismo e tecnologia sempre andaram de mãos dadas. A necessidade de compartilhar informações impulsiona a inovação desde os tempos das cavernas. Para fazer as primeiras pinturas rupestres, nossos antepassados precisaram inventar os pigmentos. No Egito Antigo, surgiram os papiros, superfícies para a escrita feitas a partir da planta de mesmo nome. Gutemberg criou a prensa para que os livros não precisassem mais ser produzidos um a um. E O GLOBO sempre teve em seu DNA a inovação e a busca das últimas novidades tecnológicas para ajudar a levar a melhor informação aos leitores. Por exemplo, o jornal foi o primeiro veículo brasileiro a publicar uma telefoto (em 1936), o primeiro a publicar uma radiofoto colorida (em 1959), pioneiro na substituição das máquinas de escrever por computadores na redação (em 1985) e o primeiro a ter um caderno de Informática (o "Informáticaetc.", lançado em 1991).

GRANDES SALTOS

Mudanças tecnológicas implicam em mudanças na produção e no consumo da notícia, mas, a partir da chegada da internet, as transformações nas redações se aceleraram exponencialmente. O site do jornal O GLOBO foi criado em 1996 — na época, chamava-se Globo On — e foi um dos primeiros de jornal impresso do país. A primeira versão do site só podia ser vista em pesados computadores com telas de tubo e que precisavam de modems, aqueles aparelhos que faziam uma cacofonia de sons para entrar na internet. E levava vários minutos para carregar uma página inteira.

Cerca de dez anos depois, em junho de 2007, o mundo conhecia o primeiro iPhone. Com a popularização dos smartphones, não é mais preciso um computador de mesa para "entrar" na internet. O conteúdo do jornal está ao alcance a qualquer hora, em qualquer lugar, literalmente na palma da mão.

O advento do mundo digital também permitiu a criação de novas formas de levar a informação para os leitores, além da publicação impressa de especiais sobre assuntos de interesse público. Como os guias de eleições, com todos os candidatos e locais de votação e o acompanhamento da apuração dos votos em tempo real; na área de saúde, as calculadoras que mostram a quantidade ideal de água que cada pessoa tem de beber por dia; em meio ambiente, os mapas interativos que detalham as mudanças climáticas. Além disso, diante de momentos de tragédias como a epidemia de Covid-19 ou as enchentes no Rio Grande do Sul, é possível criar rapidamente serviços que ajudem os leitores. Na pandemia, uma ferramenta calculava o lugar de cada faixa etária na fila da vacinação.

Mas nem tudo são flores. Em 1999, o cantor e pioneiro da internet David Bowie alertava: "O que a internet vai fazer com a sociedade, tanto para o bem quanto para o mal, é inimaginável. Acho que estamos à beira de algo emocionante e aterrorizante. É apenas uma ferramenta, no entanto? Não, não é. Não, não. É uma forma de vida alienígena". As redes sociais evidenciaram ainda mais essa dicotomia, principalmente com a massiva disseminação de fake news. O que inclusive levou à criação de serviços de checagens, como o "Fato ou Fake", do Grupo Globo.

Agora, estamos diante de novo salto tecnológico: a inteligência artificial. A IA se tornou onipresente em nossas vidas, mas é um termo que já habita o imaginário humano desde meados do século XX. O computador HAL 9000 é o grande vilão do filme "2001: uma odisseia no espaço", de 1968, assim como a Skynet também é na franquia de filmes "Exterminador do futuro".

Em 1970, O GLOBO já trazia em suas páginas matérias sobre o tema, mostrando que "os sistemas de computadores já alcançaram e ultrapassaram o cérebro humano nas áreas da informação e processamento de dados". Destacava, porém, que falta às máquinas uma capacidade de organização desses dados. E antecipava o que viria a ser a IA generativa: "A solução óbvia para esse problema é programar sistema artificial inteligente, que aprenda tudo que ele tem de saber, por si próprio, através das interações com o seu ambiente — como uma criança aprende a lidar com o seu meio".

A IA generativa tem provocado transformações profundas na maneira de produzir e consumir notícias, como diz Jelani Cobb, reitor da Escola de Jornalismo de Columbia:

— IA é uma força que não pode ser ignorada, em torno da qual o jornalismo vai ter que se organizar e não o contrário.

Há cerca de quatro anos, O GLOBO utiliza inteligência artificial em sistemas de recomendação de conteúdo. E lançou recentemente o projeto Irineu, de criação e desenvolvimento de produtos de IA, que vão ajudar a melhorar a produtividade da redação e a experiência do leitor no site. O primeiro recurso disponível, por enquanto, é o "Resumo", ferramenta que gera síntese do que há de mais importante no texto das reportagens. Para garantir a excelência, o conteúdo é supervisionado por jornalistas. No caso da IA generativa, O GLOBO começou a testar a aplicação em suas rotinas em 2023, logo após o ChatGPT se tornar público.

— A IA tem desempenhado um papel relevante para melhorar o exercício da função de jornalista, tornando mais eficiente e rápida a pesquisa, o resumo de documentos, a sugestão de pautas. Igualmente, os modelos de IA generativa têm o potencial de contribuir com o jornalista na elaboração de textos, acelerando e melhorando a escrita — observa Dora Kaufman, professora na PUC-SP e autora do livro "Desmistificando a inteligência artificial".

QUALIDADE DO CONTEÚDO

A professora também chama a atenção para outro ponto importante:

— A confiança do público na informação jornalística não está no fato de se avisar ou não que foi usada IA. Relevante é a qualidade do conteúdo, a veracidade da informação. Para tal, toda e qualquer matéria publicada tem que obrigatoriamente passar por validação humana, o jornalista não pode considerar como soberano o resultado produzido por IA.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA — O GLOBO ☆ 21-1-70 ☆ Página 11

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL o longo caminho a vencer

Informáticaetc.

A guerra não acaba nunca

DO IMPRESSO AO DIGITAL. Pioneiro ao criar o suplemento Informáticaetc., em 1991, O GLOBO segue de olho nas novas tecnologias: acaba de lançar o Irineu, projeto de criação e desenvolvimento de produtos de inteligência artificial